

MÚSICA NO TEMPO DO FIM



LEANDRO DALLA

“Existem diferentes tipos de discípulos professos de nosso Senhor. Um tipo está muito pronto a moldar sua religião de acordo com os tempos – muito pronto quando eles ouvem ‘toda espécie de música’ (Dan. 3:7) a se prostrar e adorar a imagem mais popular da invenção humana. ... Mas há outro tipo de discípulos professos pelos quais agradecemos a Deus, que são puros de coração, cuja consciência está tão longe de ser cauterizada, que eles podem ‘suspirar e gemer’ por todas as abominações que são feitas na Terra.”

Benjamin Clark

*Review and Herald vol. 3, n. 4,
24 de junho de 1852.*

“Estou muito seguro de que este livro – pela abordagem transparente, franca e biblicamente fundamentada do tema – pode constituir-se num poderoso instrumento de auxílio e orientação a todos os comprometidos com o ministério musical Adventista do Sétimo Dia.”

Pr. Zinaldo A. Santos

Pastor e jornalista.

“Não tenho dúvidas de que este livro será uma bênção para o povo de Deus neste tempo em que nos encontramos. Recomendo-o como leitura e estudo a todas aquelas pessoas que desejam submeter-se à vontade do Criador do universo!”

Pr. Antônio Job Soares Miapya

*Departamental de Música Sacra e
Liturgia da Associação Angola-Centro.*

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

LEANDRO DALLA

Direitos de publicação reservados à Gráfica e Editora GSA
Rua Pedro Botti, 81, Consolação - Vitória-ES, CEP: 29.045-453.
Tel.: (27) 3232-1266 – www.graficagsa.com.br.

1ª edição

1ª impressão: dois mil exemplares

2019

Editoração e Revisão: Leandro Dalla

Projeto Gráfico e Capa: Alexandre Rocha

Imagem da Capa: Montagem sobre fotos de Fotolia

IMPRESSO NO BRASIL / Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dalla, Leandro.

Música no tempo do fim / Leandro Dalla – Vitória:

GSA Gráfica e Editora, 2019.

264p. : il.

ISBN 978-85-917806-1-7

1. Adoração. 2. Adoração pública. 3. Música
sacra. 4. Religião I. Título.

781.7

D150M

SUMÁRIO

1	Introdução	11
2	A Música no Grande Conflito.....	15
3	O Que Aconteceu com a IASD?.....	39
4	Por Que Estudar Sobre Música?	50
5	A Suposta Neutralidade da Música.....	53
6	A Face “Oculta” do Rock.....	69
7	Rock para Jesus?	84
8	Desmascarando a Música Gospel	99
9	Martinho Lutero e a Música.....	118
10	Elementos Estranhos	124
	Desordem e Irreverência.....	124
	Emocionalismo	128
	Vãs Repetições	135
	Antropocentrismo	140
	Sensualidade e Romantismo	142

	Letras Vãs, Banais e Inconsistentes	147
	Egocentrismo	150
	Entretenimento e Comércio.....	157
	Predominância de Ritmo	164
	Estridência e Barulho	167
11	O Louvor Congregacional.....	172
12	Bateria: Por Que Escolhi Evitar?	178
	Enfatização Rítmica.....	190
	Batida Repetitiva	193
	Batida Sincopada	198
	Batida Polirrítmica	204
	Emissão de Ruído (Batida)	205
	E o Salmo 150?	227
13	Música no Fim do Tempo da Graça.....	231
14	Um Apelo aos Líderes.....	240
15	Considerações Finais.....	259

RECOMENDAÇÃO PASTORAL

Entre tantos eventos importantíssimos na história deste mundo e da humanidade o relato bíblico apresenta três, absolutamente fundamentais, que são marcados pela música.

O primeiro foi quando o Criador lançava os alicerces da Terra e “as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam” (Jó 38: 4 e 7, NVI). O segundo, cerca de quatro mil anos depois, ocorreu quando alguns pastores de ovelhas cuidavam de seus rebanhos à noite e meditavam na vinda do prometido Redentor. Nesse ambiente foram eles surpreendidos pelo cântico angélico que anunciava a materialização de seus anelos: “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens aos quais Ele concede o Seu favor” (Lucas 2:14, NVI). E o terceiro evento diz respeito à história do pecado, do mal e da morte em que os remidos vencedores foram mostrados a João estando eles perfilados junto “a algo semelhante a um mar de vidro”, cantando “o cântico de Moisés [...] e o cântico do Cordeiro” (Apocalipse 15: 2 e 3, NVI).

Tudo isso basta para entendermos a importância da música na adoração; para entendermos o Grande Conflito contra o Criador de todo o bem; para entendermos os ataques do inimigo, ora escancarados ora sutis, ao ministério da música sacra.

Esses ataques são desferidos na forma de alterações na qualidade da música, nas distorções rítmicas, no vazio poético, no autocentrismo humano, e em tantas outras características da música não destinada à adoração do Altíssimo.

As controvérsias nas igrejas existem como resultado desses ataques. Isto não existiria se os líderes e ministros de música examinassem, com oração e humildade, a vontade divina na Bíblia e no Espírito de Profecia, dispondo-se a praticá-la.

A história do rei Davi, cantor e harpista no antigo Israel, nos ensina que precisamos estar no mínimo bem informados quanto à maneira de uso da música nos cultos, a fim de que se possa melhor desenvolver e orientar esse ministério.

Especialmente os líderes pastorais, em geral, têm grande influência na música dos cultos e das igrejas. O exercício dessa influência não deve limitar-se apenas a baixar decretos proibindo esta ou aquela música, a censurar este ou aquele instrumento musical; mas influenciar na escolha de pessoas

de bom senso e equilíbrio emocional para serem treinadas, orientadas e com elas organizar o ministério de louvor musical.

Todos os envolvidos na música da igreja precisam estar afinados para a glória de Deus e para que o evangelho chegue às pessoas da maneira mais bela e mais inspiradora.

Estou muito seguro de que este livro – pela abordagem transparente, franca e biblicamente fundamentada do tema – pode constituir-se num poderoso instrumento de auxílio e orientação a todos os comprometidos com o ministério musical Adventista do Sétimo Dia.

Pr. Zinaldo A. Santos

Pastor e jornalista, durante 40 anos liderou igrejas, coordenou departamentos e exerceu atividades editoriais na Casa Publicadora Brasileira, editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ellen G. White, certa vez, escreveu:

“A música faz parte do culto a Deus nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais.” **Patriarcas e Profetas**, p. 594.

A música e a adoração têm andado de mãos dadas desde os tempos bíblicos. Todavia, a música na adoração tem se tornado um ponto de contenda que divide a igreja e, provavelmente, divide também os líderes da igreja no que se refere ao estilo da música. Mas sempre foi o propósito do Criador que Seus filhos vivessem em união.

O livro bíblico de Atos relata sobre um alvoroço causado pelos judeus de Tessalônica contra Paulo e Silas por eles pregarem a verdade a respeito da Pessoa Jesus Cristo. Estes apóstolos, então, foram para Bereia.

“E logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Bereia; e eles chegando lá, foram à sinagoga dos judeus. Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim.” Atos 17: 10 e 11, ACF.

Como povo de Deus, neste tempo em que vivemos, estamos agindo da mesma maneira que os judeus de Tessalônica – ao ponto de contrariar a verdade bíblica – ou estamos agindo da mesma maneira que os judeus de Bereia que foram considerados nobres por receberem bem a Palavra de Deus, examinando-a diariamente a fim de verificar se aquilo que era pregado por Paulo e Silas estava em conformidade com as Escrituras Sagradas.

“À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” Isaías 8:20, ACF.

“O testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia.” Apocalipse 19:10, ACF.

Estamos no tempo do fim da história humana como a conhecemos até agora. Hoje, mais do que nunca, há a urgente prioridade absoluta de buscar o poder do Senhor na vida individual e na vida da igreja. Reavivados pela Palavra de Deus e por fervorosas constantes orações, vamos nos unir para crescer no discipulado de nosso Salvador e crescer na comunhão com Ele e uns com os outros. Vamos nos unir em total integração para cumprir a missão de pregar o Evangelho, vivendo o verdadeiro reavivamento e a verdadeira reforma à espera do Seu retorno para estabelecer Seu reino eterno.

Este estudo de nosso irmão Leandro Dalla – “Música no Tempo do Fim” – alerta para que examinemos as vozes autorizadas por Deus que são as Escrituras Sagradas e o Espírito de Profecia, e as examinemos com seriedade e profundidade. Assim fazendo, obtemos sabedoria e conselhos para o entendimento de Sua vontade no que tange ao papel da música na adoração.

Não tenho dúvidas de que este livro será uma bênção para o povo de Deus neste tempo em que nos encontramos. Recomendo-o como leitura e estudo a todas aquelas pessoas que desejam submeter-se à vontade do Criador do universo!

Pr. Antonio Soares Job Miapia

*Pastor na Associação Centro-Angola da IASD.
Departamental de Música Sacra e Liturgia na
Associação Centro-Angola. Mestre em Educação
Musical pela Universidade Adventista das Filipinas.*

1

INTRODUÇÃO

Música. A simples menção dessa palavra desperta uma série de ideias e evoca variadas emoções. É um tema que atrai debate e polêmica, principalmente no contexto da igreja. Qual a razão para isso? Teria Deus se omitido em relação a este assunto e deixado de instruir Seu povo nesta área tão importante? Ou existem instruções claras e objetivas sobre o assunto nos escritos inspirados pelo Senhor?

Refletindo a respeito disso, e observando debates acalorados em redes sociais, à porta de igrejas ou mesmo durante apresentações de seminários sobre o assunto, concluí que temos muito ainda a avançar no diálogo a respeito da música na igreja. Porém, além do diálogo, é necessário avançarmos no estudo.

“Quanto menos alguém estuda e pensa sobre música, mais acha que conhece a respeito do assunto. Quanto mais estuda e pensa sobre música, mais reconhece o quanto ainda não sabe a respeito.” Timothy Lee Barret, músico e pastor. **Música na Balança**. Disponível em: <<http://www.ministeriosibe.com.br/blog/entry/250911/curso-m%C3%BAsica-na-alan%C3%A7a>>.

Música não é uma questão meramente cultural ou de gosto pessoal. Lidar com música exige estudo e muita oração. Quando nos referimos ao estudo não consideramos apenas as questões técnicas e estéticas, mas principalmente as implicações espirituais daquilo que oferecemos como louvor e adoração ao Senhor. Por isso, preocupo-me com aqueles que lidam com tão poderosa ferramenta sem o devido cuidado, sem observar critérios objetivos bem definidos e fundamentados, uma vez que a música é um dom que Deus nos concedeu para administrar; preocupo-me com aqueles que fazem mau uso dessa ferramenta, ferindo o princípio de fidelidade ao Criador e arriscando-se a ouvirem as seguintes palavras do Senhor:

“Servo mau e negligente!” Mateus 25:26, ARA.

Esta é uma questão não apenas musical, mas também de mordomia cristã e administração fiel dos dons que Deus deixou ao nosso cuidado. Não é em nossa musicalidade que reside o problema, mas em nossa fidelidade. E é para este ponto que precisamos atentar.

Esta publicação não tem a pretensão de representar um manual de regras para as práticas musicais da igreja. Trata-se de um convite ao estudo e à reflexão. O objetivo é compartilhar informações que possam contribuir para o diálogo; informações que sirvam como ponto de partida para a pesquisa individual e para a formação de conceitos construídos com base no estudo, e não em opiniões sem fundamentos criteriosos, em argumentos de pessoas famosas e influentes ou naquilo que a maioria está praticando e consumindo.

Diante das informações apresentadas podemos chegar às mesmas conclusões ou a conclusões diferentes; podemos concordar ou discordar, o que será absolutamente saudável se o fizermos com mansidão e respeito mútuo. Devemos lembrar que estamos tratando de música, não de pessoas; de práticas, não de intenções; de ações, não de caráter. É importante enfatizarmos, também, que todos nós somos passíveis de equívocos, pois somente Deus é infalível.

“Há diferenças de opinião em alguns assuntos; é isso, porém, uma razão para sentimentos cruéis e hostis? Inveja, ruins

INTRODUÇÃO

suspeitas e imaginações, desconfiança, ódio e ciúmes hão de se entronizar no coração?” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 166.

Cabe ressaltar que não tenho todas as respostas às inúmeras dúvidas que surgem neste contexto. Apresento neste estudo a minha atual compreensão do assunto. Por ser um tema amplo e complexo é preciso avançar passo a passo na pesquisa, buscando novas informações e conhecendo novos pontos de vista. Por isso, nunca despreze as ideias de alguém, por mais estranhas ou absurdas que lhe pareçam. Ouça, reflita, examine, confira os fundamentos apresentados e dialogue com respeito e serenidade. Assim certamente cresceremos no conhecimento e no relacionamento cristão.

É importante ressaltar que conceitos e argumentos devem ser construídos em bases sólidas. Nossas opiniões e práticas musicais precisam estar fundamentadas em princípios estabelecidos na Bíblia e no Espírito de Profecia, além de considerar as orientações do Manual e da documentação oficial da IASD. É vital a investigação individual.

“Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.” Romanos 14:12, ARA.

É preciso esclarecer que a Bíblia é nossa base, o alicerce que fundamenta nossas crenças e práticas. Ela apresenta princípios básicos que devem nortear a vida cristã em todos os tempos, lugares e culturas. Porém, a Bíblia nem sempre apresenta regras de forma direta. Por exemplo, não encontramos nas Escrituras proibições diretas ao consumo de drogas ou à prática da masturbação. Mas encontramos princípios de saúde e moralidade, e os Testemunhos do Espírito de Profecia nos auxiliam na tarefa de aplicar os princípios bíblicos à nossa vida e ao nosso tempo, e identificar as práticas que estão em desacordo com tais princípios.

O mesmo se dá em relação à música. Apesar da Bíblia não apresentar orientações diretas em relação a que espécie de música usar e qual evitar, ela apresenta princípios básicos que devem nos servir de apoio, e os Testemunhos nos ajudam na aplicação prática de tais princípios.

Como igreja, reconhecemos que o dom profético foi manifestado na vida e obra de Ellen G. White e que seus escritos foram inspirados pelo próprio Deus, em nada divergindo dos princípios bíblicos. Assim sendo, por que o uso abundante dos escritos da profetisa deveria ser causa de incômodo e receio? Por que explorar a riqueza de detalhes e orientações diretas dos Testemunhos deveria gerar desconfiança e resistência?

Pense nos assuntos de mídia, saúde, casamento, criação de filhos e sexualidade. Onde encontramos mais orientações claras e diretas a respeito? Os princípios estão na Bíblia; a aplicação e as orientações diretas desses princípios podem ser encontradas nos Testemunhos. Qual seria, portanto, o prejuízo ao se fazer, dentro de seu devido contexto, abundante uso do Espírito de Profecia? Afinal, não foi Deus quem escolheu este meio para nos orientar? Não são estas instruções o Testemunho de Jesus Cristo (Apocalipse 19:10, ACF)?

Esta publicação objetiva ampliar as pesquisas do livro *“Música, Reverência e Adoração: o propósito de Deus”*, lançado em novembro de 2014 e recomendado pela *Revista Ministério* do 2º bimestre de 2015 (pág. 33), periódico da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia para pastores e líderes. Você pode fazer o download gratuito do livro em: <<http://twixar.me/4C51>>.

É importante ressaltar que o livro que está em suas mãos não representa uma imposição, mas uma exposição de ideias, argumentos, conclusões e dos fundamentos em que tais se alicerçam.



2

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

“E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia. ... E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. ... E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. ... E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia. E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.” Apocalipse 13:1-17, ACF.

O texto bíblico apresenta a cena de um momento, num futuro não muito distante, em que um poder político (besta da terra) erigirá uma imagem (falso sábado) em homenagem a um poder religioso (besta do mar) que recebeu poder e autoridade do dragão (Satanás). Será estabelecida uma lei que torna obrigatória a adoração à imagem da besta, e aqueles que recusarem se curvar diante dela serão privados dos seus direitos básicos – por exemplo, comprar e vender – e estarão sob constante ameaça de prisão e morte. Quando este período de tempo chegar, individualmente teremos que decidir de que lado estaremos e a quem adoraremos.

Diante disso, o Senhor confiou ao Seu povo um evangelho eterno a ser pregado a cada nação, tribo, língua e povo:

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua fornicação. E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” Apocalipse 14:6-12, ACF.

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

A primeira mensagem angélica adverte que haverá um juízo e convida todos a adorarem o Criador do universo; a segunda mensagem proclama a queda de Babilônia, um sistema religioso que tem como base o engano que desvia homens e mulheres dos mandamentos de Deus. E a terceira mensagem traz uma advertência àqueles que adorarem a besta e sua imagem.

As três mensagens angélicas são uma poderosa advertência contra os poderes apresentados no capítulo 13 de Apocalipse, e podemos comprovar mais uma vez que o ponto central do Grande Conflito é a adoração. Este será o fator decisivo quanto à salvação ou à perdição do indivíduo. Não é aquilo que eu professo crer, mas a quem eu verdadeiramente adoro é que determinará o meu destino eterno.

Sendo a música um dos elementos ligados à adoração, é de suma importância que atentemos para aquilo que oferecemos ao Senhor neste contexto.

Antes de tudo, é fundamental compreendermos o que é adoração. Ao longo da história humana, Satanás tem trabalhado intensamente para impedir que os homens adorem o Criador da maneira como Ele revelou. O ser humano vem sendo induzido a adorar a si mesmo e, muitas vezes, de maneira sutil, a adorar ao próprio Satanás pensando estar adorando a Deus. Portanto, haverá dificuldade no entendimento da questão da música se não houver a consciência das implicações espirituais inseridas no Grande Conflito entre o Criador e Satanás, bem como se não houver a clara compreensão do que é adoração.

Será que adoração é louvor? Adoração é música? Posso prestar um culto de adoração a Deus sem música? Adoração é ir à igreja? Adoração é participar de um momento, um evento, um programa? Adoração é uma emoção, uma sensação? Ou adoração é algo muito mais profundo do que isso?

Algumas pessoas acreditam que meramente ir à igreja, ou a qualquer evento religioso, e participar de um serviço de culto representa uma verdadeira experiência de adoração. Porém, a adoração ao Senhor não pode começar quando entramos em um local de culto, e não pode terminar quando saímos. Outros acreditam que é impossível haver adoração sem música. Porém, não só é possível adorar sem música como em muitos

casos poderia ter havido verdadeira adoração se não fosse a música escolhida para a ocasião.

Há pessoas que retornam às suas casas aflitas por não terem sentido absolutamente nada no culto, crendo que essa ausência de sentimentos significou ausência de adoração. Há pessoas que podem voltar de um culto muito felizes e animadas, e não terem adorado ao Senhor; outras podem voltar para casa preocupadas e incomodadas, e este culto ter sido uma grande bênção em suas vidas. Não podemos alicerçar nossa adoração em meros sentimentos.

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” Jeremias 17:9, ACF.

“O que confia no seu próprio coração é insensato, mas o que anda em sabedoria será salvo.” Provérbios 28:26, ACF.

O que é, afinal, adoração? É impossível analisarmos a questão da música antes de termos compreendido claramente a questão da adoração.

Usaremos uma comparação simples para uma melhor compreensão. A maioria dos cidadãos brasileiros passa grande parte do seu tempo em filas de pontos de ônibus, hospitais, restaurantes, aeroportos, bancos. Quantos de nós gostamos de estar em filas? Nenhum de nós. Mas existe um grupo de pessoas que não se importa em permanecer horas, às vezes dias numa fila, e numa situação de total desconforto, sob sol forte ou chuva torrencial; permanecem na fila com fome, sede, calor ou frio, não importa, essas pessoas estão ali. O que elas buscam? Um simples pedaço de papel, ou seja, um ingresso. O que querem com isso? Ver os seus ídolos, seus deuses, eles querem adorar. Se você se aproximar desse grupo e perguntar se estão confortáveis naquela fila, ouvirá a resposta: *“De forma alguma, está muito quente, está muito frio, estou cansado, com fome, com sede”*. E se você questionar o motivo de não saírem dali e voltarem para casa, receberá a seguinte resposta: *“Aqui não está bom, mas pelo meu ídolo eu me submeto a isto. Vale a pena fazer isto para estar perto do meu ídolo. Faça qualquer coisa pelo meu ídolo.”*

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

O conceito básico de adoração é submissão. E o que é submissão? É fazer a vontade de outro. O verdadeiro adorador do Senhor é o que procura fazer a Sua vontade, compreendendo ou não, gostando ou não. Para ele não importa o que foi dito, mas Quem disse. E se as instruções vêm do Senhor, ele se submete. Se não temos esse intuito, não somos adoradores.

A ideia de submissão a Deus pode desagradar a mentalidade contemporânea e, por isso, decide-se dar maior ênfase ao louvor e desvaloriza-se a adoração nos dias de hoje. Ou é desconstruído o verdadeiro conceito de adoração, em geral confundindo-se com louvor. Louvar é elogiar; adorar é obedecer.

O verdadeiro adorador do Criador não é necessariamente aquele que canta mais alto ou mais bonito, que levanta as mãos, que fecha os olhos, que grita “glória a Deus” ou diz o “amém” mais forte da igreja; não é aquele que sente algo, que se emociona, que chora durante o louvor ou após o sermão. O verdadeiro adorador é aquele que se submete a Deus.

Na Bíblia e no Espírito de Profecia estão os princípios que expressam a vontade de Deus para diversas áreas de nossa vida. O verdadeiro adorador procura conhecer tais princípios e, livremente, escolhe submeter-se a tal vontade, concordando ou não, gostando ou não; o importante para o verdadeiro adorador é o que Deus quer, o que Deus gosta. O verdadeiro adorador está focado no Criador e não em si mesmo. A opção consciente de “renúncia ao eu” é submissão, é adoração. E Deus está procurando verdadeiros adoradores.

“Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.” João 4:23, ACF.

Infelizmente, temos percebido que Deus não é soberano para muitas pessoas. No contexto musical parece não haver critérios para decidir o que será usado como louvor e adoração ao Senhor. E quando há critérios, toma-se como base o gosto pessoal, o sentimento, a cultura local, a vontade da congregação, as práticas de músicos influentes, a preferência dos jovens e até mesmo a vontade dos visitantes de outras denominações religiosas.

Não há nenhum problema em atender a estes itens, desde que não conflitem com os princípios divinos, com a vontade revelada do Criador. Quando fazemos as coisas da maneira que queremos, sem considerar a vontade de Deus expressa em Sua Palavra e no Espírito de Profecia, não somos adoradores. Na realidade, ficamos submissos a pessoas, a costumes sociais, a circunstâncias, a conveniências, a nós mesmos, e não a Deus. Então não pode haver adoração ao Senhor.

Louvar é agradável; adorar nem sempre, pois exige sacrifício e renúncia de mim mesmo e minhas próprias vontades. É impossível haver adoração sem submissão, é impossível adorar a Deus enquanto insisto em seguir uma conduta totalmente destituída de critérios, ou em deliberada rebelião contra Sua vontade expressa, seja na alimentação, no vestuário, no lazer, nas palavras, nos relacionamentos e também na música.

Quais são os critérios para a escolha da música que ouvimos? Quais são os critérios para a escolha da música que usamos na igreja? Quais são os fundamentos em que tais critérios estão alicerçados? Não é qualquer tipo de música que Deus aceita.

A adoração é um presente que oferecemos a Deus. Porém, nem todo presente é bem-vindo. Imagine que um casal está comemorando o aniversário de matrimônio. A esposa presenteia o esposo com um belíssimo buquê de rosas. Não há problema algum em homens gostarem de flores, mas geralmente não é o tipo de presente que eles gostam de ganhar. Então, pergunto: foi um presente? Certamente. Foi dado com boas intenções? Também. E por que razão não foi bem-vindo? Pelo simples fato de ter sido dado tomando como critério o gosto da esposa e não do esposo, ou seja, o gosto daquele que está oferecendo e não o daquele que está recebendo.

Considerando que a adoração é um presente que ofertamos ao Senhor, precisamos, em primeiro lugar, saber do que Ele gosta. Muitas vezes nos cultos que pretendem louvar e adorar o Criador observamos gritos, assobios, aplausos, autógrafos e *selfies*, onde podemos perceber nitidamente o louvor ao ser humano. E se há louvor ao ser humano, não há adoração a Deus.

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

Em outros casos são usados estratégias, recursos, estilos e modismos, especialmente na área musical, e oferecemos a Deus como um presente, mas baseados em critérios que satisfazem ao nosso próprio gosto, desconsiderando a vontade do Senhor expressa em Sua Palavra, da mesma forma como agiu Caim.

“[Caim] não estava disposto a seguir estritamente o plano de obediência, procurar um cordeiro e oferecê-lo com os frutos da terra. Meramente tomou dos frutos da terra e desrespeitou as exigências de Deus.” Ellen G. White. **História da Redenção**, p. 52.

Caim ofereceu os frutos com boas intenções e com sinceridade? Absolutamente não. Sinceridade e boa intenção significam ser fiel ao que se conhece. Deus conhece o ser humano, e Ele sabe os seus pensamentos e sentimentos. É Seu propósito que vivamos em harmonia com Ele. É Seu objetivo que sejamos novas criaturas; que sejamos semelhantes a Jesus Cristo. E se nossas ideias e ações não corresponderem à Sua vontade revelada, Ele nos considera como estando em desarmonia com Ele, em rebelião contra aquilo que Ele nos revelou.

Certa vez, o rei Saul preparava-se para uma guerra contra os amalequitas. Samuel o advertiu para que atentasse às palavras do Senhor e a Ele obedecesse. Entre as ordens dadas por Deus, estava:

“Vai, pois, agora, e fere a Amaleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver; e nada lhe poupes; porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos.” 1 Samuel 15:3, ARA.

As ordens de Deus haviam sido claras e diretas, sem margem para dualidades e interpretações equivocadas. A reação de Saul deveria ser a de estrita obediência, sem racionalizar ou justificar. Saul, porém, julgou ter métodos melhores do que os métodos de Deus e desrespeitou a ordem divina. Diante do questionamento de Samuel sobre qual a razão de alguns animais terem sido poupados, Saul justificou-se:

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“De Amaleque os trouxeram; porque o povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois, para os sacrificar ao Senhor, teu Deus; o resto, porém, destruímos totalmente.”
1 Samuel 15:15, ARA.

Saul justificou-se usando como argumento “a obra do Senhor”, como tendo feito aquilo justamente para agradar a Deus e oferecer-lhe sacrifícios.

“Ao que parece, Saul pensou que era seu privilégio decidir como a ordem divina seria cumprida ... Ele realizaria a vontade de Deus da maneira que escolhesse.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 2**, p. 562.

Ao que Samuel respondeu:

“Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à Sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros.” 1 Samuel 15:22, ARA.

Será que Deus gosta tanto de um culto, de uma cerimônia, de um ritual; será que Deus gosta tanto da música a ponto de ser ludibriado de tal forma que ignore a rebeldia, a desobediência, a obstinação de oferecermos a Ele algo que Ele próprio já condenou? Samuel acrescentou:

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar.” 1 Samuel 15:23, ARA.

Judas incorreu no mesmo erro. Acreditava que poderia reter suas próprias opiniões e realizar o trabalho do Mestre da maneira que achava melhor:

“Seus princípios e métodos [de Judas] haviam de ser muito diferentes dos de Cristo, mas nessas coisas se julgava mais

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

sábio do que Jesus.” Ellen G. White. **O Desejado de Todas as Nações**, p. 507.

Rebelar-se contra a vontade revelada do Senhor e fazer a própria vontade, atender aos próprios gostos ou ao gosto da massa, é uma atitude de idolatria, de adoração a criaturas e não ao Criador.

“Quando a pessoa se convence de que algo claramente marcado por Deus como veneno moral é desejável para uma vida mais plena, ele renega a lealdade ao Senhor e se alia ao diabo. Quando aquilo que Deus rotulou como errado parece certo, o indivíduo pode saber que colocou os pés em terreno proibido e se encontra sem proteção em meio às seduções hipnóticas do tentador. Cegou sua visão espiritual e endureceu o próprio coração.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 2**, p. 561.

É importante sempre lembrarmos que cultuar é uma atitude voluntária direcionada ao Criador. Não se vai à igreja para assistir a um culto, mas para oferecer culto. Portanto, os critérios para a escolha da música não podem ser baseados no ser humano, mas na Revelação. O culto é um presente ao Senhor; é a Ele que se deve agradar, ainda que não se agrade pessoas.

Qual é a melhor forma de oferecermos um presente verdadeiramente bem-vindo? Como podemos presentear sem errar? Conhecendo a pessoa que receberá o presente. Como conhecemos a Deus? Passando tempo com Ele através do sistemático estudo da Bíblia e da oração. Aliada ao estudo e ao relacionamento com Deus, há a necessidade da submissão à vontade revelada do Senhor para que não se incorra nos erros de Lúcifer e Judas que mantinham íntima relação com o Senhor, mas escolheram não se submeter a Ele.

Aquele que não estuda a Bíblia dia a dia e não mantém uma vida de oração, não pode ser um verdadeiro adorador; e, portanto, estará incapacitado para discernir e escolher a música que agrada ao Senhor, porque

não O conhece. E aquele que estuda a Palavra de Deus, dedica tempo para oração, mas não se submete ao que foi revelado, também não está apto a oferecer culto ao Senhor e nem apto a conduzir uma congregação no louvor e na adoração que sejam por Ele aceitos. Cristo disse:

“Porque sem mim, nada podeis fazer.” João 15:5, ACF.

Por esta razão, a serva do Senhor escreveu:

“Não é suficiente conhecer a estrutura do canto; porém, aliado ao conhecimento, deve haver uma ligação com o céu, para que os anjos possam cantar através de nós.” Ellen G. White. **Manuscrito 5**, 1874.

Por mais que um músico seja tecnicamente capacitado, que tenha tido excelentes estudos especializados e que detenha uma ampla experiência amadora ou profissional nesta área do conhecimento, ele não conseguirá discernir a música que agrada ao Senhor se não estiver continuamente ligado a Ele. E de que maneira é possível tal ligação?

“Não negligencieis a oração particular, pois é a alma da religião.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 268.

Aquilo que dá vida, ânimo, alegria à nossa experiência cristã é nosso relacionamento íntimo e diário com Deus.

“Satanás bem sabe que todos quantos ele levar a negligenciar a oração e o exame das Escrituras serão vencidos por seus ataques.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, p. 519.

Esta citação do Espírito de Profecia não apresenta uma possibilidade, mas uma certeza. A pessoa que negligencia a oração diária e o exame das Escrituras estará sem condições espirituais de discernir qual é a música que agrada a Deus. Cristo foi claro ao advertir que não podemos fazer absolutamente nada sem Ele.

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

“O Senhor revelou-me que, se o coração está limpo e santificado, e os membros da igreja são participantes da natureza divina, sairá da igreja que crê a verdade um poder que produzirá melodia no coração. Os homens e as mulheres não confiarão então em sua música instrumental, mas no poder e graça de Deus que proporcionará plenitude de alegria. Há uma obra a fazer: remover o cisco que se tem trazido para dentro da igreja.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 512.

Qual deve ser a fonte de nossa alegria? Muitas vezes interpretamos que os cultos estão “mortos”, desanimados. Seria apropriado usar músicas agitadas como solução? Seria positivo usar um ritmo acentuado ou de padrão invertido? Quem sabe levantar as mãos ou bater palmas? O motivo para a falta de entusiasmo nos cultos públicos pode ser a falta de entusiasmo nos cultos familiares e individuais. Cultos “agitados” geram, apenas, momentos de euforia que em curto prazo desaparecem. É o relacionamento pessoal diário com Cristo que nos proporcionará plenitude de alegria.

Muitos acreditam que a música é a ferramenta principal para o reavivamento da igreja. Isto é fruto de uma crença equivocada de que o reavivamento tem a ver com emoções, sentimentos, experiências sensoriais.

“As formas, cerimônias e realizações musicais não são a força da igreja.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 512.

O poder da Igreja Adventista do Sétimo Dia está na Palavra de Deus, não apenas em pregá-la, mas principalmente em vivê-la. Sempre fomos conhecidos como o povo da Bíblia e não se pode perder esta principal característica, nos tornando restritamente no povo da música. A música precisa estar a serviço da Palavra de Deus.

“Se deixarmos de ser o povo do Livro, estaremos perdidos e nossa missão terá falhado.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 147.

“Cumpre-nos, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 1**, p. 121.

Não há outra maneira de acontecer reavivamento espiritual em nossa vida pessoal e, como consequência, na igreja. Só podemos esperar esta bênção em resposta à oração. Não é a música que proporciona reavivamento espiritual, mas o poder do Espírito Santo em resposta às fervorosas orações dos verdadeiros adoradores. A música em si mesma jamais reavivará verdadeiramente a igreja.

São perfeitamente possíveis o crescimento espiritual, a transformação e a santificação de uma pessoa sem o uso da música; mas nunca sem a prática da oração, sem o estudo da Bíblia e sem uma resposta de submissão àquilo que foi revelado. Podemos, então, concluir que não existe um problema musical na igreja; o problema é espiritual. E a escolha da música inadequada para ofertar ao Senhor é um resultado deste problema. Como escolher o presente adequado se não conhecemos Aquele para quem ofertamos?

“O verdadeiro culto é fruto da operação do Espírito Santo. ... A tais adoradores o Senhor busca.” Ellen G. White. **O Desejado de Todas as Nações**, p.189.

É o Espírito Santo que faz a obra de transformação em cada pessoa, e pelos resultados dessa obra serão reconhecidos os filhos de Deus. Esta é uma ação impossível de ser realizada por seres humanos. E se não mantivermos uma vida de estudo diligente da Bíblia e de oração, submetendo-nos à vontade do Criador, o Espírito Santo não poderá agir e nos tornar verdadeiros adoradores, seja qual for o substituto que queiramos usar para tal, inclusive a música. Quando a comunhão diária com Deus é negligenciada, Satanás – que é um grande especialista em música – facilmente nos engana e assim não adoramos ao Criador em espírito e em verdade.

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

Como funciona a obra de engano de Satanás? Ele não pode obrigar alguém a agir de acordo com a vontade dele. Como ele consegue induzir uma pessoa a adorá-lo, ou a adorar a si mesma, sem que ela perceba? Ele age falsamente através de sutis armadilhas. Para compreendermos isso, precisamos voltar ao passado e recordar uma história que tem um paralelo profético com o tempo do fim.

Daniel e seus companheiros foram levados cativos para a Babilônia. Eram jovens distintos, luzes a brilhar na escuridão do paganismo, testemunhas do Deus Altíssimo. Por esta razão, Satanás procurou obscurecer-lhes a luz e fazer deles jovens comuns, que fossem apenas “repetidores” do sistema cultural babilônico.

O rei Nabucodonosor ouviu de Daniel a interpretação do sonho em que Babilônia não duraria para sempre. Em direta rebelião contra Deus ordenou que fosse construída uma estátua de ouro, simbolizando que seu reino duraria eternamente. E ainda promulgou uma lei impondo a todos a obrigatoriedade de cultuar aquela estátua; ameaçou e exigiu que todos se prostrassem diante dela e a adorassem, pois aquela imagem o simbolizava.

Sabe-se que a estátua de ouro de Nabucodonosor é o paralelo direto da Lei Dominical que em breve será promulgada.

“A história se repetirá. A falsa religião será exaltada. O primeiro dia da semana ... será exaltado como foi a imagem na antiga Babilônia. ... O decreto impondo a adoração neste dia será para todo o mundo.” Ellen G. White. Sinais dos Tempos, 6 mai. 1897. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary vol. 7**, p. 976.

Antes de ser erigida a estátua, antes mesmo de ter conhecimento dela, Satanás já tentava promover uma transformação sutil na mente daqueles jovens. Ele tentou minar a resistência deles. Quando a estátua fosse levantada, os hebreus estariam condicionados a adorá-la.

“O rei não compeliu os jovens hebreus a renunciarem sua fé em favor da idolatria, mas esperava alcançar isto

gradualmente. ... Levando-os diariamente a íntima associação com costumes idólatras ... esperava induzi-los a renunciar à religião de sua nação e unir-se ao culto dos babilônios.”

Ellen G. White. **Profetas e Reis**, pp. 481-482.

Naquele momento inicial não havia estátua a ser adorada, mas desde que os jovens hebreus pisaram em Babilônia, Satanás procurou induzi-los a se envolverem de tal forma com as práticas e cultos idólatras que eles pudessem se habituar àquilo. O sonho ainda não tinha sido dado ao rei, não era sabido que uma estátua de ouro seria construída posteriormente, mas o inimigo do povo de Deus atuava sem trégua para afastá-los da fidelidade ao Senhor. Quando a estátua viesse, estes jovens estariam tão acostumados a participar dos ritos pagãos que naturalmente se prostrariam diante dela; em outras palavras, aceitariam o estilo babilônico de viver.

Novamente, antes de ser estabelecida a Lei Dominical, Satanás trabalhará com imensa intensidade para induzir as pessoas que pretendem ser o povo de Deus a se envolverem com práticas mundanas. Ele as conduzirá aos costumes culturais seculares até que se habituem a eles e não mais consigam discernir o puro do impuro. Essas pessoas considerarão natural prostrarem-se diante da imagem da besta quando for erigida, pois terão recebido “treinamento” para isso.

Muitos adventistas do sétimo dia estão aguardando a Lei Dominical para assumirem um compromisso com o Senhor e darem início ao preparo para a volta de Jesus. Porém, quando o decreto vier, quando a “estátua de Babilônia” for novamente erigida, quando a imagem da besta estiver formada, será tarde demais para aqueles que receberam abundante luz, não só a respeito da verdade bíblica do sábado, mas também em relação ao preparo necessário para a crise.

“O Senhor mostrou-me claramente que a imagem da besta formar-se-á antes que termine a graça; pois isso será a grande prova para o povo de Deus, pela qual será decidido seu destino eterno.” Ellen G. White. **Eventos Finais**, p. 227.

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

Este será o momento da decisão individual definitiva, e não o momento de se preparar para a decisão, assim como aconteceu com Daniel e seus amigos. E qual é o momento de preparo para aquela ocasião?

“Todo o teu futuro será influenciado para o bem ou para mal pelo caminho que escolhes agora.” Ellen G. White. **Mente, Caráter e Personalidade vol. 2**, p. 421.

Adorar ou não a “estátua”, quando ela for novamente erigida, depende de quem eu adoro hoje. Por isso, não tenha medo do Decreto Dominical e da ferrenha perseguição que se seguirá; tenha medo do que você está fazendo com sua vida hoje. A vitória ou a derrota de cada pessoa dependerá das decisões individuais no tempo presente. Aqueles que estão buscando ao Senhor em oração e estudo diligente da Bíblia, renunciando dia após dia ao próprio eu e escolhendo fazer a vontade do Criador, estarão preparados quando o momento chegar e serão vencedores pelo poder de Cristo.

Voltando àqueles jovens hebreus, de que maneira Satanás agiu para obscurecer-lhes o testemunho?

“Entre eles, se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias; e o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes.” Daniel 1:6-7, ACF.

O povo hebreu naquele tempo costumava escolher o nome de alguém como um indicador do caráter. Relembremos o caso de Jacó que significava “enganador”. Depois de ter lutado com o Senhor, experimentou uma mudança em seu caráter (conversão). Em consequência, o Senhor mudou-lhe o nome para Israel, que significava “príncipe de Deus”.

Os nomes dos hebreus na corte de Babilônia representavam uma constante pregação, chamando a atenção para o Senhor como Juiz, Ajudador, Bondoso e Único Deus. Para obscurecer aquela luz – o significado dos nomes –, Satanás influenciou as autoridades babilônicas a alterá-los.

Daniel, que significa “Deus é meu Juiz”, foi trocado para Beltessazar, que significa “servo de Bel”; Hananias, que significa “o Senhor é Bondoso”,

foi trocado para Sadraque, que significa “inspirado pelo deus sol”; Misael, que significa “quem é o que Deus é”, foi trocado para Mesaque, que significa “quem é o que o deus-lua é”; Azarias, que significa “o Senhor ajuda”, foi trocado para Abednego, que significa “servo de Nebo”.

Satanás objetivava romper o relacionamento daqueles jovens hebreus com o Deus Criador, removendo deles aquilo que os identificava com Ele, além de evitar que fossem revelados diariamente o significado daqueles nomes que apontavam para o verdadeiro e único Deus. Apesar daquela situação impositiva da troca de nomes, aqueles jovens escolheram permanecer fieis à vontade divina e eram continuamente fortalecidos pelo seu Senhor.

Voltemos nossos olhares de atenção para outro nome: Igreja Adventista do Sétimo Dia. Qual é a relação com a história dos hebreus?

“Somos adventistas do sétimo dia. ... É o nome que o Senhor nos deu. Esse nome indica a verdade que deve ser o teste das igrejas. ... Dele nunca nos devemos envergonhar. ... Foi-me mostrado que esse nome significa muito, e ao adotá-lo seguimos o esclarecimento que nos foi dado pelo Céu.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 384.

“Não podemos adotar outro nome melhor do que esse, que concorda com a nossa doutrina, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, pp. 79-80.

O Criador inspirou Seus mensageiros a escolherem o nome “Adventista do Sétimo Dia”, um nome distinto e que representa a Sua mensagem para o tempo do fim; este nome é uma pregação constante ao mundo. Esta pregação é a volta de Jesus Cristo a fim de estabelecer Seu reino eterno e, também, é o sinal distintivo daqueles que livremente optaram pela adoração ao Criador que estabeleceu o sétimo dia, após o ciclo semanal de seis dias, como memorial de Sua criação.

Recordando o fato de ter sido o Sábado instituído quando não havia nenhum judeu, mas apenas os representantes da raça humana, Adão e Eva,

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

concluímos que este dia foi separado pelo Senhor para ser observado por toda a humanidade, não apenas pelos judeus. E diante da controvérsia cada vez mais intensa, entre o dia que Deus escolheu para Si e o dia que seres humanos escolheram para si mesmos, o verdadeiro adorador fará sua escolha, reconhecendo que “mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:29, ACF).

O nome “Adventista do Sétimo Dia” carrega em si uma poderosa pregação de advertência ao mundo e é próprio para persuadir aos espíritos indagadores. Diante disso, Ellen White foi advertida pelo Senhor a respeito do que aconteceria no tempo do fim e de como Satanás tentaria obscurecer este claro testemunho:

“Foi-me mostrado um grupo sob o nome de adventistas do sétimo dia, que estava aconselhando que a bandeira ou sinal que nos torna um povo distinto não devia ser tão chocantemente defendida; pois pretendiam não ser o melhor método para obter êxito para nossas instituições. ... Vi alguns estendendo as mãos para remover a bandeira, e obscurecer-lhe a significação.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 385.

Minimizar ou trocar o nome “Adventista do Sétimo Dia” por outros nomes obscurece a luz, elimina a identidade, remove o diferencial e nos torna comuns. Isto resulta em anular a pregação e esvaziar a mensagem, justamente o que Satanás deseja, assim como foi em relação aos jovens hebreus.

“Esta bandeira distintiva deve ser levada pelo mundo até ao fim do tempo da graça.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 385.

“O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro caráter de nossa fé.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 80.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Muda-se o nome, muda-se o caráter. Por isso, meu apelo é: não toque nesse nome! É o nome que o Senhor nos deu; é o nome que Ele deseja que usemos até o fim do tempo da graça, isto é, até estar concluída nossa missão nesta Terra. Se este nome nos foi dado pelo Senhor, podemos concluir de maneira convicta: não existe nome melhor do que esse.

Qual foi a segunda armadilha usada por Satanás para afastar aqueles quatro jovens príncipes hebreus de seus princípios, de sua identidade, para torná-los idólatras?

“E o rei lhes determinou a porção diária, das iguarias do rei, e do vinho que ele bebia.” Daniel 1:5, ACF.

A segunda armadilha foram os costumes alimentares. Observamos que hoje a armadilha é a mesma, porque a natureza humana é a mesma. Os hábitos de alimentação que predominam hoje têm demonstrado serem nocivos à boa saúde do corpo e da mente dos seres humanos. Nosso Criador forneceu orientações claras para nos proteger de doenças, e a prática dessas orientações seriam características distintivas do Seu povo. Tais práticas serviriam de “mostruário” ao mundo, pois as pessoas, ao verificarem os bons resultados, as adotariam para o seu próprio bem.

A reforma alimentar, bem como outras reformas, tem sido negligenciada por uns, ignorada por outros e desvalorizada por muitos. Significativa parte dos cristãos adventistas do sétimo dia rejeita fazer essa reforma; pior, zombam dela e, preconceituosamente, rotulam de fanáticas aquelas pessoas que a praticam.

Satanás, pai da mentira (João 8:44), articulou seus ardis para mudar a alimentação daqueles quatro jovens hebreus, tentando influenciá-los a aceitar o comportamento da maioria à volta deles, tentando torná-los “como todo mundo”. O objetivo principal de Satanás para com aqueles jovens era embotar suas mentes a fim de que eles se tornassem incapazes de discernir a voz do Senhor em suas consciências.

“Tivesse Daniel desejado e teria encontrado em torno de si desculpas aceitáveis para afastar-se dos estritos hábitos de

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

temperança. ... Mas Daniel não hesitou. ... Ele se determinou permanecer firme em sua integridade, fossem quais fossem os resultados.” Ellen G. White. **Profetas e Reis**, pp. 481-483.

“Daniel e seus companheiros não sabiam quais seriam os resultados de sua decisão. Não sabiam se esta não lhes custaria a vida, mas resolveram manter-se no reto caminho da estrita temperança, mesmo na corte da licenciosa Babilônia. ... O bom comportamento desses jovens alcançou-lhes o favor. Depuseram seu caso nas mãos de Deus, seguindo uma disciplina de abnegação e temperança em todas as coisas. E o Senhor cooperou com Daniel e seus companheiros. ... Esses pormenores foram registrados na história dos filhos de Israel como advertência a todos os jovens, para que evitassem toda a aproximação aos costumes e práticas e condescendências que de qualquer modo desonrassem a Deus.” Ellen G. White. **Nos Lugares Celestiais (MM)**, p. 268.

Daniel e seus amigos tinham desculpas aceitáveis para fazer uso daqueles alimentos servidos na mesa do rei. Eram escravos e arriscaram-se a perder a vida por recusarem a comê-los. Em palavras diretas: aqueles jovens optaram morrer do que trair o Criador pela desobediência às Suas leis; preferiram morrer do que comer.

Quais são as nossas desculpas para continuar ignorando a revelação do Senhor no que diz respeito à reforma alimentar e de saúde em geral?

Alguns argumentam que aqueles jovens haviam se recusado a comer o alimento da mesa real devido à presença de carnes impuras; e que, portanto, não eram necessariamente vegetarianos. Porém, eis o que nos foi revelado:

“Daniel e seus companheiros eram corteses, bondosos, respeitosos, possuindo a graça da mansidão e modéstia. E agora que foram levados a prova, colocaram-se completamente do lado da justiça e da verdade. Não agiram caprichosamente,

mas com inteligência. Resolveram que, como os alimentos cárneos não haviam feito parte de seu regime antes, tampouco deveriam introduzir-se no futuro.” Ellen G. White.

Nos Lugares Celestiais (MM), p. 268.

Possivelmente, em nossos dias, Daniel e seus companheiros seriam considerados extremistas, fanáticos, pessoas que se consideram mais santas e estão buscando a “justificação pela soja”. Manter um princípio ao ponto de arriscar a própria vida é algo considerado insano para a maioria das pessoas, incluindo muitos professos cristãos. Mas não se pode confundir extremismo com fidelidade.

Por um lado, aqueles jovens eram firmes como uma rocha aos princípios divinos, procurando seguir estritamente as orientações de Deus em cada área de suas vidas. Por outro lado, segundo a Revelação, sua firmeza de caráter era regada com atitudes corteses, bondosas e uma conduta respeitosa. Essa é uma lição importante para aqueles que negligenciam as orientações divinas no que diz respeito às reformas, bem como para os reformadores que buscam a transformação exterior sem a transformação do espírito (Gálatas 5:22).

“A reforma de saúde é um ramo da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela se acha tão ligada à terceira mensagem angélica, como as mãos o estão com o corpo.” Ellen G. White. **Conselhos sobre o Regime Alimentar**, p. 69.

O foco da terceira mensagem angélica é a adoração. Qual é a conexão entre hábitos alimentares e adoração? O estilo de viver o dia a dia, que inclui a alimentação, tem influência direta na mente humana. A capacidade de reconhecer, compreender e escolher submeter-se à ação do Espírito Santo origina-se em um cérebro saudável e numa mente em processo de santificação cuja meta é ser semelhante a Jesus Cristo.

As pessoas que, tendo informações e condições, se recusam a praticar a boa alimentação ensinada pelo Senhor, ficam inaptas a “enxergar”

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

aquilo que lhes proporciona boa saúde e agindo dessa maneira desonram o Criador. Nesta incapacidade de “enxergar” está inserida a percepção de qual música agrada a Deus.

“Ninguém pode tornar-se bem-sucedido obreiro nas coisas espirituais enquanto não observar estrita temperança nos hábitos dietéticos. Deus não pode deixar que Seu Espírito Santo repouse sobre os que, embora sabendo o que devem comer para ter saúde, persistem numa conduta que enfraquecerá o corpo e a mente.” Ellen G. White. **Conselhos sobre o Regime Alimentar**, p. 55.

Segundo a Revelação do Senhor, aquele que sabe qual é o alimento adequado para o seu bem, tendo condições físicas e materiais para tal, e mesmo assim não consome esse alimento; aquele que sabe aquilo que precisa evitar, tem totais condições para isso, e ainda assim não o evita, não receberá o Espírito Santo. E se o Espírito Santo não habita na pessoa, quem dará a ela o discernimento? Quem dará a ela o poder para obedecer ao Senhor? Quem efetuará nela a obra de reavivamento?

Sem o Espírito Santo habitando na pessoa, como ela julga que será capaz de discernir qual é a música que agrada ao Senhor? Portanto, é compreensível o motivo da reforma de saúde estar tão intimamente ligada à adoração, à mensagem do terceiro anjo.

Aqueles quatro jovens príncipes hebreus cativos na Babilônia permaneceram firmes nos princípios instituídos pelo Criador e, através desse diferencial, mantiveram suas identidades preservadas. Eram verdadeiros adoradores e exerceram o livre-arbítrio de submeterem-se à perfeita, justa e boa vontade divina que lhes proporcionou bem integral (físico, emocional e espiritual).

Tendo fracassado em mais uma tentativa, e antes de usar a violência explícita, Satanás criou mais outra armadilha para corromper a consciência daqueles jovens.

“Então se reuniram os príncipes, os prefeitos e governadores, os capitães, os juizes, os tesoureiros, os conselheiros, e todos os

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

oficiais das províncias, à consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado; e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado. E o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós, ó povos, nações e línguas: Quando ouvirdes o som da buzina, da flauta, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles, e de toda a espécie de música, prostrar-vos-eis, e adorareis a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado.” Daniel 3:3-5, ACF.

A música tem um grande poder de influência. Portanto, a última tentativa diabólica para envolver aqueles jovens hebreus no culto idólatra, para afastá-los da fidelidade ao Deus Criador e para levá-los a adorar a estátua do rei Nabucodonosor, foi um determinado tipo de música.

Referindo-se à imagem da besta, ao Decreto Dominical, o Espírito de Profecia adverte:

“A coação é o último recurso de toda falsa religião. A princípio, será tentada a linguagem da atração, como o rei de Babilônia tentou, usando o poder da música e da exibição exterior.” Ellen G. White. *Signs of the Times*, 6 mai. 1897. **Seventh Day Adventist Bible Commentary v. 7**, p. 976.

A última tentativa de Satanás para afastar os jovens hebreus de sua fidelidade a Deus e induzi-los a adorar a estátua foi justamente usar o poder da música. E a quem Satanás procurava atingir? O povo de Deus. No fim do tempo não é diferente. Aproximando-se cada vez mais o momento da imagem da besta ser formada, do Decreto Dominical ser estabelecido – momento em que o povo de Deus necessitará de um apurado discernimento –, Satanás agirá com maior intensidade, usando o poder da música justamente para embotar a consciência e destruir o discernimento do povo do Senhor.

Habitando os hebreus a coisas seculares, transformando-os em jovens comuns, obscurecendo o seu testemunho e impedindo o

A MÚSICA NO GRANDE CONFLITO

conhecimento de Deus, o inimigo os transformaria sutilmente de tal forma que, quando a estátua fosse erigida, estariam tão habituados ao comum que tomariam a atitude comum praticada pela maioria: prostrarem-se em adoração.

Ao compreendermos que a estátua de ouro de Nabucodonosor é um paralelo direto com a Lei Dominical, e que a última tentativa de Satanás antes da promulgação dessa lei será utilizar o poder de sedução da música; ao sermos capazes de enxergar todo o contexto envolvido; então, poderemos perceber a enorme importância deste assunto, tratando-o com mais atenção e seriedade.

Nem tudo o que encontramos em relação à música na igreja é apropriado para a adoração ao Criador, pois o alvo principal de Satanás não é o mundo, mas o Israel moderno, o povo escolhido de Deus. Diante disso, pergunta-se: que critérios sua igreja tem usado para a escolha do tipo de música?

Existem sérias implicações espirituais nas práticas musicais em nossos lares e nossas igrejas. Mesmo que um músico seja excelente em suas habilidades e realizações, isto não significa que ele saiba escolher a música adequada para adoração ao Criador, pois esta escolha precisa estar subordinada ao estudo investigativo da Bíblia, precisa ser dependente da pesquisa disciplinada do Espírito de Profecia e precisa estar associada ao hábito de orar sem cessar. Estas são as características do relacionamento de todo filho de Deus com Ele. É evidente que nada disso é incentivado ou ensinado em instituições de ensino de música, porque não compete a elas. Esta deve ser uma busca pessoal e individual.

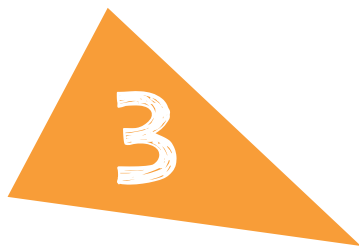
Assim, um cristão de bom senso pode compreender a vontade de Deus para a música de adoração a Ele, mesmo não tendo uma educação musical formal; porque se trata de funcionalidade da música no contexto de cultuar o Criador. Não estão em questão nem performance artística nem titulação acadêmica.

“Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida. Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Instruções claras e definidas têm sido dadas a fim de todos entenderem.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 38.

Atendamos ao convite do Senhor de buscar o conhecimento a nós revelado por meio de Sua Palavra e do Testemunho de Jesus Cristo. Fortalecidos pelo poder do Espírito Santo, nos submetamos a Ele. Ofereçamos a Ele a verdadeira adoração.



O QUE ACONTECEU COM A IASD?

Certo dia, ministrando um seminário sobre música e adoração, ouvi uma pergunta que se tornou muito comum: o que aconteceu com a igreja nestes últimos anos? Minha resposta é simples: não aconteceu nada, a igreja ainda é a mesma. Ela foi idealizada por Deus, construída sobre a sólida base bíblica e seus princípios são tão imutáveis quanto o próprio Fundador. Ela é o objeto do amor e do cuidado de Deus. É a igreja que cumpre os requisitos da profecia bíblica:

“E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.”
Apocalipse 12:17, ACF.

“Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.”
Apocalipse 19:10, ACF.

São duas as características do povo de Deus neste mundo: (1) a guarda dos mandamentos de Deus, não apenas oito ou nove deles, mas todos os dez preceitos originais que foram escritos pelo dedo de Deus, e não aqueles

que foram adulterados pelo homem; e (2) reconhecer, aceitar e viver conforme o Espírito de Profecia cujos escritos estão em perfeita harmonia com os princípios da Palavra de Deus. A Igreja Adventista do Sétimo Dia cumpre exatamente estes requisitos.

“Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 3**, p. 288.

“Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus e sob a Sua especial supervisão. Teve por desígnio o preenchimento de um propósito definido. Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo. Com a grande talhadeira da verdade Ele os cortou da pedreira do mundo, e os ligou a Si. Tornou-os representantes Seus, e os chamou para serem embaixadores Seus na derradeira obra de salvação.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 3**, p. 140.

Apenas adventistas do sétimo dia serão salvos? Absolutamente não! Deus tem verdadeiros adoradores nas diversas denominações religiosas, seguidores sinceros que são fiéis à luz que até então puderam obter. Portanto, como adventistas do sétimo dia, não somos individualmente superiores a ninguém. Porém, recebemos uma missão que não foi confiada a outro grupo: a pregação das três mensagens angélicas ao mundo que têm como centro a adoração. Certamente se trata de um grande privilégio dado a nós. Na mesma proporção do privilégio temos uma grande responsabilidade. Não seremos julgados da mesma maneira que os demais, passaremos por um julgamento mais severo, considerando que nos foi concedida abundante luz como a nenhum outro povo. E precisamos não apenas pregar, mas viver essa luz.

O QUE ACONTECEU COM A IASD?

Se a IASD não mudou, então por que temos encontrado tantos problemas e tantas divisões em áreas como alimentação, vestuário, recreação, música e outras?

O que é, afinal, uma igreja? Muitos diriam que a igreja é um grupo de pessoas. Há uma expressão que diz “a igreja sou eu”. Há verdade nisso. Porém, precisamos entender que uma igreja não é apenas um grupo de pessoas, pois qualquer grupo de pessoas pode compor uma universidade, uma empresa e até mesmo uma organização criminosa. Uma igreja é um grupo de pessoas reunidas em torno de um corpo de doutrinas religiosas que, no contexto do cristianismo, tem como base a Bíblia. Por isso, quando alguém procura uma igreja não deve adotar como referência aquelas pessoas que fazem parte do grupo, mas sim investigar as doutrinas que sustentam aquela igreja e verificar se as doutrinas estão de acordo com a Palavra de Deus.

Por mais que o ambiente seja agradável, que existam pessoas atenciosas, que a música seja de qualidade e toque em profundidade os sentimentos, tudo será vão se as doutrinas que alicerçam tal igreja não estiverem solidamente fundamentadas na Bíblia.

As bases do Movimento Adventista, que geraram a Igreja Adventista do Sétimo Dia, estão alicerçadas em doutrinas bíblicas e nos estabelecidos parâmetros históricos e proféticos. Entre estes parâmetros estão aqueles que também dizem respeito à música. Porém, com o passar do tempo, esses parâmetros foram sendo negligenciados, esquecidos e quase abandonados. Na realidade, as mudanças aconteceram nas pessoas, e não nas doutrinas; aconteceram em indivíduos que compõem a igreja, e não nos parâmetros histórica e profeticamente estabelecidos. A doutrina do adventismo está embasada na Bíblia, mas certas práticas foram se desconectando das doutrinas e dos princípios.

A igreja não mudou, mas pessoas que nela estão têm desrespeitado as instruções contidas na Bíblia e no Espírito de Profecia, e algumas o fazem de maneira ostensiva e desafiadora. Essas pessoas, descomprometidas com a revelada vontade do Criador, praticam aquilo que lhes apraz para agradar o “eu”. Em outras palavras, os princípios da igreja são os mesmos, porém eles foram desprezados pelo mau uso do livre-arbítrio das pessoas.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Com esta publicação temos o objetivo de compartilhar informações relacionadas aos princípios e parâmetros do Movimento Adventista, resgatando a identidade que foi construída por seus iniciadores inspirados e auxiliados por Deus em cumprimento profético. Sigamos o sábio conselho:

“Não removas os antigos limites que teus pais fizeram.”
Provérbios 22:28, ACF.

Ainda que Satanás deseje desvirtuá-la, a igreja permanecerá e cumprirá sua missão de levar o evangelho a todo mundo, preparando um povo para estar de pé diante da crise final e da volta de Jesus Cristo. Devemos fazer o que estiver ao nosso alcance, com amor e mansidão, principalmente por meio de nosso testemunho pessoal, para que esta bandeira mantenha-se hasteada e essa luz permaneça acesa diante da humanidade.

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” Mateus 5:16, ACF.

“Nenhum traço de verdade que tornou o povo adventista do sétimo dia o que ele é, deve ser apagado. Temos marcos da verdade, da experiência e do dever, e cumpre-nos defender firmemente nossos princípios em face do mundo.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 2**, p. 372.

Há pessoas que ao terem dificuldades em conviver com problemas humanos na igreja, optam por afastarem-se dela. Não nos referimos àqueles que se organizam em grupos com o objetivo de estudar mais a Palavra de Deus, de orar mais, de buscar poder do Espírito Santo para a prática da vontade revelada do Senhor, de buscar o crescimento espiritual individual e, como consequência, o crescimento espiritual da igreja; também não nos referimos àqueles que organizam reuniões como complemento aos cultos e atividades na igreja. Estamos nos referindo àqueles que se organizam em grupos à parte da igreja, cujos encontros objetivam não o complemento mas a substituição dos cultos e atividades na

O QUE ACONTECEU COM A IASD?

igreja; além daqueles que partem para grupos que negam algumas das principais doutrinas da IASD e a chamam Babilônia. Eis o conselho a estes grupos:

“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia.” Hebreus 10:23-25, ACF.

“Tomais passagens dos Testemunhos que falam do fim do tempo da graça, da sacudidura do povo de Deus, e falais da saída dentre esse povo de um outro povo mais puro, santo, que surgirá. Ora, tudo isso agrada ao inimigo. ... Aceitassem muitos os pontos de vista que avançais, e falassem e agissem baseados nisso, e veríamos uma das maiores exposições de fanatismo jamais testemunhadas entre os adventistas do sétimo dia. Isso é o que Satanás quer.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 1**, p. 179.

“O Senhor não vos deu uma mensagem para chamar os adventistas do sétimo dia Babilônia, e chamar o povo de Deus a sair dela. Todas as razões que possais apresentar não podem, quanto a mim, ter peso nesse assunto, porque o Senhor me deu decisivo esclarecimento em oposição a tal mensagem.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 63.

Para que não incorramos nestes erros, é importante recordar um episódio da história de Moisés que nos traz uma grande lição diante das falhas que qualquer um de nós corre o risco de cometer a todo momento. Deus fez uma proposta que, na realidade, representava um teste:

“Disse mais o Senhor a Moisés: Tenho visto a este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que o

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

meu furor se acenda contra ele, e o consuma; e eu farei de ti uma grande nação.” Êxodo 32:9-10, ACF.

Fazendo um paralelo com os nossos dias, a proposta foi a seguinte:

“Moisés, os adventistas do sétimo dia se corromperam. Tomei uma decisão: vou destruir todos eles e organizar uma nova igreja totalmente zelosa que mantenha fielmente os princípios, assim como você tem feito. Uma igreja em que os membros sejam comprometidos, diligentes estudiosos da Bíblia, pessoas de oração, que vivam a reforma de saúde, que não frequentem lugares de diversão duvidosos, que executem música sacra, que sejam assíduos e reverentes nos cultos, que trabalhem incansavelmente pela salvação do semelhante, que não tenham vaidades ou ambições egoístas. O que acha, Moisés?”

Alguns hoje responderiam positivamente a essa proposta. Mas não Moisés. Ele disse ao Senhor:

“Ora, este povo cometeu grande pecado fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado; se não, riscame, peço-te, do teu livro, que tens escrito.” Êxodo 32:32, ACF.

Que amor! Por mais que Israel tivesse se afastado de Deus e se corrompido – e Moisés não apenas reconhecia isto, mas também constantemente exortava e corrigia o povo – ele amava aquele povo como a si mesmo e não o abandonou; ainda que, por muitas vezes, ele próprio tenha sido rejeitado por aquele povo.

Se compreendi bem o pedido de Moisés a Deus, ele não estava disposto a morrer com o povo; ele dispôs-se a morrer pelo povo. Moisés amava tanto aquele povo que, se possível, assumiria os pecados e receberia a consequente condenação, para que seu povo pudesse receber o perdão divino e chegar salvo na terra prometida. Isto é amor!

O QUE ACONTECEU COM A IASD?

Se Moisés tivesse aceitado a proposta de Deus e concordado com a destruição daquele povo, talvez tivesse sido destituído de sua função. Assim como alguém omissor e servidor de ocasião não serve para liderar o povo de Deus, alguém firme nos princípios mas destituído de preocupação e profundo amor pelas almas também não serve.

“Eis uma importante lição sobre a qual os ministros do evangelho deveriam refletir. Como pastores do rebanho, devem amar suas ovelhas e conduzi-las para mais perto de Deus, porém, não devem falhar em mostrar ao povo suas transgressões (Isa. 58:1). Ao mesmo tempo, devem rogar a Deus pelo perdão do pecado por meio da misericórdia de Cristo. ... O amor de Moisés por seus irmãos pecadores era tão grande que, se não pudesse evitar a destruição deles, não queria vê-la. Ele estava disposto a não estar entre os ‘inscritos para a vida’. Estava disposto a entregar a própria vida como expiação pelo pecado deles. Ofereceu-se para carregar a culpa a fim de assegurar o perdão para eles. ... Moisés realizou muitos atos nobres, mas este foi o maior de todos.”

Comentário Bíblico Adventista vol. 1, p. 720.

Outra lição importante que a história do antigo Israel nos traz neste mesmo contexto pode ser encontrada nos acontecimentos relacionados a Josué e Calebe. Diante de Canaã, esses homens foram fiéis aos princípios, zelosos, tementes a Deus e ousadamente apelaram ao povo, porém nada mudou. O povo foi rebelde e desobediente, duvidando do poder de Deus e seguindo seus próprios sentimentos. Josué e Calebe advertiram, exortaram, apelaram mais uma vez ao povo, mas não houve resultado. Diante disso, eles poderiam ter exigido entrar sozinhos em Canaã, uma vez que eram verdadeiros cristãos, muito diferentes do restante. No entanto, humildemente, retornaram ao deserto e vaguearam com o povo por quarenta anos. Foram pacientes até o momento do retorno definitivo a Canaã. Assim como Moisés, por mais que o povo fosse rebelde, Josué e Calebe permaneceram com o povo.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Essa deve ser nossa postura. Sejamos zelosos e fiéis a Deus independente de qualquer tipo de acontecimento na igreja. Tenhamos a humildade de permanecer firmados em Jesus Cristo e na igreja até o fim. Nossas orações precisam ser iguais às orações de Moisés e Daniel:

“Ah! Senhor! ... Pecamos, e cometemos iniquidades, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, como também a todo o povo da terra. ... E não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas. Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se para não obedecer à tua voz. ... Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome.” Daniel 9:4-19, ACF.

Reconhecemos que há adventistas do sétimo dia, inclusive líderes, praticando aquilo que é mau aos olhos do Senhor; eles estão ignorando Suas leis e Seus princípios, eles estão pautando suas atividades naquilo que agrada a si mesmos e/ou agrada às multidões. Esses adventistas se afastam das instruções divinas e induzem inúmeras pessoas a agirem de igual forma. Porém, como irmãos, devemos informar, esclarecer, exortar e advertir uns aos outros, com firmeza, serenidade e respeito, sempre intercedendo e não abandonando os que se desviam do caminho.

É fato que existe divisão interna na IASD, e não apenas na questão da música. Para que possamos entender a razão dessa divisão, precisamos refletir nas palavras de Cristo:

“O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia a boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se.

O QUE ACONTECEU COM A IASD?

E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres pois que vamos arrancá-lo? Ele, porém, lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro.” Mateus 13:24-30, ACF.

Jesus Cristo afirmou que na igreja haveria trigo e joio, pois nem todos entregam verdadeiramente suas vidas ao Mestre por meio do estudo da Bíblia, da prática da oração e da obediência às instruções reveladas.

“Introduzir-se-ão divisões na igreja. Desenvolver-se-ão dois partidos. O trigo e o joio crescerão juntos para a ceifa.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 114.

As orientações divinas são simples, claras e diretas. Porém, ao mesmo tempo em que o Senhor nos dá orientações, nos dá também liberdade de escolha. Alguns decidem seguir a Jesus Cristo fielmente, e outros não; alguns prezam pelos princípios bíblicos, e outros os ignoram. Essa divisão permanecerá até o momento em que Deus intervirá. Por isso, ainda que existam problemas, lutas e dificuldades na igreja, jamais nos afastemos dela, jamais deixemos de frequentá-la. Continuemos orando pela igreja, defendendo-a e auxiliando-a com os talentos recebidos do Senhor. Haverá unidade quando, enfim, Deus remover o joio do meio do Seu povo.

“Haverá uma sacudidura da peneira. No devido tempo, a palha precisa ser separada do trigo.” Ellen G. White. **Carta 46**, 1887.

“A igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados

fora na sacudidura – a palha separada do trigo precioso. É esse um transe terrível, não obstante importa que tenha lugar.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 380.

“Não há necessidade de duvidar, de estar temeroso de que a obra não seja bem-sucedida. Deus está à testa da obra, e porá tudo em ordem. Caso haja coisas necessitando serem ajustadas na direção da obra, Deus atenderá a isso, e trabalhará para endireitar todo erro. Tenhamos fé que Deus vai conduzir a nobre nau que transporta o Seu povo, em segurança, para o porto.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 390.

“Não tem Deus uma igreja viva? Ele tem uma igreja, mas esta é a igreja militante, e não a igreja triunfante. ... A igreja, débil e defeituosa, precisando ser repreendida, advertida e aconselhada, é o único objeto na Terra ao qual Cristo confere Sua suprema consideração.” Ellen G. White. **Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos**, p. 49.

“Não sabemos o futuro, mas sentimos que Jesus permanece no leme e não naufragaremos.” Ellen G. White. **Carta 82**, 1888.

“O Deus de Israel ainda está guiando o Seu povo, e continuará com eles até o fim.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 3**, p. 439.

Nossa atitude precisa ser a de nos mantermos firmes nesta igreja, em profundo relacionamento com Deus por meio do estudo da Bíblia e da oração. Desse modo, damos um bom testemunho fazendo o que está ao nosso alcance para exortar, advertir e zelar pelos princípios. Precisamos aprender a agir com firmeza e, ao mesmo tempo, com verdadeira serenidade.

Na defesa dos princípios, algumas pessoas agem de maneira impulsiva e agressiva, justificando seu espírito irrefletido e falta de mansidão e domínio-próprio dando exemplos de profetas bíblicos e reformadores que

O QUE ACONTECEU COM A IASD?

denunciaram o pecado de forma direta, incisiva e, por vezes, dura. O que nos diz o Espírito de Profecia sobre isto?

“Pessoas severas e propensas a censurar, desculpam-se às vezes ou procuram justificar a sua falta de cortesia cristã porque muitos reformadores manifestaram esse mesmo espírito, e alegam que a obra do presente tempo exige espírito idêntico; mas tal não é o caso. Um espírito manso e sob perfeito controle ajusta-se melhor a qualquer meio, mesmo na companhia dos mais rudes. Zelo imprudente não beneficia a ninguém. Deus não escolheu os reformadores porque fossem homens impetuosos e ávidos dominadores. Aceitou-os tal qual eram, a despeito desses traços de caráter; ter-lhes-ia, porém, imposto responsabilidades dez vezes maiores, se tivessem sido humildes e subordinado sempre o espírito ao controle da razão. Embora os ministros de Cristo devam denunciar o pecado e a impiedade, a impureza e hipocrisia, embora algumas vezes sejam chamados a condenar o pecado entre os mais elevados bem como entre os humildes, expondo-lhes que a indignação de Deus cairá sobre os transgressores de Sua lei, por outro lado não lhes compete ser dominadores ou tirânicos; devem antes manifestar bondade e amor, uma disposição para salvar e não para destruir.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 4**, p. 486.

Tenhamos a consciência do privilégio e da responsabilidade inerentes ao nome Adventista do Sétimo Dia. Enquanto pessoas disfarçam, ou omitem, esse nome sob a justificativa de um suposto “quebrar preconceitos”, precisamos honrar esse nome sendo uma igreja (pessoas) que marca pelo diferencial de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Apocalipse 14:12).

Permaneçamos inabaláveis nesta igreja, e permaneçamos fiéis à mensagem do adventismo para este tempo do fim.



4

POR QUE ESTUDAR SOBRE MÚSICA?

Esta é uma das perguntas mais recorrentes nos debates sobre a música de adoração: por que nos preocuparmos com este assunto? Música não é apenas uma forma de arte? Não é uma questão de gosto pessoal ou cultura? Como podemos saber a música que agrada a Deus se nunca estivemos no Céu para conhecê-la?

Como podemos afirmar que o Céu será um bom lugar para viver se nunca estivemos lá para saber? Creio que muitos responderiam: “*Temos informações mais do que suficientes a respeito na Bíblia e no Espírito de Profecia. O Senhor nos revelou como será viver no Céu*”. Esta revelação também é válida, em muitos aspectos, para a música.

Evidentemente nenhum de nós esteve no Céu para conhecer a música que ali se pratica. Isto significa que Deus nos deixou em liberdade para escolher e para praticar aquilo que desejamos? Terá Deus nos deixado sem nenhuma orientação a respeito de assunto tão importante?

“Podemos aprender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono. ... A comunhão do Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor.” Ellen G. White. **Educação**, p. 168.

POR QUE ESTUDAR SOBRE MÚSICA?

O Espírito de Profecia nos diz que podemos aprender a respeito do louvor celestial aqui na Terra. Nossa vida aqui é um treinamento, um preparo, um intenso exercício para a nova vida na cultura celestial.

“A música faz parte do culto a Deus nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 594.

“Aprendamos o cântico dos anjos agora, para que o possamos entoar quando nos unirmos a suas fileiras resplendentes.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 201.

Se devemos nos esforçar em nossos cânticos para nos aproximarmos o máximo que pudermos da harmonia dos coros celestiais, como faremos isso se não conhecemos o coro celestial? Será Deus incoerente? Terá Deus nos dado orientações impossíveis de serem seguidas? Se é Sua vontade que aprendamos aqui na Terra a respeito da música do Céu, será que Ele não nos daria informações a respeito?

Há uma citação no Espírito de Profecia que relata o momento em que os salvos chegarão no Céu, e veja o que acontecerá ali:

“O coro angélico emite uma nota de vitória e os anjos nas duas colunas tomam o cântico, e a multidão dos remidos participam como se houvessem entoado o cântico na Terra, e o haviam feito na realidade.” Ellen G. White. **Visões do Céu**, p. 183.

Ao chegarem no Céu, os salvos cantarão em louvor a Deus e terão a impressão de já terem cantado esse mesmo cântico na Terra. E na realidade já tinham cantado, pois aproveitaram o tempo de graça para aprenderem e praticarem os princípios que Deus deixou estabelecidos para todas as áreas de suas vidas, incluindo a música. Logicamente cada um será julgado pela luz que pôde obter.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

O Criador revelou princípios a serem aplicados às nossas práticas musicais, tais como o *são no louvor* executado pelas cortes celestiais. Algumas das características da música celestial serão apresentadas mais adiante.

O importante neste momento é compreender se a música pode verdadeiramente influenciar de forma integral nossa vida aqui e agora, ou trata-se apenas de uma arte neutra.



5

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

Muitos músicos, principalmente contemporâneos, têm defendido a neutralidade da música. Afirmam que a música é apenas uma ferramenta de comunicação que, em essência, não acarreta nenhum efeito físico ou mental e muito menos espiritual. Para eles a música é um “idioma” através do qual transmitimos uma mensagem da maneira que julgamos ser a mais inteligível ao receptor. Para tais pessoas é o texto que determina se uma música é apropriada ou não para o contexto religioso. Defendem, também, que a música é uma questão meramente cultural.

Precisamos entender que a cultura social relaciona-se à criatura, e o princípio relaciona-se ao Criador. Deus aceita a diversidade cultural até o limite em que esta não se sobreponha aos princípios estabelecidos e revelados por Ele em Sua Palavra. Quando a cultura humana está acima dos princípios divinos, a criatura está sendo adorada e não o Criador. Além disso, lembremos que os verdadeiros cristãos não são cidadãos deste mundo.

“Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.” Filipenses 3:20, ACF.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Uma vez que não somos deste mundo, não é esta cultura que nos serve como diretriz, mas sim a cultura celestial claramente apresentada na Palavra de Deus. Devemos aprender, ainda neste mundo, a cultura do País onde pretendemos habitar. Somos peregrinos nesta Terra.

Há importantes lições para nós nos relatos bíblicos como, por exemplo, o período em que o antigo Israel esteve sob o domínio Assírio. Pessoas de diversas localidades – Babilônia, Sefarvaim, Ava, Hamate – foram trazidas para que habitassem em Samaria, um território dos israelitas naquela época. Aconteceu um problema ali:

“E sucedeu que, no princípio da sua habitação ali, não temeram ao Senhor; e o Senhor mandou entre eles, leões, que mataram a alguns deles.” 2 Reis 17:25, ACF.

O rei da Assíria foi avisado, não apenas do ocorrido, mas da razão para tal:

“A gente que transportaste e fizeste habitar nas cidades de Samaria não sabe o costume do Deus da terra; assim mandou leões entre eles, e eis que a matam, porquanto não sabe o culto do Deus da terra.” 2 Reis 17:26, ACF.

Por estarem em território israelita, aqueles povos deveriam aprender a maneira de agir diante do Deus de Israel. O rei assírio, então, determinou:

“Levai ali um dos sacerdotes que transportastes de lá; e vá e habite lá, e ele lhes ensine o costume do Deus da terra. Veio, pois, um dos sacerdotes que transportaram de Samaria, e habitou em Betel, e lhes ensinou como deviam temer ao Senhor.” 2 Reis 17:27-28, ACF.

Que fato surpreendente! Sacerdotes israelitas foram enviados à Samaria para ensinar aos estrangeiros qual era a cultura do Deus daquela terra e “como deveriam temer ao Senhor”.

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

Da mesma forma deve acontecer na igreja de hoje. Quando estamos em território destinado à adoração ao Criador, precisamos aprender e praticar a cultura celestial, e não a cultura humana. A todos que se unem à Igreja precisam ser ensinados os princípios que caracterizam a verdadeira adoração ao Criador.

“A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo.” Ezequiel 44:23, ARA.

“Os sacerdotes deviam ser os ensinadores do povo para que este conhecesse a verdade e se preservasse da apostasia. A instrução é essencial para o crescimento espiritual. Não pode haver verdadeiro crescimento a menos que haja contínuo avanço no conhecimento.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 4**, p. 803.

A cultura terrena deve ser terminantemente rejeitada naquilo em que conflita com a cultura celestial. À Igreja compete promover mudanças nos costumes das pessoas que a ela se filiam, pois os verdadeiros cristãos, ainda que estejam no mundo, não pertencem ao mundo, porque eles estão a caminho da Nova Terra.

Pensemos numa tribo de canibais. Quando o evangelho alcança tais pessoas, como esperamos que se torne o seu regime alimentar? Continuarão alimentando-se de carne humana por ser de sua cultura? Ou o evangelho transformará essa cultura terrena numa nova cultura, ou seja, a cultura celestial? E o que dizer das culturas praticantes de poligamia e poliandria, por exemplo? Quando o evangelho as alcança, como esperamos que se tornem suas relações conjugais? Permanecerão nas mesmas práticas ou o evangelho promoverá mudanças em seu estilo de viver?

Os hábitos humanos não são direcionadores apropriados na escolha da música para adoração, porque os costumes socioculturais não servem de parâmetros para aqueles que optam ser discípulos de Jesus Cristo.

“Não somos adeptos da ideia dos que anulam a cultura, como se esta fosse a raiz de todos os males, mas também não podemos concordar que, em nome dela, se aceitem como normais e perfeitamente compatíveis com a vida cristã os desvários de uma sociedade corrompida.” Geremias do Couto. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 162.

É importante observar, também, que a cultura humana nem sempre é formadora de um tipo de música. O que acontece é que, em muitos casos, um determinado tipo de música contribui para a formação de uma cultura. Isto aconteceu com o rock, que influenciou mudanças conceituais, e consequentemente comportamentais, tanto na sociedade em geral quanto nas igrejas.

Compete à igreja ensinar a cultura celestial às pessoas que nela optam estar, e prepará-las para viver uma nova vida que tem início aqui e agora. A Igreja é um dos instrumentos usados por Deus para colaborar no processo individual de transformação de pessoas, cuja obra é do Espírito Santo, e não para ser transformada de acordo com o gosto de pessoas. Copiar e absorver conveniências culturais humanas que estão em desarmonia com os princípios do Criador é uma demonstração de que a meta não é a Nova Terra.

O documento oficial votado e aprovado pela Associação Geral da IASD em seu Concílio Outonal de 1972 assim orienta:

“Os gostos e práticas musicais de todos devem conformar-se ao valor universal do caráter semelhante ao de Cristo. ... A Igreja e a Associação locais devem esforçar-se para eliminar deficiências culturais.” One Hundred Fiftieth Meeting. **General Conference Committee**. 20 out. 1972, p. 1205. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

Outro documento oficial, este votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana da IASD no ano 2004, também orienta:

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

“Os hábitos e a cultura não são guias suficientes na escolha da música.” **Filosofia Adventista com Relação à Música.** Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Em relação à suposta neutralidade da música, precisamos compreender que ela é capaz de manipular os nossos sentimentos. Pode nos alegrar, nos entristecer, nos deixar em estado de alerta, nos tornar apáticos, depressivos ou nos animar.

“[A música] tem poder para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço.” Ellen G. White. **Educação**, pp. 167-168.

“O canto é uma arma que podemos empregar sempre contra o desânimo.” Ellen G. White. **A Ciência do Bom Viver**, p. 254.

Alguns afirmam que a reação emocional é também uma questão cultural. Alegam que uma música alegre no ocidente poderia ser considerada triste no oriente, e vice-versa. É possível que uma música cause os mesmos efeitos nos sentimentos humanos, independentemente da cultura?

No ano de 2009 foi divulgado na Revista “Ciência Hoje” um artigo descrevendo uma pesquisa publicada na Revista “Current Biology”, realizada pelo Dr. Thomas Fritz e seus colegas, do Departamento de Ciências Cerebrais e Cognitivas Humanas do Instituto Max Planck (Alemanha). Nesse estudo o tipo de música a ser apresentado era completamente desconhecido para o público escolhido. Os pesquisadores investigaram a habilidade dos participantes em identificar as emoções básicas (alegria, medo, tristeza) expressas numa música com a qual nunca tiveram contato. Para tanto, foram escolhidos indivíduos que faziam parte de uma das etnias que compõem a população de Camarões, na África. Por se tratar de um grupo

social com estilo de vida tribal e nunca ter sido exposto à música ocidental, aquelas pessoas foram consideradas candidatos ideais para o estudo. Ao final dos experimentos, os pesquisadores concluíram:

“A capacidade de reconhecer emoções básicas na música é universal e independe de influências culturais.” Izabela Mocaiber, Eliane Volchan, Leticia de Oliveira e Mirtes Garcia Pereira. Música emoção universal? **Ciência Hoje**. n.º 259, mai. 2009. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/artigo/musica-emocao-universal>>.

A capacidade da música de evocar sentimentos independentemente de cultura ou experiências pessoais já era há muito conhecida pela indústria do cinema, uma vez que esta não modifica suas trilhas sonoras para cada região de distribuição de seus filmes. E sabemos que as músicas dos filmes são ferramentas para provocar ou potencializar as emoções durante as cenas.

“A música deve compensar o que os atores não conseguem dizer, pode dar a entender seus sentimentos, e deve fornecer o que as palavras não são capazes de expressar.” Bernard Herrman, compositor de trilhas sonoras para o cinema. CD Bernard Herrmann Film Scores, Sony 1996. Citado por Alejandro Román. **C.I.N.E.M.A.:** Composición e Investigación em la Música Audiovisual. Visión Libros, 2014, p. 166.

“Sem a música, não teria existido uma indústria cinematográfica, absolutamente.” Irving Thalberg. Produtor de cinema americano. Citado por Edwin M. Bradley. **The First Hollywood Musicals.** A critical filmography of 171 features, 1927 through 1932. McFarland & Company, Inc. 1996, p. 2.

Além da indústria do cinema, os meios acadêmicos e científicos têm estudado esta característica da música, como se pode verificar nos registros que se seguem:

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

“A música pode rápida e poderosamente definir humores de uma maneira não tão facilmente alcançada por outros meios.” Dr. Norman M. Weinberger, Ph.D. em Psicologia, professor de Neurobiologia da Universidade da Califórnia. **Elevator Music:** more than it seems. Musica Research Notes, 1995. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/e360/6b82989c0daf08c57f11a33d56a9e4a1fef4.pdf>>.

“Em 25 anos trabalhando com o cérebro, ainda não consigo afetar o estado de espírito das pessoas da forma como uma simples música consegue.” Richard Pellegrino, médico, Ph.D em neurologia e neurociência, especialista em estudos do cérebro. Subliminal Power of Music. **Billboard Magazine**, 23 jan. 1999.

“Como forma de terapia, música é extremamente efetiva.” Shelley Katshe e Carol Merle-Fishman, terapeutas musicais, instrutoras da Universidade de Nova York, consultoras e musicistas. **The Music Within You**, p. 204.

“Boa alimentação é absolutamente essencial para uma boa saúde, assim como as qualidades curativas da música. ... Através dos procedimentos de teste da Cinesiologia Comportamental, demonstrei que nossos corpos podem diferenciar sons benéficos de sons prejudiciais; que nossos corpos podem dizer a diferença entre várias performances da mesma composição musical; e que nossos corpos podem ser ajudados enormemente por certos sons. Cercados pelos sons certos, todos nós podemos ser revigorados ... Foi demonstrado clinicamente que a música contribui para a nossa saúde e bem-estar geral e pode ser uma importante parte de nosso programa de prevenção primária de doenças.” Dr. John Diamond. Médico especializado nas áreas de psiquiatria e medicina holística, autor de 35 livros traduzidos em

vários idiomas, palestrante internacional, ex-presidente da Academia Internacional de Medicina Preventiva e fundador do Instituto Música e Saúde. **Your Body Doesn't Lie.** Grand Central Life & Stile, 1979, pp. 153, 155 e 157.

“[A música] buscava evocar emoções coletivas, atuar como estímulo ao trabalho, ao gozo sexual e à guerra. Ela servia para colocar as pessoas em um estado diferente e não para simplesmente refletir os fenômenos do mundo exterior. Eram sons organizados para produzir efeitos sobre as pessoas, produzir emoções coletivas, ‘igualar emocionalmente as pessoas’ por um certo período de tempo. De todas as artes, a música é a que dispõe de maior capacidade de nublificar a inteligência, de embriagar, de criar uma obediência cega e, naturalmente, de provocar ânsias de morrer.” Magali do Nascimento Cunha. **Vinho novo em odres velhos:** um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004, p. 147.

Na antiguidade os povos conheciam este potencial da música. Na Bíblia há o registro de como a música influencia sentimentos:

“E sucedia que, quando o espírito maligno, da parte de Deus, vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele.” 1 Samuel 16:23, ARA.

A palavra hebraica *ruach*, traduzida como “alívio”, significa “respirar, soprar”. A expressão “Saul sentia alívio” significa literalmente “Saul respirava”, como aquele que respira aliviado pelo relaxamento após um período de tensão.

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

“Os servos de Saul muitas vezes não ousavam aproximar-se dele, pois parecia louco, violento e ofensivo. ... Os que testemunharam essas estranhas exibições de Saul lhe recomendaram a música, por sua influência calmante sobre a mente quando estava perturbada. Por providência de Deus, ele foi informado das habilidades musicais de Davi. ... Os hábeis arpejos de Davi acalmavam o espírito conturbado de Saul. A influência dos sublimes acordes da música que escutava desvanecia a melancolia que estava sobre ele e levava sua mente excitada a um estado mais feliz e racional.” Ellen G. White. **Conflicto y Valor (MM)**, p. 159.

A música é capaz de levar uma mente excitada a um estado racional. Considerando a vontade do Senhor para que os nossos cultos sejam racionais e que as nossas emoções estejam sob o controle da razão, é importante escolher músicas apropriadas para este fim, ou seja, músicas que promovam equilíbrio entre razão e emoção.

Além dos sentimentos, a música também tem uma capacidade incrível de alterar pensamentos.

“Eu acredito que música pode também ordenar o conteúdo de nossas mentes.” Anthony Storr, psiquiatra inglês da Universidade de Oxford. **Music and the Mind**, p. 41.

Dependendo da música que ouvimos, nossos pensamentos podem ser levados instantaneamente a um filme, a uma experiência ou a um ambiente diverso daquele em que nos encontramos. Reconhecemos a questão cultural no aspecto dos pensamentos. Por exemplo: um samba-enredo conduz nossa mente ao carnaval. Porém, em outra cultura, o samba pode não significar nada em termos de associação, ainda que seja um estilo alegre para qualquer cultura, como já vimos antes. É de suma relevância, portanto, que estejamos atentos à questão das associações mentais dentro do nosso contexto ocidental ao lidarmos com a música. Então, logicamente, o ambiente da igreja tem que colocar nossos sentimentos e pensamentos sintonizados na adoração ao Criador.

“A música sacra não deve evocar associações seculares.” **Filosofia Adventista com Relação à Música.** Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Compreendendo que a música tem o poder de manipular sentimentos e pensamentos, somos levados a refletir no que nos diz o Espírito de Profecia sobre o assunto:

“Os pensamentos e os sentimentos, combinados, constituem o caráter moral. Quando julgais que, como cristãos, não vos é requerido restringir os pensamentos e sentimentos, sois levados sob a influência dos anjos maus, e convidais a sua presença e o seu domínio.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 92.

Esta é uma das razões da importância de prestarmos mais atenção no uso da música, e dedicarmos mais tempo para estudo e oração sobre isto. Não estamos lidando simplesmente com música; estamos lidando com o caráter das pessoas. E, de acordo com a citação anterior, quando não restringimos nossos pensamentos e sentimentos, nos colocamos em terreno espiritualmente perigoso. Da mesma forma, se não restringirmos a música poderemos ficar sujeitos à influência diabólica. É preciso selecionar a música que ouvimos e que praticamos, a fim de que os sentimentos e pensamentos evocados honrem ao Senhor.

“Música tem o poder de formar caráter.” Cyril Scott, compositor, escritor e poeta inglês, considerado o pai da moderna música britânica, autor de cerca de 40 livros sobre música e filosofia. **Music: Its Secret Influence Throughout the Ages**, p. 39.

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

“Música pode enobrecer ou degradar o caráter, fazer homens melhores ou piores do que são.” Julius Portnoy, musicologista. **Music in the Life of Man**, p. 96.

“[Música] afeta diretamente as paixões ou os estados da alma – gentileza, raiva, coragem, temperança, e os seus opostos e outras qualidades. Quando alguém escuta a música que imita uma certa paixão, torna-se imbuído da mesma paixão. Se por um longo período de tempo ele habitualmente ouve o tipo de música que desperta paixões ignóbeis, sua personalidade será moldada à uma forma ignóbil. Em suma, se alguém escuta o tipo errado de música, se tornará o tipo errado de pessoa.” Donald Jay Grout, escritor e professor de música da Universidade de Cornell. **A History of Western Music**, p. 7.

O filósofo, estadista e teólogo romano, Anício Boethius, nascido em 480 d.C., escreveu:

“Música é uma parte de nós, e, ou enobrece ou degrada nosso comportamento.” Citado por John Blanchard. **Pop Goes the Gospel**, p. 104

E o filósofo e matemático grego Platão reconheceu a influência da música na moralidade de uma nação quando afirmou:

“Deixe-me fazer as músicas de uma nação e não me importa quem faz suas leis.” Citado por Donald Jay Grout. **A History of Western Music**, p. 9.

Atualmente há extensa literatura que comprova o poder da música para influenciar mentes e comportamentos, motivo pelo qual podemos concluir convictamente que a música não é neutra.

“As evidências médicas, psiquiátricas e outras contra a neutralidade da música são tão esmagadoras, que francamente me surpreende que alguém possa seriamente dizer o contrário.” Dr. Max Shoen, Ph.D., professor e chefe do departamento de psicologia da Universidade Carnegie - EUA. *The Psychology of Music*. Citado por Blanchard. **Pop Goes the Gospel**, p. 106.

“Podemos dizer que, até agora, no que concerne ao corpo físico, a noção de que a música não exerce efeito algum sobre o homem, ou de que ela é inofensiva, deve ser posta de lado por ser totalmente errônea. ... Os músicos modernos já não poderão proclamar que a música seja uma questão de gosto, ou que ao músico deva ser concedido o direito de tocar o que bem entende.” David Tame, escritor britânico bacharel em psicologia pela University of East London e pós-graduado em Educação Religiosa pela Warwick University. *O poder oculto da música*. Citado por Ric Llewellyn. **Rock Cristão?** Disponível em: <<https://musicaeadoracao.com.br/21678/o-poder-oculto-da-musica>>.

Diante desses registros, faz-se necessária a séria reflexão de que lidamos com ferramenta poderosa que pode ser usada para edificação das pessoas e das instituições sociais, ou não.

“A música não é moral nem espiritualmente neutra.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Você poderia argumentar que notas musicais não têm uma moralidade intrínseca, o que é verdade. Por exemplo, numa música considerada

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

sacra utilizamos a mesma nota DÓ que usamos numa música considerada profana; a nota RÉ e as demais notas usadas nos hinos do Hinário Adventista são exatamente as mesmas notas usadas na música rock, jazz, blues, new age, heavy metal, death metal, pagode, samba, country, funk e em todos os outros estilos. Significa, então, que podemos usar qualquer destes estilos para o louvor ao Criador pelo fato de utilizarem elementos comuns?

Observe que a uva usada no suco é exatamente a mesma uva usada no vinho; a cana-de-açúcar usada no caldo de cana é exatamente a mesma cana-de-açúcar usada na cachaça. Significa, então, que estamos livres para consumir ambos pelo simples fato de possuírem um elemento em comum?

Talvez você responda: *“Vinho e cachaça não contêm apenas uva e cana-de-açúcar, mas uma combinação de elementos que os tornam prejudiciais ao corpo e à mente”*. Está correto! Da mesma forma a música. Não se trata apenas de notas musicais isoladas, mas de uma combinação de elementos que pode edificar ou corromper, que pode ser saudável ou prejudicial ao corpo e à mente.

Robert Jourdain, pianista profissional, especialista em estudos do cérebro humano e inteligência artificial, declarou:

“O importante não é perguntar ‘essa música é boa?’, mas sim ‘para que serve essa música?’” **Música, Cérebro e Êxtase:** como a música captura nossa imaginação, p. 333.

A música foi criada por Deus para Sua honra e também para enobrecer o homem criado à Sua imagem e semelhança. Porém, Satanás apresenta contrafações para afastar as pessoas do Criador. É plano satânico submeter as pessoas a ele, sem que elas percebam estarem sendo dominadas.

“Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” 1 Pedro 5:8, ACF.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.”
Apocalipse 12:12, ACF.

Sabemos que estamos lidando com um inimigo especializado em música, como confirma o Espírito de Profecia:

“Satanás tinha dirigido o coro celestial. Tinha ferido a primeira nota; então todo o exército angelical havia-se unido a ele, e gloriosos acordes musicais haviam ressoado através do Céu em honra a Deus e Seu amado Filho.” Ellen G. White.
História da Redenção, p. 25.

O Criador não removeu de Satanás nem inteligência nem poderes, quando o expulsou do Céu. Por séculos ele tem travado ferrenha batalha contra o povo de Deus. Satanás age para impedir a adoração ao Criador e para destruir os filhos do Altíssimo; como músico, ele certamente usa a música como arma de manipulação da mente humana.

“Os anjos associaram-se a Adão e Eva em santos acordes de harmoniosa música, e como seus cânticos ressoassem cheios de alegria pelo Éden, Satanás ouviu o som de suas melodias de adoração ao Pai e ao Filho. E quando Satanás o ouviu, sua inveja, ódio e malignidade aumentaram, e ele expressou a seus seguidores a sua ansiedade por incitá-los a desobedecer, atraindo assim sobre eles a ira de Deus e mudando os seus cânticos de louvor em ódio e maldições ao seu Criador.” Ellen G. White. **História da Redenção**, p. 31.

Desde então, o objetivo de Satanás é transformar nossos cânticos em maldições contra o próprio Criador. E por ignorarem os planos satânicos é que muitos usam a música sem o devido cuidado, sem as necessárias reflexão e oração. Isto é perigosa imprudência. Acreditam que a melhor música é aquela que promove bem-estar pessoal e insistem

A SUPOSTA NEUTRALIDADE DA MÚSICA

em negligenciar as revelações bíblicas e a inspiração do Espírito de Profecia referentes à música de adoração aceita pelo Criador. Não podemos permanecer indiferentes e negligentes!

“Enquanto os homens se acham em ignorância quanto aos seus estratagemas, este vigilante adversário [Satanás] se põe em seu caminho a cada momento. Intrmete-se em cada compartimento do lar, em toda rua de nossas cidades, nas igrejas.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, p. 508.

Podemos concluir que nem tudo o que vemos em matéria de música dentro da igreja é apropriado para Deus. Afinal, Satanás é um inimigo especializado que pode agir em nossas vidas e igrejas.

Infelizmente, de forma gradativa, as pessoas perdem a capacidade de raciocinar, de analisar, de refletir e de decidir por si mesmas. E qualquer tentativa de se avaliar racionalmente uma questão, um método, um comportamento, receberá esta pronta resposta: *“Você não pode julgar!”*

Deus tem concedido abundante luz ao Seu povo para que este saiba onde pisar, para que não seja enganado pelas sutis estratégias e táticas do inimigo. Mas parece que muitos seguem ignorando as instruções divinas e continuam fundamentando seus conceitos e valores na própria opinião, nos gostos pessoais, nas ideias de pessoas influentes ou nas práticas das majorias. E quando alguém questiona ou apresenta uma ideia diferente daquilo que a maioria aceita como verdade, ainda que o faça com serenidade e fundamentos, essa pessoa corre o grande risco de ser interpretada como causadora de divisões nas igrejas.

Deus tinha uma preocupação com Seu povo no passado:

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento.” Oséias 4:6, ARA.

Por que faltava o conhecimento? Será que Deus não concedia luz, não orientava Seu povo? Será Deus incoerente e injusto? Havia, na época, uma ignorância por parte de alguns e deliberada rejeição por parte de outros em

relação ao conhecimento dado por Deus. Essa negligência partia, principalmente, daqueles que deveriam instruir o povo nos caminhos do Senhor e se recusavam a fazê-lo.

O cerne do problema desta atual geração não é a falta de conhecimento disponível, mas a negligência na busca desse conhecimento e, acima de tudo, a recusa em viver aquilo que está revelado e é conhecido.

“Não é por falta de conhecimento que o povo de Deus está perecendo agora. ... A verdade que lhes alcançou o entendimento, a luz que lhes brilhou na alma, mas que foi negligenciada e recusada, há de condená-los.” Ellen G. White.

Serviço Cristão, p. 29.

Não apenas o conhecimento recusado há de condenar, mas também o negligenciado, aquele que estava disponível e não foi buscado.

Há pessoas que se justificam afirmando não serem músicos e, portanto, não terem conhecimento técnico que lhes permita discernir aquilo que é adequado daquilo que não o é. Porém, Deus nos deixou princípios, aplicáveis também à música, que podem ser compreendidos por todo ser humano que sinceramente se propõe ao estudo e, principalmente, à prática daquilo que Ele orientou. Esta publicação é o resultado de pesquisas em fontes que estão disponíveis a todos que as queiram conhecer. Além disso, aqueles que mantêm real relacionamento com Cristo reconhecerão a música que O agrada, ainda que desconheçam os aspectos técnicos.

Por que nós, cristãos, que lidamos diariamente com escolhas que determinarão o nosso destino eterno, permanecemos tão indiferentes em relação ao estudo das implicações da música em nossa vida individual, social e espiritual, enquanto os ambientes acadêmico e científico, geralmente sem apego à religião, demonstram interesse e preocupação com isso? Deveríamos rever seriamente esta questão da música, pois a ignorância gera uma inerte satisfação com qualquer coisa.



A FACE “OCULTA” DO ROCK

No livro “*Música, Reverência e Adoração: o propósito de Deus*”, já foi descrita com mais detalhes a história do surgimento do Rock e sua cultura (ver página 14). Após o desenvolvimento de *Blues*, *Jazz* e *Swing*, dois instrumentos musicais foram concebidos com o objetivo de intensificar, de dar maior potência e agressividade aos ritmos. São eles, a guitarra elétrica e a bateria. Com essa intensificação rítmica surgiu um novo estilo musical que ficou conhecido como *Rock and Roll*, nome dado pelo então locutor de rádio Alan Freed. Esta expressão era uma gíria usada pelos jovens das periferias de Nova York para representar as relações sexuais que ocorriam nos bancos traseiros dos automóveis.

Vejamos algumas declarações que apresentam esta relação entre Rock e sexo:

“O termo [Rock and Roll] é um eufemismo de blues para a relação sexual.” The Rolling Stones Encyclopedia do Rock and Roll, citado por Vance Farrel. **Inside Rock Music**, p. 15.

“Rock and Roll: Um termo geral com implicações sexuais, como ‘balançando’ e ‘rolando’, originalmente significando

fornicação.” Robert Fink e Robert Ricci. **The Language of 20th Century Music**: a dictionary of terms.

“Rock and Roll é 99% sexo.” John Oates, músico compositor e produtor de rock em entrevista à **Revista Circus**, 31 jan. 1976.

“Rock ‘n’ roll é sinônimo de sexo e você não pode tirar isso dele. Simplesmente não funciona.” Steven Tyler, vocalista da banda Aerosmith. **Entertainment Tonight**. ABC, 10 dez. 1987

“Rock’n’roll é sexo. O verdadeiro rock’n’roll não é baseado em pensamentos cerebrais. É baseado na natureza inferior.” Paul Stanley, guitarrista e vocalista do Kiss. Citado em **The Role of Rock**, p. 44.

“A excitação sexual é um dos mais conhecidos efeitos do ritmo rock. Os músicos do rock estão bem cientes deste fato e o exploram para sua vantagem.” Anne H. Rosenfeld. Music, the Beautiful Disturber. **Psychology Today**, dez. 1985, p. 54.

“Rock and Roll visa a libertação e transcendência, erotização do espiritual e espiritualização do erótico.” Robert Palmer, escritor, músico, produtor de blues, colunista do The New York Times e da Revista Rolling Stones. **Rock & Roll an Unruly History**, p. 72.

“Impulsos pessoais, especialmente sexuais, são constantemente estimulados pela música popular.” Mortimer Zuckerman. Editor-chefe da U.S. News & World Report. **Para onde foram nossos valores?** 8 ago. 1994.

“Há um enorme e poderoso estímulo sexual, embora subconsciente, implícito no ritmo e nas letras de música

A FACE “OCULTA” DO ROCK

rock.” David Elkind, psicólogo infantil da Universidade de Massachussets. **The Hurried Child**, p. 89.

“A música rock tem apenas um apelo, um apelo bárbaro ao desejo sexual.” Allan Bloom, professor de pensamento social da Universidade de Chicago. Foi professor em Harvard, Yale, Universidade de Paris e de Toronto. **The Closing of the American Mint**, p. 73.

“Respondemos à materialidade dos sons do rock e a experiência do rock é essencialmente erótica.” Simon Frith, sociólogo inglês, graduado em Oxford e Universidade da Califórnia, professor de sociologia na Universidade Warwick-Inglterra. **Sound Effects, Youth, Leisure and the Politics of Rock and Roll**, p. 164.

Grande parte dos estilos musicais mundanos que conhecemos hoje tiveram suas origens no *Blues*, *Swing*, *Jazz* e *Rock* ou foram por eles influenciados. O Rock, em especial, estimulou um sistema social com duas características básicas: rebeldia contra a autoridade e libertinagem.

Será o Rock and Roll uma ferramenta satânica ou só mais outra forma de arte musical? Para que possamos encontrar respostas convincentes a esta pergunta, não podemos procurar um cristão, pois diriam tratar-se apenas da opinião pessoal de um “fanático” que acredita que se divertir é pecado. Para verificar se de fato o Rock tem vínculo com Satanás, pesquisamos isto em fontes “roqueiras”. Vamos conhecer algumas das “pregações” dos artistas do Rock e daqueles que têm se dado ao estudo desse fenômeno mundial.

Muitos conhecem a história de Robert Johnson, considerado o pai do Rock, e de seu pacto com Satanás para se tornar um grande gênio da música. Já ouvimos falar bastante sobre Elvis Presley, o rei do Rock, e seu envolvimento com o espiritualismo. Muitos já ouviram falar também de Aleister Crowley, aquele que é considerado o pai do satanismo moderno e, ao mesmo tempo, foi e é um dos grandes influenciadores dos roqueiros.

Ele escreveu um livro intitulado “A Tragédia do Mundo”, expressando seu ódio a Cristo e aos cristãos.

Apenas esses três indivíduos, que criaram as bases para o desenvolvimento do Rock, nos dariam motivos suficientes para estarmos convencidos de que essa espécie de música é diabólica. Maiores detalhes a respeito desses homens podem ser encontrados no livro *“Música, Reverência e Adoração: o propósito de Deus”*, conforme citado anteriormente (página 14). É importante verificar aquilo que dizem músicos, incluindo os do próprio rock e de outros estilos populares, e estudiosos do assunto:

“A música rock tem a mesma mensagem de antes. É anti-religiosa, antinacionalista e antimoralidade.” John Lennon. Citado por John Blanchard. **Pop Goes the Gospel**, p. 84.

“[Os Beatles] são totalmente anticristãos! Eu também sou anticristão, mas eles são tão anticristãos que me deixam chocado, o que não é uma coisa fácil.” Derek Taylor, assessor de imprensa dos Beatles. **Saturday Evening Post**, 8 ago. 1964, p. 25.

“Rock sim tem sido a música do diabo ... Eu acredito que o rock and roll é perigoso ... Sinto que estamos somente anunciando alguma coisa ainda mais escura do que nós mesmos.” David Bowie, músico do rock e ator. **Revista Rolling Stones**, 12 fev. 1976, p. 83.

“Estou arrastando o público para o inferno comigo.” Jerry Lee Lewis. Cantor, compositor e pianista norte-americano de rock and roll, considerado um dos pioneiros do gênero, Hall da Fama do Rock and Roll em 1986 e 2005, citado em 2004 pela revista Rolling Stone no 24º lugar do ranking dos 100 melhores artistas de todos os tempos. Citado por Nick Tosches. **Hellfire**, p. x

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“Rock and roll é pagão e primitivo, e muito ‘selva’, e é exatamente assim que deve ser.” Malcom McLarem, empresário do rock. **Revista Rock**. Ago. 1983, p. 60.

“Minha verdadeira crença sobre o rock é esta: eu acredito que este tipo de música é demoníaca.” Little Richard, considerado ‘o arquiteto do rock’, eleito pela revista Rolling Stones o 8º maior artista da música de todos os tempos. Citado por Charles White. **The Life and Times of Little Richard**, p. 197, 206.

“Com sorte, serei lembrado como aquele que acabou com o cristianismo. Cada geração deve ter pelo menos um indivíduo corajoso que tente pôr fim ao cristianismo. ... Ninguém conseguiu ter sucesso ainda; talvez através da música possamos finalmente fazê-lo.” Marilyn Manson. **Revista Spin**, Ago. 1996, p. 34.

“O diabo é o pai do rock.” Letra da música de Raul Seixas e Paulo Coelho. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48329>>.

“Em uma sessão espírita, o espírito prometeu-me fama e o domínio mundial através do rock.” Alice Cooper, Calçada da Fama de Hollywood em 2003 e Rol da Fama do Rock em 2011. Citado por David Benoit. Documentário: **Occultic Tendencies In Rock Music**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cudicmiCQpM>>.

“Se você odeia o Kiss, Deus te ama.” Paul Stanley, guitarrista e vocalista do Kiss. Citado por Carmem Cacciacarro. **Fala Rock**: as máximas e mínimas do rock and roll, p. 98.

“Fui criada em um lugar onde só se escutava música gospel e meus pais são pastores que viajam muito. ... E assim fui introduzida na indústria musical, porque eu queria ser a

Amy Grant da música. Mas não deu certo, então eu vendi minha alma ao diabo.” Katy Perry, cantora do rock. Documentário: **A Indústria da Música Exposta**. Parte 5/10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fjEks9p5vMk>>.

“Eu fiz uma espécie de pacto de ferro, há muito tempo atrás. E estou tentando adiar o fim ... Com o comandante chefe. ... Aqui na Terra e no mundo que não podemos ver.” Bob Dylan, cantor do rock. Documentário: **A Indústria da Música Exposta**. Parte 5/10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fjEks9p5vMk>>.

Fayne Pridgon, namorada do famoso guitarrista Jimi Hendrix, concedeu uma entrevista em que se referiu ao artista da seguinte forma:

“Ele costumava falar sobre algum diabo ou algo que estava nele. Ele não sabia o que o fazia agir do jeito que ele agia e o que o fazia dizer as coisas que ele dizia, e as músicas e coisas assim ... só saiu dele.” Citado por Mark Spaulding, **Heartbeat of the Dragon**, p. 50.

Vejamos outras citações:

“É como se eu estivesse no piloto automático. No momento em que estamos no meio do primeiro número, alguém está me guiando. Eu estou apenas junto para o passeio. Eu fico possuído quando subo no palco.” Angus Young, guitarrista da banda AC/DC. **Hit Parader**, Jul 1985, p. 60

“Eu me senti como um templo vazio cheio de muitos espíritos, cada um passando por mim, cada um habitando em mim por um tempo e depois sendo substituído por outro.” John Lennon. **People**. 22 Ago. 1988, p. 70.

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“Quando a música vem a mim, não tem nada a ver comigo, porque eu sou apenas um canal. É dado a mim e eu transcrevo.” John Lenon. Citado por Mickey Hart, **Spirit into Sound**: The Magic of Music, p. 134.

“A música para ‘Yesterday’ veio em um sonho. A melodia veio completa. Você tem que acreditar em magia. Não consigo ler nem escrever músicas.” Paul McCartney. Entrevista a Larry King Live. **CNN**, 12 jun. 2001.

“Quando eu entro no palco, é de repente uma ‘mágica’ vem de algum lugar, o espírito apenas bate em você, e você simplesmente perde o controle de si mesmo.” Michael Jackson. **Teen Beat**: A Tribute to Michael Jackson, Summer 1984, p. 27.

“Eu tenho experiências fora do corpo [no palco]. Se eu corto minha perna, se eu cair, nem sinto isso. Sou tão destemida, não tenho consciência do meu rosto ou do meu corpo.” Beyoncé, cantora. **Revista Marie Claire**. Out. 2008.

Outros cantores, de outros estilos musicais populares, também seguem a mesma linha:

“Eu não componho sozinha. No momento em que estou escrevendo alguma coisa, às vezes, eu leio e tem palavras que eu não conheço, não sei o significado. Então, de onde vem isso? ... Meu processo de construção de música, meu processo de inspiração é totalmente intuitivo, para não dizer mediúnico.” Paula Fernandes, cantora de música sertaneja. Entrevista a João Doria Júnior. **Programa Show Business**. Exibido em 18 jan. 2014.

“Joga os demônios todos para cima. Minha empregada Maria disse que ela não podia ir para a igreja não, porque iam tirar

os demônios dela e ela precisava muito dos demônios dela para viver. Então use os demônios da gente, tá liberado usar um pouquinho dos demônios da gente pra viver, porque sem demônio, meu amigo, ninguém vive.” Daniela Mercury, cantora de axé.

28º Festival de Inverno de Garanhuns, julho de 2018.

“Escute, rock and roll não é de igreja. É um negócio sujo. Você tem que ser sujo também. Se você é bonzinho, você não pode cantá-lo nem tocá-lo.” Lita Ford, guitarrista e vocalista de hard rock. **Los Angeles Times**, 7 ago. 1988.

“Você não pode beber do copo de Deus e do copo do diabo ao mesmo tempo. Eu sou um dos pioneiros dessa música, um dos construtores. Eu sei como os blocos são feitos porque eu os construí.” Little Richard, considerado ‘o arquiteto do rock’, eleito pela revista Rolling Stones o 8º maior artista da música de todos os tempos. **The Dallas Morning News**, 29 out. 1978, p. 14A.

Os próprios músicos do Rock já entenderam isso: Rock não é para a igreja e não glorifica o Criador. Por que muitos professos cristãos ainda não entenderam? Estamos cegos pelos nossos gostos pessoais e autos-satisfação? Estamos tão inclinados às obras carnavais que temos perdido nossa visão espiritual? O Rock fortalece a carnalidade humana por meio do enfraquecimento tanto da racionalidade quanto da espiritualidade.

“Os admiradores do rock querem que o seu apelo seja atraente fazendo-o respeitável. O fato é que não pode ser feito. O rock é atraente apenas porque é vulgar ... É grosseiro, aberrante e insípido.” Robert Pattison. **The Triumph of Vulgar**ity, p. 4.

“Rock é veneno em forma de som.” Pablo Casals, famoso violoncelista e maestro espanhol. Citado por Carmem Cacciacarro. **Fala Rock**: as máximas e mínimas do rock and roll, p. 113.

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“Rock and Roll tem sido um inimigo de muitos dos princípios básicos do cristianismo.” Michael Jenkins Moynihan. Jornalista, escritor e músico. **Lord of Caos**, p. x.

Vejamos mais citações, que incluem a comunidade acadêmica:

“Rock não pode ser transformado em algo respeitável. ... Não importa quantas tentativas de reformas sejam feitas, rock sempre gravitará na direção de violência e sexo descompromissado. A batida diz, ‘faça o que você quiser fazer.’” William Kilpatrick, professor de educação da Universidade de Boston. **Why Johnny Can’t Tell Right from Wrong**, pp. 178, 182.

“Numa orquestra reinam a especialização e a perícia. ... Em comparação, um concerto de rock é todo barricada e guilhotina. Todos os seus símbolos são de rebelião contra a hierarquia. O rock é profundamente anti-intelectual. O uso de uma partitura é dispensável. Suas imagens refletem as preocupações da juventude e os intérpretes idosos são aceitos apenas se mantiverem as maneiras dos jovens.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, pp. 334-335.

“Enquanto a música erudita procura a beleza e a pureza estética, o rock tenta, antes de tudo, a energia e a força sonora.” Rolando de Nassau (prefácio). **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 17.

“Na verdade, há muito pouca melodia, pouco sentido nas letras, apenas ritmo [no rock]. O fato de que a música pode excitar e incitar é conhecido desde tempos imemoriais. ...

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Agora, em nossa música popular, pelo menos, parece que estamos voltando à selvageria ... e jovens que ouvem constantemente esse tipo de som são levados à agitação. Eles não são mais tranquilos, não são mais normais.” Dimitri Tiomkin, famoso compositor, com 24 indicações ao Oscar, tendo vencido 4 vezes. **Los Angeles Herald-Examiner**, 8 Aug. 1965.

“O que não dá para negar sobre o rock é seu poder hipnótico. Ele tem agarrado milhões de jovens pelo mundo todo e transformado suas vidas.” William J. Schafer. **Rock Music**, p. 79.

“Nós combinamos juventude, música, sexo, drogas e rebelião ... e essa é uma combinação difícil de vencer.” Jerry Rubin, ativista social, ícone da contracultura norte-americana durante as décadas de 60 e 70, tornando-se empresário na década de 80. **Do It!** pp. 19, 249.

“Rock é um uso de música baseado em fórmula matemática para condicionar a mente por meio de frequências calculadas, e é usado para modificar a química do corpo de modo a fazer a mente suscetível à modificação e doutrinação.” Dr. Joseph Crow. Universidade de Seattle-EUA. Citado por Leonard Seidel. **Face the Music**, p. 64.

“Música pop é um meio massivo de condicionar a maneira como as pessoas pensam.” Graham Nash, cantor e compositor do Reino Unido. **Hit Parader Yearbook**, n. 6, 1967.

“Música rock particularmente tem demonstrado ser poderosa e viciante, sendo capaz de produzir uma forma sutil de hipnose em que o sujeito, embora não completamente sob transe, ainda se encontra num estado altamente sugestivo.” John G. Fuller Jr., famoso escritor americano. **Are the Kids All Right?** New York: Times Books, 1981.

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“O pecado está em alta na nossa cultura, e a música rock deve carregar uma grande parte da culpa.” Tim Fisher, mestre em Teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 114.

“O que precisamos lembrar é que música tem um impacto físico no ouvinte e que ela produz uma mudança sensorial na sua percepção de ser. Este impacto físico, é claro, é o que música pop está conscientemente buscando.” Gilbert Rouget, cientista etnomusicologista, graduado em artes pela Universidade de Paris, doutorado em letras, foi diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. Especialista em relação música x possessão. **Music and Trance**, p. 120.

“Estrelas de rock estão brincando com material fissil que pode explodir a qualquer momento.” Steven Halpern, Ph.D. famoso palestrante nas áreas de saúde e nutrição. **Tuning the Human Instrument**, p. 103.

“Rock and roll é uma besta. Pessoas bem-intencionadas pensam que podem pegá-lo e abraçá-lo. ... Por trás de cada estilo está uma sexualidade desenfreada e uma simpatia pelo diabo. ... As pessoas puderam ver quando isso aconteceu no início e isso não mudou.” Ray Gosling, escritor, jornalista e radialista. **BBC Radio 4**. The Listener, 11 fev. 1982.

Na citação anterior é importante destacar a expressão “pessoas bem-intencionadas”. Não se está afirmando que qualquer pessoa envolvida com o Rock, dentro ou fora da igreja, deliberadamente entregou-se à direção de Satanás e deseja promover a rebeldia, a sexualidade livre e o anticristianismo. O que precisa ficar claro é que muitos estão consumindo e praticando isto sem conhecer as sérias implicações físicas, mentais, emocionais

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

e espirituais. Desinformadas, as pessoas acreditam que a cultura Rock é apenas uma forma inofensiva de arte e um entretenimento saudável. Pessoas sinceras estão sendo iludidas por esta ferramenta satânica.

“É lamentável que milhares de jovens, muitos deles desinformados (ou até mesmo informados mas decididamente rebeldes) estejam consumindo este tipo de música, este veneno que intoxica a alma.” Jefferson Magno Costa. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 34.

“Rock and roll é um estilo musical que foi criado para fins imorais por homens imorais, e sempre foi usado pelo mundo para expressar suas atitudes imorais na música.” Dan Lucarini. **Why I Left the Contemporary Christian Music Movement**, p. 68.

“Mais do que qualquer outra forma de uso indevido do som, é com o rock que temos que nos confrontar hoje. ... Trata-se de um fenômeno global; um compasso destrutivo, que bate e bate, repetidamente, e se ouve da América e da Europa Ocidental até a África e a Ásia. ... Quão necessário, nesta época, é terem alguns a coragem de ser os ‘diferentes’ e apartar-se da sociedade que, há muito, vendeu a vida e a personalidade a este som... Creio inflexivelmente que o rock e todas as suas formas são um problema crítico que a nossa civilização precisa enfrentar ... se quiser sobreviver.” David Tame, escritor britânico bacharel em psicologia pela University of East London e pós-graduado em Educação Religiosa pela Warwick University. O poder oculto da música. Citado por Ric Llewellyn. **Rock Cristão?** Disponível em: <<https://musicaeadoracao.com.br/21678/o-poder-oculto-da-musica>>.

Quando consumimos esta espécie de música, somos imperceptivelmente transformados.

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“É uma lei do espírito humano que, pelo contemplar, somos transformados.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 91.

“Contemplando o mal, tornaram-se os homens transformados na sua imagem.” Ellen G. White. **Mente, Caráter e Personalidade vol. 1**, p. 331

É preciso ressaltar que se vive o momento em que a porta da graça (misericórdia divina) ainda está aberta a todos que escolhem a salvação em Jesus Cristo. Aquilo que uma pessoa fez de destrutivo em sua vida, caso haja verdadeiro arrependimento e mudança de conduta, não é mais considerado pelo Criador (Ezequiel 33:14-16), e Ele proporciona uma página em branco, uma oportunidade de escrever uma nova história de vida sob a direção da Pessoa do Espírito Santo. Porém, o tempo da graça está se esgotando muito rápido, por isso é urgente atentarmos para as advertências.

“Voam anjos em torno de uma habitação além. Jovens estão ali reunidos; ouvem-se sons de música em canto e instrumentos. Cristãos acham-se reunidos nessa casa; mas que é que ouviram? Um cântico, uma frívola canção, própria para o salão de baile. Vede, os puros anjos recolhem para si a luz, e os que se acham naquela habitação são envolvidos pelas trevas. Os anjos afastam-se da cena. Têm a tristeza no semblante. Vede como choraram! Isso vi eu repetidamente pelas fileiras dos observadores do sábado.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 295.

Podemos tirar uma lição muito séria deste relato: se esse é o resultado em nossos lares, quando ouvimos ou executamos músicas impróprias, qual será o resultado quando essas mesmas músicas são tocadas em nossos templos e eventos? Não será o mesmo? Não estamos afugentando os anjos do Senhor? Não é muito arriscado fazê-lo? Nossos irmãos não estariam em grave perigo sem a presença dos santos anjos?

Segundo o Espírito de Profecia, há um tipo de música apropriada para boate e não para adoração a Deus. Isto nos leva a concluir que nem tudo que diz respeito à música é aceitável ao Senhor. Certos estilos de música foram criados para certos tipos de ambientes. E os efeitos gerados nestes ambientes serão exatamente os mesmos gerados dentro do templo, se usarmos o mesmo estilo de música.

“Satanás é o pai do rock, da violência, do derramamento de sangue. É ele que está por trás de todo esse movimento, cujo maior veículo de propagação tem sido a música comprometida com o ocultismo. A obrigação da Igreja é a de se posicionar e combater o rock, e não permitir que ele, à semelhança das ‘portas do inferno’ de que falou Jesus em sua conversa com Pedro (Mat. 16:18), prevaleça sobre ela. ... Jamais poderíamos ficar calados diante da propagação desse gênero de música criado sob inspiração de Satanás. Ficaríamos silenciosos diante desse mal se desconhecêssemos a história do rock, sua origem, sua influência sobre a mente e o espírito do ser humano; se não soubéssemos qual é a mensagem que seus cultuadores usam em suas músicas. Não poderíamos ficar calados diante de um movimento que, desde seu início, tem propagado as drogas, a violência, o satanismo, o homossexualismo, a prostituição e o suicídio. Como [cristãos] que somos, na condição de salvos por Jesus Cristo e esclarecidos pela luz de Sua Palavra, nosso dever é denunciar as obras de Satanás e combatê-las, onde quer que elas se manifestem.” Jefferson Magno Costa. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 72.

Busquemos mais conhecimento, nos aprofundemos em estudos, objetivando conhecer as características da música que agrada ao Criador. Peçamos a Deus que nos dê discernimento e coragem para fazer as escolhas que Ele aprova, de forma que ofereçamos louvor aceitável e adoração verdadeira ao Senhor, afastando a influência maligna de nossa vida, de nossos lares e de nossas igrejas.

A FACE “OCULTA” DO ROCK

“Vi que o cântico que glorifica a Deus afasta, com frequência, o inimigo e que louvar o Senhor o derrotaria e nos daria a vitória.” Ellen G. White. **Carta 5**, 1850.

Faço um apelo ao leitor: se porventura você tem consumido Rock and Roll e suas formas híbridas relacionadas, afaste-se imediatamente desse tipo de música! Destrua seus CDs, DVDs e arquivos de música mundana! Permita que o Senhor tenha acesso à sua mente e transforme seu caráter à semelhança de Jesus Cristo.

“Não deis lugar ao diabo.” Efésios 4:27, ACF.

“Sujeitai-vos, pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.”
Tiago 4:7, ACF.



ROCK PARA JESUS?

Dentro desse contexto da música rock e estilos correlacionados, faz-se necessária uma pergunta: é adequado oferecer Rock, e seus híbridos, como louvor e adoração ao Criador?

“Ninguém melhor do que Satanás conhece a maneira perfeita do tipo de louvor que Deus aceita, não podemos ser crianças em achar que ele não iria desvirtuar o louvor na igreja contra a qual ele veio fazer guerra, seria muita ingenuidade de nossa parte pensar assim.” Hilton Bastos. **A Bateria e o Transe nos Rituais Xamânicos**. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/20131/a-bateria-e-o-transe-nos-rituais-xamanicos>>.

“Satanás fará da música um laço pela maneira por que é dirigida.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 38.

O argumento corrente é que misturar estilos populares com letra religiosa representa uma forma eficaz de atingir pessoas que, de outra forma, talvez jamais tivessem contato com o evangelho. Segundo alguns autores,

ROCK PARA JESUS?

para que a comunicação seja eficaz é preciso que o ouvinte compreenda o que está sendo dito. Partindo dessa ideia, acreditam que para alcançar um roqueiro é preciso pregar a mensagem de salvação em estilo rock. O mesmo se faria com os demais estilos populares como forma de alcançar os seus adeptos. Apesar de haver certa lógica nesse raciocínio, nem sempre a lógica humana é a lógica de Deus. E ainda que um método seja agradável ao homem, deve-se, em primeiro lugar, saber se é o método divino. Precisamos lembrar que estamos numa guerra espiritual, O Grande Conflito; e numa guerra quem estabelece as estratégias é o General, e não o soldado.

Imaginemos que um casal está prestes a se casar. O noivo traz uma linda aliança para a noiva. Porém, ao olhar para dentro da aliança de seu noivo, a noiva percebe que está gravado ali o nome de outra moça. Obviamente ela recusa o presente. O noivo explica:

– Sabe, este nome que está aqui é da minha ex-noiva. Eu comprei esta aliança para ela, mas terminamos o relacionamento. Guardei a aliança e agora estou dando a você. Além do mais, é só uma argola de metal que não me fará ser mais fiel ou menos fiel a você. Mas se o problema é o nome que está aí, não se preocupe; eu levo a um ourives, apago este nome e escrevo o seu.

A noiva responde:

– Não adianta mudar o nome que está aí, por três razões muito simples: 1) Eu sei que esta aliança não foi feita para mim; 2) Não é só uma argola de metal, mas tem uma história e uma experiência de vida por trás; 3) Essa aliança, por mais que tenha meu nome nela, te fará lembrar constantemente da sua ex-noiva.

Transferindo para o contexto da música de adoração a Deus, imagine que eu tenha passado muito tempo em um compromisso, consciente ou inconsciente, com o diabo. Nossa aliança se chamava Rock, por meio da

qual promovia tudo aquilo que é contra Deus e Suas leis. Em determinado momento, decido “terminar” com o diabo e começar um relacionamento novo, agora com Deus. Então pego a velha aliança e ofereço ao Senhor. Ele vê que ali não está escrito o Seu nome, mas o nome de outro. Então, explico:

– Sabe, Senhor, este nome que está aqui é do meu ex-senhor, mas terminamos o relacionamento. Guardei a música e agora estou dando ao Senhor. Mas é só uma música, ela não me fará ser mais fiel ou menos fiel a Ti, pois o importante é o meu coração. Mas se o problema é o nome que está aí, não se preocupe; eu mudo a letra e escrevo ‘Deus.’

Qual será a resposta de Deus? Exatamente a mesma da noiva:

– Não adianta mudar a letra, por três razões muito simples: 1) Eu sei que esta música não foi feita para mim; 2) Não é só uma música, mas tem uma história e uma experiência de vida por trás; 3) Essa música, por mais que tenha mudado a letra, te fará lembrar constantemente do seu ex-senhor.

Se nós, seres mortais, jamais aceitaríamos uma aliança nessas condições, por que o Deus Eterno, Santo, Justo, Todo-Poderoso tem que aceitar? Mudar a letra de uma música não muda o seu efeito.

Existem músicas que não são apropriadas para o ambiente de adoração ao Criador. Nosso Deus aceita somente música que nos santifique, nos enobreça e eleve nossas mentes a Ele. Nosso Deus não aceita uma música desgastada e mergulhada na sensualidade, na promiscuidade e na rebeldia contra Seus princípios. Não se oferece a alguém um presente que foi pego no lixo, muito menos ao Criador.

Muitos argumentam que usar a música popular na igreja seria a resposta ao “cântico novo” que a Bíblia recomenda (Sal. 96:1). Mas o texto bíblico não está relacionado à contemporaneidade nem à cronologia, mas a uma nova experiência, uma nova motivação, ainda que seja usado um

ROCK PARA JESUS?

cântico já conhecido. Além disso, não é preciso reflexão profunda para concluir que o Rock não tem absolutamente nada de novo.

Uma revista promotora da música contemporânea apresentou em um dos seus artigos o “credo do roqueiro cristão”, que diz:

“Nós asseguramos que todas as músicas foram criadas iguais; que nenhum instrumento ou estilo de música é mau em si mesmo.” **CCM Magazine**, nov. 1988, p. 12.

Discordamos veementemente desta declaração e não nos surpreende ter partido de uma publicação que visa o desenvolvimento do “Rock Cristão”. A ideia de que não existe música má tem induzido milhões de pessoas a introduzirem seus estilos musicais preferidos no arraial do Senhor, enganando a si mesmas e aos outros, supondo que estão agradando e adorando ao Senhor, quando na realidade estão agradando e adorando a si mesmos.

Na capa de uma de suas edições, a revista *Time* apresentou uma pergunta: “Deus está morto?” No artigo que tratou deste assunto havia a seguinte observação:

“Os artistas da Música Cristã Contemporânea são idênticos aos artistas populares, exceto pela letra.” **Time**, vol. 87, n.14, 8 abr. 1966.

Quando citarmos Música Cristã Contemporânea (MCC ou CCM), não estaremos nos referindo a músicas produzidas na atualidade, uma vez que não é o ano de composição que determina se a música é ou não apropriada, mas nos referimos a um Movimento caracterizado pelo uso de ritmos populares com letras de temática cristã.

Por muito tempo temos presenciado em nossas igrejas a introdução de músicas populares que, não fossem as letras, não saberíamos se tratar de algo que pretende ser religioso. Em muitos casos, nem mesmo a própria letra nos permite identificar tratar-se de algo religioso.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Infelizmente, nos últimos anos, temos encontrado na Igreja Adventista do Sétimo Dia muitas músicas pseudocristãs, que têm obscurecido nossa identidade distintiva, se aproximando cada vez mais do mundo com o pretenso objetivo de atrair o mundo. Mas o que temos visto na prática é que o mundo tem atraído a igreja.

“Colocar o nome de Jesus na música rock não significa mudar sua natureza essencial. As pessoas estão tomando o que é basicamente inaceitável para os cristãos e trocando a etiqueta. Mas continua sendo tão mau como era antes. ... Não estamos somente falando do rock pesado, mas também do rock suave e música do tipo ‘boate’ que infelizmente tem sido ouvida em reuniões adventistas.” Pr. Ivay Araújo. **Guia do Ministério da Música**. União Sudeste Brasileira da IASD, p. 16.

Alterar a letra da música não muda o seu efeito. O Rock continuará sendo Rock e causando os mesmos efeitos físicos, mentais e espirituais, independentemente do que as palavras dizem. A música transmite uma mensagem em si mesma. A prova disso é que apreciamos músicas cantadas em vários idiomas que não compreendemos; e muitas vezes nem damos importância àquilo que está sendo dito.

“A maioria dos discos faz o seu impacto musicalmente em vez de por palavras. As palavras, se forem percebidas, penetram depois da música ter deixado sua marca.” Simon Frith, sociólogo inglês, graduado em Oxford e Universidade da Califórnia, professor de sociologia na Universidade Warwick – Inglaterra. **Sound Effects, Youth, Leisure and the Politics of Rock and Roll**, p. 14.

Qual é a posição oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em relação a isso? Citamos o Manual da IASD:

“A música secular ou de natureza duvidosa nunca deve ser

ROCK PARA JESUS?

introduzida em nossos cultos. ... Toda melodia que partilhe da natureza do jazz, rock ou formas híbridas relacionadas, ou toda linguagem que expresse sentimentos tolos ou triviais, serão evitadas.” **Manual da IASD**, ed. 2015, pp. 97, 154.

Se o rock é comprovadamente um estilo concebido pelo diabo e para ele, sendo uma ferramenta poderosa para corromper o ser humano; se o Manual da IASD, o documento oficial mais importante que temos, afirma que o Rock não deve ser usado em nossos cultos e produções musicais por ser incompatível com os princípios da igreja, pergunta-se: por que ainda existe Rock na IASD? Quem, na realidade, está gerando conflitos? Quem está, de fato, causando divisão na igreja? Aqueles que defendem os princípios da música sacra e não se conformam com a música popular sendo acintosamente praticada em nosso meio, ou aqueles que sancionam e produzem música popular, desrespeitando abertamente os princípios estabelecidos por Deus para Sua igreja e as próprias diretrizes oficiais da IASD?

Vejamos o que orienta outro documento oficial da IASD:

“Certas formas de música como o jazz, o rock e outras formas híbridas semelhantes, são consideradas pela Igreja como incompatíveis com [os] princípios. ... [Esses estilos] são notórios em criar reações sensuais nas multidões. ... [O cristão] considerará músicas como blues, jazz, o estilo rock e formas similares como inimigas do desenvolvimento do caráter cristão.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, pp. 1201, 1203, 1206. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

É importante repetir que aqueles que optam impedir o uso do rock e seus híbridos nas igrejas, estão de fato agindo em perfeita harmonia com as normas oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Alguém poderia questionar: e se o Manual da IASD sofrer alterações, por meio das quais forem omitidas ou modificadas orientações claras e

diretas como esta? Se isso acontecer, estaremos em terreno perigoso, quebrando um princípio bíblico anteriormente citado:

“Não removas os antigos limites que teus pais fizeram.”
Provérbios 22:28, ACF.

Houve uma razão para que esta instrução fosse incluída no Manual da IASD e noutros documentos oficiais, e não se trata de questão administrativa passível de alterações ou de adaptações burocráticas; trata-se de princípios estabelecidos na Palavra de Deus que, quando não praticados, desencadeiam reais e sérias consequências no desenvolvimento espiritual da igreja. Por isso tais limites devem ser preservados e perpetuados, bem como outros que veremos mais adiante. Se o autor do Rock continua sendo o mesmo, se a estrutura e os efeitos do Rock continuam sendo os mesmos, se o Rock não mudou absolutamente nada, por que a igreja deveria mudar seu posicionamento oficial a respeito?

“Jamais derrube uma cerca sem saber a razão porque ela foi construída.” G. K. Chesterton, escritor, jornalista, historiador e teólogo britânico. Citado em **Singapore Journal of Legal Studies**, 2008, p. 347.

E qual é o pensamento do atual presidente mundial da IASD?

“Embora tenhamos diferentes culturas e perspectivas em relação à música, é importante que não permitamos que músicas contemporâneas e não religiosas se infiltrem na igreja, de modo que não vejamos nenhuma diferença entre o que ouvimos no rádio e na igreja.” Pr. Ted Wilson. **Adventist World**, set. 2011, pp. 8-10.

“Resistam aos estilos de adoração e música que estão mais centrados no entretenimento do que na humilde adoração a Deus. ... Não quero ofender a ninguém e esta é minha

ROCK PARA JESUS?

opinião pessoal, mas se a música soa como pertencendo a um concerto de rock ou uma casa noturna, ela deve permanecer lá [no concerto de rock e na casa noturna].” Pr. Ted Wilson. Pregação à **Conferência Geral**, 13 ago. 2011. Disponível em: <<http://perspectives.adventist.org/pt/sermoes/sermons/go/2011-08-12/gods-remnant-church-finish-strong>>.

Nota-se que o pensamento do presidente, ainda que reconheça como sendo uma opinião pessoal, está fundamentado nas instruções oficiais da IASD que são desdobramentos dos parâmetros existentes na Bíblia e no Espírito de Profecia.

“A posição de algumas pessoas que tentam fixar rumos, é que qualquer tipo de música serve, sempre que tenha um texto sagrado pode ser usada no serviço de adoração. Os meios de informação de massa têm condicionado o público com uma ‘dieta de ritmos de rock’, tentando mostrar que fora desse ritmo tudo é insípido e monótono. Há uma obsessão de vestir toda música para evangelização com alguma forma de ritmo de rock. ... Alguém escreveu o seguinte: ‘tem havido um considerável aumento da música para evangelização do tipo ‘jazz’ nas igrejas nos últimos anos. Isto é, em muitos aspectos, uma coisa diabólica’. O mínimo que isto pode fazer é colocar a igreja em contato com expressões musicais baratas, e de pouco valor artístico e espiritual. O importante neste ponto é que o mal aparece como se fosse bem e que parece natural que uma música barata e com letra trivial leve as pessoas ao descuido inconsciente e a pensamentos puramente sentimentais.” Pr. Ivay Araújo. **Guia do Ministério da Música**. União Sudeste Brasileira da IASD, p. 13.

Evidentemente há outros líderes em posições de destaque que defendem ideias contrárias. Diante disso, que decisão você tomará? A quem seguirá?

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Vejamos o que nos diz a Palavra de Deus:

“Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.” 1 Coríntios 10:21, ARA.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro.” Mateus 6:24, ARA.

“Porque sois povo santo ao Senhor, vosso Deus, e o Senhor vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes Seu povo próprio.” Deuteronômio 14:2, ARA.

“Ser-me-eis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus.” Levíticos 20:26, ARA.

“A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo.” Ezequiel 44:23, ARA.

O texto de Ezequiel 44 nos apresenta um ponto importante para o qual precisamos atentar seriamente. Ali é dito que alguém ensinará o povo. Quem? Muitos poderiam pensar que é Deus. Porém, o próprio Deus está dizendo que alguém ensinará. Todo o conhecimento para a construção e desenvolvimento de um caráter à semelhança de Jesus Cristo tem sua origem no Criador, mas Ele espera que o mesmo seja transmitido por meio de Seus servos, Seus líderes. Eles deverão ensinar o caminho que o povo deve seguir e Deus há de julgar-lhes as palavras, ações, decisões e omissões.

“Se precisar de alguma melhora – e toda igreja precisa de melhoras – vai ter que começar com a liderança. ... Tudo levanta ou cai com a liderança.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 208.

ROCK PARA JESUS?

Ainda no contexto da mistura sagrado/profano na música, que muitos desejam e defendem, o que nos diz o Testemunho de Jesus Cristo (Apocalipse 19:10)?

“Deus pronunciou uma maldição sobre aqueles que não fazem diferença entre as coisas comuns e as coisas santas. ... Deus requer hoje de Seu povo uma distinção tão grande do mundo, nos costumes, hábitos e princípios, como exigia de Israel antigamente. Se fielmente seguirem os ensinamentos de Sua Palavra, existirá esta distinção; não poderá ser de outra maneira. As advertências feitas aos hebreus contra o identificarem-se com os gentios, não eram mais diretas ou explícitas do que as que vedam aos cristãos adaptar-se ao espírito e costumes dos ímpios.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, pp. 257, 335.

Nossa música na IASD precisa ser diferente da música que é praticada no mundo. Pensemos nisso: proporcionaria verdadeira edificação espiritual a alguém oferecer-lhe aquilo que já lhe é conhecido e vivido no mundo?

A distinção que Deus espera de nós em relação ao mundo não é algo sutil, mas algo visível, claro e evidente. Deus requer de nós uma grande diferença em nossa maneira de falar, vestir, alimentar, relacionar, recrear e na maneira como utilizamos a música. Nosso Deus não deixaria as práticas musicais de fora de Suas preocupações, porque Ele em tudo quer pureza nos propósitos e nas realizações.

“A associação com as coisas do mundo no setor musical é considerada inofensiva por alguns observadores do sábado. Tais pessoas estão, porém, em terreno perigoso. É assim que Satanás procura desviar homens e mulheres, e dessa maneira tem ganho o controle de almas. Tão suave, tão plausível é o trabalho do inimigo que não se suspeita dos seus ardis, e muitos membros de igreja tornam-se mais amigos dos

prazeres que amigos de Deus.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 332.

O Espírito de Profecia foi muito específico ao citar a associação com o mundo, deixando clara a referência direta à música. O objetivo de Satanás é que aos poucos sejam feitas concessões, até que desapareça a distinção entre o povo de Deus e o mundo. Ele tem trabalhado dessa forma desde sua rebelião no Céu. A vontade de Deus é a santificação de Seu povo, a separação do mundo, o abandono do pecado. Mas Satanás tem induzido o povo a fazer exatamente o contrário:

“Antes se misturaram com os gentios, e aprenderam as suas obras.” Salmos 106:35, ACF.

Estar no mundo não é ser do mundo. Os filhos de Deus são aqueles que agem como “luz no mundo”, isto é, são diferentes, são incomuns nos conceitos e procedimentos. A tendência que hoje se vê é que cristãos nominais envolvem-se de tal forma com os valores do mundo, que é impossível ver a diferença entre uns e outros.

“Por que, então, trazer para dentro da igreja esse estilo de música, pervertida em sua origem por Satanás, para destruir a humanidade? A atitude de combatê-la não pode ser classificada de extremismo, quando se sabe do seu profundo comprometimento com o demonismo. .. No entanto, a pretensão de muitos, hoje, sob o disfarce da carência de uma evangelização profícua, é desprezar a música essencialmente divina. ... A realidade cotidiana prova com fatos que o rock não se presta para o louvor a Deus. O máximo que pode fazer é despertar a sensualidade da carne e extravasar instintos até então latentes nos indivíduos. Vamos, pois, retirar as nossas harpas dos salgueiros e entoar os cânticos de Sião (e não do mundo), à semelhança de Cristo, que, após cear com os seus

ROCK PARA JESUS?

discípulos e antes de partir para o Getsêmani, cantou [um hino] (Mat. 26:30). Sem dúvida, não foi uma dessas músicas de embalo travestidas de hino evangélico.” Geremias do Couto. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, pp. 151-152.

A história de Noé nos fornece uma lição importante. A arca estava na água, mas não se podia permitir que a água entrasse na arca, pois ela afundaria. O cristão está no mundo, mas ele não pode permitir ser dominado pelos valores mundanos, pois haverá o naufrágio de sua fé.

“Como o povo evangélico no Brasil, em sua maioria, ouve pouca música sacra, e suporta diariamente a carga literária e musical impingida pelo rádio e televisão ... acaba aceitando o padrão mais frequente, que é o transmitido pelo rock. Daí, fica mais fácil aceitar música de finalidade religiosa com ritmo de rock.” Rolando de Nassau (prefácio). **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 21

A história tem mostrado que, quando nos conformamos com as práticas do mundo, atraímos mundanos para a igreja; quando as normas são afrouxadas, atraímos aqueles que se opõem às normas; quando os princípios revelados na Bíblia são omitidos, atraímos aqueles que de fato não os aceitam. Tudo isso tem acarretado um resultado inverso daquele que supostamente se pretende. A igreja deixa de ser uma influência ao mundo, e o mundo passa a influenciar a igreja; a igreja deixa de ser uma referência para o mundo, e o mundo é que passa a ser a referência para a igreja. Esta nunca foi a vontade do Senhor.

“E o Senhor te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir.” Deuteronômio 28:13, ACF.

Não somos superiores como indivíduos, mas Deus confiou a nós uma missão que não foi dada a outro povo. E as ações em desobediência aos princípios divinos nos colocam como “cauda” e não como “cabeça”; e o que se tem visto em muitos lugares é que pessoas estabelecem as normas e os padrões nas igrejas adventistas do sétimo dia sem considerar o “Assim diz o Senhor”. Isto é extremamente preocupante.

“A conformidade aos costumes mundanos converte a igreja ao mundo; jamais converte o mundo a Cristo.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, p. 509.

Quando o estilo de viver do mundo é imitado pelas pessoas nas igrejas, e no dia a dia da vida, permitindo que o mundo dite as regras, incorre-se no desagrado do Senhor. Os verdadeiros adoradores do Criador atraem a atenção para Ele; então as pessoas podem ver que vale a pena dispor-se a fazer renúncias conscientes e optarem entrar num processo de transformação individual.

Convencer indivíduos é radicalmente diferente de convertê-los, porque a conversão é obra sobrenatural do Espírito Santo. Deus tem uma advertência séria aos afoitos por imitar as modas do mundo:

“Se alguém sentir o desejo de imitar as modas do mundo e não controlá-lo de imediato, Deus prontamente deixará de reconhecê-lo como filho.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 1**, p. 137.

Aquele que deseja seguir os métodos e as modas do mundo deve controlar essa tendência imediatamente e buscar em Deus, em Sua Palavra e no Espírito de Profecia os métodos corretos. E este princípio é aplicável, também, às nossas atividades na música de adoração.

“Há distinções claras e precisas a serem restauradas e expostas ao mundo. ... Se, em desafio às disposições divinas, for permitido ao mundo influenciar nossas decisões ou ações, o propósito de Deus será frustrado. ... Se a igreja vacilar aqui,

ROCK PARA JESUS?

por mais enganador que seja o pretexto apresentado para tal, contra ela haverá, registrada nos livros do Céu, uma quebra da mais sagrada confiança, uma traição ao reino de Cristo. ... A igreja tem que manter seus princípios perante todo o universo celestial e os reinos deste mundo, de maneira firme e decidida.” Ellen G. White. **Testemunhos para Ministros**, pp. 16-17. Citado pelo Manual da IASD, ed. 2015, pp. 23-24.

Talvez devido ao enorme desejo de atrair e crescer em número, temos permitido que as pessoas de fora da igreja estabeleçam os padrões conceituais e comportamentais na igreja. Passamos a cantar e tocar músicas que agradam a essas pessoas, sem considerar o que agrada a Deus.

“Caso abaxem a norma a fim de conseguir popularidade e aumento de números, fazendo desse acréscimo objeto de regozijo, estarão demonstrando grande cegueira. Fossem os números indício de êxito, Satanás poderia reclamar a soberania; pois, neste mundo, os que o seguem constituem a grande maioria. ... A virtude, inteligência e piedade do povo que compõe nossa igreja deveriam ser causa de alegria e gratidão, não seu número.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 5**, pp. 31-32.

“Deus Se agradaria mais de ter seis pessoas verdadeiramente convertidas à verdade do que sessenta que fazem profissão de fé nominal, mas não se converteram de todo.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 320.

O apóstolo Paulo reconhecia que Deus está mais interessado em qualidade do que quantidade quando afirmou:

“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar.” 1 Coríntios 1:17, ACF.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Paulo esperava que apenas Cristo fosse exaltado, e que homens e mulheres fossem ganhos para Ele. Por isso, ele deixou claro que batizar não era seu trabalho principal, mas sim persuadir pessoas a se renderem ao Salvador. Não era sua intenção insinuar que não batizaria ninguém, mas que soubessem que ele não se gloriava com um grande número de batismos.”

Comentário Bíblico Adventista vol. 6, p. 732.

Devemos realizar o trabalho usando os métodos de Deus e deixar os resultados em Suas mãos.

“Existem diferentes tipos de discípulos professos de nosso Senhor. Um tipo está muito pronto a moldar sua religião de acordo com os tempos – muito pronto quando eles ouvem ‘toda espécie de música’ (Dan. 3:7) a se prostrar e adorar a imagem mais popular da invenção humana. ... Mas há outro tipo de discípulos professos pelos quais agradecemos a Deus, que são puros de coração, cuja consciência está tão longe de ser cauterizada, que eles podem ‘suspirar e gemer’ por todas as abominações que são feitas na Terra.” Benjamin Clark.

Review and Herald vol. 3, n. 4, 24 jun. 1852, p. 30.

Que tipo de discípulos temos sido?



8

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

Neste cenário de mistura entre o sagrado e o profano está o estilo que ficou conhecido no Brasil como “música gospel”. Para que encontremos uma definição satisfatória, não podemos consultar os chamados “conservadores”, pois seriam acusados de emitir a opinião pessoal. Busquemos a definição no ambiente secular que apoia esse tipo de música:

“Gospel é uma composição escrita para expressar a crença individual ou de uma comunidade com respeito à vida cristã, assim como, de acordo com seus gêneros musicais variados, também oferece uma alternativa ao povo cristão à música secular convencional. A música gospel é escrita e executada por muitos motivos, desde o prazer estético, com motivo religioso ou cerimonial, ou como um produto de entretenimento para o mercado comercial. Contudo o tema principal na maioria das músicas gospel é o louvor e adoração a Deus, Cristo e o Espírito Santo.” Glossário Gêneros Musicais, **Portal R7**. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/musica/glossario/glossario-2.html#letraG>>.

Podemos notar nessa definição que o gospel brasileiro nada mais é do que uma alternativa criada para “cristãos” que desejam continuar consumindo as mesmas músicas que consumiam quando viviam nos costumes mundanos. Esse estilo prega que não é preciso deixar o passado, a velha vida; prega que não é preciso buscar mudanças de hábitos e gostos sob o poder do Espírito Santo. Isto contraria a Palavra de Deus.

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” 2 Coríntios 5:17, ACF.

“A vida do cristão não é uma leve modificação ou melhoria, mas uma completa transformação da natureza.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 146.

No estilo gospel de viver, a situação de nova criatura é considerada desnecessária.

“A ideia de que o fiel tem a obrigação de abandonar velhos hábitos e pensamentos não vinculados a um modo de vida religioso, nas propostas ministeriais modernas, não existe mais. Ao que parece, a oferta é de uma conversão ‘negociada’ Patrícia Villar Branco. **O metal cristão: música, religiosidade e performance**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011, p. 27.

“Um dos atrativos é que, desde que aceitassem ‘Jesus’ e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a ‘ser como antes.’ Márcia Regina da Costa. **Os Carecas de Cristo e as Tribos Urbanas do Underground Evangélico**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 49.

Na definição citada anteriormente afirmou-se que o gospel também é um produto de entretenimento que visa o comércio; isto é, uma música midiática cujo objetivo é atingir as “massas” e transformá-las em fiéis

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

consumidores. E não é de se estranhar que o estilo tenha crescido vertiginosamente, tornando-se o segundo mais consumido no Brasil, perdendo apenas para o sertanejo (<https://veja.abril.com.br/entretenimento/musica-gospel-trinados-fe-e-dinheiro>).

Muito se tem ouvido a respeito de artistas da música popular que deixam suas bandas e se unem a alguma igreja evangélica. Ainda que existam conversões verdadeiras – considerando o conhecimento que aquele artista pôde obter – há casos em que não há conversão, mas sim uma migração. Considerando que o gospel é o segundo gênero musical mais consumido no Brasil, é natural que muitos artistas passem a explorar esse novo mercado, principalmente quando suas carreiras começam a declinar. A palavra “conversão” significa uma mudança acentuada de rumo. Ora, se eu era roqueiro e agora passo a produzir rock gospel, onde está a conversão? Continuo produzindo e consumindo o mesmo veneno, mudando apenas o rótulo. Mas mudar o rótulo anula o efeito do veneno?

Veja a declaração de um dos componentes da Stryper, uma banda de heavy metal gospel:

“Realmente cremos que Jesus Cristo é o Salvador, mas somos uma das bandas cristãs menos religiosas que você poderia imaginar. Religião é real para nós, mas rock and roll também.” **Hit Parade**, nov. 1986, p. 21.

Jon Micah Sumrall, componente da banda Kutless, disse:

“Esperamos que nossa música seja boa e divertida o bastante para trazer pessoas que não são cristãs. Esperamos que possamos abrir seus olhos e a porta para eles compreenderem, no primeiro instante, que você pode dançar rock, se divertir, e ainda ser um cristão.” Entrevista à **CCM Magazine**, jun. 1991.

Esta é a mensagem do gospel atualmente. Não é preciso mudança de vida, mudança de costumes, não é necessário abandonar práticas de antigas rotinas, como a música profana e diversões mundanas.

Retomando a analogia do casal de noivos prestes a se casar, compreende-se porque não é possível que Deus aceite uma estrutura musical derivada do *blues* (melancolia e depressão), do *jazz* (sêmen ou ejaculação) e do *swing* (sensualidade), mesmo que a letra da música seja “cristã”. Deus não aceita um tipo de música concebido e promovido num meio satânico que, de acordo com os próprios artistas deste meio, promove rebeldia, anticristianismo e fortalece a carnalidade humana. O que há de positivo neste tipo de música para a adoração ao Criador? Este tipo de música contribui para o discipulado cristão? Este tipo de música santifica os pensamentos e sentimentos?

“Foi-me mostrado que a juventude necessita assumir posição mais alta e fazer da Palavra de Deus sua conselheira e guia. Solenes responsabilidades repousam sobre os jovens, as quais eles levemente consideram. A introdução de música em seus lares, em vez de incitá-los à santidade e espiritualidade, tem sido um meio de desviar-lhes a mente da verdade. Canções frívolas e peças de música popular do dia parecem compatíveis com seus gostos.” Ellen G. White. **O Lar Adventista**, pp. 407-408.

“Jovens reúnem-se para cantar e, se bem que cristãos professores, desonram frequentemente a Deus e sua fé com conversas frívolas e com a escolha que fazem da música. A música sacra não está em harmonia com seus gostos.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 1**, p. 506.

A música gospel faz parte de um conjunto de músicas que honram aquele que queria ser Deus. Satanás conhece a forma de agir do Espírito Santo e sabe exatamente qual o ambiente propício para o Seu trabalho na mente humana, ou seja, um ambiente racional e consciente. E é justamente por isso que Satanás deseja tornar os nossos cultos de adoração cada vez mais agitados e barulhentos, pois deste modo atrapalha a ação do Espírito Santo.

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

“As forças satânicas misturam-se com o barulho, para se ter um carnaval, e isto será chamado de operação do Espírito Santo. ... O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e multidão de sons. ... Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música. ... Nessas demonstrações, acham-se presentes demônios em forma de homens.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, pp. 37-38.

“Aquele que acha que o Senhor é honrado e exaltado por estes métodos está enganado por sua paixão cega pelo som do mundo e iludido por suas emoções.” Timothy Lee Barret. Músico e pastor. **Música na Balança**. Disponível em: <<http://www.ministeriosibe.com.br/blog/entry/1099811/musica-na-balana-lho-13-elementos-da-msica-que-honra-a-cristo-continuaao>>.

O evangelista Lowell Hart, que já foi músico de rock, escreveu:

“Muitos anos atrás, como um jovem músico numa banda de dança, eu gostava de tocar em boates e clubes noturnos. Se alguém tivesse sugerido para mim naquela época que este mesmo tipo de música seria ouvido em igrejas evangélicas, eu teria considerado a sua sugestão como a piada do dia. Hoje estamos ouvindo tal som, mas não é piada!” **Satan’s Music Exposed**, p. 7.

“A subida meteórica da música rock tem causado uma revolução total no campo da música, com um pesadíssimo impacto no campo da música na igreja. A batida, o ritmo e o estilo do rock têm invadido a igreja. ... Precisa ser abominada e rejeitada a música que traz à memória do ‘recém-nascido’ a sua velha vida de pecado.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis-USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, pp. 6, 25.

“A influência deletéria do rock em algumas igrejas evangélicas é evidente: basta ver o uso do play-back, dos instrumentos musicais elétricos (guitarra), eletrônicos (sintetizador) e da batida rítmica simétrica. O rock tem contaminado até jovens crentes, com linguagem ímpia, sons alucinantes e ritmo sensual.” Rolando de Nassau (prefácio). **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 214.

“Devemos admitir honestamente que quanto mais pesada for a influência do rock sobre a música, menos as Escrituras irão aparecer no todo da música.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 114.

“O uso desse tipo de música na adoração tem produzido atitudes erradas e encorajado estilos de vida carnavais; e ambos estão destruindo a unidade e a eficiência dos crentes. Também creio que evangelizar aqueles que estão fora da igreja não foi, como nos contaram, a razão principal para adotar a Música Cristã Contemporânea na adoração e louvor; creio que a Música Cristã Contemporânea foi implantada para satisfazer o desejo pessoal por nossa música favorita. ... O rock produz uma atmosfera que não tem lugar na igreja! Paremos de oferecer a Satanás, em nosso culto de adoração, uma oportunidade de seduzir os santos.” Dan Lucarini. **Confissões de um Ministro de Louvor**, pp. 16, 70.

“O diabo raramente criou algo mais perspicaz do que sugerir à igreja que sua missão consiste em prover entretenimento para as pessoas, tendo em vista ganhá-las para Cristo. A igreja abandonou a pregação ousada; em seguida, ela gradualmente amenizou seu testemunho; depois, passou a aceitar e justificar as frivolidades que estavam em voga no mundo e, no passo seguinte, começou a tolerá-las em

suas fronteiras; agora, a igreja as adotou sob o pretexto de ganhar as multidões. ... Os profetas foram perseguidos porque divertiam as pessoas ou porque recusavam-se a fazê-lo? Os concertos de música não têm um rol de mártires. ... Se Cristo houvesse introduzido mais elementos brilhantes e agradáveis em seu ministério, teria sido mais popular em seus resultados, porque seus ensinamentos eram perscrutadores. Não o vejo dizendo: 'Pedro, vá atrás do povo e diga-lhe que teremos um culto diferente amanhã, algo atraente e breve, com pouca pregação. Teremos uma noite agradável para as pessoas. Diga-lhes que com certeza realizaremos esse tipo de culto. Vá logo, Pedro, temos de ganhar as pessoas de alguma maneira!' ... Em vão pesquisaremos as cartas do Novo Testamento a fim de encontrar qualquer indício de um evangelho de entretenimento. A mensagem das cartas é: 'Retirai-vos, separai-vos e purificai-vos!' ... Por último, a missão de prover entretenimento falha em conseguir os resultados desejados. Causa danos entre os novos convertidos. Permitam que falem os negligentes e zombadores, que foram alcançados por um evangelho parcial; que falem os cansados e oprimidos que buscaram paz através de um concerto musical. Levante-se e fale o alcoólatra para quem o entretenimento na forma de drama foi um elo no processo de sua conversão! A resposta é óbvia: a missão de prover entretenimento não produz convertidos verdadeiros. A necessidade atual para o ministro do evangelho é uma instrução bíblica fiel, bem como ardente espiritualidade; uma resulta da outra, assim como o fruto procede da raiz. A necessidade de nossa época é a doutrina bíblica, entendida e experimentada de tal modo, que produz devoção verdadeira no íntimo dos convertidos." Charles C. Spurgeon.

Alimentando as ovelhas ou divertindo os bodes.

Disponível em: <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/alimentando-as-ovelhas-ou-divertindo-os-bodes>>.

“Jesus se propôs que nenhuma atração de natureza terrena levasse homens ao Seu lado. Unicamente a beleza da verdade celeste devia atrair os que O seguissem.” Ellen G. White. **O Desejado de Todas as Nações**, p. 23.

Compreendemos que existem pessoas sinceras que, após a conversão, têm dificuldades em remover de suas práticas musicais aquela identidade construída por anos ou décadas de atuação na música do mundo. Mas é importante lembrar que é o Senhor que nos transforma. Por isso Ele deve ser buscado incessantemente, em oração e estudo da Bíblia, suplicando essa transformação com perseverança, até que possa produzir um louvor a Deus sem resquícios de sua antiga vida longe do Senhor.

“Há muito show, muita música, muito louvor, mas pouco ensino bíblico. Nunca os evangélicos cantaram tanto e nunca foram tão analfabetos de Bíblia. Nunca houve tantos animadores de auditório e tão poucos pregadores da Palavra de Deus. Quando o Espírito de Deus está agindo de fato, Ele desperta o povo de Deus para a Palavra.” Augustus Nicodemus Lopes. Avivamento? Infelizmente, ainda não. **The Cristian Post**. 22 jan. 2014. Disponível em: <<http://portugues.christianpost.com/news/rev-augustus-nicodemus-avivamento-infelizmente-ainda-nao-18645>>.

Quando o Espírito Santo age na mente do adorador, Ele o encaminha à Palavra de Deus. Significa que, para um verdadeiro adorador, o momento mais importante e mais esperado do culto de adoração será o da pregação, quando a Palavra de Deus é estudada e examinada com o interesse de aprender Sua vontade. E hoje, como nunca antes, estamos sob a carga pesada de música secular que desvia as mentes da Palavra de Deus, além de influenciar o comportamento dos indivíduos na sociedade e na igreja.

“[O rock and roll] é mais do que um gênero de música. Esta é a única coisa que a música rock tem representado ao longo

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

dos anos: rebelião contra a autoridade; rebelião contra as normas sociais tradicionais; rebelião contra a ‘repressão’ dos valores judaico-cristãos. Fundamentalmente, rebelião e rejeição de Deus e da Bíblia.” David Wheaton, escritor, colunista, radialista e ex-tenista profissional. **University of Destruction**: your game plan for spiritual victory on campus. Bethany House, 2005, p. 88.

Desde que o rock “explodiu” no mundo, é nítido o crescimento da postura de rebelião contra a autoridade. Se este foi o resultado na sociedade, não seria natural que o mesmo se desse no ambiente da igreja? A autoridade da igreja quase não mais é respeitada, as normas estabelecidas não são mais consideradas, a disciplina eclesiástica quase inexistente e muitas das orientações do Manual da Igreja são completamente ignoradas. O fato é que a igreja vem perdendo sua autoridade.

“O que acontece é que a juventude, segundo estudos, tem se voltado para certo tipo de religiosidade que não permite mais as restrições e os velhos costumes tradicionais.” Patrícia Villar Branco. **O metal cristão**: música, religiosidade e performance. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011, p. 26.

A música rock trouxe consigo esse espírito de rebelião contra a autoridade, tanto em nossa sociedade quanto em nossas igrejas. E a situação se agrava quando há líderes que, em vez de manterem-se firmes diante do dever, passam a ter medo dos membros, principalmente dos jovens, a quem é permitido fazer o que desejam sem advertências, sem orientações, sem ensinamentos bíblicos e do Espírito de Profecia.

Observa-se hoje que os músicos alcançaram um status de autoridade que os tem colocado acima dos próprios pastores e até mesmo das normas institucionais da igreja. Quando um músico conhecido e influente faz uma declaração pública ou produz ou canta/toca uma música com

características contrárias às diretrizes do Manual da IASD, ao invés de ser advertido ele é aplaudido. Tanto essa inversão de valores quanto a atitude de rebeldia contra as normas estabelecidas têm sido alguns dos resultados da absorção da “cultura Rock” nas igrejas adventistas do sétimo dia.

“A Música Cristã Contemporânea está roubando nossas igrejas e nossos jovens e colocando-os contra suas autoridades – pais, pastores e professores cristãos.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, pp. 125-126.

“O uso de apresentações teatrais e musicais em espaços públicos, as abordagens pessoais, os usos da guitarra e bateria (entre outros que remetem aos gêneros aos quais esses ‘buscados’ se interessavam, como o rock e a balada romântica) produziram um modo de cultivar, cantar e pregar que influenciou a juventude protestante brasileira nos movimentos para-eclesiais que já existiam e ainda viriam. Como se percebe, desponta um cenário da música gospel que começou nos anos 50, abandonando uma prática musical tradicional herdada de missionários protestantes, para, com o tempo, ir tomando liberdade de alcance a determinados públicos, como é o caso da adequação ao público jovem; que, na verdade, foi uma adequação que se alastrou para além da música, pois ocorreu também um ajuste comportamental de acordo com essa nova demanda.” Patrícia Villar Branco. **O metal cristão: música, religiosidade e performance**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011, p. 20.

Alguns até podem argumentar: “*temos que acompanhar a modernidade, não podemos ser arcaicos, a igreja precisa ser relevante*”. É possível adotar tecnologias atualizadas em abordagens que despertem a atenção

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

das pessoas para o evangelho. Porém, existem princípios a serem observados nesta obra, e nenhum deles tem como fundamento o gosto pessoal ou a vontade da maioria. E uma igreja se torna relevante quando está cumprindo sua missão. E sua missão inclui contribuir para a transformação da pessoa em uma nova criatura semelhante a Jesus Cristo.

“É essa solução [a volta de Jesus] que torna a mensagem adventista verdadeiramente relevante para um mundo em agonia. ... A única resposta suficiente e permanente para as dificuldades que envolvem um mundo perdido, conforme Cristo ensinou tanto nos evangelhos quanto no livro do Apocalipse, seria o Seu retorno nas nuvens do céu. Na Sua volta há verdadeira esperança. O resto não passa de simples curativo.” George R. Knight. **A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo**, pp. 102, 105.

O que torna a Igreja Adventista do Sétimo Dia relevante para a sociedade não é necessariamente o promover obras sociais ou atrair pessoas a eventos, algo que outras denominações religiosas também podem fazer. A relevância da IASD está na pregação das três mensagens angélicas de Apocalipse. Com a voz e com o estilo de vida, a missão da IASD é convidar pessoas ao arrependimento e a aceitar a transformação do caráter realizada pelo Espírito Santo. Agindo desta forma, a igreja apressa o retorno de Jesus Cristo, o que trará a solução definitiva para todos os problemas deste mundo. E nesta missão devemos usar os métodos que Deus escolheu.

“Os mensageiros de Deus não devem seguir, em seus esforços para atrair o povo, os métodos do mundo.” Ellen G. White. **Obreiros Evangélicos**, p. 357.

“Não permitais que vossos esforços sejam no sentido de seguir os métodos do mundo, mas as maneiras de Deus.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 148.

Os métodos adequados não são aqueles dos quais gostamos, ou aqueles que agradam aos jovens, ou aqueles que atraem mais pessoas, mas aqueles métodos que agradam a Deus. Propõe-se um questionamento à liderança da IASD: as comissões das igrejas já se reuniram para estudar detidamente a Bíblia e refletir nos métodos de trabalho de Cristo? Os diretores de departamentos das igrejas têm estudado os livros “Evangelismo”, “Testemunhos para Ministros”, “Serviço Cristão”, “Conselhos sobre a Escola Sabatina”, “Mensagens aos Jovens”, “Conselhos sobre Mordomia”, “Testemunhos para a Igreja”, entre outros livros inspirados por Deus que equivalem a manuais de instruções de procedimentos?

Caso esses livros estejam sendo objeto de diligente estudo, louvado seja o Senhor! Caso contrário, onde têm sido buscados os métodos a serem usados nas atividades da igreja? Onde são buscadas as instruções para agir dessa ou daquela maneira? Parece que a “inspiração” para os métodos usados em muitas igrejas está nos conceitos empresariais. Parece que as estatísticas, as pesquisas de mercado e as estratégias de marketing são as fontes de consulta, e não a Palavra de Deus.

É muito preocupante constatar que em algumas instituições adventistas do sétimo dia predominam métodos com base naquilo que agrada ao “cliente”, e este tem que ser atraído a qualquer custo para fazer parte da membresia. Assim, os princípios de fidelidade e de obediência ao Criador são sacrificados. Assim, os líderes dessas instituições tornam-se apenas prestadores de serviços aos “clientes”, perdendo sua autoridade.

Imaginemos um obreiro que dirigiu uma série de conferências de quarenta noites e, ao final, ninguém se converteu. Diríamos que este é um obreiro fracassado? Imaginemos outro obreiro que dirigiu outra série de conferências diárias durante doze meses e ninguém se converteu. Outro exemplo de obreiro fracassado? Muitos diriam que sim. E se soubéssemos de um obreiro que dirigiu uma série de conferências que durou cento e vinte anos e não trouxe ninguém para a igreja? Diríamos que este sim foi um completo fracasso. Este obreiro foi Noé. Mas ele não fracassou em seu ministério. Sabemos, de acordo com o Espírito de Profecia, que pessoas creram na pregação de Noé, mas morreram antes do dilúvio. Porém, ao final de suas conferências, Noé e sua família (total de oito pessoas) entraram

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

na arca e todos os demais ficaram do lado de fora. Noé permaneceu com sua pequena família em sua “igreja” e todos os demais rejeitaram a pregação. Será que Noé não cumpriu sua missão? Afinal, qual era a missão: pregar a mensagem às pessoas ou encher a arca (igreja) de pessoas?

O sucesso do ministério não está na quantidade de pessoas que aceitam e se convertem, mas no fato de estarmos fazendo aquilo que Deus ordenou, pregando aquilo que Deus ordenou e da maneira que Ele ordenou, ainda que ninguém aceite a mensagem.

“A comissão divina não precisa de reforma. O modo de Cristo apresentar a verdade não pode ser aperfeiçoado. O obreiro que tenta introduzir métodos que atraíam os de espírito mundano, supondo que isto removerá as objeções que eles têm quanto a tomar a cruz, diminui sua influência. Conservai a singeleza da piedade.” Ellen G. White.

Evangelismo, p. 525.

Qual é a missão do discipulado cristão? Pregar ou converter? Evangelizar ou batizar? Permita-me repetir as palavras do apóstolo Paulo:

“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar.” 1 Coríntios 1:17, ACF.

“Paulo esperava que apenas Cristo fosse exaltado, e que homens e mulheres fossem ganhos para Ele. Por isso, ele deixou claro que batizar não era seu trabalho principal, mas sim persuadir pessoas a se renderem ao Salvador. Não era sua intenção insinuar que não batizaria ninguém, mas que soubessem que ele não se gloriava com um grande número de batismos.”

Comentário Bíblico Adventista vol. 6, p. 732.

Este discipulado diz respeito a testemunhar de Jesus Cristo na maneira diária de viver, refletindo o Seu caráter; diz respeito a pregar o evangelho em palavras e ações, andar humildemente com Deus, trabalhar com os

métodos que Ele ordenou e deixar os resultados em Suas mãos. E o batismo será uma feliz consequência de todos estes procedimentos.

“Uma mera profissão de discipulado não tem nenhum valor. ... Uma crença que não leva à obediência, é presunção. ... A obediência é a prova do discipulado.” Ellen G. White. **O Maior Discurso de Cristo**, p. 146.

Esperemos com paciência o amadurecimento do fruto e de forma diligente entreguemos ao Espírito Santo a obra de germinação das sementes lançadas pelos fiéis semeadores (discípulos), a fim de que frutos sejam produzidos.

“Os verdadeiros ministros conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a simplicidade nos cultos. Em vez de dar valor ao canto popular, voltam sua atenção para o estudo da Palavra.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 502.

Por décadas os adventistas do sétimo dia foram conhecidos como “povo da Bíblia”. É preciso resgatar a identidade da IASD. É vital recuperar aquilo que sempre a diferenciou: o conhecimento profundo da Palavra de Deus.

Repetindo o Manual da IASD:

“Se deixarmos de ser o povo do Livro, estaremos perdidos e nossa missão terá falhado.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 147.

“Nossa meta não deveria ser converter o mundo com nossa música; mas, por meio do Espírito Santo, converter o mundo pela Palavra.” Christian Berdahl. **O Dilema da Distração**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUwPlDis8Pk>>.

“As realizações musicais não são a força da igreja.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 512.

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

Aqueles que conhecem o trabalho do Espírito Santo e Seu infinito poder de convencer “o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (João 16:8, ACF), trabalharão com fidelidade e simplicidade.

“O Espírito Santo está bem habilitado a quebrar os corações duros dos jovens [e de todos], e trazê-los para um conhecimento salvador de Cristo, sem empregar técnicas musicais agressivas e ímpias.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis - USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, p. 14.

Muitos dizem que os melhores métodos são aqueles que diminuem ou anulam nossa distinção em relação ao mundo; alegam que, assim, podemos nos aproximar sem gerar preconceitos, atraindo pessoas a Cristo. Porém, qual é o melhor método para atrairmos pessoas a Cristo?

“Se quiserem exercer verdadeira e salvadora influência, vivam segundo sua profissão de fé, mostrem essa fé pelas obras de justiça, e tornem grande a distinção entre os cristãos e o mundo. ... Se alguém deseja que sua influência fale em favor da verdade, viva segundo esta, imitando assim o humilde Exemplo.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 128.

A sabedoria de Deus muitas vezes parece loucura para nós. Enquanto muitos desejam diminuir nossa distinção em relação ao mundo, Deus nos orienta a que façamos exatamente o contrário, ou seja, que tornemos grande, clara, nítida, evidente essa distinção. E é este “ser diferente”, de acordo com os padrões de Deus, que atrai as pessoas.

Alguém poderia questionar: “*mas eu me converti ouvindo um rock gospel*”. Em primeiro lugar, conversão é uma palavra muito séria e apenas Deus conhece os corações. Sabemos que se converter não é apenas batizar e frequentar uma igreja, como muitos pensam. O importante para nós é lembrarmos que Deus pode todas as coisas e usa diversas maneiras para alcançar o perdido. Nós, Suas criaturas, precisamos agir da maneira como nosso Criador determinou.

Também é importante ressaltar que Deus pode alcançar alguém “por meio de” e “apesar de”. Deus pode transformar uma situação desfavorável e revertê-la para Sua glória e a salvação do perdido, transformando maldição em bênção. Deus pode alcançar o perdido com a mensagem de exortação e salvação até mesmo usando uma jumenta (Números capítulo 22).

Lembremos a história de Moisés, relatada em Números 20:1-12. Houve um momento em que o povo teve sua sede saciada com água. Naquele momento alguém poderia ter questionado: *“O que Moisés fez não foi correto. Ele não deveria ter ferido a rocha, este não é um método aceitável a Deus para suprir as necessidades do povo”*. Outro teria retrucado: *“Você não sabe o que diz, não seja extremista! Como você pode dizer que não é um método aceitável ao Senhor se todos nós fomos abençoados com água?”*

Foi a vontade de Deus que Moisés ferisse a rocha? Este foi um método aceitável ao Senhor? Qual foi a ordem dada por Deus a Moisés?

“Toma a vara, e ajunta a congregação, tu e Arão, teu irmão, e falai à rocha.” Números 20:8, ACF.

Mas o que Moisés fez?

“Então Moisés levantou a sua mão, e feriu a rocha duas vezes com a sua vara, e saiu muita água; e bebeu a congregação e os seus animais.” Números 20:11, ACF.

O fato de o povo ter sido saciado com água significa necessariamente que o método usado foi aceitável ao Senhor e conforme a Sua vontade?

“Aqui Moisés pecou. ... Por ordem do Senhor, tomou a vara e, em vez de falar à rocha, como Deus ordenara, feriu-a duas vezes com a vara. ... Por esta falha da parte de Moisés, Deus não permitiria que ele guiasse o povo à Terra Prometida. ... O Senhor exaltara muito a Moisés. Havia-lhe revelado Sua grande glória. Tomara-o em sagrada proximidade consigo sobre o monte, e condescendera

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

em conversar com ele como um homem fala com um amigo. Comunicara a Moisés e, através dele, ao povo, Sua vontade, Seus estatutos e Suas leis. O ter sido assim exaltado e honrado por Deus tornou seu erro de maior magnitude. Moisés arrependeu-se de seu pecado e humilhou-se grandemente diante de Deus. Relatou a todo o Israel sua tristeza pelo pecado. Não ocultou o resultado de seu pecado, mas contou-lhes que por assim ter deixado de atribuir glória a Deus, não podia levá-los à Terra Prometida.” Ellen G. White. **História da Redenção**, pp. 166-168.

Precisamos entender que os fins não justificam os meios. Se alguém foi alcançado pela mensagem do evangelho ouvindo rock gospel, isto não altera o fato de que é um método não indicado por Deus e, portanto, inaceitável; assim como não importava quantas pessoas tinham sido beneficiadas com água, o ferir a rocha foi uma atitude de direta desobediência às ordens do Senhor.

Podemos recordar também a história de Balaão. O povo de Israel foi abençoado por suas palavras, mas ele estava a serviço dos inimigos do povo de Deus e, portanto, agindo contra Sua vontade. Mesmo assim o povo foi abençoado.

Deus faz e usa aquilo que quer. Ele é o Criador. Porém, nós devemos trabalhar seguindo as Suas orientações e não nossos gostos e sentimentos. E o fato de Deus usar algo inusitado para nós, não significa que o esteja tornando um padrão de procedimento; Ele está tornando em bem, um mal. Ele está revertendo a situação, a fim de resgatar a pessoa perdida.

“Quebrar as ordens de Deus para tentar fazer algo bom não ajuda Deus.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 140.

“Os homens hão de reconhecer o evangelho, quando este lhes for apresentado em harmonia com os desígnios de Deus.” Ellen G. White. **Obreiros Evangélicos**, p. 383.

“Nada justifica baixar a qualidade da música. Quanto aos que são do mundo, que sejam atraídos pela pregação pura e simples do Evangelho, acompanhada de um louvor reverente e aceitável ao nosso Deus.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis-USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, p. 4.

“Jamais comprometer elevados princípios de dignidade e superioridade em esforços rasteiros para alcançar as pessoas descendo até onde elas estão.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1201. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

A Palavra de Deus é clara quando nos adverte:

“Abstende-vos de toda a aparência do mal.” 1 Tessalonicenses 5:22, ACF.

No contexto musical significa que devemos evitar qualquer estilo que esteja associado ao mal; estilos estes dos quais o rock é o maior destaque.

“O rock se trata de um ritmo que surgiu como ato de rebeldia, carregado de fortes conotações sexuais e cheio de simbolismos diabólicos e de contestação. Colocando a ênfase no ritmo para criar uma ‘batida’ própria e fazendo uso dos decibéis excessivos das caixas acústicas, além das luzes de cores mirabolantes, os roqueiros nada mais fazem do que exercer um domínio maléfico sobre a juventude, cuja mente vai sendo minada de modo sutil até submeter-se, por completo, ao controle de Satanás. Essas constatações claras nos levam a fazer alguns questionamentos sobre nossa responsabilidade como cristãos neste mundo. É correto os nossos

DESMASCARANDO A MÚSICA GOSPEL

jovens usarem esses mesmos elementos para a composição e apresentação de seus hinos de louvor a Deus? Estaríamos, por exemplo, agradando ao Senhor com um festival de música evangélica, onde os cantores se apresentassem com roupas apertadas e cintilantes, camisas desabotoadas, chuvas de luzes lampejantes sobre o auditório e som no mais alto volume? ... Quem tem bom senso chega logo à seguinte conclusão: este não é o meio adequado para que a mensagem evangélica, em toda a sua pureza, possa alcançar corações empedernidos. Em shows como este pode ocorrer tudo, desde a glorificação do homem à excitação da carne, menos sentir-se a verdadeira presença de Jesus Cristo.” Geremias Couto. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 161.

9

MARTINHO LUTERO E A MÚSICA

Alguns poderiam citar Martinho Lutero, dizendo: *“Ele tomou música secular de sua época e a usou com letra religiosa para alcançar o povo com o evangelho. Usou, inclusive, músicas de cabaré. Por que, então, não podemos fazer o mesmo com o rock hoje?”*

Em primeiro lugar, Lutero pode ser considerado referência em todos os assuntos? Certamente que não. Em segundo lugar, será que Lutero não fazia distinção entre música imprópria e música apropriada? Ele mesmo responde:

“E você, meu jovem amigo, deixe que esta nobre, saudável e alegre criação de Deus [a música] seja entregue a você. Por ela você poderá escapar dos desejos indecentes e das más companhias. Com esta criação, você poderá, ao mesmo tempo, se habituar a agradecer e a louvar ao Criador. Tome cuidados especiais para rejeitar mentes pervertidas que prostituem esta linda dádiva da natureza e da arte com suas práticas eróticas; e tenha certeza de que ninguém, a não ser o diabo, os provoca a desafiar sua própria natureza, que iria, e deveria louvar a Deus, seu Criador, com este dom, a fim de que ...

MARTINHO LUTERO E A MÚSICA

furtem o dom de Deus e o usem para adorar ao adversário de Deus, ao inimigo da natureza e desta linda arte.” Fredrich Blume. **Protestant Church Music**, p. 10.

Será, então, que Lutero usou música secular?

“Das melodias para os trinta e sete corais de Lutero, quinze foram compostas por ele mesmo, treze vieram de hinos latinos ou música de cultos em latim, quatro derivaram de canções folclóricas religiosas alemãs, duas foram originariamente canções religiosas de peregrinos, duas são de origem desconhecida e uma veio diretamente de uma canção folclórica secular.” Dados compilados de várias fontes, citados por Robert Harrel. **Martin Luther, His Music, His Message**, p. 18.

Percebemos que Lutero utilizou apenas uma melodia reconhecida-mente advinda da música secular. Mas mesmo em relação a esta, há um dado importante:

“Lutero tomou a melodia inteira de somente uma canção popular e utilizou-a em seu hino. Este hino apareceu pela primeira vez em 1535; porém, quatro anos mais tarde, a melodia da canção popular foi trocada por uma melodia original, composta por Lutero. ... A melodia secular não reaparece até após a morte de Lutero. O uso desta canção em lugares mundanos mancharia o texto sagrado e traria associações mundanas inapropriadas à adoração; por isso, Lutero a substituiu.” John Makujina. **Measuring the Music**, pp. 192-193.

A única música secular utilizada foi posteriormente substituída pelo próprio Lutero, justamente por sua associação a ambientes contrários ao contexto religioso.

Outra importante questão deve ser considerada. Estudando a música secular da época de Lutero, veremos que era totalmente controlada

pela Igreja, pois a arte naquele tempo estava sob domínio eclesiástico do catolicismo romano, ocorrendo semelhanças estruturais entre as músicas secular e sacra.

Gustave Reese, musicólogo, historiador, conhecido pelo seu trabalho sobre música medieval e renascentista, tendo lecionado inclusive nas Universidades de Harvard e Oxford, afirmou que, naquela época, a música da igreja influenciava a música secular. Segundo este especialista, era natural para o compositor secular usar a música da igreja como modelo (**Music in the Middle Ages**, p. 218).

“O protestantismo preservou a classificação medieval do mundo, com a arte secular sujeita a uma disciplina intelectual caracterizada por piedade e religiosidade. Sob estas condições, a diferença entre música sacra e secular, no início, não parecia ser um problema.” Gustave Reese. **Music in the Middle Ages**, p. 29.

Em resumo, na época de Lutero a música secular era influenciada pela música sacra, usando-a como referência. Observemos nossa realidade de agora em que, em muitos casos, existe uma inversão daquilo que aconteceu no período de Lutero, ou seja, a música religiosa tem sido influenciada e tem procurado usar a música secular como referência.

Sobre a suposta utilização de música de cabaré por parte de Lutero, Ulrich Leupold, uma autoridade no estudo de sua vida e obras, afirma:

“Músicas de bebedeira também estavam disponíveis ... Lutero as evitou. Ele nunca considerou a música como ferramenta que poderia ser usada a despeito de sua associação original.” Learning from Luther? Some observations on Luther's Hymns, *Journal of Church Music*, jul./ago. 1966, p. 5. Citado por Makujina. **Measuring the Music**, p. 231.

Não há nada que justifique o uso da música popular hoje para a adoração a Deus ou para alcançar os não cristãos. Como vimos anteriormente,

MARTINHO LUTERO E A MÚSICA

se quisermos exercer verdadeira e salvadora influência, devemos tornar grande a diferença entre o cristão e o mundo, e isto inclui o tipo de música.

“Os homens parecem nos dizer: ‘Não há qualquer utilidade em seguirmos o velho método, arrebatando um aqui e outro ali da grande multidão. Queremos um método mais eficaz. Esperar até que as pessoas sejam nascidas de novo e se tornem seguidores de Cristo é um processo demorado. Vamos abolir a separação que existe entre os regenerados e os não-regenerados. Venham à igreja, todos vocês, convertidos ou não-convertidos. Vocês têm bons desejos e boas resoluções: isto é suficiente; não se preocupem com mais nada. É verdade que vocês não creem no evangelho, mas nós também não cremos nele. Se vocês creem em alguma coisa, venham. Se vocês não creem em nada, não se preocupem; a ‘dúvida sincera’ de vocês é muito melhor do que a fé. Talvez o leitor diga: ‘Mas ninguém fala desta maneira.’ É provável que eles não usem esta linguagem, porém este é o verdadeiro significado do cristianismo de nossos dias. Esta é a tendência de nossa época. Posso justificar a afirmação abrangente que acabei de fazer, utilizando a atitude de certos pastores que estão traindo astuciosamente nosso sagrado evangelho sob o pretexto de adaptá-lo a esta época progressista. O novo método consiste em incorporar o mundo à igreja e, deste modo, incluir grandes áreas em seus limites. Por meio de apresentações dramatizadas, os pastores fazem com que as casas de oração se assemelhem a teatros; transformam o culto em shows musicais e os sermões em arengas políticas ou ensaios filosóficos. Na verdade, eles transformam o templo em teatro e os servos de Deus em atores cujo objetivo é entreter os homens. Não é verdade que o Dia do Senhor está se tornando, cada vez mais, um dia de recreação e de ociosidade; e a casa do Senhor, um templo pagão cheio de ídolos ou um clube social onde existe mais entusiasmo por divertimento do que

o zelo de Deus? Ai de mim! Os limites estão destruídos, e as paredes arrasadas.” Charles H. Spurgeon. **Um templo ou um teatro**. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/20293/um-templo-ou-um-teatro>>.

Há os que justificam o seu entusiasmo radical pelo uso da música popular dizendo que nossos cultos estão “mortos” e precisam ser animados, reavivados. Mas tais pessoas são carentes de conhecimento básico do que significa verdadeiramente reavivamento e onde se deve buscá-lo.

“A razão pela qual os nossos cultos públicos estão mortos é que nossa vida devocional particular está morta.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 153.

“O Senhor revelou-me que, se o coração está limpo e santificado, e os membros da igreja são participantes da natureza divina, sairá da igreja que crê a verdade um poder que produzirá melodia no coração. Os homens e as mulheres não confiarão então em sua música instrumental, mas no poder e graça de Deus que proporcionará plenitude de alegria.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 512.

“Uma das razões para não haver mais fervor religioso e sincera piedade é porque a mente está ocupada com coisas sem importância e não há tempo para meditar, pesquisar a Bíblia ou orar.” Ellen G. White. **O Outro Poder**, p. 83.

“Vivifica-me segundo a Tua palavra.” Salmos 119:25, ACF.

“Quando os professores cristãos alcançarem a alta norma que é seu privilégio alcançar, a simplicidade de Cristo será mantida em todo o seu culto.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 512.

MARTINHO LUTERO E A MÚSICA

O poder e a graça de Deus, obtidos por meio da comunhão pessoal e diária com Ele é que deve ser nossa fonte de alegria plena, e não nossa música. Os métodos mundanos atraem aqueles que querem mundanismo; os métodos de Deus atraem aqueles que querem transformação pessoal para alcançar semelhança com Jesus Cristo neste tempo e ainda neste mundo.

10

ELEMENTOS ESTRANHOS

Apresentamos alguns elementos que consideramos estranhos à adoração ao Criador, e que precisam ser evitados em nossas atividades musicais e de culto:

DESORDEM E IRREVERÊNCIA

“Mas faça-se tudo com decência e com ordem.” 1 Coríntios 14:40, ACF.

Uma vez que tudo deva ser feito com decência e ordem, entendemos que o serviço musical está incluído. A música não deve ser utilizada para “tapar buracos” nas programações, muito menos para entretenimento. O ministério da música tem que ser realizado com planejamento e de maneira racional, a fim de fortalecer o ministério da Palavra.

“Foi-me mostrada a ordem, a perfeita ordem do Céu, e senti-me arrebatada ao escutar a música perfeita que ali há.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 45.

Segundo Ellen White, no Céu tudo é conduzido com perfeita ordem, sem atropelos. Diante disso, é importante que o líder da área de música esteja atento e, se necessário, reúna sua equipe e faça as devidas exortações, motivando-os à seriedade no serviço musical da igreja.

Muitos se queixam de que a igreja não valoriza os músicos; mas há músicos que não valorizam a igreja. Estes estão presentes apenas em circunstâncias que lhes são convenientes, aos sábados de manhã ou quando há programações especiais; ou permanecem no interior do templo durante o desempenho de suas funções específicas, retirando-se em seguida e dando-se a conversar nos arredores da igreja, demonstrando completa indiferença em relação ao restante do culto. E a situação agrava-se quando os músicos não se dispõem ao diálogo com ponderações de respeito às normas institucionais.

“Às vezes é mais difícil disciplinar os cantores e mantê-los em forma ordeira, do que desenvolver hábitos de oração e exortação. Muitos querem fazer as coisas à sua maneira. Não concordam com deliberações, e são impacientes sob a liderança de alguém.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 505.

Todo cristão reconhece a luta que é travada para permanecer ligado a Deus por meio do estudo da Bíblia e da oração. Desenvolver hábitos de oração é algo que requer muito esforço, uma vez que nossa natureza é pecaminosa. Nosso esforço não é com o objetivo de sermos salvos, mas pela necessidade de permanecermos ligados Àquele que nos salva. Porém, segundo o Espírito de Profecia, mais difícil do que ter uma vida de oração incessante é manter certos cantores e músicos em atitude ordeira e disciplinada.

Além do mais, é notória a indisposição de muitos músicos quando são convidados ao diálogo, à deliberação, principalmente quando algo que apreciam é questionado. Infelizmente criou-se uma cultura de idolatria tão acintosa em relação aos músicos que eles não aceitam ser orientados e liderados por quem quer que seja. Há carência de discernimento e humildade.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 2**, p. 195.

Se todo serviço no templo precisa ser efetuado de forma solene e reverente, de acordo com o Espírito de Profecia, então uma música ruidosa que evoca manifestações corporais está fora de lugar no serviço de culto. Se uma música produz excitação, não deve ser usada no serviço que deve ser solene. É importante lembrarmos que alegria não é excitação.

“Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor.”
Salmos 2:11, ACF.

“Esta frase e as palavras ‘com tremor’ sugerem humilde reverência.” **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia vol.3**, p. 714.

Em resumo, o salmista convida todos a se alegrarem com reverência.

“Os que fazem do canto uma parte do culto divino, devem escolher hinos com música apropriada para a ocasião, não notas de funeral, porém melodias alegres e, todavia, solenes.”
Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 508.

Cantemos e louvemos nosso Criador com alegria e fervor, mantendo as devidas reverência e solenidade. Se um louvor está “morto”, é possível dar maior ânimo simplesmente aumentando adequadamente o andamento do hino, tendo o cuidado de não atingir a excitação.

“A adoração nos dois templos, terrestre e celestial, nos ensina que Deus deve ser adorado com grande reverência e respeito. Música na igreja não pode tratar Deus com frivolidade e irreverência. Deveria ajudar a aquietar nossas almas e a responder a Ele em reverência.” Samuele Bacchiocchi. **Música, Teologia da Adoração e do Louvor a Deus**, p. 22.

“Se uma música é reverente e inspira reverência, ela é ótima. ... Se ela faz você balançar os quadris, então seu lóbulo frontal está sendo prejudicado.” Dr. Neil Nedley. Médico e escritor, especializado em saúde mental, presidente do Instituto Weimar de Educação Superior. **Como potencializar sua inteligência.** Palestra disponível em: <http://terceiroanjo.com/video_br/como-potencializar-sua-inteligencia-ii>.

“Entre os anjos não há exibições musicais tais como: movimentação física, voz áspera e estridente, uso de todo o poder e volume de voz que é possível.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 333.

“Notas ásperas e gesticulações exageradas não são exibidas entre os componentes do coro angelical.” Ellen G. White. **Música, Sua Influência da Vida do Cristão**, p. 67.

É natural que em alguns momentos aconteçam gestos compatíveis com a mensagem, mas estes devem ser feitos de maneira discreta. Evitem-se os gestos extravagantes, porque eles direcionam a atenção para os músicos. Quanto mais simples for o serviço musical, mais as pessoas ficarão preparadas para assimilar os ensinamentos apresentados.

“A movimentação física no cantar é de pouco proveito. Tudo que de algum modo está ligado com o culto religioso deve ser elevado, solene e impressivo. ... Essa movimentação física e a voz áspera e estridente não trazem nenhuma melodia para aqueles que a ouvem na Terra e também no Céu. Essa maneira de cantar é defeituosa, e não é aceitável a Deus.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 333.

Se a movimentação física é de pouco proveito, qual seria a utilidade de danças e coreografias nos cultos?

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“As exhibições e contorções, e a desagradável aparência do esforço exagerado, têm estado tão fora de lugar na casa de Deus e sido tão cômicas que as impressões sérias causadas sobre as mentes são apagadas.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 334.

“Não deve ter lugar nas apresentações qualquer coisa que chame indevidamente a atenção para o cantor ou executante, como movimento excessivo e afetado do corpo.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1203. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

“[O músico] evita tudo o que possa tirar a atenção da mensagem da música, como gesticulação excessiva e extravagante.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

No culto de louvor e adoração ao Criador, toda a atenção deve estar concentrada na mensagem, nunca no mensageiro. Por isso a importância de manter-se uma postura reverente e dominada.

EMOCIONALISMO

As emoções são parte do ser humano e estão presentes numa experiência cristã genuína. O fato de Deus requerer de nós um culto racional não exclui as emoções. É impossível meditar na grandiosidade do nosso Criador e em Seu amor incomparável por pecadores como nós, a ponto de entregar Sua vida para morrer numa cruz em nosso favor, e não nos sentirmos emocionados.

“Precisamos congregar-nos em torno da cruz. Cristo, e Ele crucificado, eis o que deve constituir o tema de nossas meditações, de nossas conversas, e de nossas mais gratas emoções.” Ellen G. White. **Caminho a Cristo**, p. 104.

Não há como pensar na beleza do evangelho, na promessa de perdão de nossas transgressões à lei divina quando nos arrependemos, no poder regenerador do Espírito Santo, no breve retorno de Jesus e na recompensa que aguarda os fiéis, sem se emocionar profundamente, ou até mesmo derramar lágrimas de gratidão e louvor.

A música não deve ser enfadonha. Ela deve sensibilizar e ter o poder de abrir a mente e o coração para as verdades espirituais.

“Há muita emoção e música na voz humana. ... A música deve possuir beleza, poder e ternura para comover.” Ellen G. White. **Evangelismo**, pp. 504-505.

Evidentemente há emoção na música. Porém, a emoção não deve ser a ênfase do serviço de culto, mas um resultado da reflexão, da compreensão, do raciocínio.

“Até seus pensamentos devem ser levados em sujeição à vontade de Deus, e seus sentimentos sob o domínio da razão e da religião.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 5**, p. 310.

As emoções devem estar sob o domínio da razão e sujeitas à vontade de Deus. Nosso critério não deve ser se aquilo que praticamos nos faz sentir bem, mas se está em harmonia com a vontade revelada do Senhor.

Hoje muitas pessoas vão à igreja desejosas de assistir a um culto “emocionante”. Elas parecem desinteressadas em oferecer um culto ao Criador, oferecer uma adoração a Ele. Parecem desejar receber alguma coisa, sem a preocupação com o que Deus deseja receber delas.

Não desejam compreender a mensagem, mas sentir alguma coisa; elas não desejam um culto racional, elas querem um culto sensorial.

As pessoas estão muito atentas aos momentos de cantar para levantar as mãos, fechar os olhos, balançar o corpo de um lado para o outro, derramar lágrimas, crendo que tudo isso é adoração, é reavivamento, é ação do Espírito Santo. Porém, no momento em que a Palavra de Deus é aberta, no momento do sermão, as mesmas pessoas se dão a conversar, entram e saem, trocam mensagens de celular ou simplesmente ignoram o que está sendo dito. Hoje é dada grande ênfase ao cantar e pouca atenção à real adoração.

Leonard Sweet, reconhecido líder do movimento da igreja emergente, afirmou:

“Os pós-modernos querem um Deus que eles podem sentir, saborear, tocar, ouvir e cheirar – uma imersão sensorial completa no divino.” Soul Tsunami. Citado por Julie B. Sevig. **Ancient New**. The Lutheran, set. 2001.

Adoração não é um fazer sensorial, é sim um agir racional. Adoração não representa um sentimento, e sim uma atitude de sensatez. Adoração não é entretenimento, é sim submeter-se ao Senhor.

“Os pós-modernos preferem encontrar a Cristo usando todos os seus sentidos. Isso é parte do apelo da adoração litúrgica clássica ou contemplativa: o incenso e velas, fazer o sinal da cruz, o gosto e o cheiro do pão e do vinho, tocar nos ícones e ser ungido com óleo.” Julie B. Sevig. **Ancient New**. The Lutheran, set. 2001.

“Se no protestantismo tradicional o peso era dado ao discurso, ao intelecto, à razão dos sermões, a supervalorização da emoção na experiência religiosa pentecostal ganha força no campo religioso contemporâneo e, ainda que nessa fase não se descartasse o peso da palavra, o que passou a sobressair foi o místico e a experiência corpórea, física, sensível, com

o sagrado. E a música é, sem dúvida, um acesso a esse tipo de experiência.” Patrícia Villar Branco. **O metal cristão:** música, religiosidade e performance. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011, p. 23.

Não há nada de negativo com a emoção nos cultos, desde que ela esteja sujeita à racionalidade. O verdadeiro adorador não é aquele que sente, mas aquele que entende, aquele que está atento à Palavra e desejoso de colocá-la em prática em sua vida, ainda que não tenha nenhuma “sensação emocional”.

“Não são teus sentimentos, tuas emoções, que te tornam filho de Deus, mas sim o fazer a vontade de Deus. ... Satanás leva o povo a pensar que, por terem sentido um êxtase de sentimento, estão convertidos. Sua vida, porém, não experimenta mudança. Seus atos são os mesmos de antes. Sua vida não mostra bons frutos. Eles oram frequente e longamente, e constantemente se referem aos sentimentos que tiveram em tal ou qual ocasião. Mas não vivem a nova vida. Estão enganados. Sua vivência não vai além dos sentimentos. Constroem sobre areia, e ao virem ventos adversos, sua casa é arrebatada.” Ellen G. White. **Mente, Caráter e Personalidade vol. 1**, p. 124, 127.

Uma das grandes comprovações de que nas igrejas há mais interessados em sentir emoções do que prestar culto racional ao Criador é o fato dos templos ficarem repletos nos programas em que músicos famosos participam; e ficarem quase desertos em se tratando da pregação pura e simples da Palavra de Deus.

“Avivamentos populares são muitas vezes levados a efeito por meio de apelos à imaginação, despertando-se as emoções, satisfazendo-se o amor ao que é novo e

surpreendente. Conversos ganhos dessa maneira têm pouco desejo de ouvir a verdade bíblica, pouco interesse no testemunho dos profetas e apóstolos. A menos que o culto assuma algo de caráter sensacional, não lhes oferece atração. Não é atendida a mensagem que apele para a razão desapaixonada. As claras advertências da Palavra de Deus, que diretamente se referem aos seus interesses eternos, não são tomadas a sério.” Ellen G. White. **Reavivamento e seus Resultados**, p. 9.

“O objeto da fé não é mais Cristo, mas nossa autoestima; o alvo da fé não é mais santidade, mas nossa alegria; e a fonte de nossa fé não são mais as Escrituras, mas nossa experiência. A música cristã atual reflete isso. Estamos produzindo uma geração de pessoas que ‘sentem’ seu Deus, mas não O conhecem.” Steven John Camp. **A Call for Reformation in the Contemporary Christian Music Industry**. Disponível em: <<http://www.intothyword.org/apps/articles/default.asp?articleid=32884&columnid=3881>>.

“Talvez os crentes contemporâneos coloquem muito mais ênfase sobre o cristão do que sobre Cristo. ... Testemunhos pessoais são úteis, mas nada em nossas vidas pessoais pode, em qualquer tempo, transcender a Palavra escrita de Deus. Muito frequentemente nossa opinião sobre uma música não está baseada na dignidade musical, textual, ou até bíblica – mas em como ela nos faz sentir.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, pp. 49, 67, 147.

Muitos acreditam que o trabalho de um músico consiste em provocar emoções. Mas nossos sentimentos não são um guia seguro, como nos diz a Palavra de Deus:

ELEMENTOS ESTRANHOS

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” Jeremias 17:9, ACF.

Os sentimentos são absolutamente instáveis e podem nos enganar. Facilmente podemos confundir excitação com alegria; emoção com ação do Espírito Santo.

“Muitos julgam ser uma emoção ou um êxtase dos sentimentos um sinal da presença do Espírito Santo.” Ellen G. White.

Mensagens Escolhidas vol. 2, p. 18.

O objetivo do ministério da música não é provocar sensações, não é induzir as pessoas a chorarem ou a tomarem decisões passageiras por meio de canções bem selecionadas ou belas palavras com fundo musical. O trabalho dos ministros da música é transmitir a mensagem bíblica e convidar as pessoas a raciocinarem, a tomarem decisões de maneira sóbria e sólida, fortalecendo a pregação da Palavra de Deus. Cabe aos músicos convidar a congregação a participar ativamente nos cânticos e ensiná-la a adorar ao Senhor da maneira que O agrada.

“Importa não considerar nossa obra criar excitação.” Ellen G. White. **Eventos Finais**, p. 93.

“O Espírito Santo vem sempre por uma maneira que se recomenda ao discernimento das pessoas.” Ellen G. White.

Mensagens Escolhidas vol. 2, p. 43.

“Quando adoramos, temos de ser cuidadosos para não exaltarmos nossos sentimentos acima da verdade. ... Adorar não é olhar para cima e sentir-se bem, mas prostrar-se e sentir-se humilhado.” Dan Lucarini. **Confissões de um Ministro de Louvor**, p. 52.

Precisamos ficar atentos, pois adorar a Deus não é dar vazão aos sentimentos, não é excitação, não é pular, dançar ou aplaudir, não é chorar ou

levantar as mãos. Adoração não é algo sensorial, mas sim racional. Adorar a Deus é, acima de tudo, submissão a Ele. Adoração é obediência. Todas as nossas atividades religiosas ou não, incluindo o serviço musical, devem ser pautadas na Revelação racionalmente compreendida, e não na emoção.

A experiência de Eva nos apresenta o perigo de usarmos como critério os sentimentos em lugar da revelação da vontade do Senhor. Quando ela tomou do fruto proibido, qual foi sua sensação?

“[Eva] então colheu para si do fruto e comeu, e imaginou sentir o excitante poder de uma nova e elevada existência como resultado da exaltadora influência do fruto proibido. Em um estado de excitação estranha e fora do natural, com as mãos cheias do fruto proibido, procurou o marido. Disse-lhe que havia comido do fruto, e em vez de experimentar qualquer sensação de morte, sentia uma agradável e exaltadora influência. ... Vi a tristeza sobrevir ao rosto de Adão. Mostrou-se atônito e alarmado. ... Disse a Eva que estava bem certo tratar-se do inimigo contra quem haviam sido advertidos; e se assim fosse, ela devia morrer. ... Ela assegurou-lhe que não estava sentindo nenhum mau efeito, mas ao contrário, uma influência muito agradável, e insistiu com ele para que comesse. Adão compreendeu muito bem que sua companheira transgredira a única proibição a eles imposta como prova de sua fidelidade e amor. ... Eva arrazoou que a serpente dissera que certamente não morreriam, e que suas palavras tinham de ser verdadeiras, pois não sentia qualquer sinal do desagrado de Deus, mas uma agradável influência, como imaginava que os anjos sentiam.” Ellen G. White. **História da Redenção**, pp. 35-36

Eva usou como parâmetro aquilo que estava sentindo. Porém, independentemente do sentimento que tomou posse dela, Adão sabia que ela tinha desobedecido a uma ordem direta do Criador.

ELEMENTOS ESTRANHOS

Não importa quão emocionados estejamos num serviço de culto, Deus não pode aceitá-lo enquanto continuamos desobedecendo as orientações reveladas, inclusive em relação à música.

“A santificação bíblica não consiste em forte emoção. Eis onde muitos são levados ao erro. Fazem dos sentimentos o seu critério. Quando se sentem elevados ou felizes, julgam-se santificados. Sentimentos de felicidade ou a ausência de alegria não é evidência de que a pessoa esteja ou não santificada.” Ellen G. White. **Santificação**, pp. 10-11.

“Não importa quais sejam os êxtases dos sentimentos religiosos, Jesus não pode habitar no coração que desrespeita a lei divina.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 114.

“Vamos nos empenhar em encontrar uma solução bíblica para o problema, ao invés de tentar dar a nós mesmos o ‘quebra-galho’ do emocionalismo.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 156.

“Não há dúvida de que a música é uma expressão artística, que toca os sentimentos. Ela deve ser, porém, avaliada, escolhida e produzida de maneira racional.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

VÃS REPETIÇÕES

“E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.” Mateus 6:7, ARA.

“Vãs repetições” significa repetições inúteis. São repetições desprovidas de fundamento, repetições sem sentido, sem conteúdo, vazias e, ainda que possuam algum conteúdo, exaustivas. Estas eram as características das orações daqueles contra os quais Jesus advertiu Seus discípulos. Os povos antigos não israelitas acreditavam que quanto mais insistentes as repetições, mais dispostos seus deuses estariam em atendê-los. Os fariseus adotaram essa prática ritualística idolátrica e a aplicaram em sua maneira de orar. Essas práticas ainda existem.

“A repetição de frases feitas, habituais, quando o coração não sente nenhuma necessidade de Deus, é da mesma espécie que as ‘vãs repetições’ dos pagãos.” Ellen G. White. **O Maior Discurso de Cristo**, p. 86.

A música de adoração a Deus não deve conter vãs e/ou exaustivas repetições, mas conduzir o adorador à reflexão, à compreensão, ao pensamento racional sobre o Criador.

“Cientistas do Instituto de Pesquisa em Inteligência Artificial, na Espanha, analisaram 460 mil canções gravadas nos últimos 50 anos e concluíram: sim, a música está ficando mais repetitiva.” A música nunca foi tão repetitiva. **Revista Super Interessante**. Edição 313, dez. 2012.

Hoje observamos congregações inteiras em verdadeiros estados de transe, envolvidas por “mantras” musicais. São repetições de frases curtas por um longo período de tempo. A maior parte dessas repetições é sem qualquer racionalidade, supondo-se que essa é uma maneira de “tocar” a divindade para merecer Seus favores.

“Estou cansado dos corinhos repetitivos ou mantras cristãos dos nossos cultos; são cânticos que servem para entorpecer a mente em vez de engajá-la.” Calvin Miller. **Nas Profundezas de Deus**, p. 138.

Por que essa prática tornou-se comum em muitas das músicas contemporâneas? Por que os estímulos repetitivos podem embotar a mente e prejudicar o culto racional?

“Há diversas técnicas para estimular o transe; a mais comum é a repetição de palavras ou frases em tom monótono. São frases curtas, com pequenas pausas, que reduzem o ritmo cerebral e deixam o organismo num estado profundo de tranquilidade.” Odair José Comin, escritor, psicólogo e hipnoterapeuta. Disponível em: <http://hipnosesaude.com.br/artigo_boaforma.html>.

“Praticamente em todas as técnicas de indução hipnótica, faz-se presente a Lei da Repetição: repetição contínua de sons monótonos e rítmicos.” Dr. Pedro Antônio Grisa. **Hipnose humano-pangrisiana e a reprogramação mental pela compreensão**. Florianópolis : Edipappi/Lipappi, p. 33.

“O transe plenamente desenvolvido assemelha-se a sono muito profundo, ficando o sujeito em estupor e insensível a estímulos. Relatam-se, de épocas anteriores, estados algo semelhantes que geralmente apareciam no homem quando ele se submetia longamente a estímulos repetitivos, por exemplo ritmação de tambores e de canto.” Termo ‘Hipnose’. **Dicionário de Psicologia**, 1981, p. 144.

O Dr. Roberto Goldkorn, escritor, psicoterapeuta e conferencista internacional, explica:

“Quando impomos uma tarefa repetitiva (inútil), estamos mandando um ‘vírus’ para os terminais cognitivos do hemisfério esquerdo cerebral. Ao chegar lá, não havendo programas de reconhecimento do que é ‘ilógico’, ocorre a inibição da atuação. Como se o hemisfério esquerdo dissesse:

‘Ôpa, isso aqui não é comigo não, vou sair fora!’ A hipnose também se utiliza desses recursos de estímulos repetitivos para afastar momentaneamente o nosso ‘guardião’ da moral e dos bons costumes ... Por isso que na umbanda, no candomblé e no sufismo se usa a dança circular para induzir estados de transe (girar em torno de um eixo e em torno de si mesmo contraria a ordem do sentido vestibular que está programado a nos fazer andar ou correr para frente). Velas acesas, orações e cânticos repetidos muitas vezes, cheiro de incenso são outros recursos para acuar nossos sentidos básicos e alterar a dominância hemisférica. ... Portanto, repetir inúmeras vezes algum comportamento (gesto) ou frase pode ser o portão de entrada para um transe.” **O lado oculto da mente:** repetição, transe e loucura. Disponível em: <<https://www.vyaestelar.com.br/post/8620/o-lado-oculto-da-mente-repeticao-transe-e-loucura>>.

“A qualidade e a intensidade das informações que chegam ao cérebro desempenham um papel importante na estabilização ou, ao contrário, na desestabilização de um estado mental: estímulos repetitivos, enfadonhos, de baixo nível energético do ponto de vista informativo, deprimem a atividade do sistema reticular ascendente que, com o *locus coeruleus*, garante, fisiologicamente, a vigília normal.” Mariano Bizzarri. PhD em Medicina, ex-presidente do Conselho Científico da Agência Espacial Italiana. **A mente e o câncer:** um cientista explica como a mente sabe e pode enfrentar com sucesso a doença. Summus Editorial, p. 135.

Em outras palavras, esses estímulos repetitivos com baixo nível de informação deprimem os mecanismos cerebrais responsáveis pela manutenção da vigília, pelo estado desperto e consciente.

“Essas repetições, em geral uma frase ou tema breve e bem definido de três a quatro compassos, tendem a continuar

por horas ou dias, circulando na mente, antes de desaparecer pouco a pouco. Essa repetição interminável e o fato de que a música em questão pode ser banal ou sem graça, não nos agradar ou até mesmo ser abominável, indica um processo coercitivo: a música entrou e subverteu uma parte do cérebro, forçando-o a disparar de maneira repetitiva e autônoma (como pode ocorrer com um tique ou uma convulsão).” Citando Dr. Oliver Sacks, médico e professor de neurologia, em seu livro “Alucinações Musicais”. Neurologista investiga o que faz uma música não sair da cabeça. **Folha de São Paulo**, 02 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/999777-neurologista-investiga-o-que-faz-uma-musica-nao-sair-da-cabeca.shtml>>.

Dr. Cláudio Guimarães dos Santos é neurocientista da Universidade Federal de São Paulo, e trabalha na reabilitação de pacientes com disfunções cognitivas. Em entrevista ao Dr. Dráuzio Varella, quando questionado a respeito do que é possível fazer para estimular a plasticidade neuronal, algo muito importante para o desenvolvimento humano no que diz respeito à aprendizagem, respondeu:

“Sempre que se levanta essa questão, digo que o melhor é utilizar o encéfalo. Parece que ele, como qualquer outra estrutura do corpo, quanto mais usado for, melhor funcionará. Mas, é preciso fazê-lo da melhor maneira possível. Ele não existe para a pessoa tomar socos na cabeça, mas para ela pensar, raciocinar, escrever, desenhar, pintar. A melhor estimulação que se pode oferecer-lhe é fazer com que trabalhe de forma criativa. O que é repetitivo, monótono, sem graça não estimula o funcionamento do encéfalo.” Entrevista. **Plasticidade Neural**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/envelhecimento/plasticidade-neuronal>>.

Uma vez que a repetição de frases curtas durante um tempo prolongado tem o poder de inibir nossa mente, devemos evitar esse tipo de recurso

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

para que possamos nos manter lúcidos e oferecer a Deus um culto verdadeiramente racional.

Estejamos atentos à espécie de música que ouvimos e oferecemos ao Senhor, evitando aquelas com mensagem pobre, poesia confusa, com frases que são constantemente repetidas sem nenhum contraste entre elas.

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” Romanos 12:1, ACF.

ANTROPOCENTRISMO

Segundo o dicionário, antropocentrismo é uma “ideologia, ou doutrina, de acordo com a qual o ser humano é o centro de tudo, sendo ele rodeado por todas as outras coisas; que considera o homem como fato central ou mais significativo do universo.” Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/antropocentrismo>>.

O culto é antropocêntrico quando o ser humano é o centro das atenções; e o objetivo, de forma consciente ou inconsciente, é agradar o seu ego. Vemos muitas igrejas usando como atrativos para seus cultos promessas de cura, emprego, dinheiro, bens materiais em geral, colocando no homem e em suas necessidades materiais o foco do culto. Deus se torna apenas um serviçal.

O verdadeiro culto é teocêntrico, isto é, Deus é o centro das atenções e a única preocupação dos adoradores é agradar o Criador do universo e servi-Lo acima de tudo.

“A maioria das pessoas chega ao culto de adoração como se ele fosse inteiramente para o seu benefício, pensando que Deus não se interessa em receber algo deles.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 199.

Hoje se observa uma grande quantidade de músicas antropocêntricas, valendo como veículo de “auto-ajuda” e colocando as necessidades

humanas acima da vontade expressa de Deus. Muitas vezes, transformando o servo em deus e Deus em servo.

Como exemplo, podemos tomar uma música gospel intitulada “Filho Meu”, cuja letra diz:

“Filho meu, tá fugindo de mim? Já tentei, procurei e outra vez você me rejeitou. Porta na cara doeu! Ontem eu me lembrei de uma antiga oração que você fez no monte. Lembra, filho? Eu chorei, enquanto eu viajava nesse flashback. Eu acho que paguei um preço alto demais. Eu tenho tantas coisas pra viver com você. Promessas e promessas arquivadas te esperando, filho! Faz o seguinte, oh, levanta a mão agora e me aceita como o seu Salvador. Depois me abraça e a gente vence junto essa parada. Então passa sua vida pro meu nome que eu assumo tudo.” Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/thalles-roberto/filho-meu>>.

Este é um exemplo claro de música antropocêntrica. Ao mesmo tempo em que apresenta um pecador que deliberadamente rejeita ao Senhor, trata o Deus Todo-Poderoso de maneira leviana; como se Deus usasse gírias (“*viajava* nesse *flashback*”, “a gente vence junto essa *parada*”); como se Deus fosse dependente do ser humano e carente de atenção; como se Deus se humilhasse de tal forma, a ponto de propor uma barganha, oferecendo “promessas arquivadas” em troca de aceitação.

Podemos observar, também, que na música não há nenhum convite ao arrependimento, à mudança de vida. Ao contrário, é apresentada uma falsa solução para o problema do pecado: levante as mãos, aceite a Jesus (provavelmente num aspecto meramente verbal), dê um abraço e está tudo resolvido. E muitos estão sendo iludidos, embalados por uma falsa segurança, acreditando que a vida cristã é simples assim, e que não exige sacrifícios e renúncias de nossa parte.

“Muitos cultos, em nossos dias, são reuniões para ‘massagear’ egos, tendo como objetivo adular, elogiar e melhorar a

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

autoestima dos crentes. ... Quando um crente é estimulado a só pensar em bênçãos, torna-se cada vez mais egocêntrico e individualista. Ele não frequenta as reuniões da igreja a fim de cultuar a Deus, e sim para satisfazer as suas necessidades.”
Ciro Sanches Zibordi. **Portal Gospel Prime**. Disponível em: <<https://setimodia.wordpress.com/2012/01/12/o-perigoso-culto-ao-eu-do-triunfalismo-e-do-individualismo/>>.

E não é de se estranhar que as igrejas que trabalham dessa maneira estejam superlotadas. Nada é mais atraente ao ser humano do que a possibilidade de estar no centro das atenções e de receber tudo aquilo que deseje.

“A arte da melodia sagrada era diligentemente cultivada [nas escolas dos profetas]. Não se ouviam valsas frívolas ou canções petulantes que elogiassem o ser humano e desviassem de Deus a atenção.” Ellen G. White. **Fundamentos da Educação Cristã**, p. 97.

SENSUALIDADE E ROMANTISMO

Parece estranha a possibilidade de encontrarmos características como estas em música religiosa. O fato é que isso tem se tornado cada vez mais comum. Alguns cantores têm a tendência de cantar com sussurros, “escorregadas” vocais, respiração ofegante, gemidos, trejeitos faciais, balanços corporais, além de pronunciarem palavras por meio das quais não é possível identificar se estão sendo dirigidas a Deus ou a um(a) namorado(a).

Nossa música tem que deixar claro a quem cultuamos. Nossa música tem que manter o respeito e a reverência para com o nome de Deus, evitando tratá-Lo de maneira banal ao rebaixar o amor divino a uma paixão humana.

“A geração mais nova tem dificuldade em entender o apelo de Frank Sinatra aos seus avós, mas foi seu uso do microfone que trouxe a intimidade e sensualidade à música pop; uma

técnica que é usada por muitos hoje, mesmo nas igrejas.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 186.

“‘Escorregadas vocais’ é uma prática comum para produzir um efeito swing [sensual].” Charles Henderson, compositor, maestro, pianista, arranjador e escritor, diretor musical de estúdios de cinema, graduado pela Universidade de Harvard. **How to Sing for Money**, p. 36.

“Algumas pessoas caracterizam estas ‘escorregadas vocais’ como um som sensual.” Charles T. Brown. **The Art of Rock and Roll**, p. 68.

Qual é o motivo para essa forma de cantar evocar uma sensação de romantismo e sensualidade? É possível compreender isto melhor atentando para os efeitos dos “malabarismos” vocais de Elvis Presley:

“Ao deixar sua voz mais suave em certos trechos, [Elvis Presley] conseguia criar um efeito pessoal que deixava as mulheres na plateia sentirem que ele estava cantando diretamente para elas.” Charles T. Brown. **The Art of Rock and Roll**, p. 68.

Os recursos vocais de sussurros, gemidos, sopros, escorregadas, etc, praticados por cantores em igrejas, não significa que estão tentando, deliberadamente, provocar sensualidade na música. O problema está em copiar as características mundanas sem avaliar os efeitos que elas podem causar na mente humana.

Podemos observar, também, o romantismo presente em muitas músicas ditas cristãs, cujas letras dúbias não permitem concluir para quem a canção é direcionada.

Como exemplo podemos tomar a música gospel intitulada “Me Ama”, cuja letra diz:

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Tem ciúmes de mim. O seu amor é como um furacão. ... E percebo quão maravilhoso ele é e o tanto que ele me quer. O céu se une à terra como um beijo apaixonado. E meu coração dispara em meu peito acelerado. Não tenho tempo para perder com ressentimentos, quando penso que ele me ama.” Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ana-paula-valadao/me-ama/>>.

Outro exemplo que podemos citar é a música intitulada “Oi, Jesus!”, cuja letra diz:

“Tô te esperando no meu quarto pra te contar os meus segredos, pra te lembrar o quanto eu te amo. Tô ansioso pra te ver, esperando você vir pra mim, ansiando te tocar, tocar você. Um dia sem você é como a morte pra mim, pois só sei viver com você aqui, porque com você então eu posso ser. Vem aqui! E faça do meu quarto o seu quarto também, e do meu coração uma casa pra você, toma minha chave, não precisa fazer cópia, dou ela pra você.” Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/isadora-pompeo/oi-jesus/>>.

Observe como essas canções são dúbias. Ainda que venham a citar o nome de Jesus em algum momento, elas podem perfeitamente ser interpretadas como sendo direcionadas a um cônjuge ou namorado.

“Muitas das músicas de adoração, entoadas em alguns cultos, têm mais indícios de romance do que da obra do Espírito Santo. ... Cristo é cortejado com uma familiaridade que revela completa ignorância a respeito de quem Ele é. Tal adoração não é a intimidade reverente do verdadeiro adorador, e sim uma familiaridade impúdica de amantes carnavais.” A. W. Tozer. **The Erotic vs The Spiritual**, pp. 37-38.

Existe um motivo, além da satisfação emocional, que leva cantores a produzirem músicas com essas características sensuais e românticas:

“Grande parte das canções de artistas que querem agradar a todo mundo podem ser interpretadas de duas maneiras, de modo que eles ficam em condições de entrar tanto no mercado secular quanto no evangélico.” **Fundamentalist Journal**, 1986, p. 21.

Músicas dúbias agradam a dois “mercados” de consumidores de uma só vez.

“Devemos tomar cuidado com algumas músicas evangélicas que, na realidade, não contém uma mensagem muito definida de louvor a Deus.” Gilberto Moreira. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 102.

Esta é mais outra ação eficaz usada por muitos que objetivam lucrar com a venda de seus produtos, e não agradar a Deus e trazer pessoas ao Seu reino.

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo.” João 18:36, ACF.

No contexto dos “deslizamentos” vocais está o melisma, técnica de cantar um trecho melódico com várias notas para uma mesma sílaba. O mau uso do melisma chama a atenção do ouvinte para a performance de quem canta, e desvia o pensamento da mensagem. Observa-se que este recurso técnico pode estimular o excitamento e até o delírio, conectando o ouvinte ao artista e desconectando-o de Deus.

“O cantor treinado classicamente tem um respeito arraigado a qualquer melodia escrita e hesita em alterá-la. O ‘swinger’ nato, por outro lado, olha para a melodia escrita como simplesmente um ponto de partida conveniente para suas variações.” Charles Henderson, compositor, maestro, pianista, arranjador e escritor, diretor musical de estúdios

de cinema, graduado pela Universidade de Harvard. **How to Sing for Money**, p. 85.

O melisma não é um problema em si mesmo, mas pode se tornar problema caso seja usado de maneira exagerada ou com velocidade excessiva.

“A música deixa de fazer sentido para nossos cérebros quando contém muitos deslizamentos. Com os sons a bambolearem para cima e para baixo sem começos nem fins óbvios para as notas individuais, não existe estrutura a ser entendida.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, p. 94.

“Tenho ouvido em algumas de nossas igrejas solos completamente inadequados ao culto na casa do Senhor. As notas prolongadas e os floreios, comuns nas óperas, não agradam aos anjos.” Ellen G. White. **Evangelismo**, 510.

“O estilo estridente comum ao ‘rock’, o estilo insinuante, sentimental, cheio de sopros ao jeito dos solistas de ‘boite’ e outras distorções da voz humana devem ser terminantemente evitados.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1203. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

A liderança adventista do sétimo dia foi iluminada pelo Espírito Santo a construir um muro de proteção ao redor da membresia. Se essas claras instruções tivessem sido praticadas, a IASD estaria preservada das influências corruptoras do mundo. Porém, gradativamente foram feitas brechas neste muro de proteção, por onde entraram práticas destrutivas à espiritualidade. Ignorando essas instruções foram derrubados, um a um, os limites

ELEMENTOS ESTRANHOS

de segurança anteriormente estabelecidos. A música é um dos grandes portais abertos para a secularização da IASD. Porém, ainda há tempo para uma reforma e para o retorno aos marcos antigos.

“Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas.”
Jeremias 6:16, ACF.

Os antigos limites de segurança não são as músicas do tempo passado. Os limites de segurança são os princípios que por mais de um século têm norteado as atividades musicais na IASD. Ao longo do tempo, porém, esses limites têm sido desprezados, frequentemente esquecidos e gradativamente abandonados.

“Os escritores da Música Cristã Contemporânea moldam suas músicas nos estilos mundanos e sensuais de música que a cultura humana em rebelião contra Deus tem produzido. Tentar santificar meios de comunicação inferiores, desequilibrados e sensuais não é aceitável quando consideramos o caráter de Deus, Seus atributos e Sua criatividade.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, pp. 65-66.

LETRAS VÃS, BANAIS E INCONSISTENTES

“[A música adventista] não usa letras levianas, vagas e sentimentais, que apelem somente às emoções.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

O emocionalismo predomina nas letras de muitas das composições musicais de hoje. Certas características musicais estimulam tanto as emoções que as pessoas não se dão conta das palavras que cantam. Muitas ideias passam despercebidas, e até mesmo ideias contrárias à doutrina adventista do sétimo dia estão sendo disseminadas.

Observemos a letra de uma música intitulada “The Cartoon Song”:

“Eu estava pensando outro dia, se os desenhos animados estivessem salvos. Eles começariam a louvar de um jeito diferente ... Fred e Wilma Flintstones cantando yabba-ya-bba-du; Scooby-doo e Salsicha cantando Scooby-dooby-doo. E o cachorro dos Jetsons, chamado Astro, cantando Ru-ru-roo-rah.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=77y-mwLm6JM>>.

A mensagem do cristianismo sobre salvação é séria e solene; não é para ser tratada de forma banal.

Alguns diriam que essa música foi produzida para o público infantil e, portanto, é aceitável. Porém, parece que os cérebros infantis não estão recebendo estímulos saudáveis para que o seu potencial natural seja desenvolvido como planejado pelo Criador. É na infância que se inicia o aprendizado da santificação de pensamentos, o aprendizado da seriedade com que deve ser tratada a Bíblia e o aprendizado da reverência para com Deus. Jovens e adultos indiferentes ao Criador e sem respeito por Ele podem ter sido crianças acostumadas à “diversão religiosa”.

“A educação musical e apreciação da música devem começar cedo na vida da criança.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1204. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

Observemos a mensagem incoerente com a verdade bíblica na letra da música a seguir:

“Eu quero subir, não ficar aqui, pois eu sei que muitos vão passar por tribulações.” Disponível em: <<http://letras.mus.br/sergio-saas/345658>>.

O texto dessa canção apresenta a ideia de alguém que deseja ser arrebatado antes das tribulações. A pergunta é: quem será arrebatado antes das tribulações? Absolutamente ninguém. As ideias expressas nesta música são uma crença contrária à doutrina bíblica.

Consideramos que, provavelmente, esta música, bem como outras anteriormente citadas, foi composta por alguém que não é adventista do sétimo dia e, portanto, o autor expressa sua própria crença. Não temos o intuito de julgar a sinceridade do compositor; o que precisamos esclarecer é que, como conhecedores da Palavra de Deus, devemos estar atentos às letras e não permitir que músicas com frases sem sentido e/ou mensagens contrárias aos fundamentos bíblicos sejam inseridas e propagadas em nosso meio, independentemente de quem seja o autor ou cantor. Precisamos compreender de maneira clara o que significa prestar a Deus um culto racional.

“Tanto pastores quanto congregações precisam batalhar ativamente pela pureza doutrinária na letra, na pregação e na música.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 84.

Precisamos pedir diariamente o poder e o discernimento do Espírito Santo.

“Cantai louvores com inteligência.” Salmos 47:7, ACF.

“O cristão não entoará canções incompatíveis com os ideais da verdade, da honestidade e da pureza. Evitará elementos

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

que deem a aparência de tornar o mal desejável ou a bondade parecer trivial. Procurará evitar composições que contêm frases banais, poesia pobre, absurdos, sentimentalismos ou frivolidades, que desencaminham a pessoa dos conselhos e ensino das Escrituras e do Espírito de Profecia.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1206. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

Estejamos atentos às palavras que dizemos e conscientes das mensagens das letras. Atendamos ao salmista cantando louvores com inteligência.

EGOCENTRISMO

Como seres humanos pecadores, somos muito propensos ao orgulho e à exaltação própria. No ambiente da igreja, os músicos sofrem a tentação de se sentirem especiais em comparação com as demais pessoas da membresia e cremos que existem razões para isto.

Primeiro, se compararmos a quantidade de pessoas nas igrejas com a quantidade de músicos, verificamos que poucos fazem o que os músicos fazem. Segundo, as atividades dos músicos quase sempre são realizadas publicamente; assim os músicos estão em constante evidência, em frequente posição de destaque.

“Quanto empregam esse dom para exaltar o ‘eu’, em vez de usá-lo para glorificar a Deus.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 594.

“O talento musical não raro incentiva o orgulho e o desejo de exibição, e os cantores não dedicam senão pouca atenção para o culto a Deus. A música, em vez de levá-los a lembrar-se de Deus, leva-os com frequência a esquecer-Lo.” Ellen G. White. **A Fé Pela Qual eu Vivo (MM)**, p. 242.

E ainda há uma forte tendência nas igrejas hoje em “idolstrar” os músicos. Pessoas chegam a pensar que se alguém não canta como aquele cantor famoso, então não é um bom cantor. O resultado é vermos muitos cantores na igreja que, em vez de usar sua própria voz, seu próprio timbre, respeitando sua própria extensão vocal, se esforçam para imitar algum desses famosos. Não façamos isso! Usemos o dom que Deus nos deu.

“A Música Cristã Contemporânea enfatiza a performance por parte de uns poucos seletos, em vez de todo o corpo. Grupos e ‘superstars’ recebem a atenção à custa dos ‘músicos’ reais, os crentes individuais.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 159.

A música e os músicos devem estar a serviço do Senhor para semear a Sua mensagem de salvação em Jesus Cristo. É preciso ter a compreensão de que as ações são para a glória divina. As atividades dos músicos nas igrejas não são meios para fazer uma carreira artística. Músicos são ministros; e ministro é aquele que está a serviço de outrem. Ou seja, músicos são servos da igreja, não celebridades.

Em uma carta a um diretor de música, Ellen G. White advertiu:

“O amor ao louvor tem sido o principal incentivo de sua vida. Esta é uma pobre motivação para um cristão. Você gosta de ser mimado e louvado como uma criança. Precisa lutar muito contra a sua própria natureza. ... Na realidade, tem tão alto conceito de seu próprio canto que julga que deveria ser remunerado pelo desempenho desse dom.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 335.

O ministério de música deve ser pautado pela humildade, lembrando sempre que o chamado é para servir, e não para ser servido. É o nome de Deus que devemos exaltar, não apenas por meio de nossa música, mas, principalmente, por meio de nossa vida.

“Nosso objetivo ao trabalhar para o Mestre deve ser que Seu nome seja glorificado. Os que labutam para obter aplausos não são aprovados por Deus.” Ellen G. White. **Este Dia Com Deus (MM)**, 6 ago. 1980, p. 225.

Dan Lucarini, ex-líder de louvor da Música Cristã Contemporânea, escreveu um livro em que relata os motivos que o levaram a deixar a MCC. No contexto do egocentrismo e da idolatria, ele observa:

“Tenho que admitir que ser um líder da Música Cristã Contemporânea fazia um enorme bem ao meu ego. O respeito e a adoração dispensados a mim eram parecidos com o tratamento dado às estrelas do rock. No entanto, eu estava cego para isso, porque a satisfação pessoal estava empacotada em uma embalagem de formato cristão aceitável.” Dan Lucarini. **Confissões de um Ministro de Louvor**, p. 29.

Não é exatamente isto que temos observado em muitas igrejas e eventos religiosos? Músicos são quase que histericamente aplaudidos pelo público ao entrarem para cantar e, principalmente, ao apresentarem suas performances vocais exuberantes com notas agudas e melismas extravagantes. Ao final de suas apresentações são procurados para fotos e autógrafos. Não é este o mesmo tipo de tratamento dado aos artistas seculares?

“Hoje, a idolatria continua a ser o maior pecado da humanidade. ... Milhões e milhões de homens continuam a adorar a criatura ao invés do Criador. Os ídolos hodiernos não mais são cinzelados, martelados ou talhados. Também, não são de madeira, apesar de inflamáveis; nem de pedra, apesar de indiferentes; nem de ferro, apesar de contundentes; nem de prata, apesar de argênteos e aparentemente inatingíveis; e nem de ouro, apesar de reluzirem. Os ídolos desta geração são fabricados pelos veículos de comunicação em massa. ... Porém, quando começam a declinar, suas esmaecidas

imagens só hão de sobreviver nos sepulcrais videotapes, pois já estarão apagadas das mentes de seus adoradores. ... Ultimamente, com o incremento dos meios de comunicação, nunca tantos ídolos foram produzidos em tão pouco tempo. ... Os artífices de nosso século ergueram em tempo recorde um Olimpo de futilidades e ilusões embasado na descrença de milhões e na indiferença de muitos que professam o nome santo do Senhor Jesus e nada fazem para estancar essa represa de lama e veleidades que ameaça encobrir o que ainda resta de humano na tão sofrida humanidade.” Claudionor de Andrade. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 92

“Poucas coisas corrompem a nossa virtude como o desejo de ser popular e o sentimento que toma conta do nosso ser ao exercermos poder sobre pessoas que nos oferecem a sua adoração idólatra. ... Nos últimos anos, a igreja tem tido celebridades demais e servos de menos.” Warren W. Wiersbe. **A Crise de Integridade**, p. 42.

Repetindo com ênfase o trecho da citação para maior reflexão:

“Nos últimos anos, a igreja tem tido celebridades demais e servos de menos.”

Músicos da igreja não devem adotar uma postura de celebridades; membros da igreja não devem tratar os músicos como celebridades. Tudo isso ofende profundamente o Criador.

“Exibição não é religião nem santificação.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 510.

“Toda a apresentação de música sacra deve ter o objetivo supremo de exaltar a Cristo, em lugar de exaltar o músico ou

prover entretenimento.” **Filosofia Adventista de Música.** Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1204. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

“Mesmo em nosso meio existem músicos-artistas e músicos-ministros. Há aqueles que em tudo que fazem querem promover sua imagem pessoal, sua foto, seu visual, sua roupa, seu fã-clube, sua capacidade vocal exuberante, seu CD. Tudo o que eles fazem precisa ser um show. Eles não são nossa referência. Há muitos outros que estão preocupados em cantar aquilo que vai tocar e transformar, defendem os valores de Deus e da igreja acima dos seus, querem colaborar onde forem solicitados, e ao final de uma apresentação deles a presença de Deus impressionou muito mais que sua performance. Esses não precisam de shows para cumprir seu ministério.” Pr. Erton Kohler, presidente da Divisão Sul Americana da IASD. **Revista Adventista**, nov. 2003, p. 19.

“Os homens não devem ser exaltados como grandes e maravilhosos. É Deus quem deve ser engrandecido.” Ellen G. White. **Medicina e Salvação**, p. 168.

Como podemos fugir do egocentrismo e mantermos uma postura de humildade e serviço abnegado? A única maneira é consagrando nossa vida e nossos talentos ao Senhor. Se o músico não mantém comunhão diária com Deus por meio do estudo diligente da Bíblia; se o músico não passa tempo de qualidade em oração diariamente; se o músico possui o conhecimento, mas não se submete à vontade do Criador, este músico não edifica nem a si mesmo nem a igreja. Este músico não é um adorador do Senhor e, portanto, não lhe é possível conduzir a igreja a uma verdadeira experiência de adoração ao Criador.

Não importa quanto conhecimento musical tenha o músico; não importa quanto de técnica saiba e domine e quão belas sejam suas composições e sua performance; não importa quão experiente ou influente o músico seja; Deus só aceitará o serviço daqueles que escolheram consagrar-se a Ele em serviço humilde e abnegado.

O que é uma pessoa consagrada? Seria uma pessoa perfeita, uma pessoa sem falhas? A palavra “consagrado” resulta de “com” + “sagrado”. É uma pessoa que vive com o Sagrado, alguém que mantém comunhão diária com Cristo e se dispõe a obedecê-Lo e servi-Lo. Se o músico não estuda a Bíblia e não vive em conexão com Deus por meio da oração, ele não está consagrado para contribuir para o reino divino, por mais talentoso e competente que seja.

“[O músico] deve cultivar uma vida devocional à altura de um cristão autêntico, baseada na prática regular da oração e da leitura da Bíblia.” **Filosofia Adventista com Relação à Música.** Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

A Bíblia apresenta algumas características daqueles que foram escolhidos para serem os líderes do serviço musical no templo de Israel. Muitos dos músicos atuais gostam de ser chamados de levitas, então vejamos quais eram as características dos levitas-músicos no antigo Israel:

“... e os cantores ... todos os que se tinham separado dos povos das terras para a lei de Deus ... todos os que tinham conhecimento e entendimento ... e convieram num anátema e num juramento, de que andariam na lei de Deus ... e de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor nosso Senhor, e os seus juízos e os seus estatutos.” Neemias 10:28 e 29, ACF.

Os levitas eram consagrados ao Senhor, “separados dos povos das terras”, pessoas que tinham tanto conhecimento quanto discernimento, e que procuravam obedecer a Deus em tudo. Disso concluímos que a música que executavam não era baseada em seu próprio gosto ou na vontade do povo, mas nas instruções de Deus.

“A igreja tomará grande cuidado na seleção dos líderes da música, escolhendo apenas aqueles que são inteiramente consagrados.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 97.

Por que razão a igreja deve exercer o máximo cuidado ao escolher os líderes do ministério da música? A serva do Senhor responde:

“Coisa alguma há mais ofensiva aos olhos de Deus do que uma exibição de música instrumental [ou vocal], quando os que nela tomam parte não são consagrados.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 510.

A consagração ao Senhor, a submissão à Sua vontade, a comunhão diária com o Criador por meio do estudo da Bíblia e da oração particular, permitirá a atuação do Espírito Santo no coração e na mente do músico, fortalecendo-o contra o orgulho e o desejo de exaltação própria.

Ainda no contexto da consagração, precisamos considerar uma questão muito importante. Tem sido cada vez mais comum em nossas programações a participação de músicos que pertencem a outras denominações cristãs ou que não têm nenhum envolvimento com a religiosidade cristã ou que são notoriamente comprometidos com os interesses do mercado fonográfico. Muitos têm a opinião de que se trata de preconceito, ou de presunção, o impedir que não-adventistas ministrem música nos cultos e eventos da IASD. Pensando dessa maneira, confirma-se que não se tem ideia do que significa estar à frente do povo de Deus na condução do louvor e da adoração.

Não temos superioridade pessoal, pois todos somos pecadores e, portanto, falhos. Porém, o Criador concedeu à IASD uma responsabilidade distintiva para alardear uma mensagem especial. A liderança eclesiástica

ELEMENTOS ESTRANHOS

tem o importante dever de conduzir as congregações à verdadeira adoração requerida por Deus. Há uma necessidade vital de relacionamento profundo com o Criador, a fim de receber capacitação no executar a missão da maneira indicada por Ele. O líder torna-se, então, uma poderosa influência sobre os que estão reunidos para o culto. Portanto, é sem sentido que uma pessoa não comprometida com as crenças fundamentais da IASD assumisse qualquer função de liderança, ainda que seja apenas num momento de louvor. Aqueles que estão à frente tornam-se representantes da igreja diante da congregação e precisam estar em harmonia com os seus princípios, como estabelece o Manual da IASD e o documento oficial sobre música:

“A igreja deve exercer cuidado ao escolher os membros do coral e outros músicos para que representem corretamente os princípios da igreja.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 97.

“[O músico] deve estar em harmonia com as normas da igreja, vivendo os princípios de mordomia cristã e sendo membro ativo de uma igreja local.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Pode um músico não-adventista estar em harmonia e representar corretamente os princípios adventistas? Certamente não. Por isso, mais uma vez alertamos sobre a necessidade de que os princípios do Movimento Adventista, bem como as normas institucionais deles derivadas, não sejam esquecidos nem negligenciados.

ENTRETENIMENTO E COMÉRCIO

Observa-se em muitas igrejas da atualidade a cultura (costume) do show, do espetáculo, do sensacional. Muitos eventos e produções musicais

têm luzes coloridas, fumaça de gelo seco, cenários impressionantes, aplausos e gritos. Estamos, cada vez mais, nos afastando da simplicidade de Cristo. Em muitos casos temos nos tornado mais promotores de eventos do que obreiros do Senhor.

“O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças. ... Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é extinto, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhes tragam satisfação. Na falta de pão, se alimentam com cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice.” Charles Haddon Spurgeon. **Another Word Concerning the Down-Grade, The Sword and the Trowel**, ago. 1887, p. 398.

“Muita música cristã atual é vista primariamente como um meio de entretenimento, e não de edificação.” Carl Schalk. **Pensamentos sobre ídolos despedaçados**: a música na igreja nos anos 80. 30 set. 1981, p. 960.

“Animadores crentes professos copiam os maneirismos de seus similares seculares, balançando, gíngando, gritando nos microfones, e geralmente apresentando a si próprios como imitações baratas dos artistas ímpios.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis-USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, p. 12.

Quanto dinheiro tem sido empregado para custear grandiosos eventos e muitos deles para o mero entretenimento disfarçado de culto, enquanto vemos membros e igrejas que não conseguem suprir suas necessidades mais básicas.

“A exibição extraordinária que às vezes fazeis, aumenta despesas desnecessárias que não podemos exigir sejam pagas pelos irmãos. ... Tenho que vos dizer que o Senhor não apoia estes métodos.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 127.

“A simplicidade tem sido uma característica fundamental da igreja desde o seu início. Temos que continuar a ser um povo chamado para viver uma vida simples. O aumento da pompa na religião sempre foi paralelo a um declínio em poder espiritual. Assim como ‘a vida de Jesus apresentava assinalado contraste’ com o exibicionismo e a ostentação do Seu tempo (Educação, p. 77), da mesma forma a simplicidade e o poder de nossa mensagem devem estar em marcante contraste com o exibicionismo do mundo em nossos dias. O Senhor condena ‘o dispêndio desnecessário e extravagante de dinheiro para satisfazer o orgulho e o amor da ostentação.’ (Testemunhos para Ministros, p. 179). Em harmonia com esses princípios, simplicidade e economia devem caracterizar nossas cerimônias de formatura, os casamentos e todos os demais cultos da igreja.” **Manual da IASD**, ed. 2015, p. 152.

Em outros casos, solistas e grupos musicais impõem suas condições a fim de aceitarem convites de igrejas para “ministrar” louvor. Por exemplo: o pagamento de uma quantia em dinheiro, uma espécie de “taxa de ministério”; venda antecipada de uma quantidade mínima de seus produtos; hospedagem nos melhores hotéis para toda a equipe; garantia de auditório com quantidade mínima de ouvintes. E algumas igrejas acatam tais exigências com uma disposição impressionante, sacrificando recursos financeiros que poderiam ser empregados no auxílio aos necessitados, que muitas vezes incluem os próprios membros da igreja, e no avanço da obra do Senhor.

Em relação à exigência de auditório com quantidade mínima de ouvintes, certa vez ouvi a seguinte justificativa: *“Você precisa considerar quanto trabalho há por trás de tudo isso. É preciso carregar e descarregar toda a aparelhagem de som, montar e desmontar, equalizar microfones, afinar instrumentos, sem contar as horas de ensaios requeridas para que tudo corra bem no momento da apresentação. Imagine todo esse trabalho para cantar para dez ou quinze pessoas”*.

Este é um argumento humano materialista, mas Jesus Cristo não agiu desta maneira. Ao doar-Se à missão de salvar, Ele deixou Sua habitação celestial, Sua glória, a adoração de anjos para assumir uma vida de renúncia, de rejeição, de sofrimento e morte por crucifixão; e o teria feito para salvar uma única pessoa, se necessário fosse.

O que é montar e equalizar uma aparelhagem de som diante da cruz do Calvário? Será que uma alma não é assim tão preciosa? Pode ser que para você não seja, mas o é para Cristo. Portanto, se for preciso comprometer horas, ou mesmo dias, planejando e preparando um culto que atinja a duas ou três pessoas, que assim seja. São almas por quem Jesus morreu. E quando um discípulo de Cristo, músico ou não, tem o sincero desejo de salvar, ele fará o seu melhor, por mais sacrifício que isto represente, ainda que seja para alcançar apenas uma pessoa.

Não existe qualquer problema em custear as despesas de um músico que se desloca de sua região a fim de atender a um convite para participar de um culto. Porém, há músicos que têm mantido a prática de cobrar valores além dos custos de deslocamento, alimentação e hospedagem; e alguns desses valores chegam a ser exorbitantes. Essa prática é claramente condenada por Deus, conforme Ele inspirou Sua serva a escrever:

“Quando cantores oferecem seus préstimos, devem ser aceitos. Dinheiro, porém, não deve ser usado para contratar cantores.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 509.

Muitos, ainda, fazem do ministério da música seu principal faturamento, estando mais preocupados com as vendas dos seus produtos do que com o louvor a Deus e com a edificação da igreja. Para tanto idealizam suas produções com base no gosto popular, em detrimento do “Assim diz o Senhor”, pois o objetivo é comercial e não espiritual.

“As igrejas estão se transformando em supermercados espirituais, onde o freguês é quem determina o que ali é consumido. O mercantilismo religioso presente hoje dentro de algumas igrejas chamadas evangélicas sobrepõe-se às indulgências da

Idade Média. O mercadejamento da Palavra de Deus é vergonhoso em nossos dias. ... Líderes espirituais sem temor a Deus transformam a igreja numa empresa familiar, o púlpito num balcão, o evangelho num produto lucrativo, o templo numa praça de barganha, e os crentes em consumidores.”
Hernandes Dias Lopes. **Morte na Panela**, p. 10.

Não existe qualquer problema se um músico oferece seus produtos para venda, desde que a finalidade não seja o comércio, desde que não seja uma imposição condicional para aceitar o convite de uma igreja, e desde que as horas do sábado e o ambiente do templo não sejam usados para promoção das vendas.

“[O músico] respeita o ambiente da igreja e as horas do sábado ao vender seus materiais.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Qual seria, exatamente, o “ambiente da igreja” que deve ser respeitado? Qual momento e local adequados para a venda de materiais?

“Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.”
Mateus 21:12, ARA.

Precisamos considerar dois pontos: em primeiro lugar, aquelas pessoas estavam vendendo justamente produtos religiosos, materiais pertinentes ao próprio culto. Em segundo lugar, em que local estavam vendendo? No pátio do templo. E mesmo assim Cristo as expulsou, o que nos leva a concluir que mesmo o pátio da igreja não é local

apropriado para compra e venda, ainda que sejam oferecidos produtos religiosos ou pertinentes ao próprio culto.

“Contemplamos hoje o triste espetáculo de músicas supostamente cristãs que têm sido prostituídas com propósitos comerciais. Música que agrada ao Senhor é aquela que é oferecida por servos sinceros, humildes e dedicados, com o propósito de glorificar Aquele que tem colocado uma canção em nossos corações, não por aqueles que estão tentando vender um pouco mais de CDs e DVDs. ... É profundamente lamentável que muitos autores da música cristã atual não saibam teologia suficiente para encher um dedal. E, além do mais, muitos deles pouco se preocupam sobre o conteúdo teológico do que escrevem. Eles estão interessados em vender o seu produto, em satisfazer o apetite de crentes superficiais que sabem pouca doutrina e nem estão preocupados com isso. O que o escritor de música está procurando é por algo que divirta os ouvintes.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis-USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, pp. 9, 13.

Muitos músicos que afirmam ser cristãos não mais escondem seus interesses comerciais e seu desejo de fama. O conhecido cantor Michael W. Smith afirmou:

“Eu sei que se eu for muito explícito acerca de meu cristianismo e falar sobre Jesus, não serei bem-sucedido na música popular. Mas puxa, eu não sou evangelista; sou cantor.” Citado por Monica Langley. Rock of Ages. **Wall Street Journal**, 11 set. 1991, p.1.

Deus deseja em Seu serviço obreiros fiéis, humildes e dedicados, dispostos a levar Sua Palavra aonde quer que sejam convidados. Será que nos disporíamos, com alegria sincera, a percorrer lugares de difícil acesso para levar a

mensagem da salvação em Jesus Cristo? Nos unimos alegremente para percorrer lugares solitários e entenebrecidos pelo pecado, levando a mensagem aos lares de ricos e pobres? Ou nos preocupamos apenas em levá-la a grandes igrejas, de preferência lotadas, ou a luxuosos auditórios onde são cobrados ingressos?

Quantos músicos de nossa igreja atualmente dispõem de tempo e de motivação para realizar programações em asilos, hospitais ou qualquer outro lugar onde existam pessoas impedidas de participar de tais momentos na igreja? Quantos músicos estão inseridos em projetos evangelísticos ou possuem seus próprios projetos para levar a mensagem a todas as pessoas, ricas ou pobres, e se dispõem a fazê-lo no anonimato, sem nenhum tipo de publicidade? Quantos músicos da igreja, acostumados a grandes apresentações, participariam como voluntários, e com o mesmo entusiasmo mostrado nos auditórios lotados, de programações em pequenas igrejas, em pequenos grupos, em cidades pequenas e distantes, diante de pessoas intelectualmente humildes?

Esses são questionamentos que cada músico, em particular, precisa responder a si mesmo. Não pretendemos julgar nem inferir. Cada pessoa sabe de sua responsabilidade e precisa refletir se a está assumindo, se a está cumprindo fielmente. Precisamos rever os nossos conceitos e, principalmente, buscar o poder do Espírito Santo para sermos capacitados a imitar nosso único grande Exemplo.

“Jesus era um silencioso e abnegado obreiro. Não buscava fama, riquezas, ou aplausos; nem consultava a própria comodidade e prazer.” Ellen G. White. **The Review and Herald**. 6 jan. 1885.

Muitos argumentam que a música midiática é a forma atualizada de alcançar pessoas e atraí-las a Cristo. Então tomam emprestados elementos da música de entretenimento e inserem na música da igreja sob a justificativa de uma melhor evangelização para este tempo contemporâneo. Porém, não é necessária uma análise tão profunda para percebermos que usar música midiática (ou comercial, ou de entretenimento) para pregar o evangelho tem um perigoso efeito colateral: são atraídas à igreja pessoas interessadas justamente no entretenimento e não num compromisso de

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

submissão a Cristo. Para manter, então, tais pessoas na igreja, é preciso que se ofereça cada vez mais entretenimentos. E cada vez mais a Palavra de Deus é esquecida e, conseqüentemente, a experiência e os sentimentos humanos são exaltados em lugar de Cristo.

Jesus Cristo não promovia shows nem fazia aquilo que Lhe era cômodo, mas o que fosse necessário para salvar almas, mesmo que exigisse sacrifício. E foi um sacrifício gigantesco por amor a cada um de nós.

Precisamos pautar nossas atividades na simplicidade com que Jesus trabalhava. Adoração não é diversão; igreja não é programa de auditório. Por isso, também, é importante ficarmos atentos à forma como conduzimos o culto. Se as respostas comportamentais de uma congregação estão sob a condução de um dirigente, do tipo “levante as mãos”, “feche os seus olhos”, “diga a Jesus que O ama”, “palmas para Jesus” e etc, cria-se uma atmosfera teatral, não mais sendo um culto espontâneo e sincero ao Criador.

Se alguém levanta as mãos ou fecha os olhos durante o louvor, que o faça espontaneamente, e não seja constrangido nem induzido a isso. Evidentemente, tal espontaneidade deve ter o seu limite no serviço de culto; deve sempre estar em conformidade com os princípios de ordem e reverência ao Criador.

PREDOMINÂNCIA DE RITMO

A Bíblia diz que o nosso culto deve ser racional, ou seja, centralizado na mente e não no corpo. Sendo assim, qual dos três elementos básicos da música (melodia, harmonia e ritmo) Satanás manipularia, dando-lhe preponderância sobre os demais? Aquele que tem um efeito mais direto e intenso sobre o corpo, isto é, o ritmo.

É o ritmo que distingue os estilos musicais – rock, samba, pagode, reggae, baião etc –, e portanto precisamos prestar mais atenção a isto. Toda música tem um ritmo, porém a predominância desse elemento deve ser evitada.

Hoje a tendência é enfatizar o ritmo em detrimento da melodia e da harmonia com a justificativa de tornar nossos cultos mais animados e atraentes, principalmente para os jovens. Mas a IASD já demonstrava uma grande preocupação com essa tendência há décadas, por meio dos seus documentos oficiais:

“O desejo de alcançar a juventude com o evangelho de Cristo onde ela se encontra, leva às vezes ao emprego de estilos musicais questionáveis. Em todos estes estilos, o elemento que traz maiores problemas é o ritmo, ou ‘batida.” **Filosofia Adventista de Música.** Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1203. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

“Deve haver um cuidado especial para não utilizar músicas que apenas agradem os sentidos, tenham ligação com o carisma, ou tenham predominância de ritmo.” **Filosofia Adventista com Relação à Música.** Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Por que deveríamos nos preocupar com a questão do ritmo? Segundo a comunidade acadêmica especializada, o ritmo é o elemento com maior potencial de induzir à movimentação corporal, algo que não deve ser buscado em nossos cultos de adoração a Deus.

“É através de nossos corpos que primeiramente respondemos ao ritmo da música.” Shelley Katshand e Carol Merle-Fishman, terapeutas musicais, instrutoras da Universidade de Nova York, consultoras e musicistas. **The Music Within You**, p. 161.

“Ritmo é enraizado no corpo de uma maneira que não se aplica tão acometidamente à melodia e harmonia.” Anthony Storr, psiquiatra inglês da Universidade de Oxford. **Music and the Mind**, p. 33.

“O ritmo da música tem a capacidade de influenciar os ritmos do corpo.” Dr. Hélio dos Santos Pothin, músico, doutorado em Fisiologia Humana e professor de medicina da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Como a Música é Percebida e Afeta o Corpo.** Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/21650/como-a-musica-e-percebida-e-afeta-o-corpo>>.

“O ritmo é o elemento da música mais estreitamente ligado ao movimento do corpo para a ação física.” Joseph Machlis, professor de música da Universidade de Nova York. **The Enjoyment of Music**, p. 19.

“Em detrimento da melodia e harmonia, [o rock] coloca maior ênfase no ritmo, o elemento mais diretamente relacionado com a reação física. Se não houver reação corpórea, não há rock, que precisa de expansão física, no entender de um entusiasta do ritmo.” Rolando de Nassau (prefácio). **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 17

Muitos acreditam que a melhor forma de “animarmos” os nossos cultos é inserindo músicas dançantes e instrumentos musicais que acentuem e enfatizem o ritmo. Porém, o real motivo de não haver demonstração de alegria natural nos cultos é a ausência de um relacionamento pessoal com Deus. Não é a música que está desanimada, mas o relacionamento do indivíduo com o seu Criador que está sendo negligenciado. É esta comunhão individual que proporciona a alegria verdadeira. Ao admitir que são necessárias músicas “mais animadas” para sentir alegria de ser cristão, para se sentir feliz em adorar o Criador, há o reconhecimento de que algo está errado em nossa experiência pessoal com Deus.

“O ‘quebra-galho’ de injetar mais música com ritmo alterado em nossos cultos pode parecer resolver o problema, mas

ELEMENTOS ESTRANHOS

temos ignorado a doença que irá nos destruir, a menos que busquemos a cura de Deus.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 153.

Quando mantemos um relacionamento diário com Cristo por meio do estudo diligente da Bíblia e da oração, submetendo-nos ao Senhor, temos naturalmente alegria em estarmos na Sua casa para oferecer-Lhe louvor e adoração. Não precisamos acentuar os ritmos de nossa música; precisamos acentuar nosso relacionamento pessoal com Deus. Por outro lado, quando negligenciamos esses momentos de comunhão pessoal com Deus, não experimentamos a verdadeira transformação em nossas vidas; conseqüentemente, necessitamos de estímulos artificiais para parecer que há reavivamento. Entre estes, a música com ritmo acentuado e alterado.

“Cristo nos sermões, nos livros, nos vídeos e nas músicas é inspiração e esperança; mas, unicamente, Cristo em nossa vida é poder. É salvação. Alegria. Gozo. Paz. Vida abundante!” Pr. Elizeu C. Lira. **A Ilusão de Avatar ou a Realidade do Céu?** Redescobrimo a essência do cristianismo. Uberlândia-MG : Pérgamo, p. 132.

ESTRIDÊNCIA E BARULHO

Como foi dito anteriormente, Satanás deseja tornar nossos cultos cada vez mais barulhentos e irreverentes, para que sejamos incapazes de ouvir a voz do Espírito Santo. Satanás deseja inibir ou anular completamente a ação do Espírito através da estimulação emocional que passa a ser um substituto medíocre da verdadeira ação do Espírito Santo.

“Mero ruído e gritos não são sinal de santificação, ou da descida do Espírito Santo. ... O Senhor deseja manter em Seu serviço ordem e disciplina, não agitação e confusão. ... Quando

os crentes falam a verdade tal como é em Jesus, revelam uma calma santa e judiciosa, não uma tempestade de confusão.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 35.

“Pensam alguns que, quanto mais alto cantarem, tanto mais música fazem; barulho, porém, não é música. O bom canto é como a música dos pássaros – dominado e melodioso.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 510.

Encontramos no Espírito de Profecia a seguinte descrição relacionada à música do Céu:

“O cântico dos anjos não irrita os ouvidos. É macio, melodioso e sem esforço físico.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 333.

“Entre os anjos não há exibições musicais tais como: movimentação física, voz áspera e estridente, uso de todo o poder e volume de voz que é possível.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 3**, p. 333.

“Notas ásperas e gesticulações exageradas não são exibidas entre os componentes do coro angelical.” Ellen G. White. **Música, Sua Influência da Vida do Cristão**, p. 67.

Você já ouviu uma música ruidosa, estridente, irritante aos ouvidos? Já presenciou performances em que o cantor usa de tanta potência vocal que necessita afastar exageradamente o microfone e é possível ver as artérias de seu pescoço “saltando”? Este tipo de manifestação é compatível com a ordem e a reverência que devem caracterizar os cultos de adoração ao Criador?

“Tenho ficado muitas vezes penalizada ao ouvir vozes não educadas, elevadas ao máximo diapasão, guinchando positivamente as palavras sagradas de algum hino de louvor. Quão

impróprias essas vozes agudas, estridentes, para o solene e jubiloso culto de Deus! Desejo tapar os ouvidos, ou fugir do lugar, e regozijo-me ao findar o penoso exercício.” Ellen G. White. **Evangelismo**, pp. 507-508.

“Não é o cantar forte que é necessário, mas a entonação clara, a pronúncia correta e a expressão vocal distinta. Que todos dediquem tempo para cultivar a voz, de maneira que o louvor a Deus seja entoado em tons claros e suaves, sem estridências que ofendam o ouvido.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 9**, pp. 143-144.

“A música deve estar bem de acordo com o alcance de voz do cantor e sua capacidade.” **Filosofia Adventista de Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Associação Geral no Concílio Outonal de 1972, p. 1201. Disponível em: <<http://documents.adventistarchives.org/Minutes/GCC/GCC1972-10b.pdf>>.

A música do Céu não é estridente, não fere os ouvidos. E tendo Deus nos revelado claramente a Sua vontade, estejamos certos de que Ele não aceita tais coisas em nossa música na Terra.

Não é adequado ao ambiente do templo o barulho e a agitação, onde o volume é tão alto que não é possível ouvir a voz do próprio irmão que está ao lado; onde a performance do cantor é tão estridente e excitante que não é possível concentrar-se em suas palavras.

“Pode até ser que alguns dos que estão à plataforma, bem como da congregação, no final da apresentação digam ‘amém’, quando os anjos e a presença de Deus já se foram há muito.” Dario Pires de Araújo. **Música, Adventismo e Eternidade**, p. 50.

O volume excessivo, o barulho e a confusão são seriamente prejudiciais tanto à nossa saúde física quanto à nossa espiritualidade.

“Barulho excessivo foi usado durante séculos como instrumento de tortura, e a Convenção de Genebra, que criou vários tratados internacionais para reduzir os efeitos das guerras sobre a população civil, o proibiu.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase:** como a música captura nossa imaginação, p. 413.

Pode ser que você não se sinta incomodado com o ruído excessivo no serviço de culto por estar acostumado, por estar adaptado, e considere um exagero nos referirmos a isto como algo torturante. Pode ser que não seja uma tortura para você, mas certamente é torturante para o Criador quando criaturas que receberam esclarecimentos, e têm acesso ao conhecimento da vontade divina revelada na Bíblia e no Espírito de Profecia, preferem agir de maneira contrária a esse conhecimento.

“O Espírito Santo nunca Se revela por tais métodos, em tal balbúrdia de ruído. Isso é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para anular o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. ... A verdade para este tempo não necessita nada dessa espécie em sua obra de converter almas. Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças das instrumentalidades satânicas misturam-se com o alarido e barulho, para ter um carnaval, e isto é chamado de operação do Espírito Santo. ... Nenhuma animação deve ser dada a tal espécie de culto. ... O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e multidão de sons Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música, a qual, devidamente dirigida, seria um louvor e glória para Deus. Ele torna seu efeito qual venenoso agulhão da serpente.”

ELEMENTOS ESTRANHOS

Ellen G. White, citando carta à S. N. Haskell, 10 out.
1900. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, pp. 36-38.

Esta advertência é clara: o Espírito Santo não age em ambiente ruidoso, por mais emocionados que possamos nos sentir.

11

O LOUVOR CONGREGACIONAL

A música tem o poder de nos unir na adoração a Deus, e o Senhor inclina Seus ouvidos para escutar os sinceros cânticos de louvor entoados por corações submissos, mesmo que tais cânticos sejam entoados por poucos, como num dueto, trio ou quarteto. Porém, há algo que alegra ainda mais o coração do Criador: quando todos os seus filhos reunidos entoam juntos um cântico de louvor a Ele.

Imagine que hoje é o seu aniversário. Você tem dez filhos e todos estão reunidos para comemorar o seu dia. Alguém escolhe uma música especial para cantar em sua homenagem. E qual seria a sua preferência? Que um dos seus filhos apresentasse um belíssimo solo ou que todos os seus filhos cantassem juntos em sua homenagem? Nosso Criador não rejeita um cântico entoado por poucos, mas Sua alegria é maior ao ouvir todos os Seus filhos juntos cantando em louvor e adoração à Sua Pessoa. Por isso Ele inspirou Sua serva a escrever:

“O canto não deve ser sempre feito por uns poucos. O mais frequentemente possível, una-se toda a congregação.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 507.

O LOUVOR CONGREGACIONAL

Precisamos valorizar mais o canto congregacional. Infelizmente nossas igrejas têm sentido uma necessidade exagerada das mensagens musicais entoadas por uns poucos, enquanto a congregação apenas assiste passivamente, a ponto de os diretores de música ficarem aflitos quando não conseguem trazer um cantor ou quando o mesmo se atrasa ou não aparece para o culto. Aos diretores de música, em especial àqueles que lideram igrejas com poucos recursos humanos e materiais, oferecemos este conselho: cantem com a congregação, unindo todo o povo no louvor a Deus por meio da música. Mas faça-se tudo com decência e ordem.

O que significa decência e ordem no aspecto do louvor congregacional? Significa planejamento. Primeiramente, pergunto: qual o momento de escolher os hinos que serão cantados pela congregação no culto? Uma cena muito comum é a do dirigente do louvor chegando 5 minutos antes do culto começar, sentando no primeiro banco e folheando afoitamente o hinário para ver que hinos escolher. Isto não é decência e ordem.

Veja o que escreveu um teólogo, músico e professor cristão:

“Escolhemos correndo os nossos hinos, cinco minutos antes do culto, e se tivermos sorte ao escolhermos um hino que fale do mesmo assunto da mensagem, agimos como se fosse um milagre do Senhor ... Poderíamos realizar um trabalho de planejamento bem melhor, a fim de sermos bem-sucedidos.”

Tim Fisher. **O Debate Sobre a Música Cristã**, pp. 208-209.

O momento de escolher quais hinos serão cantados pela congregação é antes mesmo de sair de casa para a igreja. E devemos adotar critérios objetivos e racionais neste processo de escolha. Um desses critérios pode estar de acordo com a seguinte instrução:

“O canto é um dos meios mais eficazes para gravar a verdade espiritual no coração.” Ellen G. White. **Evangelismo**, p. 500.

Se o canto é um dos meios mais eficazes para fixar a mensagem na mente, então deveríamos escolher hinos que combinem com os temas que

serão abordados no culto. Por exemplo, para o louvor congregacional da Escola Sabatina escolham-se hinos cuja mensagem possa reforçar o tema da Lição. Nos demais cultos é importante saber com antecedência o tema do sermão, a fim de selecionar hinos que reforcem a mensagem e contribuam para gravá-la de maneira eficaz na memória da congregação. E lembre-se de evitar os elementos estranhos abordados no capítulo anterior também ao escolher as músicas para o louvor congregacional.

Escolher com a devida antecedência dá também a oportunidade de ensaiar previamente, principalmente os hinos pouco conhecidos e para os quais não se tenha tanta segurança. E esta é uma questão de grande importância, os dirigentes do louvor precisam estar seguros no desempenho de sua função. E quando não há segurança na condução do louvor congregacional, e mesmo na apresentação de uma mensagem musical, este é o resultado:

“Deixam-se os cantores ir errando, e a música perde o devido efeito no espírito dos presentes.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 296.

Quando tudo é feito com ordem e decência, com o devido planejamento, o louvor congregacional se torna edificante e a música cumpre o seu propósito de reforçar e fixar a mensagem pregada.

Além de planejamento antecipado, deve haver organização, disciplina e reverência na execução do que foi planejado. É importante que todos os que conduzirão o louvor cheguem cedo, num horário pré-estabelecido, e se reúnam para orar pedindo a Deus Sua direção e Sua benção para este momento específico e para todo o culto.

Infelizmente, há casos em que cada participante chega num horário diferente. Nos minutos anteriores à Escola Sabatina encontramos um ou dois dirigentes de louvor; no hino inicial já temos três; depois do estudo da Lição são quatro e, finalmente, no momento do culto divino, a equipe de louvor está completa. Além de desorganização, isto demonstra falta de disciplina, falta de comprometimento e, portanto, irreverência para com o Senhor.

O LOUVOR CONGREGACIONAL

Falando em equipe de louvor, é preciso ter um cuidado especial neste aspecto. Em concertos de orquestras e de corais constata-se que há um único regente. Qual é a razão disso? No caso de uma orquestra, o foco está nos instrumentos; no caso de um coral, o foco está nas vozes dos coristas. Em relação ao louvor congregacional, uma vez que o foco deve estar nas vozes da congregação, seria ideal que fosse conduzido por um único dirigente. Porém, se o Ministério da Música deseja organizar uma equipe de louvor, com vários dirigentes e instrumentistas, não se esqueça de que não se trata de uma apresentação especial do grupo; é a congregação que deve sobressair.

Considerando que cada dirigente terá em sua mão um microfone, tenhamos muito cuidado com o volume; e não apenas das vozes, mas também dos instrumentos musicais. Temos presenciado grupos de louvor e, principalmente, instrumentistas, executando num volume tão alto que é praticamente impossível ouvir a congregação, e até mesmo ouvir a pessoa que está assentada ao lado. Diante disso, a congregação é desestimulada, não percebendo sua importância no louvor e tornando-se apenas expectadora.

“Se os líderes de louvor verdadeiramente desejam conduzir a congregação no canto, eles devem ser capazes de ouvi-la. Alguns podem apenas ouvir os instrumentos e as vozes [da plataforma] vindas das caixas. E alguns possuem monitores de ouvido onde eles estão verdadeiramente bloqueando as vozes da congregação. O canto congregacional torna-se poderoso quando bem conduzido. E ele só pode ser bem conduzido se os líderes de louvor puderem ouvir aqueles que eles estão conduzindo. ... Os líderes de louvor decidem, intencionalmente ou não, se querem conduzir a congregação ou se apresentarem para o público.” Thom S. Rainer. **Seis Razões Por Que o Canto Congregacional Está em Declínio**. Disponível em: <<https://musicaeadoracao.com.br/65141/seis-razoes-por-que-o-canto-congregacional-esta-em-declinio>>.

Faço mais um apelo aos dirigentes do louvor congregacional: ensinem hinos novos à congregação. Há pessoas que parecem estar cansadas do Hinário Adventista pelo simples fato de cantarem sempre os mesmos hinos, quando existem 610 opções diferentes. Outras se cansam por causa da maneira enfadonha com que o louvor muitas vezes é conduzido, como se os dirigentes estivessem sendo forçados a estar ali e não sentissem nenhum prazer nisso. Há pessoas, ainda, que parecem estar cansadas do Hinário simplesmente porque os hinos não as agradam; afinal, essas pessoas não se cansam de cantar repetidamente as mesmas duas ou três músicas de um mesmo DVD contemporâneo. Seja como for, ensine hinos novos à congregação.

Em relação aos CDs e DVDs contemporâneos, é preciso selecionar de maneira racional o que será cantado. Ainda que existam nesses materiais músicas apropriadas de valor espiritual, há músicas que ferem princípios de reverência, racionalidade e outros. Algumas dessas músicas, inclusive, não estão em harmonia com as normas oficiais adventistas enunciadas no Manual da Igreja.

Em relação ao Hinário Adventista, ainda que contenha centenas de hinos que são verdadeiros sermões, ricos em conteúdo, é importante ressaltar que não podemos colocá-lo em pé de igualdade com a Bíblia. Unicamente a Palavra de Deus é infalível, tanto que não deve ser alterada de maneira alguma (Apocalipse 22:18-19). Por esta razão, a Bíblia não passa por processos de análise e reestruturação com o decorrer do tempo, ao contrário do que acontece com o Hinário que, periodicamente, passa por um processo durante o qual hinos são incluídos e hinos são excluídos, e não há nenhum problema nisso. Não questiono a Palavra de Deus, mas posso perfeitamente questionar algum hino do Hinário em relação a ser ou não apropriado à adoração.

Outra sugestão aos dirigentes do louvor: ensinem a congregação a cantar com entendimento. No processo de escolha das músicas, examine as letras, pois a mensagem transmitida deve ter um significado claro. Linguagem poética tem limites. Algumas músicas podem apresentar frases absolutamente sem sentido; evite-as. Outras músicas podem apresentar palavras não muito comuns ao nosso dia a dia, cujo significado talvez

O LOUVOR CONGREGACIONAL

não seja conhecido por todos; ensine o significado à congregação antes de cantá-las. Devemos saber exatamente o que estamos cantando. Isso também é oferecer a Deus um louvor racional.

Ainda no contexto do louvor congregacional, é positivo o uso de instrumentos musicais habilmente tocados, se a igreja dispõe de músicos para tal. Se a igreja não dispõe, use o playback (sem vocal) a fim de estimular a congregação a cantar e ouvir-se. É importante ensaiar com antecedência os hinos que serão cantados para que haja segurança ao acompanhar o playback. Agindo assim, transmite-se essa segurança à congregação.

“O programa de música da igreja não está na plataforma do coral, mas no banco da igreja.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 159.

“[O louvor congregacional] não deve ser utilizado para preencher espaços vagos, ou imprevistos. Deve estar inserido dentro de qualquer culto ou programa, em momento nobre, valorizando sua importância.” **Filosofia Adventista com Relação à Música**. Documento Oficial da IASD. Votado e aprovado pela Divisão Sul-Americana em 2004. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/filosofia-adventista-setimo-dia-relacao-musica>>.

Valorizemos mais o canto congregacional, unindo toda a igreja em louvor e adoração ao Senhor por meio da música. E faça-se tudo com decência e ordem.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Quando se trata deste assunto, muitas pessoas têm uma atitude defensiva; e outras uma atitude ofensiva. É raro haver disposição ao diálogo fraterno e respeitoso.

Costuma-se rotular de “fanática”, “extremista” ou mesmo “fariseu” aquela pessoa que, por alguma razão, se propõe a evitar o uso da bateria (e seus assemelhados) em cultos nos templos cristãos e em produções musicais denominacionais. A ideia que predomina no meio musical cristão contemporâneo é: se todo mundo está usando, se aquele músico conhecido e influente disse que não tem problema, se me agrada, se é atrativo às pessoas, então não pode ser mau.

Certa vez, observando uma dessas acaloradas discussões sobre o uso da bateria, decidi pesquisar este assunto. Busquei evidências na Palavra de Deus, no Espírito de Profecia, além de buscar aquilo que músicos profissionais e a comunidade acadêmica têm dito e escrito sobre este assunto. Percebi que é imprudente tomar uma decisão baseada num único verso bíblico, ou numa única citação do Espírito de Profecia ou no que alguém afirmou ser verdade. Reuni todas essas fontes e comparei umas com as outras. Tomei como base os princípios bíblicos para analisar os diversos ângulos da questão.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Alguns afirmam que usar bateria na música de louvor e adoração ao Senhor é pecado; outros recomendam seu uso irrestrito; outros, ainda, defendem o uso equilibrado afirmando que o problema não está no instrumento em si, mas na maneira como é usado. Diante de tantas opiniões divergentes sobre o assunto, qual seria o melhor caminho? Evitá-la definitivamente? Usá-la de forma irrestrita e sem critérios objetivos? Usá-la de maneira correta e com equilíbrio? Qual seria, então, a maneira correta e equilibrada?

Pode ser que em algum momento deste capítulo você se sinta tentado a desistir da leitura e fechar o livro. Isto pode acontecer por estar sendo questionado algo que o agrada, ou que representa uma prática rotineira que você julga não ser um problema. Porém, convido você a ler este capítulo até o final. O objetivo não é condenar ou ditar regras, mas questionar e convidar à reflexão, compartilhando informações e apresentando pontos de vista diferentes para os quais talvez você nunca tenha atentado.

Compreendendo que música não é uma questão de gosto pessoal ou cultura, e que a música tem uma influência poderosa sobre nossa mente e nosso organismo em geral, é prudente investigar ao máximo possível as suas implicações.

“As leis naturais que governam a física de nossos corpos e mentes têm sido estudadas com experimentos científicos medindo o efeito da música e o estímulo nas respostas dadas pelo nosso corpo ... Estudos mostraram que o impacto da música no sistema nervoso ... afeta processos tais como a frequência cardíaca, a respiração, a pressão sanguínea, a digestão, o equilíbrio hormonal, o humor e as atitudes. Ou seja, as raízes dos nervos do ouvido são extensamente distribuídas e possuem mais ligações com todas as funções de nosso organismo que qualquer outro órgão sensitivo.” Carlos Gibran de Souza Cerqueira. **A música do nosso corpo:** sobre a importância das ondas sonoras para as nossas vidas. Caderno de Física da Universidade Federal do Espírito Santo vol. 13, n. 1, jan-jun 2015, p. 1403.1 e 2.

“A maioria das pessoas não presta muita atenção às leis da música e ignora o impacto que a música tem sobre a sua saúde física, social e mental.” Samuele Bacchiocchi. **O Cristão e a Música Rock**, p. 237.

“Tendemos a pensar a partir da maneira como as coisas se apresentam aos nossos olhos, em vez de imaginar como ocorrem dentro dos nossos corpos.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, p. 271.

“Todos os órgãos do nosso corpo estão sendo afetados em grande proporção por causa da música popular a que somos expostos a cada dia.” Dr. John Diamond. Médico especializado nas áreas de psiquiatria e medicina holística, autor de 35 livros traduzidos em vários idiomas, palestrante internacional, ex-presidente da Academia Internacional de Medicina Preventiva e fundador do Instituto Música e Saúde. **Your Body Doesn't Lie**. Grand Central Life & Stile, 1979, pp. 159-160.

Por mais que não tenhamos a clara percepção da forma como nosso organismo está reagindo a determinado estímulo, por mais que não o vejamos exteriormente, é importante lembrarmos que alguma coisa acontece dentro do nosso corpo.

“Música provoca reações físicas similares em diferentes pessoas ao mesmo tempo.” Anthony Storr, psiquiatra inglês da Universidade de Oxford. **Music and the Mind**, p. 33.

Vimos no início deste estudo que algumas reações causadas pela música, visualmente perceptíveis ou não, são as mesmas em todas as pessoas, independentemente da cultura, por se tratar de reações fisiológicas. Tratamos, também,

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

a respeito do rock and roll e daquilo que seus adeptos promovem, de maneira consciente ou não. Porém, por algum tempo questionei: quais seriam os elementos, os “ingredientes” que tornam o rock and roll este fenômeno mundial? O que faz dessa estrutura musical algo tão viciante para milhões de pessoas?

“A grande coisa sobre a música rock é seu poder de indução. O canto sensual, a batida insistente, letras sugestivas, transformam as pessoas. Música é usada em muitos lugares para condicionar a mente humana.” Ken Lynch, músico violonista, ex-membro da Orquestra de Springfiel, atual evangelista. **Gospel Music**, p. 8.

Entendemos que o rock and roll possui uma série de fatores que o tornam atrativo a pessoas carnavais. Porém, haveria um elemento principal, um destaque sobre todos os outros, e que seja em grande proporção responsável pelo efeito viciante dessa estrutura musical? Um efeito não apenas viciante, mas também prejudicial ao organismo humano?

Dentre os elementos citados anteriormente por Ken Lynch, podemos observar a “batida insistente”. Poderia ser este o elemento principal?

“Eu acredito no poder transformador do rock and roll ... esse poder transformador não é tanto palavras de canções ou as ideias das estrelas, mas a própria música – o som e, acima de tudo, a batida.” Robert Palmer, escritor, músico, produtor e colunista do The New York Times e Revista Rolling Stones. **Rock & Roll an Unruly History**, p. 12.

“A grande força do rock and roll reside em sua batida.” Irwin Silber, jornalista, editor e ativista político. **Sing Out**, mai. 1965, p. 63.

“Talvez a mais importante qualidade para definição de rock and roll seja a sua batida.” Charles T. Brown. **The Art of Rock and Roll**, p. 42.

“É a batida que exige uma resposta física direta.” Simon Frith, sociólogo inglês, graduado em Oxford e Universidade da Califórnia, professor de sociologia na Universidade Warwick-Inglaterra. **Sound Effects, Youth, Leisure and the Politics of Rock and Roll**, p. 240.

“Como o rock difere do jazz e de outras músicas populares? Uma característica é sua batida pesada, que levou um crítico a definir o rock como ‘música na qual a bateria carrega a melodia.’ Charles R. Hoffer. PhD em música, foi diretor da área de educação musical da Universidade da Flórida. **The Understanding of Music**, p. 503.

“O que faz você dançar é a batida, o baixo e a bateria. E com esta mistura e volume, a batida não é somente percebida, mas literalmente sentida, enquanto este aspecto do setor rítmico predomina sobre a melodia e a harmonia.” Steven Halpern, Ph.D. e famoso palestrante nas áreas de saúde e nutrição. **Tuning the Human Instrument**, p. 14.

Quando o Dr. Steven Halpern se refere à batida como sendo literalmente sentida, remete-nos ao conceito de que música é basicamente som; e som é um fenômeno físico caracterizado por ondas de compressão e descompressão do ar. Esses deslocamentos de ar podem ser observados de maneira clara quando, ao passar um carro com som alto pela rua, principalmente quando há uma batida forte, ouvimos forte vibração nas portas e janelas de alumínio, por exemplo. Essas mesmas ondas de deslocamento de ar atingem o nosso corpo e, gerando estímulos, nos afetam de alguma maneira. Por isso pode-se afirmar que música não é apenas ouvida, mas literalmente sentida pelo nosso corpo.

“Com as orelhas completamente bloqueadas, o corpo ainda responde ao som. Isto é porque nós ‘ouvimos’ não apenas com nossas orelhas, mas também com nossos

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

corpos.” Dr. John Diamond. Médico especializado nas áreas de psiquiatria e medicina holística, autor de 35 livros traduzidos em vários idiomas, palestrante internacional, ex-presidente da Academia Internacional de Medicina Preventiva e fundador do Instituto Música e Saúde. **Your Body Doesn’t Lie**. Grand Central Life & Stile, 1979, p. 155.

A batida do rock, que sobrepuja os demais instrumentos, é o que afeta de maneira mais intensa o nosso corpo.

“Em certo sentido, todo rock é revolucionário, por sua batida e som, que sempre rejeitaram implicitamente a restrição e celebraram a liberdade e a sexualidade.” **Time**, 3 jan. 1969.

“Rock te motiva internamente e te dá uma sensação sensual. ... A batida da bateria sempre foi um fator.” Mike Quatro, tecladista, compositor, executivo de entretenimento. Citado por Ira Peck. **The New Sound, Yes**, p. 112.

“Talvez minha música seja sexy ... Mas que música com uma grande batida não é?” Jimmi Hendrix, citado de sua biografia **Scuse Me While I Kiss the Sky**, p. 117.

Observando estas citações, e muitas outras que podem ser encontradas, concluí que o ingrediente principal, que torna o rock and roll um fenômeno mundial e uma estrutura musical viciante é a sua batida. Mas que tipo de batida é essa que tem o poder de estimular o corpo e inibir a mente de milhões de pessoas ao redor do mundo?

“Muitas batidas na música de hoje são tiradas do voodoo, dos tambores do voodoo. Se você estudar os ritmos musicais como tenho feito, verá que é verdade.” Little Richard, considerado ‘o arquiteto do rock’, eleito pela revista Rolling Stones

o 8º maior artista da música de todos os tempos. **The Life and Times of Little Richard**, p. 197.

Tambores do voodoo. Quando me deparei com esta afirmação, lembrei-me de um fato curioso: todas as religiões tribalistas, animistas, espiritualistas que necessitam induzir estados de euforia e transe, promovendo o entorpecimento da consciência como forma de facilitar o acesso de espíritos à mente, usam o mesmo instrumento para este fim: o tambor.

Ao estudar algumas dessas religiões e seus rituais, encontrei informações surpreendentes vindas de pesquisadores que não têm nenhum interesse em defender ou condenar a bateria, cujas pesquisas nem mesmo foram realizadas com o objetivo de estudar tambores, mas estudar os rituais e as religiões em si. E estas foram algumas das conclusões dos pesquisadores, acadêmicos e músicos profissionais (incluindo bateristas) sobre o assunto:

“Não há como fazer os rituais sem os tambores. São indispensáveis por vários motivos. São caminhos para o êxtase.” Cláudio Alberto dos Santos. **Tambores incandescentes, corpos em êxtase**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Março de 2007, p. 63.

“Danças e rituais pagãos são sempre acompanhados pela incessante batida de tambores. Esse ritmo tem um papel fundamental nestas atividades.” Lowell Hart, evangelista e ex-músico do rock. **Satan’s Music Exposed**, p. 71.

“Na maioria das tradições místicas, a dança e o canto com tambor são os meios mais utilizados para se atingir o transe. ... O xamã é capaz de obter o êxtase por todos os tipos de meios, desde narcóticos e o tambor até a posseção por espíritos.” Mircea Eliade, um dos mais influentes historiadores e filósofos das religiões. **O xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. São Paulo: Martins Editora, 1998, p. 115.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“Rituais xamânicos são uma das mais antigas práticas espirituais da humanidade. ... A sessão xamânica é realizada à noite. A comunidade se reúne no interior de uma tenda. O centro, onde há fogo, fica reservado para o xamã e seu assistente. O tambor é o instrumento principal.” José Augusto Lemos. Voos da alma. **Super Interessante**. 30 jun. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/voos-da-alma>>.

“É crido que o xamã pode se comunicar com o mundo espiritual através da percussão de tambores.” Louise Tythacott, antropóloga, doutorado pela Universidade de Manchester (Reino Unido), professora de Museologia. **Musical Instruments**, p. 37.

“Para esses povos, a comunicação com os deuses era sinônimo de tambores ... O corpo pode se tornar o canal para a deidade e os tambores são os aceleradores de todo o processo. O êxtase provocado pelo ritmo então torna-se histeria.” Danny Sugerman, empresário da banda de rock The Doors. **Appetite for Destruction**, p. 181.

“A maneira pela qual a possessão é provocada é curiosamente semelhante em quase todos os cultos, envolvendo em geral a exposição dos participantes a intensos estímulos dos sentidos físicos, acompanhados de considerável estresse emocional. O mais vital de todos os elementos talvez fosse a constante música rítmica e o barulho dos tambores que acompanhavam todo o ritual.” Ward Rutherford. **Os Druídas**, p. 150.

“O ritmo dos tambores produzem fadiga e amortecimento consequente da consciência, levando os iniciados a um verdadeiro estado de hipnose.” Francisco Sparta, Antropólogo. **A Dança dos Orixás**, pp. 50, 57.

“Desde tempos imemoriais, o monótono som de tambores, cânticos e outras técnicas de produção de som têm sido as principais ferramentas de xamãs em diferentes partes do mundo. Muitas culturas pré-industriais desenvolveram, de maneira bastante independente, ritmos com tambores que, em experimentos laboratoriais, têm notáveis efeitos sobre a atividade elétrica do cérebro.” Stanislav Grof. **Psicologia do Futuro: lições das pesquisas modernas da consciência**, p. 182.

Mickey Hart, componente da antiga banda de rock americana Grateful Dead, é um famoso baterista. Ele viajou por todo o mundo para estudar os diversos ritmos e diversas formas de percussão, bem como seus efeitos. Algumas de suas conclusões foram descritas em um livro de sua autoria:

“Por toda a parte, para onde você olhe no planeta, pessoas estão usando tambores para alterar a consciência. Juntamente com muitos outros, eu tenho descoberto o poder da música, e particularmente o da percussão, para influenciar a mente e o corpo humano. ... É difícil encontrar o momento exato quando eu acordei para o fato de que minha tradição – rock and roll – tem um lado espiritual, que foi um ramo da família que manteve uma antiga conexão entre o tambor e os deuses.” **Drumming at the Edge of Magic: a journey into the spirit of percussion**, pp. 30, 212.

Estas são considerações de um baterista profissional.

“O xamã foi o ‘cabelo comprido’ original, a primeira estrela do rock, envolto em couro, dançando possuído por um ritmo batido em um tambor.” Danny Sugerman, empresário da banda de rock The Doors. **Appetite for Destruction**, p. 208.

“Derivado do culto negro é o rock and roll, que provoca um efeito semelhante ao transe.” William Sargant, pesquisador

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

em psiquiatria, citado pelo antropólogo Francisco Sparta. **A Dança dos Orixás**, pp. 56-57.

Observamos, portanto, que há uma relação direta entre o rock and roll e os rituais tribalistas. Ambos provocam a estimulação do corpo e a inibição da mente.

“Percussionistas primitivos aprenderam a induzir respostas fisiológicas, de êxtase e alucinações a convulsões e inconsciência.” Michael Segell, percussionista, saxofonista e escritor, com artigos publicados no *The New York Times* e na revista *Rolling Stones*. *Rhythmitism*. **American Health**, dezembro de 1988, pp. 19, 37.

O psicoterapeuta Leonardo R. Albuquerque, que há anos realiza experiências voltadas à relação dos tambores com o corpo e a mente, afirmou em sua apresentação num congresso de pesquisa na área de música:

“Eu tenho observado também a extraordinária e consistente habilidade dos tambores de criar estados de euforia, induzir estados de transe, promover diversão, liberar a raiva. ... O tambor entra como um facilitador de processos de transição por diferentes estados de consciência.” **O tambor enquanto veículo de expressão do ritmo da vida**. XIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná, p. 440.

Vale reforçar que as pesquisas até aqui apresentadas não partiram de pessoas que desejam defender ou condenar este ou aquele instrumento e que, talvez, não tenham nenhum compromisso com religião. Essas pessoas apenas nos apresentam os resultados de suas pesquisas.

Por quais motivos os tambores são indispensáveis nesses rituais? E de que maneira são usados? Por que essas batidas estimulam o corpo,

entorpecem a mente e induzem a estados alterados de consciência e até ao transe? Haverá alguma relação com o efeito que causam no corpo e na mente? Será qualquer espécie de batida ou há uma estrutura específica? Posso utilizar tambores de forma correta, equilibrada, que não cause estes efeitos negativos? Caso seja possível, qual é a forma correta?

Talvez você esteja pensando que é um exagero nos referirmos ao uso dos tambores nos rituais espiritualistas, ou que seja muito “forçado” inferir que algum dia possa acontecer em nossas igrejas algo semelhante às experiências de transe dessas tribos. Porém, é importante esclarecer que transe e possessão são o extremo da questão e não dependem exclusivamente da música, mas há outros fatores que predispõem e favorecem tais manifestações. O que iremos analisar, partindo do extremo para o sutil, é a utilização dessas estruturas rítmicas enfatizadas por meio de batidas e o seu potencial no sentido de excitar o corpo, anuviar a mente e prejudicar o culto racional. Lembremos sempre que nosso contexto de estudo é a música de adoração ao Criador.

Considerando que, segundo resultados das pesquisas citadas, os tambores têm um grande potencial para induzir respostas fisiológicas incompatíveis com a adoração – inclusive sendo possível alterar a consciência das pessoas –, alguns acreditam que a solução é usar os tambores de uma maneira que não cause tais efeitos. Qual é, então, a forma correta de usar? Como posso saber se a maneira como estou utilizando não está resultando em tais efeitos? Quais os critérios objetivos que caracterizam uma forma equilibrada de uso?

Alguma vez você já ouviu falar a respeito da incorporação de espíritos motivada pelos tambores, quando cada toque específico “convida” um espírito específico? Será que esta informação procede?

O músico André Luiz Monteiro de Almeida, ao desenvolver sua dissertação de mestrado voltada à relação entre a música e a cultura social, estudou detidamente as práticas umbandistas por meio de pesquisas de campo e de pesquisas bibliográficas. Depois de passar algum tempo dentro de um terreiro de umbanda, ele relatou:

“O ogã Donizete Bernardo, do Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mara e Vovó Maria Conga, em entrevista, informou

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

que, quando um aspirante a ogã não consegue ‘dominar o toque’ (isto é, o código musical) com perfeição, ele é substituído, pois esta inaptidão atrapalharia a incorporação dos médiuns. ... No contexto cultural tanto da Umbanda quanto do Candomblé, a palavra ‘toque’ se refere aos padrões sonoros emitidos pelos instrumentos percussivos durante a execução musical.” André Luiz Monteiro de Almeida. **A música sagrada dos ogãs no terreiro de umbanda ‘Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga’ da cidade goiana de Itaberaí: representações e identidades.** Dissertação de Mestrado em Música. Univ. Federal de Goiás, 2013, pp. 67, 70.

Se o aspirante não domina a batida correta, ele interfere na incorporação dos médiuns. As batidas devem ser corretas, precisas e “com perfeição”.

É importante reforçar que não acredito que a possessão por espíritos seja provocada pela mera percussão de tambores, não creio que tambores essencialmente convoquem demônios. Porém, creio que certas estruturas rítmicas enfatizadas pelas batidas podem resultar em dois efeitos simultâneos, conforme veremos em maiores detalhes mais adiante: estimulação corporal e inibição mental. E isto constitui um ambiente favorável à ação dos anjos maus. Creio que a possessão é resultado do entorpecimento da consciência. E esse entorpecimento pode, em maior ou menor grau, franquear entrada de Satanás e seus anjos na mente humana. Os resultados disso podem ser observados em manifestações corporais frenéticas, como pode ser observado em experiências de transe e possessão, ou numa sutil e perigosa influência diabólica nos pensamentos, ou em um estado mental que impede que a mensagem vinda de Deus seja assimilada. E, de acordo com os especialistas, esse entorpecimento é alcançado, principalmente, por determinadas estruturas rítmicas causadas pela percussão de tambores.

Será que a mera percussão de tambores pode acarretar resultados tão perigosos? Será que uma mera batida pode ser tão prejudicial, tanto do ponto de vista físico quanto espiritual? E está se referindo a qual espécie de batida?

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Por algum tempo questionei a mim mesmo qual seria a utilidade básica da bateria na música. Questionei também uma série de pessoas, tanto músicos quanto leigos, e deles ouvi a mesma resposta: a bateria serve para marcar o ritmo da música. Sendo assim, entendi que a utilidade básica da bateria, talvez a única, seja a marcação, a ênfase do ritmo por meio de um ruído, uma “batida”.

Desse modo, podemos compreender que a bateria traz os seguintes elementos para a música e, em muitos casos, todos simultaneamente: ênfase do ritmo, batida repetitiva, batida sincopada, batida polirrítmica e emissão de ruído. Vamos tratar de cada um deles e observar, de acordo com estudos, quais reações evocam e se estas reações são apropriadas para um culto de adoração ao Criador, onde a razão deve ter a predominância sobre as emoções.

ÊNFASE RÍTMICA

O ritmo musical está diretamente associado ao ritmo corporal. Diante disso, considerando os três elementos básicos da música (melodia, harmonia e ritmo), qual destes Satanás colocaria em destaque? Evidentemente aquele que tivesse o apelo corporal mais direto. Quando o elemento rítmico é predominante, há estimulação para expressões corporais.

“A percepção musical e o comportamento motor estão intrinsecamente relacionados; bater o pé e estalar os dedos ao som da música são apenas uma das manifestações visíveis de indução espontânea de movimento que o ritmo musical incita.” Ana Sofia da Silva Carvalho Pereira de Sousa. **Música e saúde**: uma arte a serviço da Ciência Médica. Dissertação de Mestrado em Medicina. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto, p. 15.

“O ritmo musical influencia os padrões de sono e vigília e as secreções de diversas glândulas.” Gianpiero Gasparini. Musicoterapia usa identidade musical para ativar cérebro. Equilíbrio e Saúde, 2003. Citado por Jessica Adriani Weigsding. **A influência da música no comportamento**

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

humano. Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) vol. 18, n.2. Universidade Estadual de Maringá, p. 55.

O ritmo musical realmente afeta o funcionamento do corpo humano? Já citamos algo relacionado a isto anteriormente, mas vamos rever algumas das conclusões da comunidade acadêmica sobre o assunto.

“É através de nossos corpos que primeiramente respondemos ao ritmo da música.” Shelley Katshand e Carol Merle-Fishman, terapeutas musicais, instrutoras da Universidade de Nova York, consultoras e musicistas. **The Music Within You**, p. 161.

“Ritmo é enraizado no corpo de uma maneira que não se aplica tão acometidamente à melodia e harmonia.” Anthony Storr, psiquiatra inglês da Universidade de Oxford. **Music and the Mind**, p. 33.

“A percepção do ritmo envolve o organismo inteiro.” Carl E. Seashore, músico, escritor e PhD em psicologia. **The Psychology of Musical Talent**, p. 117.

“Ritmos musicais afetam tanto os nossos corações quanto as nossas mentes. Uma maneira de excitar uma série de sentimentos agitados – tensos, excitados, e às vezes sexuais – é através de ritmos insistentes e pronunciados ... Bater o ritmo com a bateria pode produzir estes efeitos poderosos por impulsionar os ritmos elétricos do cérebro.” Anne H. Rosenfeld. Music, the Beautiful Disturber. **Psychology Today**, dez. 1985, p. 54.

“Alguns ouvintes mostram uma forte preferência pela música que tem batida. ... Para estes, a música é, principalmente, um dispositivo para fazer seus corpos pulsarem. Esse prazer

parece ganhar a prioridade, colocando em segundo plano o prazer da melodia.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e Inteligência artificial.

Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação, pp. 65, 329.

Observamos que a ênfase rítmica provoca uma estimulação corporal.

“Além de estimular os músculos a produzir movimentos físicos, os impulsos nervosos produzidos por ritmos enfatizados estimulam vários centros cerebrais. Os neurotransmissores gerados a partir deles podem ter ações as quais são imitadas pelas drogas psicoativas e podem produzir euforia, convulsões, transe, hipnose, tolerância e vício.” Roger Liebi. *Rock Music! The Expression of Youth in a Dying Era*, Zurich, 1989. Citado por Vanderlei Dorneles. **Cristãos em Busca do Êxtase**, p. 25.

Verificamos que ritmos enfatizados podem resultar em reações físicas similares às aquelas causadas pelo uso de drogas psicoativas, levando, inclusive ao vício. A bateria foi concebida justamente para dar ênfase aos ritmos, por meio de uma batida repetitiva, sincopada e polirrítmica.

“Nada é mais singular sobre esta geração do que seu vício em música.” Allan Bloom, professor de pensamento social da Universidade de Chicago. Foi professor em Harvard, Yale, Universidade de Paris e de Toronto. **The Closing of the American Mind**, p. 68.

Veja esta declaração de Eddy Mansem, compositor vencedor do Oscar:

“A música é uma espada de dois gumes. Ela é realmente uma droga poderosa. A música pode envenenar você, elevar seu espírito ou deixar você doente sem saber o porquê.” Citado

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

por David Chagall. **Family Weekly**, 30 jan. 1983, p. 14.

O vício leva o indivíduo a acreditar que não pode viver ou ser feliz sem aquele produto. Assim é o vício em drogas, bebida, sexo, cigarro, filmes, trabalho, carne, música, entre outros. Não seria por isso que muitos acreditam não poder sentir prazer numa música se não tiver uma ênfase rítmica, principalmente por meio de uma batida?

Percebe-se, então, que a ênfase no ritmo promove um forte estímulo corporal. Mas no culto de adoração ao Criador o corpo precisa estar dominado pela razão e a consciência estar ativa, a fim de que exista adequado equilíbrio entre razão e emoção. Portanto, é preciso evitar a batida que tem como função justamente dar maior ênfase ao ritmo da música.

BATIDA REPETITIVA

É preciso diferenciar o uso de instrumentos de percussão numa orquestra sinfônica, por exemplo, do uso de bateria e seus assemelhados numa banda, e do uso de tambores num ritual místico. A diferença de uso está na repetição rítmica bem como nos conceitos de síncope e polirritmia, além da questão do volume.

Numa orquestra sinfônica os instrumentos de percussão são usados em momentos esporádicos e específicos para gerar determinado efeito especial na obra musical. E alguns desses instrumentos, como o tímpano, por exemplo, emitem ondas sonoras de altura e comprimento definidos, ou seja, emitem tons ou notas musicais.

A bateria, no entanto, produz uma batida monótona e seca, emitindo ondas sonoras de altura e comprimento indefinidos, que são os “ruídos”, sempre no mesmo intervalo de tempo e durante longo período.

“Um bom número de apreciadores do ‘rock cristão’ tem pouco interesse nos textos das canções, porém, muito mais interesse na batida repetitiva.” Ernest Pickering, presidente do Seminário Teológico Batista, Minneapolis-USA. **O Tipo de Música que Honra a Deus**, pp. 16-17.

“Há um novo tipo de música cujo principal artifício é a repetição, que depende de um ‘backbeat’ monótono para propulsar os ouvidos. Pessoas que crescem com este tipo de música perdem a sensibilidade por polifonia; suas capacidades de atenção musical encurtam-se até quase à atrofia; e elas captam organização musical somente por movimentarem-se à uma batida.” Roger Scruton. **The Wall Street Journal**, 28 dez. 1999, p. A18.

“Obras marcadas por batidas com um intervalo previsível e um grau moderado de complexidade são mais capazes de provocar movimentos corporais do que músicas em que a lógica do ritmo não é tão fácil de perceber.” Maria Witek, neurocientista e mestre em psicologia da música; Josep Marc-Pallarés, pesquisador da Universidade de Barcelona. Prever o ritmo da música é fator determinante para a vontade de dançar. **O Estado de Minas**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2014/04/25/interna_tecnologia,522467/prever-o-ritmo-da-musica-e-fator-determinante-para-a-vontade-de-dancar.shtml>.

Observamos que a batida repetitiva pode provocar uma estimulação corporal.

Robert Lee Hotz, editor de ciências do **Los Angeles Times**, concluiu:

“Os pesquisadores sugeriram que a música clássica pode melhorar o raciocínio abstrato, como o que envolve a matemática ou o xadrez, reforçando certos padrões complexos de atividade neural. Eles suspeitam que a complexidade da música em si é a chave. Ritmos mais simples e repetitivos de rock grunge ou jazz minimalista da Nova Era podem, na verdade, interferir no raciocínio abstrato.” Study Finds That Mozart Music Makes You Smarter. **Los Angeles Times**, 14 out. 1993. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1993-10-14/news/mn-45497_1_iq-scores>.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

E aqui podemos notar que as mesmas batidas repetitivas, além da estimulação corporal, podem provocar a inibição da mente.

Quando oferecemos um culto a Deus, nosso raciocínio não deve sofrer nenhum tipo de interferência. Nosso culto de adoração ao Criador precisa ser sóbrio, consciente. Por isso é importante refletirmos seriamente em relação ao uso de elementos na música que podem estimular-nos corporalmente e, ao mesmo tempo, inibir-nos mentalmente.

“O ritmo é o elemento da música mais estreitamente ligado ao movimento do corpo para a ação física. Este padrão, quando repetido várias vezes, pode ter um efeito hipnótico sobre nós.” Joseph Machlis, professor de música da Universidade de Nova York. **The Enjoyment of Music**, p. 19.

A repetição é uma técnica eficaz no relaxamento da mente. Já a batida é algo que induz o corpo ao movimento. Quando unimos ambas as características (batida repetitiva) o resultado pode ser uma movimentação corporal inconsciente e inconsequente. Lembremos dos rituais tribais, onde indivíduos têm suas consciências embotadas e, ao mesmo tempo, praticam movimentos frenéticos. A intenção de Satanás é sempre a mesma: em menor ou maior grau, estimular o corpo e inibir a mente.

“Dentre os diversos padrões musicais relacionados a estados alterados de consciência, os padrões rítmicos repetitivos são relacionados à indução aos estados conhecidos como ‘estados de transe’”. André Luiz Monteiro de Almeida. **A música sagrada dos ogãs no terreiro de umbanda ‘Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga’ da cidade goiana de Itaberaí**: representações e identidades. Dissertação de Mestrado em Música. Univ. Federal de Goiás, 2013, p. 64.

“Para chegar [ao transe], o xamã utiliza as chamadas ‘técnicas arcaicas de êxtase’. A mais universal delas é a música: sessões exaustivas de canto e dança ao som de ritmos repetitivos do

tambor ou chocalho.” José Augusto Lemos. Voos da alma. **Super Interessante**. 30 jun. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/voos-da-alma>>.

“Com a batida incessante da música rock, um desequilíbrio radical ocorre no cérebro. O efeito final é uma sobrecarga de hormônios que podem causar inibição ou completa extinção do discernimento moral.” Salem Kirban. Rock Music and Big Business. Citado por Lowell Hart. **Satan’s Music Exposed**, p. 45.

Qual a razão desse efeito hipnótico? O que exatamente acontece dentro do nosso cérebro quando somos expostos a uma batida repetitiva?

“Nossos cérebros se ‘habitua’ e cessam de reagir com coisas que não mudam. ... O mesmo acontece na música com batida repetitiva. ... Uma causa para esse fenômeno pode ser a temporária exaustão neural, quando os mesmos circuitos do cérebro são ativados repetidas vezes.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, pp. 395-396.

“O volume alto, a bateria e a repetição da maioria dos estilos de rock contemporâneo trazem uma semelhança, não por coincidência, à música de transe encontrada em outras partes do mundo.” Steven Halpern, Ph.D. e famoso palestrante nas áreas de saúde e nutrição. **Tuning the Human Instrument**, p. 14.

“A música de rock ... caracteriza-se pela monotonia, pela repetição muito frequente e invariável da mesma sequência de trechos musicais. A instrumentação eletrônica e a insistência rítmica modificaram a sensibilidade acústica do ouvinte

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

ocidental.” Rolando de Nassau (prefácio). **A Mensagem Oculta do Rock**, Rio de Janeiro, 1986, p. 16

“O transe plenamente desenvolvido assemelha-se ao sono muito profundo, ficando o sujeito em estupor e insensível a estímulos. Relatam-se, de épocas anteriores, estados algo semelhantes que geralmente apareciam no homem quando ele se submetia longamente a estímulos repetitivos, por exemplo ritmação de tambores e de canto.” Termo “Hipnose”. **Dicionário de Psicologia**, 1981, p. 144.

No contexto rítmico, enfatizado pela batida da bateria e de seus asse-
melhados, há ainda outros conceitos a serem analisados.

“A exposição à música com ritmos ‘harmônicos’ reforça os ciclos rítmicos do corpo humano, sincronizando mensagens nervosas, melhorando a coordenação, e harmonizando humores e emoções. Por contraste, a exposição à música com ritmos ‘desarmônicos’ – quer seja a ‘tensão’ causada pela dissonância ou ‘barulho’ ou os balanços antinaturais de acentos rítmicos deslocados, síncope e polirritmos – podem resultar em uma estimulação excessiva de hormônios (especialmente os opióides ou endorfinas) causando uma alteração no estado da consciência, desde mera estimulação num extremo do espectro até a inconsciência no outro extremo.” Carol Torres, violinista concertista; Louis Torres, ex-músico do rock. **Notes on Music**, p. 19.

A endorfina é um neurohormônio produzido pelo próprio organismo. O termo tem origem nas palavras *endo* (interno) e *morfina* (analgésico), sendo, portanto, um analgésico interno. As endorfinas são benéficas e úteis ao bem-estar corporal. Sua produção, porém, não pode ser excessiva; este excesso pode resultar em redução da atividade cerebral que, por sua vez, prejudicará o entorpecimento da mente.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Neurônios especiais produzem substâncias chamadas endorfinas, que se parecem com os narcóticos e agem sobre os neurônios nos caminhos da dor, no cérebro, reduzindo sua atividade e, assim, aliviando a dor subjetiva.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase:** como a música captura nossa imaginação, p. 399.

Imagine que estejamos num momento de culto, onde músicas são executadas com ritmo repetitivo, batida monótona, causando liberação excessiva de endorfinas no organismo dos ouvintes. Ao final do serviço de cântico, todos sentem um grande prazer, uma sensação de bem-estar, e creem que isto foi causado pela ação do Espírito Santo. Na verdade, em muitos casos, pode ser apenas a ação do excesso de endorfina no organismo. E podemos ter uma sensação de bem-estar mesmo que a letra da música tenha um conteúdo confuso ou até antibíblico, pois isso passa despercebido, uma vez que a consciência, em maior ou menor grau, tem sua ação inibida pelas batidas repetitivas. Muito facilmente confundimos reações fisiológicas com ação do Espírito Santo.

Um dos textos lidos anteriormente relatou que a endorfina excessiva pode ser produzida quando somos expostos à música com ritmos desarmonicos, como, por exemplo, acontece na síncope e na polirritmia. Mas o que são estes elementos?

BATIDA SINCOPADA

Nossos corpos são rítmicos por natureza. Tomemos como exemplo o coração. Esse órgão tem um ritmo natural, um padrão regular de batimentos durante o qual o sangue é bombeado através das quatro “câmaras” cardíacas e através do corpo. A batida principal, chamada sistólica, também conhecida como “pressão máxima”, se refere à contração do coração que ocasiona o impulso do sangue para as artérias, sendo levado a todo o corpo. A batida secundária, chamada diastólica, também conhecida como “pressão mínima”, é o relaxamento do músculo do coração, permitindo a entrada de sangue que vem das veias pulmonares, com oxigênio renovado, e que será novamente bombeado pela sístole.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Podemos recordar os dados de uma aferição de pressão arterial e observar qual é o pulso maior. Por exemplo, numa pressão arterial considerada saudável, temos 12 de pressão sistólica e 8 de pressão diastólica (dizemos pressão 12 por 8), ou seja, o primeiro pulso é o principal, o maior, e o segundo pulso o secundário, o menor.

Seguindo os ritmos naturais do corpo, a música apropriada, compatível com o equilibrado funcionamento sistêmico corporal humano, é aquela que enfatiza o primeiro tempo de cada compasso, da seguinte forma:

1 - 2 - 1 - 2 - 1 - 2

Considerando um compasso de três tempos:

1 - 2 - 3 - 1 - 2 - 3 - 1 - 2 - 3

Considerando um compasso de quatro tempos, teremos uma ênfase primária no primeiro tempo e uma ênfase secundária no terceiro tempo:

1 - 2 - 3 - 4 - 1 - 2 - 3 - 4 - 1 - 2 - 3 - 4

A batida sincopada é a inversão da acentuação natural, colocando o pulso principal no secundário, e o secundário no principal. A ênfase está nos pulsos fracos:

1 - 2 - 1 - 2 - 1 - 2 -

Considerando um compasso de três tempos:

1 - 2 - 3 - 1 - 2 - 3 - 1 - 2 - 3 -

Considerando um compasso de quatro tempos, a bateria dá ênfase aos tempos 2 e 4:

1 - 2 - 3 - 4 - 1 - 2 - 3 - 4 - 1 - 2 - 3 - 4 -

“Síncope é a acentuação consistente que não cai numa batida principal.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, p. 424.

“Síncope é uma acentuação de batida entre as batidas regulares do ritmo. Você pode chamá-lo de deslocamento da batida.” Steve Lawhead, escritor, doutorado pela Universidade de Nebraska-USA. **Rock Reconsidered**, p. 62.

Alguns estudiosos apresentam a pulsação invertida, sincopada, como sendo característica distintiva do Rock and Roll e o principal elemento que torna uma estrutura musical viciante. E é importante ressaltar que o pulso sincopado pode ser produzido também por outros instrumentos musicais mesmo sem a presença da bateria. Quando tocados de forma “batida”, esses instrumentos causam os mesmos efeitos que a bateria no corpo humano.

“Rock and Roll é diferente das outras músicas primordialmente por causa da sua batida. Rock também tende a marcar fortemente os tempos de compasso 2 e 4, acentuados pelo baterista, num compasso de 4 tempos.” Charles T. Brown. **The Art of Rock and Roll**, p. 42.

“Seja lá o que for ou não a síncope, ela tem sido creditada como a característica distintiva da música rock, mesmo em seus estágios embrionários.” John Makujina. **Measuring the Music**, p. 113.

“O ritmo rock, em qualquer forma, é uma linha contínua de síncope.” Tim Fisher, mestrado em teologia, cantor e produtor, professor de música da Bob Jones University-EUA. **O Debate Sobre a Música Cristã**, p. 105.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“O ritmo sincopado é predominante na maior parte da música popular no mundo inteiro. Sua marca registrada é o incessante bater de tambores.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial. **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação, p. 167.

“É para o Egito que os historiadores traçam a origem da música com batida sincopada e seus usos. Nos templos, sacerdotes intencionalmente empregavam síncopes complexas para induzir transe e outros distúrbios.” Pennethorne Hughes, historiador profissional e especialista em estudos da feitiçaria. Citado por Ismael Reed. **Mumbo Jumbo**, p. 191.

No início da década de 1970, o maestro brasileiro Isaac Karabtchevsky desenvolveu um projeto na televisão. Respeitado mundialmente no meio musical, ele se tornou conhecido dos telespectadores ao apresentar o programa “A Grande Noite” na TV Tupi. Durante um dos programas, ele afirmou:

“Em geral, a música popular está calcada num fenômeno musical muito evidente chamado síncope. A síncope é exatamente isto: o deslocamento do acento natural para os acentos em tempo fraco. O acento natural é o acento que cai no primeiro tempo e no terceiro tempo.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6IH3O2KkUJM>>.

O que o ritmo musical tem a ver com os ritmos biológicos?

“Os ritmos biológicos são influenciados pelas manifestações rítmicas que ocorrem no próprio ambiente. Assim, para que uma espécie possa se adaptar a um ambiente que

oscila constantemente, ela precisa oscilar de forma que ocorra uma adaptação temporal que consiste na harmonização entre a ritmicidade biológica e os ciclos ambientais.” Nelson Marques e Luiz Menna-Barreto. Cronobiologia: Princípios e Aplicações. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2003. Citado por Jessica Adriani Weigsding. **A influência da música no comportamento humano**. Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) vol. 18, n.2. Universidade Estadual de Maringá, p. 54

Observamos, portanto, que o organismo procura adaptar os ritmos biológicos aos ritmos do ambiente. Porém, a batida sincopada produz um estímulo contrário aos ritmos naturais, o que desencadeia uma reação de estresse no organismo, resultando em efeitos prejudiciais ao corpo, dos quais trataremos mais adiante.

“Quando você percebe que a maior parte da música pop é construída em volta de um padrão de bateria que está ficando cada vez mais alto em relação à melodia e outros aspectos da música, você tem uma ideia do quanto é perverso este artefato de nossa cultura. Não somente isto, mas o padrão de pulsação em si que é usado na maior parte da música contemporânea (síncope) é, na verdade, contrário ao batimento cardíaco.” Steven Halpern, Ph.D. e famoso palestrante nas áreas de saúde e nutrição. **Tuning the Human Instrument**, pp. 44-45.

Podemos fazer uma analogia simples: em se tratando da saúde do corpo, quando nosso pulso está muito acentuado ou irregular, significa que o corpo está enfermo; do mesmo modo, em se tratando de música, quando o pulso está muito acentuado ou irregular, significa que ela está de alguma forma enferma.

Interessante notar que, na linguagem da medicina, a perda de consciência, ou desmaio, é conhecida justamente como síncope.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“A perda temporária de consciência ocorre em decorrência dos batimentos cardíacos; os batimentos do coração são deslocados do lugar onde eles normalmente se encontram; consequentemente, o encéfalo deixa de ser irrigado acarretando na perda de consciência. Na música, a síncope também é o deslocamento, por assim dizer, de um batimento.” Ângelo Nonato Natale Cardoso. **A linguagem dos tambores**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. vol. 1, 2006, p. 155.

Além da redução na irrigação cerebral, ocorre uma reação de estresse, algo natural quando o organismo se depara com uma circunstância anormal que possa representar uma ameaça. O corpo, então, se prepara para enfrentá-la liberando substâncias que, ao mesmo tempo em que nos incitam à movimentação física para fuga ou luta, entorpecem a mente para que haja uma reação imediata (sem pensar), e também como forma de reduzir a “dor” que tal ameaça venha a causar. Daremos um exemplo prático mais adiante.

Estariam esses efeitos no corpo humano ligados a uma pré-disposição, a uma formação ou a um aspecto cultural do indivíduo?

“Uma determinada música induz alterações cardiovasculares previsíveis e comuns a todos os sujeitos que a ouvem, independentemente da preferência ou treino musical prévio. ... Os indivíduos que ouvem música experimentam alterações da frequência cardíaca de acordo com pelo menos 54 publicações.” Ana Sofia da Silva Carvalho Pereira de Sousa. **Música e saúde**: uma arte a serviço da Ciência Médica. Dissertação de Mestrado em Medicina. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto. p. 13.

Recordemos uma citação anterior:

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

“Música provoca reações físicas similares em diferentes pessoas ao mesmo tempo.” Anthony Storr, psiquiatra inglês da Universidade de Oxford. **Music and the Mind**, p. 33.

A conclusão é que o pulso invertido, a batida sincopada, que é predominante na música popular, em especial no Rock and Roll e seus híbridos, causa estimulação corporal e inibição da mente, algo que não deve acontecer num culto de adoração ao Senhor. Lembrando que esse efeito é uma questão fisiológica, não cultural e, portanto, comum a todas as pessoas.

BATIDA POLIRRÍTMICA

Polirritmia é o emprego simultâneo de duas ou mais estruturas rítmicas diferentes na música. No contexto que estamos analisando, seriam batidas simultâneas em ritmos diferentes. A bateria é um instrumento que foi concebido exatamente para que seja capaz de executar estruturas rítmicas diferentes ao mesmo tempo e por uma única pessoa.

Não fomos criados para nos concentrarmos em duas ou mais coisas ao mesmo tempo. Podemos até realizar diversas atividades mecânicas simultaneamente. Porém, atividades que exigem concentração não podem ser realizadas de forma simultânea. Prova disso é que grande parte dos acidentes de trânsito hoje deve-se ao uso de celular ao volante. O cérebro humano não é capaz de se concentrar em ambas as atividades, então ele oscila a concentração entre o trânsito e o celular. E num determinado momento em que a concentração deixa o trânsito e passa ao celular, ocorre o acidente.

Qual a relação disso com a polirritmia?

“A polirritmia faz o cérebro trabalhar dobrado. ... É terrivelmente difícil para o cérebro gerar os dois ritmos simultaneamente. ... Essa polirritmia dá ao cérebro ocupação extra em cada batida.” Robert Jourdain, pianista profissional e especialista em estudos do cérebro e inteligência artificial.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação, pp. 173, 174, 181.

Reinhard Flatischler é percussionista, pianista e compositor da Universidade de Música e Performance Artística de Viena, na Áustria. Ele criou a TaKeTiNa, uma técnica que usa o ritmo como ferramenta para trabalhar o corpo e a mente. Flatischler explica a finalidade da polirritmia:

“A finalidade da polirritmia é forçar a mente analítica a relaxar o controle propondo-lhe uma tarefa complexa demais para administrar. Você está num reino onde sua mente não tem chance – não existe forma pela qual você possa controlar e monitorar todas essas batidas. Com o tempo, a prática estabelece o vazio e o profundo silêncio na mente que o zen, a ioga e todos esses caminhos estão procurando.”

Revista Planeta, edição 469, out. 2011. Disponível em: <<http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/espiritualidade/taketina-ritmos-para-o-corpo-e-a-mente>>.

A polirritmia tem a finalidade de forçar a mente analítica a relaxar o controle, algo que não deve acontecer num culto de adoração ao Criador. A mente deve estar atenta, desperta, sóbria, para que possa compreender aquilo que Ele deseja ensinar. Não seria por conta desse relaxamento mental, resultante da batida repetitiva, sincopada e polirrítmica, que letras inconsistentes, confusas e até incompatíveis com as doutrinas bíblicas passem muitas vezes despercebidas?

EMIÇÃO DE RUÍDO (BATIDA)

Precisamos analisar uma questão que tem se tornado um verdadeiro problema de saúde pública na sociedade atual: os decibéis elevados.

É muito difícil encontrar uma música em que a bateria seja utilizada de maneira esporádica, com volume discreto e sem sobressair aos demais

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

instrumentos. O volume pode afetar significativamente a nossa saúde. Como vimos anteriormente, a música não é apenas ouvida, mas literalmente sentida. E esse impacto das ondas sonoras causam reações em nosso organismo, sendo algumas delas bastante prejudiciais.

Observe a tabela a seguir:

TABELA DE IMPACTO DE RUÍDOS NA SAÚDE		
VOLUME	REAÇÃO	EFEITOS NEGATIVOS
Até 50 dB	Confortável (limite da OMS).	Nenhum.
Acima de 50 dB	O organismo humano começa a sofrer impactos do ruído.	
De 55 a 65 dB	A pessoa fica em <u>estado de alerta</u> , não relaxa.	Diminui o <u>poder de concentração</u> e prejudica a produtividade no trabalho.
De 65 a 70 dB	O organismo reage para tentar se adequar ao ambiente, minando as defesas.	Aumenta o nível de cortisol no sangue, diminuindo a resistência imunológica. Induz a liberação de <u>endorfina</u> , tornando o organismo <u>dependente</u> . Aumenta a concentração de colesterol no sangue.
Acima de 70 dB	O organismo fica sujeito a <u>estresse</u> degenerativo, além de abalar a saúde mental.	Aumentam os riscos de enfarte, infecções, entre outras doenças sérias.

Depois de conhecer esses dados, compreendi por que razão muitas pessoas sentem necessidade de ouvir música com um volume tão alto; decibéis elevados também viciam.

Em qual dos níveis você acredita que a bateria se enquadra? Em média ela ultrapassa o limite máximo, estando acima de 90 dB e podendo chegar a 200 dB. Pense no impacto disso na saúde das pessoas, considerando o fato de que a batida constante não é apenas ouvida, mas literalmente sentida pelo corpo humano. E imagine o impacto na saúde do próprio baterista.

Algumas igrejas tentam reduzir o impacto das batidas colocando bateria e baterista numa espécie de redoma de acrílico. Porém, qual será o impacto no baterista, uma vez que se encontra dentro da redoma, onde os fortes deslocamentos de ar reverberam nas paredes e atingem seu corpo reiteradas vezes?

É importante lembrarmos que nessa batida contínua não está incluído apenas o ruído, mas também a repetição, a síncope, a polirritmia, que

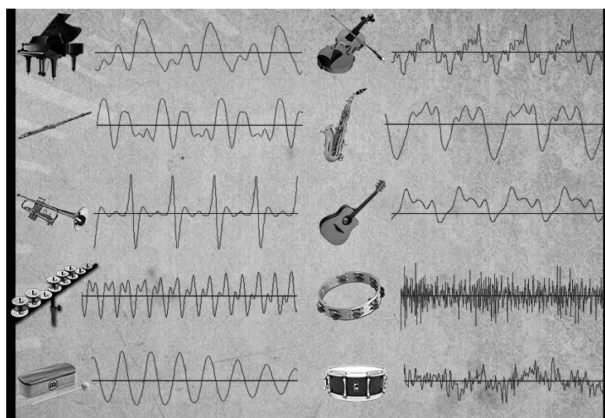
BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

podem gerar efeitos prejudiciais ao organismo mesmo em volume baixo, como veremos mais adiante. Que dirá, então, em volume alto como geralmente acontece?

E quanto às ondas sonoras provocadas por instrumentos que não produzem melodia (tom), nem harmonia, mas somente ruído?

“A ciência pode hoje apontar certas características físicas de um som musical que o distingue de sons que são apenas ruídos. Utilizando instrumentos que transcrevem as ondas sonoras em imagens visuais (como o osciloscópio), os cientistas aprenderam que a maioria dos sons musicais formam estruturas definidas por ondas e descritas por funções matemáticas. Nos instrumentos de percussão, o que vale para a música é o ritmo, e não a harmonia. ... Como instrumentos de ritmo, os tambores produzem sons que diferem radicalmente dos produzidos por instrumentos melódicos.” Naylor Oliveira. A física da música. **Revista Eletrônica de Ciências da USP**, n.º 25, abr. 2004.

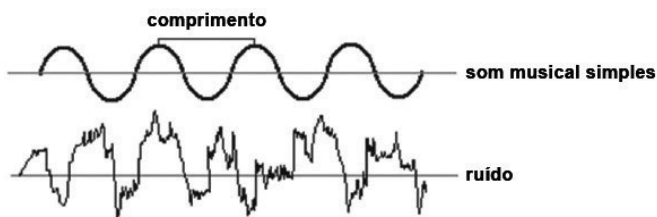
Não é uma diferença imperceptível ou sutil, mas sim radical. Vejamos de uma forma prática no quadro a seguir. Aqui está sendo considerada a nota LÁ nos instrumentos que a podem emitir:



MÚSICA NO TEMPO DO FIM

Nos instrumentos que produzem melodia (tom), apesar de emitirem ondas sonoras diferentes, os gráficos apresentam um padrão: as ondas sonoras possuem comprimento definido e frequência determinada. Isto não acontece nos instrumentos que produzem ruídos, onde as ondas sonoras são completamente desorganizadas. E se a onda sonora é desorganizada, o sistema auditivo será estimulado de forma desorganizada.

Vejamos de uma forma mais simples na figura a seguir:



“Um ruído faz com que a membrana basilar da cóclea auditiva seja estimulada de forma desigual e desproporcional. Isto não é considerado normal nem benéfico para o meio interno do organismo, por isso desencadeará uma reação de estresse.”
Dr. Hélio dos Santos Pothin, músico, doutorado em Fisiologia Humana e professor de medicina da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Como a Música é Percebida e Afeta o Corpo.** Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/21650/como-a-musica-e-percebida-e-afeta-o-corpo>>.

Ao ser gerada uma reação de estresse, como resultado não apenas do ruído mas também da pulsação antinatural (batida sincopada), o corpo libera um hormônio neurotransmissor chamado adrenalina ou epinefrina. Esse hormônio é útil para a preservação da vida, para que possamos fugir ou nos defender. A adrenalina tem como efeito o levar-nos à reação física imediata. Disso é possível compreender o motivo de alguns tipos de música provocarem o ímpeto de dançar, bater o pé ou qualquer outra forma de

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

movimentação do corpo. Também podemos observar como é difícil (ou impossível) ver um baterista tocando de forma corporalmente estática.

Existe um detalhe ainda mais sutil. Imagine que você está andando na rua e se depara com um cachorro pitbull. O cachorro corre em sua direção. Você imediatamente foge e, com adrenalina no corpo, corre mais rápido do que o faria numa situação normal. De repente, você se depara com um muro muito alto. O que você faz? Com adrenalina no corpo, você pula o muro sem pensar, algo que talvez não conseguisse numa situação normal. Se nesta circunstância você usasse sua razão, seu raciocínio lógico, que tipo de ação teria? Olharia para o muro e concluiria ser alto demais para pular. Então, para que você salve sua vida, a adrenalina inibe seu raciocínio a fim de que você reaja de forma imediata, impulsiva. É preciso “agir sem pensar”.

Ao sermos expostos a músicas com ritmo enfatizado, principalmente por meio de instrumentos que emitem ruídos e não tons, percutidos em alto volume, com batida repetitiva, sincopada e polirrítmica, é gerada uma carga de adrenalina que provoca no organismo a estimulação corporal e a inibição da mente, da razão, o que prejudica o culto racional (Romanos 12:1). Satanás não precisa induzir pessoas a movimentos corporais frenéticos, a convulsões e desmaios. Para ele, especialmente num culto de adoração ao Criador, é suficiente inibir a consciência, prejudicar o entendimento e estimular em grande medida o aspecto emocional para que a mensagem bíblica não seja assimilada, compreendida e, consequentemente, vivida.

A reação de estresse (liberação de adrenalina) demanda muita energia de todo o organismo. Por esta razão os mecanismos envolvidos devem agir por um curto período, apenas para solucionar o problema (ou suposto problema) que está agindo contra a integridade do corpo. Se estas reações permanecem no organismo por um período prolongado de tempo, as consequências são altamente prejudiciais. Podemos observar isto em pessoas que sofrem de ansiedade.

Outro aspecto é que o organismo humano não consegue metabolizar a adrenalina produzida em excesso.

“O resultado é que uma parte da adrenalina se transforma em outra substância química chamada adrenocromo. Esta

é de fato uma droga psicodélica semelhante ao LSD, mescalina, STP e psilocibina. Adrenocromo é um composto um pouco mais fraco que as outras, mas os testes mostraram que ele cria uma dependência semelhante às outras drogas.” Dr. Hélio dos Santos Pothin, músico, doutorado em Fisiologia Humana e professor de medicina da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Os Efeitos da Música sobre a Mente e o Corpo.** Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/29195/os-efeitos-da-musica-sobre-a-mente-e-o-corpo>>.

Diante de tais aprendizados, decidi não mais ir a parques de diversão, onde mantemos nosso corpo com níveis altíssimos de adrenalina, sem a correspondente reação, e por um período prolongado de tempo, bombardeando o organismo de substâncias tóxicas. A adrenalina foi criada por Deus para nos ajudar em situações de perigo; ela não foi feita para nossa diversão.

“O que mais a batida do rock faz? Usando os princípios e técnicas de Cinesiologia Comportamental, também demonstrei que, quando a batida enfraquecedora é tocada, ocorre o fenômeno chamado de comutação [transformação, alteração] – isto é, a simetria entre os dois hemisférios cerebrais é perdida, introduzindo sutis dificuldades de percepção e uma série de outras manifestações precoces de estresse. O corpo inteiro é colocado em um estado de alerta. As mudanças perceptíveis que ocorrem podem se manifestar em crianças, como diminuição do desempenho escolar, hiperatividade e inquietação; em adultos, como diminuição da produção no trabalho, aumento dos erros, ineficiência geral, redução da capacidade de decisão no trabalho e uma sensação incômoda de que as coisas não estão bem – em suma, a perda de energia sem nenhuma razão aparente. Isso foi observado clinicamente centenas de vezes. Na minha prática, descobri que os registros acadêmicos de muitos alunos melhoraram consideravelmente depois que eles param de ouvir música

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

rock enquanto estudam. As aplicações dessas descobertas à engenharia industrial são inumeráveis. Uma fábrica em particular, de fabricação e conserto de equipamentos eletrônicos sofisticados, onde a concentração e a lucidez são essenciais, estava tocando rock em seu sistema de transmissão de música. Foi recomendado que isso fosse eliminado. A gerência mudou para uma música diferente e descobriu, para sua alegria, um aumento imediato na produtividade e uma redução igualmente satisfatória nos erros, mesmo que os funcionários estivessem declarando em voz baixa sua insatisfação por terem removido sua música favorita. ... A batida do rock parece ser viciante; a exposição repetida a ela faz com que ela seja procurada. Torna-se a batida de escolha. É como se a alteração introduzida pela batida do rock se tornasse o estado fisiológico normal e não anormal. ... Agora, uma vez que a mudança se torna enraizada, por assim dizer, um problema sério é introduzido. ... É como se seu corpo não pudesse mais distinguir o que é benéfico e o que é prejudicial. De fato, seu corpo agora escolhe o que é destrutivo sobre o que é terapêutico. ... Baixar o volume não ajuda – a batida do rock cobra seu preço, mesmo em níveis baixos. Isso me levou a investigar o efeito do ruído no corpo. De pé na esquina de uma rua no centro de Manhattan durante o dia, uma pessoa não é enfraquecida pelo nível de ruído. Mas quando o nível sobe para 80dB, como acontece frequentemente, os testes musculares revelam fraqueza. Note que estamos lidando com dois efeitos separados: um (a batida do rock) está relacionado a um ritmo anormal em particular que nos enfraquece, independentemente do volume; e o outro (ruído da rua) diz respeito a um som que só induzirá a fraqueza depois que um certo volume é atingido.” Dr. John Diamond. Médico especializado nas áreas de psiquiatria e medicina holística, autor de 35 livros traduzidos em vários idiomas, palestrante internacional, ex-presidente da Academia Internacional de

Medicina Preventiva e fundador do Instituto Música e Saúde. **Your Body Doesn't Lie**. Grand Central Life & Stile, 1979, pp. 163-167.

A batida do rock transforma o organismo de tal forma que ele não consegue mais distinguir entre o que é saudável e o que é prejudicial, passando, por fim, a procurar aquilo que é prejudicial como se fosse saudável.

“Como um povo, professamos ser reformadores, portadores de luz ao mundo, fiéis sentinelas de Deus, guardando toda a entrada pela qual Satanás pode penetrar com suas tentações para perverter o apetite. Cumpre abster-nos de toda prática que embote a consciência.” Ellen G. White. **Conselhos Para a Igreja**, pp. 107-108.

É possível que hoje cheguemos ao extremo dos rituais tribais em que as pessoas pulam, se contorcem, gritam, caem ao chão e convulsionam? Não seria um exagero pensar dessa forma? Não seria uma comparação um pouco forçada?

Em primeiro lugar, olhe o mundo religioso ao redor. Observe os movimentos pentecostais e neopentecostais. Não são estas reações já presenciadas há décadas ali?

“Enquanto um umbandista tende a vivenciar a posseção por um Orixá ou espírito, um pentecostal o fará vivenciar a posseção pelo ‘Espírito Santo.’” André Luiz Monteiro de Almeida. **A música sagrada dos ogãs-no terreiro de umbanda Ogum Beira Mar e Vovó Maria Conga da cidade goiana de Itaberaí**: representações e identidades. Dissertação de Mestrado em Música. Univ. Federal de Goiás, 2013, p. 65.

Em segundo lugar, pergunta-se: Satanás precisa desse tipo de manifestação? É esse seu objetivo primário?

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“Níveis aumentados de Adrenalina inibem as funções do córtex pré-frontal.” Robert Lent, médico, mestrado em neurobiologia e doutorado em ciências, pós-doutorado em neuroplasticidade, fundador da Revista Ciência Hoje. Citado por Dr. Hélio dos Santos Pothin. **Como a Música é Percebida e Afeta o Corpo.** Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/21650/como-a-musica-e-percebida-e-afeta-o-corpo>>.

O córtex pré-frontal é o local de nosso cérebro onde se encontra nossa capacidade de raciocinar, onde está nosso poder de decisão, nosso discernimento, nossa razão. É aí que Deus fala conosco. Satanás não precisa dessas manifestações corporais estranhas. Para ele é suficiente inibir a nossa razão e dar vazão às nossas emoções, pois, desta forma, poderá facilmente enganar o povo de Deus.

Alguns afirmam que a bateria deveria ser evitada por ser um instrumento fortemente associado com a música popular. Porém, quais fatores caracterizariam um instrumento como sendo fortemente associado à música popular? Se dissermos que se trata de qualquer instrumento que seja usado na música popular, encontraremos dificuldades. Afinal, praticamente todos os instrumentos são usados na música popular. Mas a pergunta é: os instrumentos são usados NA música popular ou foram concebidos PARA a música popular?

O piano é muito utilizado no jazz, bem como o saxofone. Mas estes instrumentos foram concebidos para o jazz? O violão é encontrado em algumas canções de samba, bem como a flauta transversal. Mas foram criados para o samba?

Estudando a história da bateria, verificaremos que ela não é apenas utilizada NA música popular, mas foi criada PARA a música popular, com o objetivo de enfatizar e fortalecer ainda mais os ritmos e, por meio da atividade de um único indivíduo, gerar batidas repetitivas, sincopadas e polirrítmicas.

“[A bateria] é indispensável em conjuntos de jazz, orquestras de dança e bandas de rock.” **Dicionário Grove de música:**

edição concisa. Editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

“[A bateria] é componente fundamental da cozinha das jazz-bands, dos grupos de rock, jazz, MPB e conjuntos de dança.” Henrique Autran Dourado. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Editora 34, 2004.

“A criação da bateria está intimamente ligada ao surgimento do jazz, bem como o seu desenvolvimento está ligado à história e ao desenvolvimento do jazz e do rock, respectivamente na primeira e segunda metade do século XX.” Rodrigo Gudin Paiva. **Percussão**: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2004, p. 90.

“A bateria é ‘um’ instrumento musical de origem norte-americana, que está profundamente relacionado com o jazz. ... Do jazz – gênero ao qual está vinculada sua origem – ao rock, do samba ao forró, passando pelo reggae, pop e MPB, ela participa de maneira intensa do cenário musical popular do país.” Thiago Ferreira de Aquino. **Representações da bateria em revistas de música no Brasil**: processos de construção da autoridade. Dissertação de Mestrado em Música. Univ. Federal do Rio de Janeiro. 2009, p. 1.

Karl Tsatalbasidis é um músico grego que foi baterista e profissional de jazz, tendo estudado com os maiores músicos do Canadá. Ele relata:

“A bateria foi inventada para o único propósito de fortalecer a música jazz, blues e todas as variedades de rock and roll.” **Drums, Rock and Worship**: modern music in today's church. Disponível em: <<http://pt.slideshare>.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

net/Afryea/drums-rock-and-sanctification-by-karl-tsatalbasidis?related=2>.

E completa:

“Muitos acreditam que a única maneira efetiva de alcançar a nova geração é incorporar a música rock e a bateria no serviço de adoração. Sei por experiência que tal pensamento é errado.” **Drums, Rock and Worship**: modern music in today’s church. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Afryea/drums-rock-and-sanctification-by-karl-tsatalbasidis?related=2>>.

Alguns afirmam que o piano foi concebido num cabaré e, mesmo assim, com o passar do tempo, foi admitido na igreja, sendo hoje considerado de forma unânime um instrumento apropriado para o louvor ao Senhor. Da mesma forma, afirmam, mesmo tendo sido concebida para a música rock, a bateria em breve será admitida na igreja e considerada de forma unânime um instrumento apropriado para o louvor ao Senhor.

Ao examinarmos essa ideia com cuidado, perceberemos, em primeiro lugar, que se faz necessário verificar a veracidade da afirmação de que o piano foi concebido num cabaré ou para ele. Em segundo lugar, é preciso examinar questões relacionadas à forma de uso.

Reflita no seguinte: no período da Revolução Francesa, um médico chamado Joseph Guillotin propôs que se usasse um dispositivo de execução de penas de morte que não causasse dor e proporcionasse uma morte rápida. O instrumento criado foi chamado Gilhotina. Portanto, concluímos que a guilhotina foi concebida primariamente como instrumento de execução, para literalmente cortar cabeças humanas. E hoje encontramos guilhotinas sendo utilizadas, por exemplo, em gráficas e na indústria em geral. Porém, não são usadas para cortar cabeças humanas, ou seja, a guilhotina recebeu uma nova função, completamente distinta da original.

Voltemos à questão do piano. Realmente é um instrumento que foi usado em cabarés, apesar de não ter sido esta sua função original. E hoje

encontramos pianos sendo utilizados nas igrejas, mas não para produzir música de cabaré, ou seja, o piano recebeu uma nova função, completamente distinta da que cumpre em um cabaré.

Será que o mesmo acontece em relação à bateria? Sabemos que ela foi concebida para o rock. Porém, ao ser admitida na música da igreja, ela recebeu uma nova função, distinta da original? Ou continua sendo usada para produzir música rock? É evidente que não houve nenhuma alteração em sua função, muito menos em seus efeitos, pois ela continua sendo usada com o mesmo propósito original. É como se uma igreja continuasse usando o piano para produzir músicas de cabaré ou uma gráfica continuasse usando guilhotinas para cortar cabeças humanas.

Em resumo: o piano foi usado em cabarés, mas não é usado na igreja para produzir música de cabaré; a guilhotina foi criada para cortar cabeças humanas, mas não é usada em gráficas e indústrias para cortar cabeças humanas. Porém, a bateria foi criada para o rock e continua sendo usada nas igrejas para produzir rock. Não houve nenhuma alteração em relação a propósito e função originais.

“Baterias, guitarras elétricas, sintetizadores e sistemas elaborados de amplificação que geralmente intensificam o efeito rítmico e o volume da música estão entrando de uma forma dramática na adoração cristã. Como exemplo vemos os acompanhamentos produzidos em forma comercial (play-backs), muitos dos quais são feitos no ‘idioma rock’. Uma experiência físico-emocional bem intensa pode ser criada com esses ritmos repetitivos e efeitos de orquestras unidos cuidadosamente.” Pr. Ivay Araújo. **Guia do Ministério da Música**. União Sudeste Brasileira da IASD, pp. 13-14.

Será que nossos líderes do passado tinham a compreensão dos riscos envolvidos no uso da bateria na música de adoração, tal como temos hoje? Talvez não. Será que eles consideravam a bateria um instrumento demoníaco? Talvez não. Será que eles consideravam pecado usar a bateria? Talvez não. Mas creio que, iluminados pelo Espírito Santo, as orientações relativas à abstenção do uso desse instrumento foram justificadas por uma atitude

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

de prudência, uma vez que nossos líderes sabiam que, caso fosse dada qualquer oportunidade para o “uso equilibrado”, não permaneceríamos no equilíbrio e logo passaríamos aos excessos. E não é exatamente isso que temos presenciado hoje?

Refletindo e reforçando conselhos:

“Não removas os antigos limites que teus pais fizeram.”

Provérbios 22:28, ACF.

“Jamais derrube uma cerca sem saber a razão porque ela foi construída.” G. K. Chesterton, escritor, jornalista, historiador e teólogo britânico. Citado em **Singapore Journal of Legal Studies**, 2008, p. 347.

Se a Igreja Adventista do Sétimo Dia condena oficialmente, por meio do seu Manual, qualquer música que partilhe da natureza do rock, e é sabido que as batidas repetitiva, sincopada e polirrítmica são da própria natureza do rock, podemos afirmar convictamente que a IASD oficialmente não aprova o uso da bateria para produzir esse tipo de estrutura.

Alguém poderia afirmar: *“Mas é impossível usar a bateria de outra forma, com outra estrutura que não produza batidas repetitivas, sincopadas e polirrítmicas.”* Essa impossibilidade deve-se ao fato do instrumento ter sido concebido para esse fim.

Outros poderiam afirmar, ainda: *“O problema não é o instrumento, mas a maneira de tocar. Portanto, basta utilizá-lo de forma correta”*. Porém, qual é a forma correta? Não seria usá-lo de uma forma completamente distinta do propósito original? Mas se é impossível usá-la de uma maneira que não evoque a natureza do rock, jazz e relacionados, escolho atender às normas oficiais da IASD e decido não utilizar o instrumento.

“Não imponha a bateria nem na entrada, nem na saída, ela não leva à atitude de concentração e comunhão, mas sim à distração.” Cyrene Paparotti, doutorado em educação pela Universidade Americana, mestrado em canto pela

Universidade de Nova York, especialização em literatura pela Universidade Sorbonne (Paris) e graduação em biologia pela Unifio-Osasco. **Música:** adoração sacra ou profana, p. 89.

“O som e a batida do mundo têm sido empregados como um esforço artificial para desenvolver e manter esta vida e vitalidade que ocorrerá naturalmente se seguirmos os padrões de Deus.” Timothy Lee Barret, músico e pastor. **Música na Balança.** Disponível em: <<http://www.ministeriosibe.com.br/blog/entry/1094821/msica-na-balana-lio-12-elementos-da-msica-que-honra-a-cristo>>.

É importante ressaltar que os efeitos na fisiologia humana são os mesmos independentemente da presença da bateria de maneira física ou em playbacks ou mesmo em teclados. Inclua-se neste contexto também o instrumento que tem se tornado uma verdadeira “febre” nas igrejas modernas: o cajon.

“Sem baterias e guitarras elétricas para influenciá-lo, será mais fácil escolher a música certa.” Dan Lucarini. **Confissões de um Ministro de Louvor**, pp. 135-136.

Como dito anteriormente, não é possível recomendar ou condenar o uso da bateria na adoração baseando-se em um único texto bíblico ou em uma única citação do Espírito de Profecia, precisamos buscar e analisar o máximo de informações possíveis. Quando vamos à Bíblia, encontramos diversas histórias que nos foram deixadas como exemplos, e seus princípios e lições podem ser aplicados a qualquer época ou cultura.

É evidente que não encontraremos na Bíblia nenhuma ordem explícita proibindo ou recomendando o uso da bateria, pois ela nem existia naquele tempo. Precisamos entender, como citamos no início desta publicação, que a Bíblia nem sempre apresenta ordens diretas em relação a alguns assuntos, mas princípios gerais que devem reger as nossas ações. Por exemplo:

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” 1 Coríntios 3:16-17, ARA.

Neste texto não é apresentada uma lista daquilo que devemos e não devemos fazer. É dito que não devemos destruir o nosso corpo por ser ele o templo do Espírito Santo. Temos aqui estabelecido um claro princípio que nos conduz ao raciocínio sobre como preservar a saúde integral (físico, mental, espiritual) de nosso corpo. Podemos, inclusive, lançar mão da pesquisa médica, dos escritos acadêmicos, da literatura secular, para sabermos quais são as práticas que destroem o corpo humano a fim de evitá-las. Então descobriremos que o cigarro e as demais drogas, certos tipos de alimentos e bebidas, alguns hábitos de entretenimento, entre outros fatores, destroem nossa saúde física e mental e, de acordo com o princípio bíblico, são proibidos, mesmo que a Bíblia não contenha proibições diretas relacionadas a esses elementos.

Da mesma forma analisamos a questão do uso da bateria e da música em geral. Poderíamos, inclusive, utilizar o mesmo texto bíblico anterior e compará-lo às conclusões das pesquisas científicas e acadêmicas, entendendo que a bateria tem grande potencial negativo no que diz respeito à saúde humana. Isto deveria nos levar à reflexão e à prudência.

Alguém poderia questionar: “*Podemos confiar na ciência?*” Aquelas ideias que contrariam os princípios cristãos devem ser evitadas, como, por exemplo: as concepções não criacionistas do surgimento do universo, o uso de bebidas alcoólicas, ainda que de forma moderada, as práticas da masturbação e da relação sexual antes do casamento, entre outras. Porém, podemos considerar as pesquisas acadêmicas e científicas quando elas não estão em desacordo com a Bíblia e com o Espírito de Profecia.

Em relação à Bíblia, uma história muito conhecida relatada ali é a do transporte da arca da aliança que fora tomada de Israel pelos filisteus. O rei Davi ansiava por trazê-la de volta a Israel e por duas vezes agiu para concretizar este plano. Comparemos as duas situações.

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

1ª VIAGEM

A quem Davi consultou ao planejar o retorno da arca da aliança?

“E Davi tomou conselho com os capitães dos milhares, e das centenas, e com todos os líderes.” 1 Crônicas 13:1, ARA.

Davi não consultou ao Senhor, mas decidiu com base na opinião de seus oficiais. Uma dessas decisões foi a de montar um grupo instrumental para acompanhar a caravana que deveria trazer a arca. E para este grupo Davi escolheu alguns instrumentos. Quais foram?

“Davi e todo o Israel alegravam-se perante Deus, com todo o seu empenho; em cânticos, com harpas, com alaúdes, com tambores, com címbalos e com trombetas.” 1 Crônicas 13:8, ARA.

O que aconteceu na primeira viagem? Os bois tropeçaram, a arca quase caiu, Uzá tocou na arca e morreu. Enfim, tudo deu errado. Davi ficou muito preocupado com o ocorrido:

“Temeu Davi a Deus, naquele dia, e disse: Como trarei a mim a arca de Deus?” 1 Crônicas 13:12, ARA.

Depois desse trágico episódio, Davi decidiu que agiria de maneira diferente:

“No fim de três meses, [Davi] resolveu fazer outra tentativa para mudar a arca, e dispensou agora cuidadosa atenção à execução das instruções do Senhor, em cada detalhe.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 706.

Note que a decisão de Davi foi que tudo seria feito exatamente de acordo com a vontade do Senhor, nos mínimos detalhes.

2ª VIAGEM

Qual foi a primeira atitude de Davi desta vez? Consultou ao Senhor.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Qual a primeira mudança feita no planejamento dessa nova tentativa de buscar a arca?

“Então, disse Davi: ninguém pode levar a arca de Deus, senão os levitas; porque o Senhor os elegeu, para levarem a arca de Deus e o servirem para sempre.” 1 Crônicas 15:2, ARA.

Davi não permitiu que a arca fosse carregada em um carro de bois, como da primeira vez, mas ordenou que fosse carregada pelos levitas, conforme Deus já havia instruído.

Esperava-se que Davi mantivesse o mesmo grupo instrumental que utilizou na primeira viagem, mas não foi isso que aconteceu. Ele atendeu as instruções diretas de Deus, conforme havia se comprometido a fazer.

“Disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem a seus irmãos, os cantores, para que, com instrumentos músicos, com alaúdes, harpas e címbalos se fizessem ouvir e levantassem a voz com alegria.” 1 Crônicas 15:16, ARA.

“Assim, Davi, com todo o Israel, fez subir a arca do Senhor, com júbilo e ao som de trombetas.” 2 Samuel 6:15, ARA.

Observe o quadro comparativo:

1ª TENTATIVA	2ª TENTATIVA
HARPAS	HARPAS
ALAÚDES	ALAÚDES
TAMBORIS	?
CÍMBALOS	CÍMBALOS
TROMBETAS	TROMBETAS

Qual o único instrumento musical que foi excluído? Na primeira viagem, Davi não consultou a Deus e escolheu tamboris; na segunda viagem,

Davi consultou a Deus, decidiu seguir as instruções divinas em cada detalhe, e excluiu apenas os tamboris, mantendo os demais instrumentos anteriores. Por quê?

É evidente que o problema da primeira viagem não foi a presença de tamboris necessariamente. O maior de todos os erros foi o não ter consultado ao Senhor. Mas algo nos intriga:

“Se Davi tivesse entendido que seu erro consistia em ter colocado a arca num carro e permitido que não-sacerdotes a transportassem, na segunda festa ele alteraria esse ponto e todo o restante faria igual, especialmente a música. Mas não foi isso que aconteceu.” Vanderlei Dorneles. **O Canto do Senhor**. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/20143>>.

Não se tem registros que afirmem categoricamente o motivo de Deus ordenar a exclusão dos tamboris. Podemos apenas afirmar, com base nos textos bíblicos e no Espírito de Profecia, que Deus ordenou que fossem removidos. É possível que a música da primeira viagem, com a presença de tamboris, tenha sido aceita por Deus, uma vez que a tragédia se instaura apenas quando o irreverente Uzá toca na arca. Ainda assim, fica a pergunta: por que Deus teria dado ordens para que fossem removidos os tamboris para a segunda viagem? Não deveríamos ser mais prudentes em relação a isso?

Outra observação: é importante lembrar que os tambores, ainda que muito utilizados, nunca estiveram presentes no sistema litúrgico do templo. Por que o próprio Deus escolheu os instrumentos musicais para Sua casa? Davi não era um músico habilidoso e criativo? Não era ele, inclusive, fabricante de instrumentos musicais (1 Crônicas 23:5; 2 Crônicas 7:6)? Ele não tinha capacidade para escolher os instrumentos por si mesmo? Certamente. Mas, então, por que Deus não permitiu que Davi escolhesse os instrumentos?

“Ai dos que andam à vontade em Sião e dos que vivem sem receio no monte de Samaria ... Que cantais à toa ao som da

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos.” Amós 6:1, 4 e 5, ARC.

Se Deus tivesse permitido que Davi escolhesse os instrumentos do templo, teria ele escolhido algum por vontade própria e contra a vontade de Deus? É possível. São pequenos vestígios apresentados pela Bíblia que devem nos conduzir à reflexão e à máxima prudência no que diz respeito às nossas práticas musicais.

O que Deus estabeleceu que fosse utilizado no templo? Lembremos que o louvor é para Ele e Ele diz aquilo que quer, pois Ele é o Criador e nós somos Suas criaturas. Com amor Ele estabelece as diretrizes e nós, por amor, as cumprimos.

“E pôs os levitas na casa do Senhor com címbalos, com alaúdes e com harpas, conforme o mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã, porque este mandado veio do Senhor, por mão de seus profetas.” 2 Crônicas 29:25, ARC.

A lista desses instrumentos aparece em diversas ocasiões, sempre sem inclusão do tambor ou adufe (ver 1 Crônicas 16:5; 25:1 e 6). Os únicos instrumentos que aparecem na lista dos usados no templo, além dos que foram confeccionados por Davi, são as trombetas (2 Crônicas 5:12-13 e 29:27).

Dois séculos e meio mais tarde, quando o templo foi reconstruído sob a liderança de Esdras e Neemias, a mesma restrição foi aplicada novamente (Esdras 3:10 e Neemias 12:27 e 36). Isto confirma que a regra ainda era válida. O canto e a música instrumental no templo continuavam diferindo do canto e da música instrumental existentes na vida social do povo israelita.

Alguns poderiam questionar: então deveríamos usar hoje apenas os instrumentos do templo de Israel? Deveríamos, então, excluir também o piano, a flauta, o violino do serviço de culto? Evidentemente não podemos considerar a questão por este prisma. O questionamento é: se os tambores eram um instrumento tão “cultural”, tão comum e tão popular entre o povo, por que Deus não os permitiu no serviço do templo? Não seria natural Deus permitir que os adoradores O cultuassem utilizando aquilo com o que estavam mais habituados, aquilo que talvez soubessem fazer de melhor?

Outros poderiam questionar: se devemos excluir os tambores da igreja pelo fato de estes terem sido excluídos do templo de Israel, então não deveríamos também excluir as mulheres da igreja hoje, por estas terem sido excluídas do serviço do templo de Israel?

Em primeiro lugar, precisamos analisar com cuidado essa suposta exclusão das mulheres. Lembremos que elas tinham acesso aos mesmos serviços de que dispunham os homens no templo do Antigo Testamento (apesar de ficarem em locais separados), não podendo, porém, officiar, algo que nem mesmo homens comuns podiam fazer, pois apenas os levitas tinham essa autorização.

No Novo Testamento Paulo orienta que as mulheres fiquem em silêncio na igreja, provando mais uma vez que estas tinham acesso ao templo. Crê-se que esta instrução não significa que elas não pudessem participar de alguma forma, mas que não tinham autorização para retrucar, para questionar o que era dito. Elas deveriam fazê-lo em casa com seus próprios maridos (1 Coríntios 14:34-35).

Note que 1 Coríntios 11:5 fala de mulheres que oravam e profetizavam. Se formos ao contexto do capítulo, veremos que se trata de uma assembleia religiosa, um culto. Em suma, as mulheres oravam e profetizavam nos cultos, o que comprova que elas não eram excluídas do templo.

Se, contudo, considerássemos que realmente as mulheres eram excluídas de qualquer coisa referente ao templo e à liturgia, a questão ficaria ainda mais intrigante. A exclusão das mulheres teria sido mantida nas atividades do templo por ser um fator cultural; mas o uso dos tambores, também um fator “cultural”, não foi mantido nas atividades do templo. Por quê?

Alguns utilizam a experiência de Miriam (Êxodo 15:20), de Saul (1 Samuel 10:6), de Davi (1 Crônicas 13:8), entre outros, como suposto fundamento bíblico para a introdução da bateria no serviço de louvor e adoração ao Criador no templo. Porém o uso de tambores, tamboris, pandeiros, etc, fazia parte das manifestações socioculturais festivas judaicas. Esses instrumentos não foram admitidos nas cerimônias e nos rituais do serviço levítico no templo. Deduz-se, então, que este procedimento visava enfatizar a diferença entre o “comum” e o “sagrado”.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

Falando a respeito de cultura, alguns diriam que o uso de tambores, bem como o de palmas e danças, fazia parte da cultura do povo de Israel, motivo pelo qual Deus os aceitou (lembrando que eram usados em atividades desvinculadas da liturgia do templo). Mas tais elementos faziam mesmo parte da cultura de Israel?

Se observarmos as respectivas vidas de Abraão, Isaque, Jacó e José não encontraremos nenhuma manifestação de culto com tambores, palmas e danças. A primeira referência a um aparente culto a Deus por meio de tambores e danças foi após a travessia do Mar Vermelho, quando Miriam alegrou-se pela libertação que o Senhor provera. Mas de onde vinha Miriam e todo o povo? De mais de 400 anos de escravidão no Egito. Certamente Miriam nasceu escrava. Aquela sua atitude foi adoração ou comemoração pela liberdade? No Egito ela aprendeu a manifestar alegria daquela maneira. Portanto, a atitude dela era uma prática da cultura egípcia que fora absorvida, passada de uma geração para outra, ao longo do tempo de opressão sobre o povo hebreu. E Deus aceitou a sinceridade daquele coração. E, através dos anos de peregrinação rumo à Terra Prometida, Deus realizou a obra de ir removendo daquelas pessoas, e de seus descendentes, as características culturais do Egito; isto incluía remover o costume da poligamia (ver 1 Timóteo 3:2 e 12) e remover a mentalidade de escravizar pessoas (ver Êxodo 21:2).

A primeira referência ao tambor na Bíblia ocorre na história de Labão. Quando Jacó fugiu de seu sogro, levando consigo Raquel e Lia, Labão o perseguiu. Quando o alcançou, disse:

“Por que fugiste ocultamente, e lograste-me, e não me fizeste saber, para que eu te enviasse com alegria, e com cânticos, e com tamboril e com harpa?” Gênesis 31:27, ACF.

As palavras de Labão referiam-se a uma festa social e não a um culto. Além disso, Labão, mesmo sendo da família de Abraão e conhecendo o Deus verdadeiro, havia se corrompido por meio da idolatria dos povos que o cercavam, conforme ele próprio assume quando questiona:

“E agora, se te querias ir embora, porquanto tinhas saudades de voltar à casa de teu pai, por que furtaste os meus deuses?”
Gênesis 31:30, ARC.

Jacó não tinha furtado os ídolos de Labão:

“E havendo Labão ido a tosquiar as suas ovelhas, furtou Raquel os ídolos que seu pai tinha.” Gênesis 31:19, ACF.

Sabemos que os chamados “terafins” (ídolos) eram considerados uma espécie de certidão de posse, uma escritura que garantia a propriedade. Mas é evidente que essa não era uma prática do povo de Israel, pois não confiava em ídolos para proteger suas posses, mas em Deus. Portanto, na primeira vez em que o tambor é citado na Bíblia, ele está associado a uma família que sofrera claras e fortes influências dos povos idólatras ao redor.

Por que razão Moisés precisou passar quarenta anos no deserto antes de ser usado por Deus para libertar o povo?

“Moisés estivera a aprender muito que tinha de desaprender. As influências que o haviam cercado no Egito – a dissipação de todos os lados e o misticismo de uma religião falsa, o esplendor de um culto idólatra – tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e caráter.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 248.

O mesmo acontecera com Israel. Eles aprenderam muitos costumes egípcios e, durante a peregrinação no deserto, Deus iria reeducá-los em Seus princípios, e isso incluía as formas de culto. Esta reeducação durou gerações, e as práticas da ritualística do santuário só foram totalmente concluídas na inauguração do grande templo no período do reinado de Salomão. A partir daquele momento, não mais se encontra nos registros bíblicos relatos de manifestações com palmas, danças e tambores.

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

“Os costumes pagãos corromperam Israel fazendo-os perder de vista a sublimidade dos preceitos, princípios e grandeza de Deus. A cultura pagã e a religiosidade mística egípcia foram eficazes em cauterizar a mente do povo. Ao longo da história de Israel, embora ainda houvesse resquícios de idolatria e poligamia, percebemos que uma reforma progressiva foi se tornando realidade. Na medida em que o tempo avançava, muitos costumes foram sendo descartados e abandonados. Além das questões morais, é possível perceber uma reforma, também, no âmbito da liturgia de adoração de Israel para com Deus. E esta transformação, ou reavivamento e reforma, pode ser vista especialmente, em seu clímax, na preparação da inauguração do santuário de Salomão e de uma nova liturgia dissociada dos costumes pagãos egípcios.” Gilberto Theiss. **Danças e Tambores no Salmo 150**. Disponível em: <<http://musicaeadoracao.com.br/20153/dancas-e-tambores-no-salmo-150>>.

O uso de tambores, palmas e danças relatado na Bíblia só aparece no período entre o êxodo do Egito e a inauguração do Templo de Salomão. Durante este período Deus estava ensinando e moldando as práticas de Seu povo de tal forma que elas fossem completamente diferentes das práticas dos povos idólatras.

E O SALMO 150?

O texto mais usado para justificar a presença da bateria na música adventista do sétimo dia é o Salmo 150. Afirmam que este salmo é uma recomendação clara e direta ao uso deste instrumento na adoração a Deus. Porém, acredito ser este o salmo menos adequado para fundamentar uma decisão de uso do instrumento. Afinal, se afirmarmos que o salmo está num contexto de culto, não poderemos nos opor quando uma igreja adventista do sétimo dia decidir praticar a chamada “dança litúrgica” em seus cultos, pois o salmo faz referência a “tambores e danças”.

E se o antigo Israel servisse de referência para todos os aspectos de nossos cultos, não deveríamos, então, verificar a maneira como os tambores eram usados naquele tempo?

“O termo hebraico ‘tof’, traduzido duas vezes por ‘tambor’, uma vez por ‘tamborim’, oito vezes por ‘tamboril’ e cinco vezes por ‘adufe’, era um tambor tocado com as mãos, segundo especialistas em instrumentos musicais antigos. Curt Sachs [uma das maiores autoridades em história da música e da arte] afirma que ‘este tambor era formado por um aro de madeira, e muito provavelmente duas peles, sem nenhum dispositivo de repique ou baqueta. ... Era um instrumento tocado principalmente por mulheres, mas, às vezes, também por homens. A batida, feita com as mãos, deveria ter um som do tipo ‘tum-tum’. Era acompanhado por cânticos e danças que acentuavam a batida. Ao que parece, era tocado apenas em ocasiões alegres, como revelam os exemplos bíblicos que mencionam o instrumento.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 3**, p. 15

A maneira de tocar os tambores no tempo do Israel antigo não é absolutamente diferente da maneira como se tem usado a bateria nos dias de hoje? Não apenas diferem na maneira de serem tocados, pois eram usadas as mãos e não baquetas, mas também por conta disso havia uma sonoridade diferente.

“Relacionar instrumentos musicais da atualidade com os utilizados há dois ou três milênios atrás não é uma tarefa fácil e algumas vezes é impossível de ser feita. Esse é um erro comum cometido por aqueles que ligam o antigo instrumento tamborim ao atual instrumento de percussão conhecido como bateria, presente nas igrejas e nos cultos religiosos, e esse argumento se torna um tanto quanto frágil devido ao fato de que a estética e o timbre do tamborim, também conhecido como tabret ou

BATERIA: POR QUE ESCOLHI EVITAR?

adufe (tof), não coincidirem com a estética e o timbre da bateria como um todo. ... Fica evidente que se trata de dois instrumentos musicais diferentes, que até pertencem a mesma classe de instrumentos de percussão, porém eram tocados de formas bem distintas. Para Jeremy Montagu (*Musical Instruments of the Bible*, 2002) [autor considerado autoridade no estudo de instrumentos musicais antigos], é bem provável que o *tof* fosse usado para acompanhar momentos de celebração e de muita alegria. Além disso, a estrutura física do *tof* permite imaginar que o seu timbre suave não fosse suficiente para causar ‘balbúrdia ou quebra na reverência’ de qualquer cerimônia, pois seu intuito era servir como um instrumento de acompanhamento ... E Montagu (2002, p. 18) completa argumentando que ‘em todas essas citações, a palavra hebraica é o *tof* e não nos resta dúvidas de como ele era: um tambor achatado como nosso pandeiro, mas com muita certeza sem os chocalhos’.

Alexandre Soldani G. de Freitas. **Análise da ausência do tamborim no texto de 1 crônicas 15:16**. Dissertação de mestrado apresentada ao Seminário Adventista Latino Americano de Teologia. UNASP EC, 2015, pp. 20-22.

Ao analisarmos os tambores do Salmo 150 concluímos que seu formato, sua forma de uso, sua sonoridade e as circunstâncias em que eram usados apresentam discrepâncias notáveis em relação ao uso que se pretende dar à bateria hoje.

Outro ponto importante a respeito deste Salmo, voltando ao Comentário Bíblico Adventista:

“O Salmo 150:5 faz distinção entre címbalos ‘sonoros’ e ‘retumbantes’ ou ‘altissonantes’ (ARC). O adjetivo hebraico do primeiro termo é *shema*, que significa ‘claro’, enquanto o adjetivo usado para caracterizar o último é *teru’ah*, que quer dizer ‘dissonante’ e ‘barulhento.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 3**, p. 15.

No contexto sociocultural do antigo Israel a utilização do livro dos Salmos não era similar ao uso que damos ao nosso Hinário hoje, pois nem todos os salmos foram compostos para serem utilizados no serviço do santuário. Alguns eram usados em festividades e nas viagens do povo de Israel, como confirma a serva do Senhor:

“O serviço do cântico tornou-se uma parte regular do culto religioso; e Davi compôs salmos, não somente para o uso dos sacerdotes no serviço do santuário, mas também para serem cantados pelo povo em suas jornadas ao altar nacional nas festas anuais.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 523-524.

Sobre a questão do Salmo 150, é elucidativo o artigo do Pr. Gilberto Theiss, publicado na Revista Práxis Teológica, do Seminário Latino-Americano de Teologia, disponível em: <<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/praxis/article/view/155/151>>.

Diante de tudo que foi exposto neste capítulo a respeito do uso dos tambores e, de forma específica, do uso da bateria, finalizamos este assunto perguntando: usar bateria é realmente prudente? Quantas razões temos para usá-la? E quantas razões temos para evitá-la? Quais os riscos envolvidos? Quais têm sido os resultados na experiência prática e no dia a dia das congregações?

Alguns apelam para o respeito mútuo, e concordo plenamente que devemos respeitar uns aos outros. Aquele que gosta da bateria deve respeitar o que não gosta; e aquele que não gosta, deve respeitar o que gosta. Porém, se a bateria é colocada numa igreja, não representaria desrespeito àqueles que não gostam? E se a bateria não é colocada numa igreja, não representaria desrespeito àqueles que gostam? Como resolver essa questão? Quem ou o que decidirá isso? Esta dificuldade é mais uma prova de que a decisão não pode estar fundamentada no gosto de determinado grupo, mas em critérios mais sólidos e objetivos. Por isso convido o leitor a mais estudos e a mais reflexão sobre este assunto, deixando de lado preferências e emoções extremadas. Convido o leitor a substituir os debates acalorados por diálogos racionais cristãos.

MÚSICA NO FIM DO TEMPO DA GRAÇA

No ano de 1891 Ellen White viajou para a Austrália, onde passaria os nove anos seguintes. Talvez ela tivesse passado mais tempo ali, mas uma emergência fez com que Deus ordenasse seu retorno imediato aos Estados Unidos. Estava surgindo e se fortalecendo na igreja um movimento de fanatismo chamado “Movimento da Carne Santa” concentrado na cidade de Indiana, liderado pelo presidente da Associação local e alguns de seus ministros. Depois de sua volta aos Estados Unidos, numa reunião de obreiros, Ellen White disse:

“Se isso não tivesse sido apresentado a mim, eu não estaria aqui hoje.” Ellen G. White. **General Conference Bulletin**, 1901, p. 426.

Arthur L. White, em um sermão pregado em 1985, no Dia do Espírito de Profecia, descreveu o movimento da seguinte forma:

“Durante os anos de 1899 e 1900 o presidente da Associação Indiana e alguns dos ministros estavam defendendo a doutrina da ‘carne santa’. Eles ensinavam que aqueles que seguissem Cristo na experiência do Getsêmani conseguiriam essa

‘carne santa’. Tendo carne santa eles seriam livres de toda tendência para pecar e não experimentariam a corrupção; assim nunca morreriam, e viveriam para ver Jesus voltar. ... Quando um de seus membros caísse prostrado no chão ele seria carregado para a plataforma, onde uma dúzia ou mais pessoas reuniam-se e gritavam: ‘Glória a Deus!’ Outros oravam ou cantavam. Quando essa pessoa recobrava a consciência, era declarado que havia passado pela experiência do Jardim – ela agora tinha carne santa, tinha fé para a transladação.” Arthur L. White. Sermão especial do Dia do Espírito de Profecia, 22 jun. 1985. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/downloads/sermoes/sermoes-em-texto/orientacao-especial-para-as-assembleias-da-associacao-geral>>.

Parece uma doutrina absurda, mas centenas de pessoas participavam deste Movimento. Como foi possível atraí-las a uma doutrina tão fantasiosa?

Muitos afirmam que o único problema do Movimento da Carne Santa era a sua doutrina. Porém, não compreendem que a aceitação dessa doutrina dificilmente seria possível pela simples argumentação. Em sua consciência, de maneira racional, usando o discernimento, poucos dariam atenção àquela pregação sem sentido. Para aceitá-la era preciso “desligar” a capacidade de discernir. As emoções eram potencializadas a tal ponto que aconteciam estranhas manifestações corporais. Sob o disfarce de um culto, Satanás promovia experiências sensoriais estimuladoras de fortes emoções inibidoras do raciocínio.

O pastor Stephen Haskell, que esteve presente numa campal do Movimento na cidade de Indiana, enviou um relatório à irmã White a respeito do que acontecia ali:

“[Eles] tocam músicas dançantes com letra sagrada. ... Nunca usam nosso próprio hinário. ... Eles gritam ‘Amém’, ‘Louvado seja o Senhor’ e ‘Glória a Deus’. Isso causa aflição. As

MÚSICA NO FIM DO TEMPO DA GRAÇA

doutrinas pregadas correspondem ao resto.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 35.

“Eles tocam músicas dançantes com letra sagrada”. Podemos observar a mesma característica em muitas de nossas músicas contemporâneas?

O Movimento da Carne Santa havia também excluído completamente o uso do próprio hinário da igreja. Não significa que hoje devamos usar única e exclusivamente o Hinário Adventista como ferramenta de louvor congregacional. Podemos encontrar músicas de elevado teor espiritual em outros materiais, principalmente os mais antigos. É positivo alternar o uso do Hinário com o uso de outros materiais de música como, por exemplo, aqueles direcionados aos jovens. Porém, principalmente em relação às produções musicais contemporâneas, é importante selecionar e utilizar somente as músicas que estejam em concordância com os princípios estabelecidos na Palavra de Deus e no Espírito de Profecia. É preciso evitar as músicas que estão em desacordo com os valores cristãos e com as normas institucionais oficiais expressas no Manual da IASD.

Em relação à doutrina pregada por esse Movimento, a afirmação do Pr. Haskell deixa claro que este era o menor problema em questão: “as doutrinas pregadas correspondem ao resto”. Acontecia uma ritualística introdutória que causava o embotamento da consciência e o entorpecimento da capacidade de discernir, enfraquecendo as mentes de forma a torná-las aptas a receber e aceitar qualquer doutrina que viesse a seguir. Vejamos mais alguns relatos do que ocorreu ali:

“Havia excitação, com ruído e confusão. ... Outros pulavam, dançavam e gritavam.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 34.

“A maneira pela qual têm sido dirigidas as reuniões em Indiana, com barulho e confusão, não as recomenda a pessoas pensantes e inteligentes. Nada existe nessas demonstrações que convença o mundo de que possuímos a verdade. Mero ruído e gritos não são sinal de santificação, ou

da descida do Espírito Santo.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 35.

De que maneira as pessoas chegavam a esse estado de euforia, excitação e êxtase? Qual era o elemento impulsionador que facilitava atingir tal estado de irracionalidade?

“Relatam testemunhas oculares que em seus serviços religiosos os fanáticos desenvolviam alto grau de excitação mediante o uso de instrumentos de música.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 31.

“Quase todos são por ele influenciados ... por causa da música que é executada na cerimônia. Quando chegam a uma nota alta, fica impossível ouvir qualquer palavra da congregação em seu canto, nem ouvir outra coisa, a não ser grunhidos parecidos com os que são emitidos por deficientes mentais. ... Após um apelo convidando a ir à frente, alguns líderes vão à dianteira para influenciar outros a irem; e então começam a tocar os instrumentos musicais até que não se consegue nem ouvir os próprios pensamentos, e sob o excitamento desses ruídos, eles levam grande parte da congregação para a frente em todas as ocasiões. ... O pobre rebanho está verdadeiramente confuso.” Relatório de S. N. Haskell a Ellen G. White, 25 set. 1900. **Música, sua influência na vida do cristão**, pp. 36-38.

“Quando os fanáticos conduziram as reuniões em um grande pavilhão, envolveram-se em um alto grau de excitação pelo uso de instrumentos musicais, tais como trompetes, flautas, instrumentos de corda, tamborins, um órgão e um grande tambor. Eles gritavam e cantavam suas canções até que se tornavam realmente histéricos. Muitas vezes, após essas reuniões matinais, ao se dirigirem para o refeitório, eu os via tremendo completamente como se estivessem com

MÚSICA NO FIM DO TEMPO DA GRAÇA

convulsões.” Relatório de Burton Wade a Arthur L. White, 12 jan. 1962. **Música, sua influência na vida do cristão**, p. 38.

Se a música tivesse sido diferente, os resultados teriam sido diferentes? Não há dúvidas de que a música teve um papel fundamental nas demonstrações estranhas desse Movimento. E o que tudo isso tem a ver conosco, mais de 100 anos depois?

Em resposta às cartas enviadas, Ellen White escreveu:

“As coisas que descrevestes como tendo lugar em Indiana o Senhor revelou-me que haviam de ter lugar imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo. É melhor nunca ter o culto do Senhor misturado com música do que usar instrumentos músicos para fazer a obra que, foi-me apresentado, seria introduzida em nossas reuniões campais.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 36.

Satanás usou a música como última “arma” para induzir os jovens hebreus na Babilônia a se prostrarem diante da estátua. E ele novamente tem usado a música para induzir os cristãos adventistas do sétimo dia a adorarem a besta e sua imagem no tempo do fim da história deste mundo.

O Senhor revelou à Sua serva Ellen G. White que gritos, tambores, música excitante e danças aconteceriam outra vez imediatamente antes do fechamento da Porta da Graça, ainda que não estivesse presente a doutrina da Carne Santa. A doutrina pós-moderna apresenta outros postulados. Estaríamos, portanto, próximos do fechamento da Porta da Graça?

Nosso tempo de escolha individual está se esgotando. Sabemos que existe um tipo de música que cumpre os propósitos de Satanás. Então,

quais são os critérios que precisam ser adotados na escolha da música em nossa vida, em nosso lar, em nossa igreja?

“Tem havido em _____ uma espécie de reuniões sociais inteiramente diversas em seu caráter, reuniões de diversão, que têm sido uma vergonha às nossas instituições e à igreja. Essas reuniões estimulam ao orgulho do vestuário, orgulho da aparência, à satisfação do próprio eu, ao riso e frivolidade. Satanás é recebido como hóspede de honra e toma posse dos que promovem essas reuniões. A visão de um desses grupos me foi apresentada — grupo em que se achavam reunidas pessoas que professam crer na verdade. Uma delas achava-se a um instrumento de música, e cantavam canções tais que faziam chorar os anjos da guarda. Havia ruidosa alegria, havia riso vulgar, abundância de entusiasmo e uma espécie de inspiração; mas a alegria era daquela espécie que unicamente Satanás é capaz de produzir. É um entusiasmo e uma absorção de que os que amam a Deus se envergonharão. Preparam os que deles participam para pensamentos e ações profanos. Tenho motivos para pensar que alguns dos que tomaram parte naquela cena se arrependeram sinceramente do vergonhoso ato.” Ellen G. White. **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes**, p. 339.

Se a música do Movimento Carne Santa tivesse sido solene e reverente, teria gerado ambiente propício àquelas estranhas manifestações?

Ao observar as reuniões em algumas de nossas igrejas “modernas” e campais de jovens acontecendo nos moldes das reuniões em Indiana, constatamos o cumprimento da profecia. Alguns justificam que acampamento não é igreja (templo). Porém, quando a presença divina é invocada em oração e Seu santo nome usado em canções, a reverência deve ser mantida. Não importa onde estamos; importa Quem estamos invocando ali. Moisés encontrava-se no deserto, mas a presença de Deus tornou aquele lugar santo, a ponto de ser ordenado que ele tirasse suas sandálias (Êxodo 3:1-6).

Imagina-se que quando Satanás observa o povo de Deus reunido cantando músicas dançantes com letra sagrada, aplaudindo, gritando, assobiando, pulando, dançando, pedindo autógrafos, fazendo *selfies*, ele zomba do Criador e deve dizer: *“Este é o Teu exército? Estes são os Teus escolhidos para a batalha final? Enquanto estamos nos preparando para a última batalha, planejando estratégias, treinando arduamente, Teus soldados estão se divertindo, pulando, gritando, batendo palmas e dançando?”*

Satanás sabe que não é o exército que vence a guerra, mas o General. E a vitória já foi conquistada, ele é um inimigo vencido. Sua batalha não é contra Deus, pois isto seria uma luta desproporcional. Deus pode eliminá-lo com o sopro de Sua boca (2 Tessalonicenses 2:8). Sendo assim, Satanás volta suas armas contra aqueles que são o alvo do mais supremo amor do Salvador: você e eu. Quando promovemos e/ou participamos de entretenimentos disfarçados de culto, permitimos que o inimigo zombe do nosso General. Não permitamos que o nome do Senhor seja escarnecido por nossa causa. Precisamos levar a sério esta batalha! Todos temos que elevar nossos padrões e valores, especialmente os líderes. Todos temos que impedir que a comunidade adventista do sétimo dia, principalmente os jovens, seja enganada, seja iludida e suponha que tais manifestações signifiquem que há um reavivamento espiritual acontecendo.

Relembremos daquele dia em que recebemos a notícia de um grande tsunami que destruiu a costa de alguns países asiáticos no ano 2004. Diversas cenas trágicas foram noticiadas e filmadas por cinegrafistas amadores. Apenas uma hora antes da onda fatal chegar, as pessoas estavam alegremente se divertindo na praia. Algum tempo depois começaram a surgir os primeiros sinais. Um casal sentiu um estranho tremor de terra, o mar recuou rápida e consideravelmente. E as pessoas permaneciam distraídas. Minutos depois já era possível ver uma enorme parede de água se aproximando, mas ninguém se deu conta de que suas vidas corriam perigo. Quando, finalmente, perceberam, era tarde demais para muitos. Mais de 200 mil pessoas perderam suas vidas. Enquanto a onda fatal se aproximava, pessoas estavam distraídas, brincando, se divertindo, não atentaram para os sinais e morreram.

Na vida espiritual temos vivenciado a mesma experiência. Enquanto uma crise devastadora de consequências eternas se aproxima rapidamente, parece que as pessoas estão “à beira da praia” brincando e se divertindo; parece que não percebem que algo está por vir. Muitos dos sinais dados pelo Senhor estão se cumprindo diante dos nossos olhos, e permanecemos distraídos. Quando a onda fatal chegar, muitos perderão a vida eterna. Mesmo pessoas que professam ser o povo de Deus serão destruídas, porque não se prepararam e não estavam atentas às evidências.

“Acham-se diante de nós provações com que nunca sonhamos.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos, vol. 3**, p. 306 “

“Dá-se muitas vezes o caso de se supor maior a angústia do que em realidade o é; não se dá isso, porém, com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, pp. 621, 622.

Nosso Mestre Jesus Cristo, contudo, agirá da maneira certa e no tempo exato em cumprimento daquilo que está profetizado. Um grande e verdadeiro reavivamento espiritual individual acontecerá no fim dos tempos, como não fora testemunhado desde os tempos apostólicos. Satanás, conhecendo as profecias, observa a movimentação celestial e compreende que o momento fatal para ele está próximo. Então, astutamente, ele apresenta aos seres humanos contrafações para abafar o verdadeiro reavivamento, ou seja, apresenta um falso reavivamento espiritual através de experiências sensoriais. Tais experiências caracterizam-se por pregações suaves que agradam o ego das pessoas, por músicas que estimulam o corpo e as emoções e inibem a mente, pela extinção do estudo da Palavra de Deus, pela ausência de conhecimento dos princípios, das doutrinas e das profecias.

Considerando que o falso reavivamento está em andamento há muito tempo, e este é o último sinal antes do verdadeiro, concluímos que não é tempo para entretenimento, diversão e brincadeiras. Estamos

MÚSICA NO FIM DO TEMPO DA GRAÇA

vivendo o Dia da Expição, um juízo está sendo levado a efeito no Céu. Seria este o momento de celebrar? Tal qual em Israel, não seria o momento de contrição, de exame do coração, de resgatarmos nossas vigílias de investigação das Escrituras e oração, de investirmos o máximo de tempo possível em oração e investigação da Bíblia e dos escritos inspirados da serva do Senhor, Ellen G. White?

Ao final de tudo, quem serão os vencedores?

“E Daniel propôs no seu coração não se contaminar.” Daniel 1:8, ACF.

Os vencedores serão aqueles que – por meio do estudo diligente da Bíblia, de uma vida de oração e do abandono de si mesmos – buscaram e receberam forças do Senhor para manterem-se firmes na decisão de não se contaminarem com as práticas mundanas, com a alimentação corrompida e com a música profana; aqueles que não se acomodaram em ser pessoas “iguais a todo mundo” e, mesmo diante de escárnio, desprezo e até ameaça de prisão e morte, tiveram a ousadia de proclamar e viver o verdadeiro e puro evangelho.

Que aceitemos ser conduzidos pelo Senhor na busca e, acima de tudo, na prática de Sua vontade; que sejamos verdadeiramente submissos ao Senhor de forma que possamos oferecer a Ele a verdadeira adoração. Que por meio da ação do Espírito Santo em cada um de nós, possamos resistir à grande crise e estarmos plenamente preparados para o encontro com o Senhor nos ares, a fim de com Ele viver pela eternidade.

UM APELO AOS LÍDERES

Nosso Criador confiou à liderança de Sua igreja uma obra muito importante que não pode ser negligenciada. Além da fiel administração dos recursos, cabe aos líderes o difícil trabalho de conduzir o povo a um relacionamento profundo com Cristo e a árdua missão de orientar pessoas à prática daquilo que o Senhor nos revelou de Sua vontade.

Há plena consciência de que se tratam de ações exaustivas, muitas vezes incompreendidas ou mal interpretadas e, por vezes, rechaçadas com agressividade. Porém, é este o importante e incomparável trabalho que a liderança tem diante de si. É o trabalho para o qual foram escolhidas pessoas que ocupam cargos a elas conferidos, desde o presidente mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia até o diretor de um departamento numa pequena igreja local.

No tempo do fim não há tanta necessidade de administradores de igrejas como há uma imensurável necessidade de líderes espirituais que guiem na Verdade e no Caminho as pessoas sob suas respectivas responsabilidades.

“A vereda dos homens que estão colocados como líderes não é fácil. Mas devem eles ver em cada dificuldade um chamado

UM APELO AOS LÍDERES

à oração. Jamais devem deixar de consultar a grande Fonte de toda a sabedoria. Fortalecidos e iluminados pelo Obreiro-Mestre, serão capacitados a permanecer firmes contra pecaminosas influências e a discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal. Aprovarão o que Deus aprova, e empenhar-se-ão com todo o fervor contra a introdução de princípios errôneos em Sua causa.” Ellen G. White. **Profetas e Reis**, p. 31.

O Senhor é a única fonte de verdadeira sabedoria. Nossos líderes devem ser pessoas de oração e diligentes no estudo das Escrituras. Devem fixar o olhar em Jesus Cristo para contemplá-Lo diariamente e serem transformados à Sua imagem. Assim, poderão com segurança orientar a congregação pela estrada estreita rumo à Nova Terra.

Quando lemos o texto de Oséias 4:6 sem a devida reflexão, somos levados a concluir que ele foi escrito para o povo de Deus em geral. Mas se atentarmos ao que diz o verso, perceberemos que as palavras de Deus foram direcionadas a um grupo em especial:

“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim.”
Oséias 4:6, ACF.

Percebemos que a advertência divina foi dada aos sacerdotes. Sabemos que cada pessoa tem uma responsabilidade individual, incluindo a busca do conhecimento da vontade de Deus. Entretanto, a liderança tem em suas mãos a séria, a sagrada responsabilidade de estimular e influenciar seus liderados na direção deste conhecimento.

A carta à igreja de Laodiceia também foi direcionada ao mesmo grupo:

“E ao anjo da igreja de Laodiceia escreve.” Apocalipse 3:14, ACF.

A carta não foi enviada diretamente à igreja, e sim ao “anjo” da igreja; ou seja, foi confiada aos líderes para que fosse transmitida com urgência

e fidelidade ao povo da igreja, considerando a situação de indolência em que este povo se encontraria nos últimos tempos da história deste mundo.

“O Senhor nos mostra aqui que a mensagem a ser apresentada a Seu povo pelos pastores a quem Ele chamou para adverti-lo, não é uma mensagem de paz e segurança. Não é meramente teórica, mas prática em todo particular.” Ellen G. White. **Mensagens Escolhidas vol. 2**, p. 327.

Cada um é julgado por Deus com base nas próprias escolhas, mas bons líderes podem ser decisivos no influenciar uma pessoa a despertar e tomar decisões acertadas. Um líder não pode obrigar ninguém a ser fiel a Deus; mas pode instruir nessa direção, exortar, advertir, estimular e facilitar a prática da vontade de Deus. Da mesma forma, um líder não pode obrigar ninguém a ser desobediente a Deus, mas pode negligenciar a instrução, omitir-se diante do dever e, assim, facilitar o afastamento do indivíduo de seu Criador. Observando o relato bíblico, percebemos que os reis que fizeram o que era mau aos olhos do Senhor não apenas pecaram, mas também induziram o povo ao pecado:

“E entregará a Israel por causa dos pecados de Jeroboão, o qual pecou, e fez pecar a Israel.” 1 Reis 14:16, ACF.

“E fez o que era mau aos olhos do Senhor; e andou nos caminhos de seu pai, e no seu pecado com que seu pai fizera pecar a Israel.” 1 Reis 15:26, ACF.

“E tens feito pecar a meu povo Israel, irritando-me com os seus pecados.” 1 Reis 16:2, ACF.

“Por todos os pecados de Baasa, e os pecados de Elá, seu filho, que cometeram, e com que fizeram pecar a Israel.” 1 Reis 16:13, ACF.

“Por causa da provocação, com que me provocaste e fizeste pecar a Israel.” 1 Reis 21:22, ACF.

UM APELO AOS LÍDERES

Por várias vezes o povo de Israel foi levado ao cativeiro, dominado por nações pagãs e escravizado por longos períodos. O que contribuiu para isso?

“Os teus profetas viram para ti vaidade e loucura, e não manifestaram a tua maldade, para impedirem o teu cativeiro.”
Lamentações 2:14, ACF.

Uma das mais difíceis responsabilidades de um líder é exortar, advertir, repreender. Porém, por mais penoso que seja, esse dever não deve ser negligenciado. Enquanto Cristo não volta, o líder precisa estimular e influenciar os membros da igreja no sentido de permanecerem vigiando, em exame do coração, em comunhão íntima com Deus, em vez de entregar-se à negligência e aos entretenimentos.

“Os governantes de Israel foram responsáveis por levar o povo ao pecado. Eles introduziram e encorajaram a adoração de falsos deuses como Baal e afastaram o povo da adoração a Yahweh, levando-os para as formas corruptas de adoração. ... Em vista da tendência das pessoas de imitá-los, os líderes são responsáveis por tornar sua vida um exemplo em todos os sentidos, ao mesmo tempo em que estimulam a todos para buscar uma experiência pessoal e a seguir o único modelo perfeito: Jesus Cristo.” **Comentário Bíblico Adventista vol. 2**, p. 1043.

Se recordarmos a história do bezerro de ouro ao pé do Monte Sinai, veremos as tristes consequências de uma liderança condescendente. Enquanto Moisés estava com Deus no alto do monte, Arão foi incumbido de liderar o povo. Eles deveriam permanecer unidos em espírito de contrição, aguardando pacientemente o retorno de Moisés, examinando dia a dia o coração, buscando a Deus em arrependimento, confissão e abandono das transgressões à lei divina. No entanto, o povo cansou de esperar e resolveu divertir-se um pouco, promovendo entretenimento excitante disfarçado de culto.

“Mas vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, acerrou-se de Arão, e disse-lhe: levanta-te, faze-nos deuses, que vão adiante de nós; porque quanto a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe sucedeu.” Êxodo 32:1, ACF.

E Arão cedeu aos desejos não santificados do povo:

“E Arão lhes disse: arrancai os pendentes de ouro, que estão nas orelhas de vossas mulheres, e de vossos filhos, e de vossas filhas, e trazei-mos. Então todo o povo arrancou os pendentes de ouro, que estavam nas suas orelhas, e os trouxeram a Arão. E ele os tomou das suas mãos, e trabalhou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. Então disseram: este é teu deus, ó Israel, que te tirou da terra do Egito. E Arão, vendo isto, edificou um altar diante dele; e apregou Arão, e disse: amanhã será festa ao Senhor.” Êxodo 32:2-5, ACF.

Disso concluímos que não se tratava de uma festa de adoração a deuses pagãos, mas de uma festa de adoração ao Deus verdadeiro utilizando métodos pagãos. Trazendo para a realidade atual, diríamos que foi um culto a Deus usando métodos mundanos.

“Alarmado pela loucura desenfreada do povo e por sua atitude ameaçadora, ao mesmo tempo temendo por sua própria segurança, Arão se rendeu às exigências da multidão, em vez de defender a honra de Deus com toda nobreza e valor. Na esperança de que se recusassem a entregar suas apreciadas posses, ordenou que reunissem argolas de ouro e lhe trouxessem. Ele, porém, estava equivocado. Após ter dado o primeiro passo, não pôde voltar atrás. O bezerro era uma figura comum para os israelitas, pois no Egito tinham testemunhado o culto ao boi Ápis. No entanto, o bezerro de ouro era presumivelmente uma representação do Deus

UM APELO AOS LÍDERES

verdadeiro, não de alguma divindade pagã. Sentindo a aprovação popular, Arão se envolveu ainda mais com essa apostasia ao anunciar uma festa, a qual devia ser ao Senhor. Esse espírito de condescendência, o esforço para harmonizar o culto ao Senhor com o culto aos ídolos, não foi manifestado por Israel apenas nesse caso; também iria motivar grande parte da idolatria que acometeria Israel no futuro.”

Comentário Bíblico Adventista vol. 1, p. 717.

Quem foi responsabilizado por Deus pelo ocorrido? Justamente aquele a quem Deus escolheu para não deixar aquilo acontecer.

“O companheiro de atividades de Moisés, que foi deixado com a solene incumbência do povo em sua ausência, ouviu as pessoas expressando queixa de que Moisés as havia deixado, e expressando o desejo de retornarem ao Egito; contudo, com medo de ofender as pessoas, ele ficou em silêncio. Não se levantou ousadamente por Deus, mas para agradar as pessoas preparou um bezerro de ouro. Ele parecia estar adormecido à evidência do mal. Quando as primeiras palavras rebeldes foram proferidas, Arão poderia tê-las impedido; estava, porém, tão temeroso de ofender o povo que aparentemente se uniu a eles e foi finalmente persuadido a fazer um bezerro de ouro para que adorassem.”
Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 4**, p. 515.

Como líder da nação na ausência de Moisés, Arão poderia ter evitado esse trágico acontecimento que resultou na morte de muitas pessoas. Ele deveria ter se posicionado firmemente em defesa dos princípios divinos e da verdadeira adoração a Deus, desviando o povo de seus ídolos. Arão escolheu agradar pessoas ao invés de obedecer a Deus. Arão teve medo de contrariar pessoas e escolheu desagradar a Deus.

“Se Arão tivesse tido coragem para se por do lado do direito, sem se incomodar com as consequências, poderia ter

impedido aquela apostasia. Se houvesse inabalavelmente mantido sua fidelidade para com Deus, se houvesse mencionado ao povo os perigos do Sinai, e os tivesse feito lembrar de seu concerto solene com Deus, para obedecerem a Sua lei, ter-se-ia sustado o mal. Mas sua conformação com os desejos do povo, e a calma segurança com que se pôs a executar os seus planos, fizeram com que se atrevessem a ir mais longe, no pecado, do que antes lhes viera à mente fazer. Quando Moisés, voltando ao acampamento, se defrontou com os rebeldes, a severa repreensão e a indignação que ostentou, ao quebrar as tábuas sagradas da lei, foram pelo povo contrastadas com os discursos aprazíveis e o porte fidalgo de seu irmão, e suas simpatias estavam com Arão. Para justificar-se, Arão esforçou-se por tornar o povo responsável pela sua fraqueza de ceder ao seu pedido; mas, apesar disto, estavam cheios de admiração por sua gentileza e paciência. Mas Deus não vê como o homem. O espírito condescendente de Arão e seu desejo de agradar haviam-lhe cegado os olhos à enormidade do crime que estava a sancionar. Seu procedimento ao emprestar sua influência para o pecado em Israel custou a vida de milhares. ... De todos os pecados que Deus punirá, nenhum é mais ofensivo à Sua vista do que aquele que incentiva o outro a fazer o mal. Deus quer que Seus servos demonstrem sua lealdade, repreendendo fielmente a transgressão, por penoso que seja este ato. Aqueles que são honrados com uma missão divina, não devem ser fracos e flexíveis servidores de ocasião. Não devem ter como seu objetivo a exaltação própria, nem afastar de si os deveres desagradáveis, mas sim efetuar a obra de Deus com inabalável fidelidade.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 323.

“A grande maioria dos homens e das mulheres que professam conhecer a verdade preferem mensagens suaves. Não desejam que seus pecados e defeitos sejam apresentados diante

UM APELO AOS LÍDERES

deles. Querem ministros acomodaticios, que não despertem convicção por falarem a verdade. Escolhem homens que os adulem, e eles, por sua vez, adulam o ministro que revelou tão ‘bom’ espírito, ao passo que injuriam o fiel servo de Deus.... Muitos louvam o ministro que se demora na graça, na misericórdia e no amor de Jesus, que não tem o cuidado de impor deveres e obrigações, que não adverte do perigo da hipocrisia nem apresenta os terrores da ira de Deus.” Ellen G. White. **Este Dia com Deus (MM)**, p. 51.

Relembremos de uma parábola que Cristo contou em Seu conhecido sermão profético. Considerando que as palavras de Cristo se referiam aos últimos dias, ou seja, ao nosso tempo, perceberemos que a história se repete e que muitos hoje estão praticando os mesmos erros daquele povo e de Arão.

“Sendo assim, quem é o servo fiel e sábio, a quem o senhor confiou os de sua casa para dar-lhes alimento no seu devido tempo? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando voltar, o encontrar agindo dessa maneira. Com certeza vos afirmo que o senhor confiará a seu servo todos os seus bens. Entretanto, supondo que esse servo, sendo mau, diga a si mesmo: ‘Meu senhor está demorando muito’, e, por isso, passe a agredir os seus conservos e a comer e beber com beerrões. O senhor daquele servo virá num dia inesperado e numa hora que o servo desconhece. E o senhor o punirá com toda a severidade e lhe dará um lugar ao lado dos hipócritas, onde haverá grande lamento e ranger de dentes.” Mateus 24:45-51, KJ.

Aqui são apresentados cinco elementos: o senhor (Cristo), os servos (líderes), a casa (igreja), o alimento (pregação) e o tempo.

O servo (líder) foi colocado sobre a casa (igreja) para dar “alimento no seu devido tempo”, ou seja, a pregação necessária para o momento. Pois bem, estamos vivendo no tempo do fim, que corresponde ao período de

expição no antigo Israel. Qual é o alimento para este tempo? Será que o alimento deve ser entretenimento, shows musicais, peças teatrais, jogos e gincanas?

O mau servo não deu o alimento apropriado. O alimento necessário é o convite insistente à preparação espiritual, ao exame do coração, ao arrependimento, à confissão e ao abandono do pecado, ao estudo diligente da Bíblia, à oração, às vigílias de jejum, de estudo e de oração. Este é o alimento adequado que os verdadeiros servos do Senhor têm a responsabilidade de fornecer ao Seu povo; isto compõe a missão sagrada de cuidar de Sua casa.

A parábola descreve três ações específicas do servo mau. Note a semelhança que há com as ações dos israelitas no episódio do bezerro de ouro.

Aquele mau servo considerava que o senhor demoraria a voltar. Da mesma maneira o povo de Israel agiu no Sinai:

“Mas vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, acerrou-se de Arão ...”. Êxodo 32:1, ACF.

Aquele mau servo comia e bebia com os bêbados, oferecendo aos da casa um alimento que embotava a mente, que entorpecia o discernimento; na festa, unia-se àqueles que não esperavam a vinda do senhor, mas que desejavam o “álcool” do emocionalismo, do sensacionalismo, do entretenimento, do show. Assim foi com o povo de Israel:

“E o povo assentou-se a comer e a beber; depois levantou-se a folgar.” Êxodo 32:6, ACF.

E enquanto se embriagava, o servo esquecia-se das ordens que o senhor deixara:

“Não é próprio dos reis beber vinho, nem dos príncipes o desejar bebida forte. Para que bebendo, se esqueçam da lei.”
Provérbios 31:4-5, ACF.

Aquele mau servo não apenas recusou-se a dar alimento correto aos da casa e uniu-se ao povo nos divertimentos e na embriaguez, como

UM APELO AOS LÍDERES

também passou a espancar seus colegas fiéis que procuravam levar o alimento apropriado que ele negligenciou fornecer. Não apenas deixava de alimentar a casa, mas tratava com dureza qualquer um que tencionasse fazê-lo. O mesmo aconteceu no episódio do bezerro de ouro:

“Uns poucos que se arriscaram a denunciar a proposta execução da imagem como sendo idolatria, foram atacados e rudemente tratados, e na confusão e agitação perderam finalmente a vida.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 224.

Deus colocou líderes em Sua casa para que eles cuidassem dela até Sua volta. Eles teriam que alimentá-la com a Sua Palavra. Os maus líderes, quando descobrem que alguém está alimentando, exortando, advertindo e convidando a igreja ao arrependimento, passam a perseguir e difamar tal pessoa. O profeta Jeremias viveu esta experiência.

“Então disseram: Vinde, e maquinemos projetos contra Jeremias ... Vinde e firamo-lo com a língua, e não atendamos a nenhuma das suas palavras.” Jeremias 18:18, ACF.

Que tipo de servos somos? Que tipo de líderes somos? Como Jesus Cristo se dirigirá a cada um de nós? Ele dirá: “servo bom e fiel” ou “hipócrita”?

Alguns líderes trabalham intensamente para agradar as pessoas, pois apreciam o louvor dos homens. Medem o sucesso de seu ministério pelos elogios que recebem e desejam que apenas palavras de apreço sejam ditas a seu respeito. Certamente Arão, ao ceder naquilo que era do agrado da maioria do povo, foi elogiado por sua demonstração de “amor ao próximo”. Entretanto, havia uma minoria que permaneceu firme no cumprimento da vontade do Senhor, mesmo frente à esmagadora maior parte do povo e frente às irresponsáveis atitudes de Arão.

“Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi.” Êxodo 32:26, ACF.

Deus sempre terá “levitas”, em todos os tempos e lugares, que seguirão o conselho bíblico:

“Não seguirás a multidão para fazeres o mal.” Êxodo 23:2, ACF.

“A obra do Senhor é diligente e definida, e está acima do engano e da hipocrisia. Seus verdadeiros pastores não enaltecerão nem exaltarão o homem. Apresentar-se-ão perante o povo com um claro: ‘Assim diz o Senhor, o Santo de Israel’. Isaías 45:11. Transmitirão Sua mensagem, quer os homens ouçam ou deixem de ouvir. Se os homens desprezam a Palavra de Deus, e confiam na opressão, na hipocrisia e no mundanismo, devem expor-lhes as advertências de Deus, para que, se possível, sejam incitados ao arrependimento. Se forem demasiado altivos para se arrependerem e confessarem seus erros, volvendo-se para Deus, dando boa acolhida a Sua salvação e buscando Seu favor, o Senhor retirará deles a Sua luz e deixará que andem no caminho que escolheram. Os que causam dificuldades aos fiéis mensageiros do Senhor, que os desanimam, que se colocam entre eles e o povo, para que sua mensagem não tenha a influência que Deus tencionava que tivesse, são responsáveis pelos enganos e heresias que penetram na igreja como resultado de sua conduta. Têm uma conta terrível a ser prestada a Deus. Depois que o Senhor advertiu reiteradas vezes a Seu povo, recusando eles ainda prestar atenção a Sua voz e ser instruídos, sua culpa torna-se deveras abominável para Ele. O relato de sua rebelião é escrito num livro perante Ele, e terão de enfrentá-lo quando se assentar o juízo e se abrirem os livros.” Ellen G. White. **Este Dia com Deus (MM)**, pp. 52-53.

Se o Criador está sendo desonrado por meio da música, é dever do verdadeiro líder espiritual alertar e instruir a congregação; se o Criador está sendo desonrado por meio da irreverência, é dever do verdadeiro líder advertir a congregação e ensinar-lhe a Palavra de Deus. Esses procedimentos

UM APELO AOS LÍDERES

do bom líder – alertar, instruir, advertir e ensinar – precisam ser contínuos, porque é muito fácil para a natureza humana egocêntrica desviar-se de seguir e imitar Jesus Cristo. As consequências desses desvios acontecem aqui, agora e repercutem para a eternidade (vida ou morte).

“Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados.” Isaías 58:1, ACF.

Muitos eventos nas igrejas, nas escolas e em campanhas têm sido apresentados no formato de entretenimento – aplausos, assobios, gritos, pulos e danças –, em especial aqueles eventos direcionados aos públicos infantil e jovem. Isto é muitíssimo preocupante, pois resulta numa falsa segurança de estarem recebendo alimento espiritual, quando, na realidade, estão consumindo entretenimento; numa ilusão de estarem sendo edificadas e fortalecidas para o Grande Conflito e a grande crise mundial que se aproxima, quando, na verdade, estão despreparados para o que está para acontecer sobre a Terra, estão despreparados no que diz respeito ao conhecimento doutrinário e profético, estão despreparados no que diz respeito à comunhão diária e pessoal com Deus e estão perdendo gradativamente o senso da santidade do Deus Todo-Poderoso, diante do qual os santos anjos cobrem os seus rostos em sinal de respeito e profunda reverência.

Mais preocupante, ainda, é a conduta daqueles que promovem eventos desta espécie, pois mantém as crianças, adolescentes e jovens num estado de distração fatal, além de induzi-los a considerar o Criador de maneira banal. Esses organizadores conduzem esses públicos a uma mentalidade comportamental irreverente para com a divindade e a uma autodesvalorização como criaturas criadas à semelhança do Criador puro, santo, justo e bom.

“Pastores devem ser vigias fiéis, vendo os males e advertindo o povo. Os perigos do povo devem ser-lhes continuamente apresentados com insistência.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 4**, p. 515.

“Têm os servos de Cristo o dever de mostrar aos que assim erram, o seu perigo. Aqueles que destroem o efeito da advertência, cegando os olhos aos pecadores ante o caráter e resultados verdadeiros do pecado, muitas vezes se gabam de que assim dão provas de caridade; estão, porém, agindo diretamente no sentido de opor-se ao Espírito Santo de Deus e estorvar-Lhe a obra; estão acalentando o pecador para que descanse à beira da destruição; estão-se fazendo participantes de sua culpa, e incorrendo em terrível responsabilidade pela sua impenitência. Muitos, muitos têm descido à ruína como resultado desta falsa e enganosa simpatia.” Ellen G. White. **Patriarcas e Profetas**, p. 258.

Arão valorizou mais sua popularidade junto ao povo do que a honra devida ao Criador.

“[Deus] quer ensinar a Seu povo que a desobediência e o pecado são excessivamente ofensivos a Seus olhos, e não devem ser considerados levemente. Ele nos mostra que, quando Seu povo se encontra em pecado, devem-se tomar imediatamente medidas positivas para tirar tal pecado do meio deles, a fim de que Seu desagrado não fique sobre todos. Se, porém, os pecados do povo são passados por alto por aqueles que se acham em posições de responsabilidade, o desagrado de Deus estará sobre eles, e Seu povo, como um corpo, será responsável por esses pecados. No trato do Senhor com Seu povo no passado, Ele mostra a necessidade de purificar a igreja de erros. Um pecador pode difundir trevas que excluam a luz de Deus de toda a congregação. Ao as pessoas compreenderem que se estão adensando trevas sobre elas, sem que saibam a causa, devem buscar diligentemente a Deus, em grande humildade e abatimento do próprio eu, até que os erros que ofendem o seu Espírito sejam descobertos e afastados.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 3**, pp. 265-266.

UM APELO AOS LÍDERES

Há líderes que preferem omitir-se em alguns assuntos que possam causar desconforto no lar, na escola, na igreja e em eventos. Evitam instruir as pessoas com sabedoria e amor no “Assim diz o Senhor”, talvez por receio de retaliações, por receio de rejeição por parte de certos grupos ou por receio de perderem o prestígio e a popularidade. Optam por não “incomodar” pessoas; optam por não “incomodar-se”. O Espírito de Profecia classifica a atitude de Arão, e a de líderes que hoje agem da mesma maneira, como “falsa simpatia” e como cumplicidade no pecado daqueles que deveriam ser instruídos e advertidos.

Há líderes que argumentam que determinados assuntos causam divisão na igreja e, por isso, devem ser evitados. Concordamos em que se deva fazer o que estiver ao nosso alcance para mantermos a união na igreja. Mas acima de qualquer coisa deve estar a união da igreja com Cristo, uma união nos princípios e na sã doutrina. Uma unidade conquistada por meio da omissão, do liberalismo, da permissividade com que tratamos cada gosto, hábito e vontade dos membros, é uma falsa, enganosa e perigosa união que nos levará cada vez mais longe de Cristo. Há igrejas cujos membros são aparentemente unidos entre si, mas muito distantes de Deus.

A respeito dos cristãos da igreja primitiva, o Espírito de Profecia relata:

“Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão coerente com a fidelidade para com Deus, mas acharam que mesmo a paz seria comprada demasiado caro com sacrifício dos princípios. Se a unidade só se pudesse conseguir comprometendo a verdade e a justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as consequentes lutas.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, pp. 45-46.

“Os que amam a Jesus e as pessoas pelas quais Ele morreu, seguirão as coisas que promovem a paz. Devem, porém, tomar cuidado para que, em seus empenhos por evitar a discórdia, eles não comprometam a verdade, e querendo guardar-se da divisão não sacrifiquem princípios. A verdadeira fraternidade jamais pode ser mantida pelo comprometimento dos

princípios. ... A paz e harmonia obtidas por mútuas concessões para evitar todas as diferenças de opinião, não merecem esse nome. Em casos de diferenças de opinião entre homem e homem, às vezes se devem fazer concessões; nunca, porém, se deve sacrificar um jota ou til do princípio para alcançar harmonia.” Ellen G. White. **Mente, Caráter e Personalidade vol. 1**, p. 244.

Qual é a verdadeira causa da divisão? Será que é a mensagem pregada e vivida por aqueles que buscam fazer a vontade de Deus e prezar pelos Seus princípios, demonstrando em suas vidas não apenas a firmeza pelo que é direito, mas também o fruto do Espírito (Gál. 5:22)?

“Aquele que abafa as convicções do dever pelo fato de este se achar em conflito com as tendências pessoais perderá finalmente a capacidade de discernir a verdade do erro. A pessoa se separa de Deus. Onde a verdade divina for desdenhada, a igreja será deixada em trevas, a fé e o amor esfriarão, e surgirá a dissensão.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, ed. condensada, p. 169

Primeiro abafamos as convicções do dever e acatamos as tendências pessoais. Em seguida o discernimento fica comprometido. Como resultado, nos separamos de Deus e tal separação resulta, finalmente, na divisão da igreja. Os grandes responsáveis pela divisão da igreja não são os que vivem e defendem os princípios, mas os que deliberadamente se afastaram desse ideal.

“O fato de não haver controvérsias ou agitações entre o povo de Deus não deveria ser olhado como prova conclusiva de que todos estão mantendo com firmeza a sã doutrina. Há razão para temer que não estejam discernindo claramente entre a verdade e o erro.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 5**, p. 707.

UM APELO AOS LÍDERES

Jesus Cristo, quando esteve neste mundo, teve como missão unir as criaturas humanas ao seu Criador. Ele sabia, como ninguém, que a união com o Pai daria aos homens o poder, a sabedoria, o discernimento e o amor necessários para verdadeiramente unirem-se entre si. Sem essa ligação vital com Deus é impossível existir unidade em qualquer esfera. E como nem todos estavam dispostos a cumprir os requisitos, a renunciar a si mesmos, às vontades pessoais e ambições egoístas, Cristo encontrou feroz oposição daqueles que escolheram não se unir à Videira verdadeira.

“Falando de Si, Cristo disse: ‘Não cuideis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada.’ Mateus 10:34. Príncipe da paz, era Ele não obstante causa de divisão.” Ellen G. White. **Atos dos Apóstolos**, p. 46.

A fidelidade com que um líder cumpre o seu dever diante de Deus não é garantia de que seu exemplo será seguido por todos os seus liderados, e de que a igreja alcançará união plena. Cristo, ainda que tenha sido nesta Terra o Líder Perfeito, não foi seguido por todos e, por respeitar o livre-arbítrio que Ele mesmo concedeu, não poderá salvar a todos.

O bom resultado do verdadeiro líder do Senhor não está necessariamente na quantidade de pessoas que o seguem, mas na fidelidade com que ele cumpre o seu dever diante de Deus.

Deus deixou aos Seus líderes deveres muito claros. Não é uma questão de conveniência, e sim de obediência ao Senhor. Tenhamos a certeza de que tudo aquilo que plantamos hoje, colheremos amanhã.

“O povo vê que foi iludido. Um acusa ao outro de o ter levado à destruição. Todos, porém, se unem em acumular suas mais amargas condenações contra os ministros. Pastores infiéis profetizaram coisas agradáveis, levaram os ouvintes a anular a lei de Deus e a perseguir os que a queriam santificar. Agora, em seu desespero, esses ensinadores confessam perante o mundo sua obra de engano. As multidões estão cheias de furor. ‘Estamos perdidos!’ exclamam; ‘é vós sois a causa de

nossa ruína; e voltam-se contra os falsos pastores. Aqueles mesmos que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sobre eles. As mesmas mãos que os coroavam de lauréis, levantar-se-ão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus, são agora empregadas para exterminar os seus inimigos. Por toda parte há contenda e morticínio.” Ellen G. White. **Maranata! (MM)**, p. 292.

“Muitos dos ímpios ficaram grandemente enraivecidos, ao sofrer os efeitos das pragas. ... O povo voltava-se a seus ministros com ódio atroz e os exprobrava, dizendo: ‘Não nos advertistes. Dissestes-nos que o mundo inteiro deveria converter-se, e clamastes: Paz, Paz, para acalmardes todo o temor que se despertava. Não nos falastes a respeito desta hora; e aqueles que nos avisaram a tal respeito declarastes serem fanáticos e homens maus, os quais causariam a nossa ruína.’ Os ministros não escaparam da ira de Deus. Seu sofrimento foi dez vezes maior do que o de seu povo.” Ellen G. White. **Primeiros Escritos**, p. 282.

“Minha atenção foi de novo dirigida à Terra. Os ímpios tinham sido destruídos e seus corpos mortos jaziam em sua superfície. A ira de Deus, nas sete últimas pragas, fora derramada sobre os habitantes da Terra, fazendo-os morder a língua de dor e amaldiçoar a Deus. Os falsos ministros foram objeto especial da ira de Jeová.” Ellen G. White. **História da Redenção**, p. 415.

“Os anciãos, aqueles a quem Deus dera grande luz, e que haviam ocupado o lugar de depositários dos interesses espirituais do povo, haviam traído o seu depósito ... e dizem: ‘O Senhor não fará bem nem mal. É demasiado misericordioso para visitar Seu povo em juízos.’ Assim, paz e segurança é o grito de pessoas que nunca mais erguerão a voz como trombeta para mostrar ao povo de Deus suas transgressões, e à casa de Jacó os seus pecados. Esses cães mudos, que não

UM APELO AOS LÍDERES

querem ladrar, são aqueles que sentirão a justa vingança de um Deus ofendido.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 5**, p. 211.

“Se Deus aborrece um pecado mais do que outro, do qual Seu povo é culpado, é o de nada fazer no caso de uma emergência. Indiferença e neutralidade numa crise religiosa são consideradas por Deus como um crime grave e igual ao pior tipo de hostilidade contra Deus.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 3**, p. 282.

A desesperada queixa dos perdidos será: “não fomos advertidos!” O Senhor chama os líderes da igreja a levantarem-se em defesa dos princípios, advertindo o povo, orando, jejuando, dando um exemplo digno. O Senhor insiste que, acima de tudo, os líderes passem tempo aos pés do Grande Mestre, nosso amado Salvador Jesus Cristo, em quem há luz e poder suficientes para que a obra seja realizada e concluída com fidelidade.

O querer agradar pessoas pode nos levar para muito longe de querer agradar o Criador. Há um grave risco em focar na vontade e nos interesses da maioria, desvalorizando o “Assim diz o Senhor”.

“Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas.” Lucas 6:26, ACF.

Cada pessoa, líder ou membro leigo, escolhe fazer ou não parte do grupo que sofrerá as duras consequências de suas más decisões e das influências que exerceu sobre os demais. Poder e graça estão disponíveis a todos aqueles que desejam uma mudança, uma reforma pessoal.

“Nenhum homem possui em si mesmo poder e autoridade tão elevados que Satanás não o ataque com tentações. Quanto mais elevada for a posição de responsabilidade que um homem ocupa, mais ferozes e determinados serão os ataques do inimigo. Que os servos de Deus em todos os lugares

MÚSICA NO TEMPO DO FIM

estudem Sua Palavra, olhando constantemente a Jesus para serem transformados à Sua imagem. A plenitude inexaurível e a total suficiência de Cristo estão à nossa disposição se andarmos diante de Deus em humildade e contrição.” Ellen G. White. **Liderança Cristã**, p. 12.

Terminada a obra, para os líderes que cumprirem fielmente a parte que lhes corresponde, por mais árdua que seja a tarefa, haverá alegria em ouvir as palavras pronunciadas pelo nosso Mestre:

“Bem está, servo bom e fiel”, “O Grande Conflito terminou”, “suas tristezas estão terminadas”, “entra no gozo do Teu Senhor.” Mateus 25:21; **Visões do Céu**, p. 181; **O Grande Conflito**, p. 591.

15

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor ... são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembleia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida. Da santidade atribuída ao santuário terrestre, os cristãos devem aprender como considerar o lugar onde o Senhor Se propõe encontrar-Se com Seu povo.” Ellen G. White. **Testemunhos Seletos vol. 2**, p. 193.

É útil repetir, reforçar as exortações já citadas:

“Se quiserem exercer verdadeira e salvadora influência, vivam segundo sua profissão de fé, mostrem essa fé pelas obras de justiça, e tornem grande a distinção entre os cristãos e o mundo. ... Se alguém deseja que sua influência fale em favor da verdade, viva segundo esta, imitando assim o humilde Exemplo.” Ellen G. White. **Mensagens aos Jovens**, p. 128.

“Os homens hão de reconhecer o evangelho, quando este lhes for apresentado em harmonia com os desígnios de Deus.” Ellen G. White. **Obreiros Evangélicos**, p. 383.

“Jesus se propôs que nenhuma atração de natureza terrena levasse homens ao Seu lado. Unicamente a beleza da verdade celeste devia atrair os que O seguissem.” Ellen G. White. **O Desejado de Todas as Nações**, p. 23.

Infelizmente muitos já se deixaram seduzir pela música corrompida e, assim, têm comprometido seu discernimento.

“Muitos recusam obedecer à verdade que lhes é apresentada pelos embaixadores de Cristo, porque desejam acomodar-se ao padrão do mundo... Os que têm oportunidade de ouvir a verdade, mas não se esforçam para ouvi-la ou compreendê-la, pensando que, se não a ouvirem não serão responsáveis, serão considerados culpados perante Deus, como se a tivessem ouvido e rejeitado. ... Não haverá desculpa para os que preferem continuar no erro, quando poderiam compreender o que é verdade. Em Seus sofrimentos e morte, Jesus fez expiação por todos os pecados de ignorância, mas não foi tomada nenhuma providência para a cegueira voluntária.” Ellen G. White. **Eventos Finais**, pp. 217-218.

“Onde a verdade divina for desdenhada, a igreja será deixada em trevas, a fé e o amor esfriarão, e surgirá a dissensão.” Ellen G. White. **O Grande Conflito**, ed. condensada, p. 169.

O ministério da música na igreja é importante para Deus e exige tempo, sacrifício, responsabilidade e dedicação. Devemos fazer o nosso melhor para o Senhor, conforme Suas diretrizes apresentadas na Bíblia e nos escritos inspirados do Espírito de Profecia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que não me custem nada.” 2 Samuel 24:24, ARA.

“O Ministério da Música na igreja local é responsável por coordenar todas as atividades de louvor, liturgia, apresentações especiais, bem como cuidar dos princípios sagrados da música que agrada a Deus dentro da igreja.” Pr. Ivay Araújo. **Guia do Ministério da Música**. União Sudeste Brasileira da IASD, p. 1.

O que mais anelamos em nossos dias é o poder do Espírito Santo. Não existe na igreja hoje uma deficiência de estratégias, de criatividade, de materiais; há uma deficiência de poder. E o poder só pode ser obtido por meio de diligente estudo da Palavra de Deus, da oração e do seguinte requisito:

“Se as igrejas esperam ter poder, terão de pôr em prática a verdade que Deus lhes deu.” Ellen G. White. **Testemunhos para a Igreja vol. 6**, pp. 370-371.

“Ou somos cristãos decididos, de todo o coração, ou não somos nada.” Ellen G. White. **Conselhos Para a Igreja**, p. 41

Por mais que eu estude, por mais que eu ore, se não estiver disposto a obedecer, a colocar em prática as instruções do Senhor, não haverá poder para o ministério.

Enquanto não se praticar a verdade revelada na Bíblia e no Espírito de Profecia, continuará existindo a ansiedade por promover e consumir novidades que não edificam espiritualmente, e que são tentativas de substituir a real ação do Espírito Santo por momentâneas experiências sensoriais vazias.

Por mais emocionante que seja a música, absolutamente nada pode substituir o estudo da Palavra de Deus e a oração. Qualquer que seja o ministério, ele somente terá verdadeiro êxito espiritual se acontecer de acordo com os parâmetros do Senhor.

“Temos nós procurado agradar a Deus com o nosso louvor ou visamos a exaltação humana? A música que entoamos em nossos cultos contribui para trazer a glória do Senhor ao ambiente ou motiva outros sentimentos? Há alguma batida exagerada em nossos hinos que conduz à excitação do corpo ou o ritmo reflete equilíbrio com a harmonia e a melodia? Os instrumentos que acompanham o cântico tocam no mais alto volume ou permitem sentirmos a beleza da música e a mensagem da letra? As nossas composições revelam conteúdo teológico correto ou são um amontoado de expressões vulgares que nada significam? A melodia de nossas músicas é condizente com os nossos sentimentos de alegria e adoração ou se mostra carregada de sons desarticulados que nada representam para um verdadeiro culto cristão?” Geremias do Couto. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro, 1986, p. 166.

O músico Dan Lucarini inclui em seu livro “Confissões de um Ministro de Louvor” uma dedicatória a um grupo de pessoas contra as quais lutara anteriormente:

“Este livro é dedicado a autores, pastores, ministros de música e outros líderes de igreja que vieram antes de mim. Eles jamais deixaram de nos alertar sobre os perigos do rock para o cristão; nós, porém, não lhes demos atenção. Eles tiveram a coragem de confrontar outros que, na igreja, defendiam todo estilo de música controverso e sensual; contudo, em resposta, amontoávamos palavras de desprezo ao ensino deles. Quando ousaram se opor à invasão da música contemporânea no culto, nós os chamamos de legalistas ou coisas piores. Muitos sacrificaram a popularidade e viram restringidas suas oportunidades de ministério, porque sua consciência demandava que tomassem uma posição. A esses homens devemos desculpas e temos para com eles uma dívida de gratidão. Este livro é uma tentativa de pagar uma parte dessa dívida.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço minhas as palavras dele e dedico este livro também a esses fiéis servos e servas de Deus que, em todas as épocas e lugares, tiveram e têm a coragem de se levantar e, com sinceridade de puros propósitos, se posicionar contra a avalanche de profanações evidentes ou veladas infiltradas nas igrejas adventistas do sétimo dia.

Mesmo sob uma forte oposição, e até zombaria; mesmo as portas sendo fechadas e até trancadas para o seu ministério; mesmo tendo sido afastado do convívio com os irmãos, mantenha-se alicerçado na Rocha que é Jesus Cristo. Pratique a música sacra, dedique-se à verdadeira adoração ao Criador dos céus e da terra e permaneça na Igreja Adventista do Sétimo Dia a fim de contribuir na sua edificação espiritual no Senhor.

A partir do momento em que nos propusermos a defender os princípios divinos, revelados nos textos bíblicos e no Espírito de Profecia, tanto em palavras quanto em ações, sabemos que é preciso estar sob as asas do Altíssimo que nos prepara e fortalece para perseguições veladas ou ostensivas, para críticas e até difamações.

Permaneçamos firmes como Daniel que foi caluniado e lançado aos leões, mas confiou na providência divina para defendê-lo das muitas injustiças. Permaneçamos firmes como José que, apesar das intensas provações e falsas acusações, manteve-se sereno nas mãos do Senhor do universo.

Se formos acusados, sem razão, de causadores de divisões, lembremos das palavras do Mestre:

“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.” Mateus 5:11, ACF.

Há duas razões principais para que alguém venha a ser perseguido: a mensagem e a postura pessoal. Havendo perseguição, que ela seja devido à mensagem transmitida de maneira firme e, ao mesmo tempo, serena, respeitosa, evitando debates acalorados que podem gerar confrontos belicosos. Em resumo, que sejamos perseguidos por causa da mensagem que pregamos, nunca pela postura pessoal. E que o Senhor desenvolva em nós o fruto do Espírito (Gálatas 5:22).

Enquanto estivermos neste mundo, busquemos nosso Criador dia a dia para conhecê-Lo. E que sejamos sedentos de Seus ensinamentos para que Sua presença conosco nos seja familiar. Busquemos ao Senhor sempre, na alegria e na tristeza, e que façamos do estudo diligente de Sua Palavra e da oração fervorosa uma prática contínua, o nosso estilo de viver, para que recebamos o poder do Espírito Santo que nos conduzirá à adoração em espírito e em verdade.

As metas do cristão verdadeiro são buscar a Deus sem cessar, amá-Lo acima de tudo, afastar-se do mal pelo Seu poder e ser semelhante a Jesus Cristo. E todo verdadeiro discípulo de Cristo receberá poder para cuidar daqueles que são o alvo de Sua mais suprema consideração: as criaturas humanas.

“Que Deus nos conceda uma sede de Sua presença que faça do ato de buscá-Lo em adoração o nosso estilo de vida (Col. 3:17). ... Ao amar a Deus com todo nosso ser, amaremos o que Ele ama, odiaremos o que Ele odeia e ansiaremos que Seus propósitos sejam concretizados por nosso intermédio.”
Ronald Allen e Gordon Borrer. **Teologia da Adoração**: o verdadeiro sentido da adoração. São Paulo, Edições Vida Nova, 2002. p. 184.